

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARCOS DOUGLAS PEREIRA

**VAMPIROS NO BRASIL: A RECEPÇÃO DE *UM VAMPIRO APAIXONADO NA
CORTE DE D. JOÃO* (2009), DE IVAN JAF (1957 -), POR LEITORES DE
CREPÚSCULO (2005), DE STEPHENIE MEYER (1973 -)**

MARINGÁ - PR
2013

MARCOS DOUGLAS PEREIRA

VAMPIROS NO BRASIL: A RECEPÇÃO DE *UM VAMPIRO APAIXONADO NA CORTE DE D. JOÃO* (2009), DE IVAN JAF (1957 -), POR LEITORES DE *CREPÚSCULO* (2005), DE STEPHENIE MEYER (1973 -)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alice Áurea Penteadó Martha

MARINGÁ
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Campus de Foz do Iguaçu – Unioeste
Ficha catalográfica elaborada por Miriam Fenner R. Lucas - CRB-9/268

P436 Pereira, Marcos Douglas

Vampiros no Brasil: a recepção de Um vampiro apaixonado na corte de D. João (2009), de Ivan Jaf (1957-), por leitores de Crepúsculo (2005), de Stephenie Meyer (1973-) / Marcos Douglas Pereira. – Maringá, 2013.

205 fl. : il.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Alice Áurea Penteado Martha.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Estadual de Maringá.

1. Literatura juvenil - Crítica e interpretação. 2. Literatura e mercado editorial . 3. Estética da Recepção. 4. Vampiros – Literatura fantástica – História e crítica. 5. Leitura – Aspectos sociais. I. Título.

CDU 82-93.09

028.1

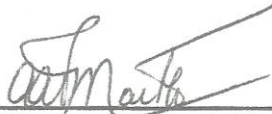
MARCOS DOUGLAS PEREIRA

VAMPIROS NO BRASIL: A RECEPÇÃO DE *UM VAMPIRO APAIXONADO NA CORTE DE D.JOÃO* (2009), DE IVAN JAF (1957-), POR LEITORES DE *CREPÚSCULO* (2005), DE STEPHENIE MEYER (1753-)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Aprovado em 13 de dezembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Alice Aurea Penteadó Martha
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Prof. Dr. Márcio Roberto do Prado
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini
Universidade do Estado de São Paulo – UNESP/Assis-SP

Ao Saulinho, que inspira a todos a cada momento com sua inteligência e carinho.

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Alice Áurea Penteadó Martha, pela orientação, disposição, confiança e amizade dispensados ao longo desses dois anos.

Aos professores doutores João Luís Cardoso Tápías Ceccantini e Márcio Roberto do Prado pelas sugestões apresentadas durante o exame de qualificação, que contribuíram significativamente para que o presente trabalho chegasse a ser o que é hoje.

À pedagoga Jakeline Goldoni Pereira, minha amada, que sempre me apoiou com alegria e entusiasmo e ainda o faz irrestritamente, inclusive colaborando para a execução e aplicação da pesquisa de campo.

Ao meu pai Domingos Douglas Pereira, com quem li literatura pela primeira vez, e à sua esposa Lucimar Telma de Almeida Pereira por seu apoio e incentivo em diversas esferas.

À minha mãe Eunice de Oliveira Oleriano, pelo eterno incentivo aos estudos e apoio incondicional e a seu esposo José Oleriano Netto pelo apoio e amizade de sempre.

Ao meu filho Saulo Goldoni Pereira que não nos deixa dormir uma noite sequer sem “ler para nanar”.

Aos meus amigos Marcos Galdino, pelos debates intelectuais que sempre engrandecem e pelas dicas valiosas; Reginaldo de Oliveira pela amizade e apoio logístico irrestritos e Amilton Luiz de Mello pela valorização e desprendimento me apoiando em diversas esferas: amigos que apoiam e acreditam sempre.

À professora Ana Leomar Donida, pela sua amizade e apoio incondicional.

Aos colegas de mestrado Diego Fascina, Beatriz Godoy, Elerson Cestaro, Kellen Wignescki, Lígia de Amorim Neves, Olga Ozaí, Fabiana Marques Luiz, Kátia Matia, Alessandra Beltramin, Sebastião Castro, Fabiano Cardoso e Thays Pretti de Souza, por terem se mantido presentes e unidos mesmo após o fim das disciplinas provando que muito além da pesquisa vem a amizade e o humanismo.

Aos valiosos professores doutores do PLE e, especialmente, aos professores doutores que tanto inspiraram a busca e difusão do conhecimento durante a realização das disciplinas: Clarice, Vera, Milton, Márcio e Marciano (in memoriam).

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Letras, especialmente Andréia e Adelino por sua presteza e interesse pelo nosso desenvolvimento e pelo cumprimento dos prazos.

À Universidade Estadual de Maringá, representada por todos os seus servidores, que trabalham diariamente para nosso desenvolvimento e crescimento.

A Machado de Assis e a Antoine de Saint-Exupéry por produzirem obras que me formaram como leitor literário e me fizeram sonhar.

A humanidade é desumana, mas ainda temos chance, o sol nasce pra todos, só não sabe quem não quer... (Renato Russo)

RESUMO

Esta dissertação relata resultados de uma pesquisa que se propôs a descrever e analisar a recepção de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), de Ivan Jaf, por leitores pertencentes à faixa etária compreendida entre 13 e 16 anos de idade que realizaram a leitura de *Crepúsculo* (2005), de Stephenie Meyer, residentes no município de Cascavel (PR). Realizada entre os meses de agosto e setembro do ano de 2011, esta pesquisa buscou a verificação da possível continuação do fenômeno de leitura mundial, provocado pela leitura da literatura de vampiro, no público juvenil, após a leitura do livro do autor brasileiro, que aproveita a mesma temática da autora americana, construindo na série *Memórias de sangue* um livro com situação semelhante a *Crepúsculo* (2005): um ser sobrenatural que se apaixona por uma humana. As ações contemplaram a aplicação de questionários entre os jovens, sem influências mediadoras por parte do pesquisador e sem ligação com o ambiente escolar. A dissertação esteve fundamentada na teoria da Estética da Recepção e foi complementada pela Sociologia da Leitura, sob a premissa da relação dialógica que se institui entre literatura e leitor. O ponto de partida para a verificação da recepção dos livros se concentra em sua indicação de leitura aos alunos dessa faixa etária: literatura infanto-juvenil, considerando a existência de um específico juvenil na literatura brasileira. O objetivo da investigação consistiu em verificar o alcance da recepção do livro de Jaf entre os leitores de Meyer e os caminhos que fizeram de *Crepúsculo* (2005) um fenômeno de leitura. Em um primeiro momento, o trabalho procurou refletir a respeito de literatura, leitura e questões de mercado. Posteriormente, foi dividido nas seguintes etapas: revisão teórica sobre o ser sobrenatural *vampiro*, sua simbologia e presença do ser sobrenatural na literatura a partir de *Drácula* (1897), de “Bram” Stoker; o exame do perfil socioeconômico e cultural dos leitores participantes da pesquisa e o estudo da recepção dos livros individualmente e comparativamente. Os resultados demonstraram que as influências do mercado editorial propiciaram ao leitor, apesar do fato de que o livro de Jaf explorou de forma pedagogizante a história da vinda da família real ao Brasil, mais uma narrativa da temática *vampiro* com alto índice de aprovação por parte dos leitores.

Palavras-chave: Literatura e Mercado, Literatura Juvenil, Recepção.

RESUMEN

Este trabajo presenta los resultados de un estudio que tuvo como objetivo describir y analizar la recepción de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), de Ivan Jaf, por lectores que tienen edades comprendidas entre 13 y 16 años – que habían leído a *Crepúsculo* (2005) – de Stephenie Meyer, con domicilio en Cascavel (PR). Este estudio se ha celebrado entre los meses de agosto y septiembre de 2011 y se trata de comprobar la posible continuación del fenómeno mundial de lectura causado por la lectura de la literatura de vampiros, en el público joven, después de leer el libro del autor brasileño que toma el mismo tema de la autora norteamericana, en la serie *Memórias de sangue*, con un libro en situación semejante a *Crepúsculo* (2005): un ser sobrenatural que se enamora de un ser humano. Las acciones contemplan la aplicación de cuestionarios entre los jóvenes, sin influencia de mediación por parte del investigador y sin relación con el entorno escolar. La disertación se basa en la teoría de la Estética de la Recepción y se complementó con la Sociología de la Lectura, bajo la premisa de la relación dialógica que se establece entre la literatura y el lector. El punto de partida para la verificación de la recepción de los libros se centra en la indicación de lectura a los alumnos de esta edad: literatura infantojuvenil, teniendo en cuenta la existencia de un específico juvenil en la literatura brasileña. El objetivo de la investigación fue verificar el alcance de la recepción del libro de Jaf entre los lectores de Meyer y los caminos que hicieron a *Crepúsculo* (2005) un fenómeno de lectura. Al principio, el estudio trata de reflexionar sobre cuestiones de literatura, de lectura y de mercado. Más tarde se divide en las siguientes etapas: revisión teórica sobre el ser sobrenatural *vampiro*, su simbología y la presencia del ser sobrenatural en la literatura de Drácula (1897), de “Bram” Stoker, examinando el perfil socioeconómico y cultural de los lectores participantes en la investigación y el estudio de la recepción de los libros individual y comparativamente. Los resultados mostraron que las influencias de la publicación propiciaron al lector, a pesar del hecho de que Jaf ha explorado de manera pedagógica la historia de la escapada de la familia real a Brasil, más una narrativa de vampiro con alta aprobación por lectores.

Palabras-clave: Literatura y Mercado, Literatura juvenil, Recepción.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Capa de <i>Um vampiro apaixonado na corte de D. João</i>	102
Imagem 2	Fuga da família real de Portugal em 1808	103
Imagem 3	Instalação de Clemente no mosteiro	103
Imagem 4	Ataque de Clemente a Peter	103
Imagem 5	Página inicial do sexto capítulo	104
Imagem 6	Página oitenta e um do livro	105

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2. METODOLOGIA.....	22
2.1 A natureza da pesquisa	22
2.2 A escolha dos leitores	23
2.3 Os instrumentos.....	25
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-HISTÓRICA	30
3.1 Concepções de literatura, leitor e leitura	30
3.2 Sociologia da leitura: o fenômeno da literatura de vampiro	36
3.3 Estética da recepção e teoria do efeito.....	39
3.4 Estado da questão: pesquisa em literatura juvenil no Brasil	45
3.5 A literatura fantástica: gênero ou subgênero ?	48
3.5.1 Literatura fantástica: a origem do vampiro que chegou ao Brasil	56
4. O VAMPIRESCO FENÔMENO DE CONSUMO MUNDIAL E O VAMPIRO BRASILEIRO PARA JOVENS	67
4.1 Crepúsculo (2005), de Stephenie Meyer: um fenômeno de leitura entre os jovens	72
4.2 <i>Um vampiro apaixonado na corte de D. João</i> (2010), de Ivan Jaf: um vampiro para jovens brasileiros	83
4.3 Às margens da narrativa: ilustrações e referências intertextuais em um projeto gráfico voltado para jovens	102
5. A RECEPÇÃO DOS VAMPIROS ESTADUNIDENSE E BRASILEIRO POR PARTE DO PÚBLICO JUVENIL	111
5.1 Contextos variáveis: dados socioeconômicos e práticas culturais dos jovens sujeitos da pesquisa	112
5.2 Mundos distintos: os diferentes sentidos justificados pelo leitor	127
5.2.1 Caninos brasileiros: a leitura de <i>Um vampiro apaixonado na corte de D. João</i> (2009), pelo público jovem.....	127
5.2.2 A primeira “mordida” que transforma o leitor: a visão de <i>Crepúsculo</i> (2005) por parte do público juvenil.....	138
6. EM BUSCA DO SANGUE JUVENIL BRASILEIRO: UM FENÔMENO DE LEITURA QUE SE PERPETUA?.....	157
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS	182
Apêndice (1)	186
Apêndice (2)	187

Apêndice (3)	189
Apêndice (4)	194
Apêndice (5)	198
Apêndice (6)	202

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse em conhecer um pouco mais sobre a literatura produzida para os jovens leitores surgiu paulatinamente desde a adolescência quando a popular série da Coleção Vaga-lume, da Editora Ática, sugerida por professores de Língua Portuguesa, a princípio para a elaboração de trabalhos, se apresentou como possibilidade de leituras na biblioteca escolar durante o período em que cursei o Ensino Fundamental. No momento das leituras um mundo novo surgia e interessantes realidades de outros jovens apareciam como mundos promissores a serem explorados. Com o passar dos anos e a realização da Graduação em Letras as questões estéticas sobre a qualidade das narrativas alavancou o interesse em conhecer o impacto da narrativa juvenil brasileira em nosso leitor em formação. Porém, foi através da realização da disciplina Literatura Juvenil: arte e indústria cultural, ministrada pela Professora Dra. Alice Áurea Penteado Martha, durante os meses de agosto e setembro de 2011, que o interesse se converteu em determinação ao entrar em contato com discussões importantes acerca do lugar do jovem na sociedade atual; sobre o interesse editorial em um crescente mercado; a respeito da investigação do lugar do “juvenil” enquanto gênero literário, ligado não obrigatoriamente a objetivos didáticos, mas reconhecendo o jovem adolescente como um ser humano com suas características e anseios. Tais discussões e problemáticas levaram ao reconhecimento da importância em desenvolver um trabalho a respeito desse gênero literário, tão pouco explorado em trabalhos teóricos e tão rico em possibilidades estéticas realizáveis.

Compreender o funcionamento desse subsistema literário, chamado de literatura juvenil, faz-se necessário para que, no presente e futuramente, possa, como Professor de Literatura, interessado em atuar na formação de leitores, compreender os caminhos e auxiliar jovens mentes a se motivarem a ler e interagir com diversos livros, assim como auxiliar na construção de um corpo de análises que sirva a outros pesquisadores que contribuem para o reconhecimento de obras literárias de valiosos graus de qualidade estética e de outras que auxiliem na formação massiva de leitores.

Dessa forma, justificamos a realização deste trabalho pela relevância em se realizar um levantamento sobre características da narrativa juvenil brasileira, mais especificamente com a temática do vampiro, no caso a do autor brasileiro Ivan Jaf, tema que se configurou como febre mundial com sua retomada histórica – pós *Drácula*

(1897) de Abraham “Bram”¹ Stoker – no livro *Crepúsculo* (2005), de Stephenie Meyer.

Ainda contribui este trabalho para a análise de um panorama sobre a indústria de livros voltados para os jovens no Brasil, devido a seu explosivo crescimento nos últimos anos. O reconhecimento da existência de um campo de leitores, escritores e editoras que se voltam para uma literatura pautada no específico juvenil, com características distintas de uma literatura infantil e infantojuvenil, além da carência de estudos voltados para as narrativas em questão justificam a realização de trabalhos como o que ora se apresenta.

As “formas alternativas do sagrado”, de acordo com a definição de Umberto Eco², dominam há vários anos o imaginário juvenil no que concerne à escolha de obras, como os *best-sellers* que tratam do tema *vampiro* na literatura. Tais obras revelam-se extremamente prazerosas para a leitura, segundo jovens de diversas classes, passando por narrativas de sucesso arrebatador entre o público. Um dos exemplos é a série *O Senhor dos Anéis*, do escritor, professor e filólogo britânico John Ronald Reuel Tolkien, publicada como sequência do livro *The Hobbit or There and Back Again* (1937), sob os títulos *The Fellowship of the Ring*, *The Two Towers* e *The Return of the King* – entre os anos de 1954 e 1955 – embora publicada no Brasil a partir de 1974, em seis volumes (resultado da divisão de cada livro em dois volumes), pela extinta editora Artenova e reeditada em 1994, pela Martins Fontes, arrebanhou um público leitor que alcançou, segundo fontes extraoficiais, 160 milhões em todo o mundo nos dias atuais.

Sucesso mundial de público e recordista de vendas, *Harry Potter* (1997), que se apresenta como uma série de narrativas fantásticas constituídas por sete livros, da escritora britânica Joanne Kathleen Rowling, que se inicia com *Harry Potter e a pedra filosofal* (*Harry Potter and the Philosopher's Stone*), lançado em 1997³, e que alcançou a marca de 120 milhões de exemplares vendidos mundialmente, sendo que a série completa chegou à casa de 1 bilhão de livros impressos, marca que impressiona por falarmos em literatura impressa, em tempos de forte influência de mídias eletrônicas. O forte sucesso de sua obra fez da escritora Rowling a mulher mais rica financeiramente da história da literatura. Os sete livros deram origem à produção cinematográfica de oito filmes, sendo que a última obra *Harry Potter e as relíquias da morte* (2007) foi, por uma estratégia de mercado, dividida em duas partes.

¹ Adotaremos o codinome “Bram” Stoker em lugar de Abraham Stoker, por ser mais usado atualmente.

² Conceito contido na obra *Viagem na irrealidade cotidiana* (1984).

³ Ano de publicação da primeira edição inglesa.

Diversos *best-sellers* mundiais poderiam ser aqui elencados, como é o caso da série Percy Jackson, de Rick Riordan. Lançado nos Estados Unidos sob o título *Percy Jackson & the olympians* (2005), o livro apresenta como personagem principal um pré-adolescente de 12 anos de idade, diagnosticado com TDAH e Dislexia e que, após ser atacado, é transportado para um acampamento de treinamento de *semideuses*. A narrativa de tema fantástico lida por adolescentes entre 12 e 17 anos em diversos espaços públicos e privados chama a atenção atualmente como fenômeno de recepção literária entre os jovens dessa faixa etária, tendo superado a marca de 15 milhões de exemplares vendidos ao redor do globo.

Dentre as narrativas fantásticas que tem motivado a prática da leitura entre os jovens atualmente encontramos outro sucesso de vendas e adaptações ao cinema. Trata-se da Série do tema vampírico denominada Crepúsculo (*Twilight*) da autora americana Stephenie Meyer, composta por quatro livros: *Crepúsculo* (2005), *Lua nova* (2006), *Eclipse* (2007) e *Amanhecer* (2008) que somam mais de 400 milhões de livros vendidos até abril de 2012⁴ e contando com tradução para 37 idiomas. Ainda foram produzidos cinco filmes, uma vez que último livro da série *Amanhecer* (2008) foi produzido, visando uma estratégia mais lucrativa de mercado, em duas partes. Segundo estimativas extraoficiais os cinco filmes da Série foram assistidos por mais de 400 milhões de pessoas ao redor do mundo, igualando a tiragem de obras impressas da série.

O mercado editorial brasileiro movimentou-se e, após o lançamento do primeiro livro da série Crepúsculo, no final de 2005 nos Estados Unidos, a jovem editora Intrínseca, fundada em dezembro de 2003 por Jorge Oakim, que logo em seu primeiro ano cresceu significativamente com a publicação de outra obra de impacto *A menina que roubava livros* (*The Book Thief*) (2005), do escritor australiano Markus Zusak, com a qual alcançou a tiragem de mais de 1.000.000 de cópias no Brasil, associou-se então à editora Sextante e lançou, em 2009, o primeiro livro da Saga Crepúsculo com a tiragem de 3.800.000 exemplares do romance de vampiro.

Ainda se tratando de interesse editorial, observamos o crescente interesse das editoras nacionais em aproveitar a onda de interesse de leitores de diversas idades no que se refere às obras do tema denominado *fantástico-maravilhoso*, especialmente o tema do vampiro que tanto agrada e empolga o leitor adolescente em especial. Autores

⁴ Informação obtida através do artigo *Entre bruxos e vampiros: ideologia e alienação no mercado editorial de literatura juvenil*, de Jaime dos Reis Sant'Anna, publicado nos Anais do III CILLIJ – PUC-RS.

como o carioca Ivan Jaf, que já tratava do tema em 1999 quando, em ocasião das comemorações dos 500 anos do Brasil, lançou *O vampiro que descobriu o Brasil*. As edições iniciais da citada narrativa contavam com poucas ilustrações e projeto gráfico pouco explorado com algumas imagens desenhadas em preto e branco, porém, a partir da repercussão mundial da Série Crepúsculo, a Editora Ática, motivada pela onda mundial e pelos atraentes lucros, em parceria com Jaf lançou a Série denominada *Memórias de sangue*, com projeto gráfico atraente, ilustrações atrativas em preto, branco e vermelho, fortes referências ao universo fantástico e misterioso das narrativas de vampiro, constante exploração de referências intertextuais que fazem alusão à história de Brasil e Portugal. São cinco obras lançadas entre 2007 e 2011 que acompanharam o percurso do lançamento dos outros livros da Série Crepúsculo no Brasil: *A insônia do vampiro* (2006), *O vampiro que descobriu o Brasil* (relançado em 2007), *As revoltas do vampiro* (2008), *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) e *O mestre das sombras* (2011).

O fenômeno mundial de consumo das obras relacionadas à categoria dos vampiros observa-se mesmo entre os “não especialistas” em literatura. Como não podia ser diferente, as editoras se mostram interessadas em lançar suas séries literárias ligadas ao tema e explorar os lucros advindos da febre pelo consumo de obras relacionadas a uma crescente cultura de leitura desse tipo de obra fantástico-maravilhosa. Editoras como a Intrínseca se declaram adeptas da prática de consulta a seus leitores e a fã-clubes ligados ao tema literário de sua pretensão com o objetivo de manter pesquisas sobre as preferências literárias visando à continuidade de suas produções seriadas.

Cabe destacar que a política econômica nacional e algumas ações sociais do governo propiciaram que cada vez mais uma nova classe emergente trouxesse ao mercado um grande número de novos e ávidos consumidores que são disputados pelas editoras como oportunidade de alto faturamento através da venda direta de livros. Ainda sabemos que as mídias eletrônicas como a TV e a Internet exploram através de filmes e projetos fonográficos o tema dos *best-sellers* a ponto de fixar nas mentes o poder de tais produções e reinseri-las o tempo todo nas listas de maior consumo provocando o desejo e a paixão pelo consumo de tais bens culturais.

A qualidade do texto passa a ser o que menos importa nessa roda de consumo gerada por um círculo vicioso no qual a veiculação de filmes incentiva a leitura dos livros que passam a ser insuficientes para as mentes ávidas ao consumo gerando a

produção de novos livros e novos filmes que visam o lucro sem a preocupação com a qualidade estética do que é produzido e comercializado.

A importância do leitor no processo de construção do fenômeno literário justifica o tema em questão, pois, com o advento da Sociologia da Leitura e da Estética da Recepção, a partir do Século XX, ele passa a ocupar lugar de destaque no que se refere a tal construção, como uma dimensão importante na constituição do texto.

Observamos ainda, ao justificar a escolha do tema, a escassez de trabalhos relacionados ao tema do vampiro e sua recepção na literatura catalogada como infanto-juvenil brasileira e que considerem os aspectos recepcional e sociológico, tão importantes para a tentativa de compreensão do fenômeno literário.

Desse modo, para dar subsídios a esta dissertação, foi realizada uma pesquisa que se propôs a observar como se dá a recepção da obra literária *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), de Ivan Jaf, por leitores entre 13 e 16 anos que tenham lido o *best-seller Crepúsculo* (2005), de Stephenie Meyer. A escolha de Ivan Jaf deve-se ao destaque editorial com o qual o tema vampiro foi direcionado ao público juvenil e a grande preocupação do projeto gráfico-editorial através da série *Memórias de sangue*, que aborda de forma bem humorada e com preocupação didático-histórica as relações que vão do descobrimento do Brasil a revoluções como a Pernambucana. Aspectos como os espaços preenchidos pelo leitor e a constituição de sentido dos leitores em formação serão discutidos neste trabalho a partir de considerações a respeito de suas impressões de leitura. Para tanto nos baseamos nos conceitos da Teoria do efeito de Wolfgang Iser, em *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* (1996 - vol. 1 e 1999 - vol. 2), e nos conceitos da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss, expostos na conferência *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1994), proferida inicialmente no ano de 1967.

É possível localizar, nos bancos de dados eletrônicos e bibliotecas, um número limitado de estudos acerca da obra de Meyer e nenhum estudo acerca da obra de Jaf. Poucos trabalhos são encontrados no que se refere a estudos sobre a literatura juvenil e a recepção do gênero fantástico, especificamente sobre o tema do vampiro. No quadro seguinte, por ordem cronológica são citadas, algumas dissertações que versam sobre o livro *Crepúsculo* (2005) e a respeito da temática abordada nessa pesquisa, como veremos no quadro a seguir.

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

Autor(a)	Título	Instituição	Ano
Adriano Ricardo Silva	Núpcias de Fogo: Vampirismo, Inveja e Ódio em Tia Clara	UFPE	2006
Dante Luiz de Lima	Bloody eroticism in interview with the vampire: from literature to the audiovisual domain	UFSC	2007
Claudio Vescia Zanini	The myth of the vampire and blood imagery in Bram Stoker's "Dracula"	UFRGS	2007
Virgínia Magda Munhoz de Medeiros	Nelsinho, o vampiro de almas femininas	UFCE	2008
Lilian Nunes da Silva Carvalho	Dupla metamorfose: O vampiro de Curitiba de Dalton Trevisan.	PUCSP	2009
Fabiano da Silva Silveira	"Quebrando a máscara": o RPG Vampiro e a constituição de identidades juvenis	ULB	2009
Judith Tonioli Arantes	Vampiros na literatura: limites do gênero fantástico na série Twilight	MACKENZIE	2010
Luiz Alberto Andreoli Silva	O silêncio do vampiro	UFPR	2010
Carla Renata Braga de Souza	Crepúsculo do adolescer: a literatura como espaço de construção subjetiva na passagem do laço familiar para o laço social	UNIFOR	2011
Rita de Cassia Bordoni	As trevas em Trevisan: por uma releitura do mito vampírico	PUCSP	2011
Ana Paula de Castro Sierakowski	Literatura de massa e formação do leitor: o letramento de receptores da saga <i>crepúsculo</i> do papel às telas	UEM	2012

Ao realizar a pesquisa em busca de Teses de Doutorado, que verssem sobre a literatura juvenil com a temática de vampiros, tivemos grande dificuldade em localizar trabalhos realizados em linhas de pesquisa que vissem analisar tal tema. Ainda que a busca realizada objetivasse apenas a literatura juvenil poucos seriam os resultados e possibilidades de consulta nos bancos de teses.

As dissertações de Mestrado encontradas sobre a literatura de vampiro concentram-se, em sua maioria, na dialética acerca do mito do vampiro e questões sobre

o gênero literário fantástico em geral. Notamos, dessa forma, a carência de obras que tratem especificamente da recepção, em diversos ambientes, por parte do leitor jovem, na faixa etária dos 13 aos 16 anos. Por tal motivo voltamos nossa análise para um estudo que contemple teoria e prática, minimizando tal carência e objetivando incentivar novos estudos recepcionais, tão importantes para o aumento do *corpus* de trabalhos na área da recepção literária no que se refere aos temas preferidos pelos jovens leitores.

Partindo da ideia de que a literatura reflete o mundo vivido e, mesmo se tratando de literatura fantástica – que não representa um mundo real comprovável – representa as angústias e alegrias do ser humano, podendo ser deste um espelho que o auxilie na compreensão de suas vivências concretas a presente dissertação de mestrado tem por objetivo observar e analisar a recepção de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), obra juvenil do escritor carioca Ivan Jaf (1957-), entre leitores jovens na faixa etária dos 13 aos 16 anos, que tenham realizado a leitura do *best-seller* mundial de Stephenie Meyer (1973-): *Crepúsculo* (2005), com o intento de verificar se tal fenômeno recepcional da famosa obra de vampiro da escritora estadunidense se repete na obra voltada ao público juvenil brasileiro produzida por Jaf, uma vez que muito se discute nos meios acadêmicos e em outras esferas culturais acerca da qualidade estética das obras de literatura de massa, especialmente a que trata do tema dos vampiros. Ainda objetivamos investigar a influência da leitura de obras como as citadas na formação do leitor literário.

Ao considerar o exposto até então, apresentamos as perguntas que nortearam a realização do trabalho:

- Como ocorre o preenchimento dos espaços do *não dito* na obra *Crepúsculo* (2005) por parte do leitor juvenil?
- Como ocorre o preenchimento dos espaços do *não dito* na obra *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) pelo leitor juvenil?
- Como foi recebida a obra *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), e a temática de vampiro pelo leitor juvenil que leu *Crepúsculo* (2005)?
- A obra de vampiro de Jaf vem de encontro com a ideia de que o jovem, como ser em formação, identifica-se com o vampiro – ser em mutação – por sentir-se deslocado no mundo e buscando estabelecer sua identidade?

- O livro *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) agrada ao leitor e pode representar um fenômeno de recepção como foi *Crepúsculo* para o público jovem?

Respondendo aos questionamentos propostos anteriormente buscamos atingir o objetivo geral desta dissertação: verificar se o fenômeno literário da leitura de romances de vampiro – causado pela leitura do primeiro livro da saga *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer – ocorre após a leitura do livro *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), do autor brasileiro Ivan Jaf. Objetivamos ainda verificar como ocorre o preenchimento dos vazios nas leituras dos jovens participantes da pesquisa e observar se a temática de vampiro consumida pelos adolescentes responde à ideia de que, por se tratar de um humano em formação, o jovem encontra identificação na figura do personagem vampiro que se configura como um ser em mutação (sentimento similar devido às fases de transformação pelas quais a criança passa para chegar à idade adulta).

Para responder a tais questionamentos e justificar os objetivos expostos, além de abordar outros importantes aspectos do tema em questão, procuramos organizar esta pesquisa em cinco capítulos, que se subdividem em tópicos.

O capítulo 1, **Considerações iniciais**, introduz as discussões acerca da literatura, relativizando a literatura de massa mundial voltada para jovens e a literatura juvenil brasileira que versa sobre essa temática. Além de observar o estado da questão no que se refere a uma discussão acerca da existência de um campo *juvenil* na literatura. Objetiva lançar as perguntas da pesquisa, os caminhos que guiarão a discussão.

O capítulo 2, **Metodologia**, apresenta os procedimentos utilizados para a investigação, os passos percorridos pela pesquisa e as características de sua natureza, além dos caminhos percorridos para a elaboração dos questionários, a busca pelos leitores e as questões que pragmatizam a pesquisa.

O capítulo 3, **Fundamentação teórica**, que está subdividido em quatro tópicos, condiciona-se à abordagem da fundamentação da pesquisa, levando em conta as referências teóricas sobre a literatura e a recepção do texto literário, além de abordar questões como a produção e circulação da literatura e o mercado literário. Abordamos ainda as concepções de literatura, leitor e leitura. A fundamentação será centrada nos estudos de Wolfgang Iser: a Teoria do Efeito e a Estética da Recepção, difundida na década de 60 por Hans Robert Jauss. O tópico seguinte aborda a Sociologia da Leitura, observando o contexto socioeconômico e cultural, além de suas implicações na

formação do leitor literário. A literatura fantástica constituirá tópico importante a fim de observar o comportamento do tema fantástico segundo a teoria literária a partir de tentativas de definição do gênero fantástico realizadas por Tzvetan Todorov, Jean-Paul Sartre, Jorge Luís Borges e Selma Calazans Rodrigues. Um tópico importante para o estabelecimento do estado da questão versará sobre o percurso histórico-teórico da pesquisa em narrativas juvenis no Brasil, segundo estudos de Alice Áurea Penteado Martha, João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, Maria Zaira Turchi e Vera Teixeira de Aguiar. O último subtópico fará um breve percurso pela simbologia de vampiro a partir de teóricos como Luis Melnik, Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, José Luiz Aidar, Marcia Maciel, Mary Del Priore, John Gordon Melton, Raymond McNally e Radu Florescu, com a finalidade de estabelecer a origem do mito que irradiou o fenômeno em questão para a literatura.

A **Análise dos livros** ocupará o quarto capítulo desta dissertação e versará acerca dos elementos de teoria da narrativa literária e da qualidade estética das duas obras em questão. A colocação das obras no mercado editorial e suas possíveis intencionalidades quanto aos leitores, além das vozes presentes na narrativa serão discutidas neste capítulo. A posição do narrador e sua atuação, a ambientação e a linguagem utilizada serão abordadas a partir dos pressupostos teóricos do terceiro capítulo.

O quinto e o sexto capítulos da dissertação darão atenção especial à **Análise Reflexiva** dos questionários aplicados aos leitores e discutirão questões de Recepção acerca das duas obras lidas traçando um comparativo e procurando estabelecer um parâmetro seguro quanto ao fenômeno literário de *Crepúsculo* (2005) e sua possível comprovação na leitura dos sujeitos pesquisados após o contato com o livro de Jaf, *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009).

Após a realização das análises, apresentaremos nossas **Considerações finais**, onde buscaremos comentar as perspectivas quanto às perguntas da pesquisa, perfazendo o caminho de resolução e solucionando o alcance ou não dos objetivos propostos, de forma a validar a proposta de pesquisa aqui apresentada.

Seguirão, então, as **Referências** e os **Apêndices**, com os questionários utilizados na pesquisa.

2. METODOLOGIA

Neste capítulo procedemos à apresentação geral da metodologia utilizada para a realização da investigação aqui proposta, dos instrumentos utilizados para a coleta de dados e dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

2.1 A natureza da pesquisa

O viés metodológico utilizado como procedimento para a realização da pesquisa foi o quanti-qualitativo pelo procedimento interpretativo. Para alcançar essa metodologia o estudo foi desenvolvido abordando, especialmente, a voz do leitor em formação. Leitor pertencente ao público juvenil, que vive historicamente um constante processo de auto identificação e busca de espaço. Um leitor que parece estar deslocado na atual classificação literária constante nas fichas catalográficas e que participa, como consumidor, do subsistema juvenil na Literatura. Subsistema que sobrevive em meio a uma reconhecida literatura infantojuvenil (LIJ) e uma literatura dita “adulta”.

A partir das vozes dos leitores em formação levantamos as possibilidades de leitura oferecidas pelos livros em questão nessa dissertação, considerando seus elementos narrativos. As vozes juvenis levaram em conta as impressões de leitura de dois textos literários – *Crepúsculo* (2005), de Stephenie Meyer, anteriormente lido pelos participantes da pesquisa e que serviu de pré-requisito à seleção dos leitores e *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), de Ivan Jaf, livro que ofertamos aos leitores. A relação entre as duas obras literárias, através do tema *vampiro*, propiciou uma detida análise de seus elementos comparativos com a finalidade de se verificar as variáveis que os levaram a apreciar ou rejeitar as duas leituras em questão.

A pesquisa tem apoio na fenomenologia devido o ponto de contato com os trabalhos de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, pois sabemos da necessidade do aporte teórico como subsídio para qualquer pesquisa de caráter científico para que seu desenvolvimento metodológico não seja prejudicado.

A pesquisa propõe ainda analisar a recepção literária de uma obra pensada, em hipótese, como pertencente ao subsistema juvenil, restrita aos leitores que realizaram a leitura, específica, de outra obra, considerada fenômeno mundial entre algumas faixas

etárias – *Crepúsculo* (2005). Para a consecução da proposta, foram selecionados, a princípio, 24 leitores, pertencentes à faixa etária que vai dos 13 aos 16 anos de idade, uma vez que tal seleção etária contempla os leitores juvenis e ainda concentra um grande número de apreciadores de obras voltadas ao tema da Literatura Fantástica.

2.2 A escolha dos leitores

Por se tratar de uma obra de literatura de massa mundialmente conhecida e não se tratar de um fenômeno de leitura regionalizado e também por abranger distintas classes sociais tanto nos Estados Unidos da América, país onde o livro *Crepúsculo* (2005) foi lançado inicialmente, como em outros países para onde o fenômeno literário se irradiou, como no caso brasileiro, optou-se por trabalhar com diferentes leitores da obra *Crepúsculo* (2005) na cidade de Cascavel, localizada na região oeste do estado do Paraná. Leitores pertencentes não a uma rede escolar específica ou bairro exclusivamente concentrador de uma determinada classe socioeconômica. Por tratar-se de uma pesquisa realizada fora do ambiente escolar, mas considerando a faixa etária dos 13 aos 16 anos de idade – fase de transição entre a infância e a juventude/idade adulta – optou-se por buscar leitores residentes em diversos bairros da cidade de Cascavel. Localidades que concentram leitores das mais diversas classes socioeconomicamente definidas e que se distribuem ao longo da referida cidade. Desta forma buscou-se a realização de um trabalho mais próximo da isenção de fatores influenciáveis e podendo considerar as variantes socioeconômicas e culturais que poderiam influenciar na recepção das obras literárias em questão neste trabalho.

Os leitores participantes da pesquisa foram selecionados entre 12 de Agosto a 10 de Setembro de 2012. O critério para a escolha dos leitores foi o gosto pela leitura e a declaração de que fora realizada a leitura da primeira obra da saga *Crepúsculo*. Devido ao grande interesse dos primeiros leitores da obra de Stephenie Meyer, encontrados em visita à Biblioteca Pública municipal de Cascavel, outros leitores nos procuraram interessando-se em fazer parte do projeto, porém, em sua grande maioria leitores com idades entre 18 e 20 anos, que não correspondiam ao objeto da pesquisa e, portanto não foram selecionados.

Durante a busca por leitores houve uma peculiaridade comum à verificação da recepção da leitura de romances românticos, que foi o sexo predominante dos

interessados em participar da pesquisa. A ideia inicial era trabalhar com 50 por cento de leitores de cada sexo a fim de se contemplar as diferenças e similitudes de atitudes leitoras entre os sexos masculino e feminino, uma vez que sabemos que garotos e garotas recebem tratamento diferente na sociedade, produzindo diferentes leituras, como é observado por Aguiar e Bordini (1993, p. 21) que apontam situações biológicas e, de uma maneira especial as culturais como sendo chave na determinação das peculiaridades comportamentais entre meninos e meninas, especialmente no que tange à leitura. Notamos que a grande maioria dos leitores que intencionavam participar da pesquisa era do público feminino, o que ocasionou a necessidade de se equilibrar a pesquisa através da tentativa de localização de leitores do sexo masculino, para concluir a escolha do *corpus*. Devido ao desinteresse e à falta de leitores do sexo masculino que se professassem leitores de *Crepúsculo* (2005) não conseguimos atingir o objetivo de prover o equilíbrio entre os dois sexos.

Ainda sobre a questão do maior interesse do público feminino pela participação do projeto, observa-se que, em sua grande maioria, os meninos apresentam certo receio, quando indagados, em admitir ter realizado a leitura da obra *Crepúsculo* (2005), por se tratar de literatura com características românticas, o que pode, segundo eles, remeter a questões referentes à sexualidade dos garotos por parte de outros colegas.

Para que não houvesse dificuldade no estabelecimento do *corpus* optou-se que trabalhar com um número de 15 leitores, que eram indicados pelos primeiros participantes selecionados, a fim de facilitar o fornecimento de um exemplar de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2010) a cada um dos participantes.

Acerca de um dos objetos da pesquisa, o livro *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), de Ivan Jaf, cabe relatar a dificuldade em obter um número satisfatório de exemplares. Primeiramente foram adquiridos cinco livros a partir de sebos e os outros 20 livros tiveram de ser adquiridos através do site da Editora Ática. Contatamos a editora e solicitamos um desconto na compra dos 20 exemplares, porém obtivemos um desconto irrisório, o que tornou bastante cara a obtenção dos exemplares utilizados durante a pesquisa. Diante de tais fatos julgamos importante ressaltar o descaso para com a difusão da leitura e em referência a trabalhos que objetivem o estudo acerca da formação de leitores.

2.3 Os instrumentos

O primeiro instrumento utilizado no projeto foi a Carta-convite para a realização da pesquisa (Apêndice 1). O documento, com caráter de permissão para a utilização dos dados coletados e das respostas emitidas pelos leitores, foi de suma importância uma vez que os sujeitos da pesquisa são adolescentes sob a responsabilidade afetiva e intelectual de seus pais e tutores.

Outro instrumento fundamental para a coleta de dados foi o questionário. A preocupação foi realizar a coleta de dados nas modalidades mais científicas e isentas, a fim de não comprometer a análise final dos dados da referida pesquisa. Os dados coletados não representam a única verdade ou o único prisma de análise das informações prestadas, porém significam a visão da pesquisa e a amplitude dos dados apurados continua como proposta para demais pesquisas e verificações acerca da temática abordada. Acreditamos na continuidade da pesquisa a partir de outros trabalhos científicos, pois ela não deve se encerrar por aqui.

Dessa forma, foram seguidos os seguintes procedimentos para a realização da coleta de dados:

Em um primeiro momento os leitores pré-selecionados – por terem realizado a leitura de *Crepúsculo* (2005) e pertencerem à faixa etária dos 13 aos 16 anos – foram apresentados com um exemplar da obra *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* e (2009) juntamente com ele o Questionário socioeconômico e cultural – denominado Questionário 1 (Apêndice 2). No questionário socioeconômico e cultural apuramos dados como renda familiar, profissão e instrução educacional dos pais e a presença, na casa dos pesquisados, de bens culturais diversos para que pudéssemos verificar o nível cultural e de apreensão de leitura de diversos níveis, alinhando assim o trabalho de acordo com os níveis de leitura possíveis. A seguir aplicamos o questionário sobre os Hábitos de Leitura – denominado Questionário 2 (Apêndice 3). No segundo questionário aprofundamos as questões relativas ao uso dos bens culturais aos quais os pesquisados tinham acesso para que assim pudéssemos verificar o alcance do fenômeno de leitura de diversas obras literárias por parte dos pesquisados, verificando assim o nível de leitura e o alcance das obras no repertório de leituras dos jovens. Assim, os pesquisados eram orientados a responder às questões dos dois questionários previamente à leitura. Objetivamos assim a melhor distribuição dos questionários, que ao fim totalizaram cinco para cada leitor, não tonando o processo cumulativo ou penoso

e ainda buscamos não influenciar a coleta de dados pela leitura do livro proposto. Os questionários foram recolhidos após sete dias contados de sua distribuição.

Como a pesquisa tem a preocupação com o caráter fenomenológico em um contexto específico (recepção de uma obra brasileira de literatura fantástica do subsistema juvenil a leitores de um *best-seller* da mesma temática buscando estabelecer a existência do fenômeno de leitura do tema por um público de faixa etária dos 13 aos 16 anos de idade) os questionários tiveram importância vital, pois forneceram dados qualitativos sobre a recepção literária e não sobre a quantidade de leitores especificamente. Nesse viés foi ofertado aos leitores o preenchimento de outros três questionários, três semanas após a entrega do livro que foi distribuído. Primeiramente foi distribuído o questionário 4 (Apêndice 5), que expôs questões a respeito do livro *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), que versavam sobre a apreensão da leitura e a respeito dos aspectos estéticos apreendidos a partir da obra, além de aspectos sobre os sentidos despertados com a obra e sentimentos empáticos com as personagens diversas, estabelecendo laços importantes para a verificação do fenômeno na obra de Ivan Jaf. O questionário 5 (Apêndice 6) verificou a apreensão da leitura de *Crepúsculo* (2005) e o conhecimento do leitor jovem a respeito de aspectos estéticos e narrativos da obra. Ainda foi questionada a relação a respeito das personagens vampiro e o jovem contemporâneo, explorando também os aspectos sensoriais da obra no leitor e as opiniões emitidas pelos leitores a partir das impressões da literatura fantástica presentes na obra em relação às vivências subjetivas dos leitores. Por último foi aplicado o questionário 5 (Apêndice 6) que visou entrelaçar as informações dos dois livros de forma a proporcionar ao leitor a palavra a respeito das duas obras, verificando assim o fenômeno de leitura no livro estadunidense e sua possível replicação no livro do autor brasileiro. Questões sobre a comparação das personagens verificando a identificação dos jovens com os personagens vampiro presentes nas duas obras e com suas características físicas e psicológicas foram feitas a partir do quinto questionário. As referências intertextuais exploradas por Jaf, a ambientação nos dois livros e o conhecimento dos leitores a respeito da literatura fantástica foram explorados para estabelecer os limites do alcance do fenômeno no repertório de leituras dos jovens pesquisados. As questões abriram espaço para a palavra do leitor, ouvindo a voz juvenil para verificar, imparcialmente, o efeito causado pela leitura do gênero fantástico e o alcance do subsistema literário juvenil no público pesquisado.

Como observa Mury (1974), uma pesquisa que tenha suas bases na sociologia do público literário deve buscar o qualitativo, sendo que a utilização de questionários, além dos métodos quantitativos, não devem ser suficientes para discernir o que é realmente fundamental.

Os *Níveis de leitura*, de Hans Kügler (1978 *apud* FANTINATI, 2011⁵), embasaram também a proposta metodológica utilizada neste trabalho. Utilizamos como base para esta dissertação a *Leitura Primária*, sistematizada como um dos três níveis propostos pelo teórico.

Conforme aponta Kügler (1978 *apud* Fantinati, 2011)

No nível da leitura primária, ler e compreender um texto literário significa personaliza-lo, pois o ato de compreender constitui-se, antes de tudo, de que o sujeito que compreende percebe, juntamente com o objeto percebido, a si próprio, no processo de compreensão, de tal modo que a compreensão de um objeto sempre inclui a autocompreensão. (FANTINATI, 2011, p.269)

Na concepção de Kügler (1978), o ensino da literatura é um processo comunicativo não ligado apenas ao transporte da mensagem do emissor ao receptor por meio de um determinado texto.

A partir da ideia de leitor de Kügler (1978), destacamos a etapa fundamental para este estudo, que corresponde a um dos *Níveis da recepção literária*, divididos pelo autor:

A *Leitura primária* diz respeito à compreensão pessoal da recepção do texto.

Como observa Fantinati (2011), ao tratar da leitura em ambiente escolar

O aluno não pode, quando do ato da leitura, pôr-se entre parênteses – abstrair-se, pois ele se apresenta, no sentido literal deste termo, no ato da recepção. Apresentar-se literalmente na recepção significa que o aluno não pergunta inicialmente “o que significa este texto”, com relação à intenção do autor, de um destinatário ou ainda de um problema proposto. O que o aluno pergunta, na verdade, é o seguinte: “o que significa este texto para mim?”. (FANTINATI, 2011, p. 269)

Ainda que o teórico trate do ambiente escolar, na figura do “aluno leitor”, observamos que o nível primário de leitura aplica-se também ao leitor que está fora do ambiente escolar, uma vez que tal leitor realiza o mesmo questionamento com relação ao texto literário. Nesse ínterim podemos destacar que o leitor primário, seja ele um

⁵ Publicado originalmente em: *Anais de Seminários do GEL*. Estudos Linguísticos VII. Assis, 1984.

aluno ou não, produz a ilusão independentemente do texto, mas, como chave atuante para o processo de leitura.

Em uma segunda fase do nível de leitura primária, há a possibilidade de uma interação maior entre o texto e o leitor. Fantinati (2011) descreve duas naturezas possíveis para essa relação texto-leitor: a *empática*, na qual o leitor descreve sua “identificação” com o texto e a *contraditória*, na qual o leitor demonstra uma determinada criticidade que aponta para uma “carência” identificativa com o texto. Dessa forma ele começa um diálogo efetivo com o texto que, com o avançar das leituras, ficará cada vez mais inteligível ou abandonar a leitura e suas possíveis sequências.

Essas etapas descritas foram as mais importantes na aplicação dos questionários, uma vez que, a partir do fenômeno recepcional do romance de vampiro, na obra de Meyer – fato motivador deste trabalho – buscamos verificar tal autoidentificação na leitura das personagens vampiros criados pelo brasileiro Ivan Jaf.

A última fase da leitura é denominada por Kügler (1978), *Deslocamento e Condensação do texto*. Tal nomeação ocorre pelo fato de o leitor demonstrar, simultaneamente, os dois processos. O leitor executa o deslocamento quando as posições exercidas pelo texto são totalmente interpretadas segundo sua postura pessoal. Assim, as perspectivas e posições textuais são ofuscadas pelas do leitor. Por sua vez, na condensação, o leitor começa a perceber e articular o cenário apresentado pelo texto e o cenário criado por ele. Nesse momento o leitor começa a ser capaz de comparar o texto com outros textos ou significados já elaborados por outros. Dá-se então a esse momento o nome de *Ruptura da formação da ilusão*.

Os questionários 3 – apêndice 4 – sobre a leitura de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), de Ivan Jaf– e 4 – apêndice 5 – sobre a leitura de *Crepúsculo* (2005), de Stephenie Meyer– exploram a conceituação de *Deslocamento e Condensação do texto*, de Kügler, propondo questionamentos como: “3.10 – Se pedissem a você para dar um novo título/nome ao livro, qual seria? Por quê?” e “3.16 – Os vampiros das histórias possuem características sobre-humanas. Se você pudesse escolher, qual delas você gostaria de ter ? E qual não desejaria ter de forma alguma ?”, ambas presentes no Questionário 3 – Apêndice 4.

Buscamos através de respostas aos questionamentos levantados, e a outros que surgiram, algumas informações peculiares que privilegiassem a Recepção do texto literário, tais como:

- Quais textos menos agradaram aos leitores.
- A quais leituras, entre as mundialmente conhecidas, citadas pela personagem *Bella* de *Crepúsculo* (2005), o leitor já havia tido acesso.
- Quais outras leituras, de obras da temática de vampiro, haviam sido lidas.
- Quais acontecimentos marcantes, na vida dos leitores, haviam estabelecido relação com a leitura das duas obras lidas.

A ideia inicial, com tais questionamentos propostos aos leitores, era provocar a reflexão, para que a temática em voga transcendesse a leitura do texto. Tal exercício os levou a discussões acerca da inserção desses textos na literatura do subsistema juvenil brasileira, relacionando os dois textos lidos e suas características em relação a outros textos.

A metodologia buscada encontra-se em acordo com a proposta de recepção de Jauss (1994), sendo que a *Leitura Primária* corresponde à proposta de Jauss quanto à recepção e à inserção do horizonte de expectativas na leitura do texto literário. Nessa perspectiva o leitor localiza-se à frente do texto, ao relacionar o objeto textual com as experiências vividas pelo leitor e suas expectativas.

Ainda cabe destacar, como importantes pilares metodológicos, os conceitos de Iser (1996) que se mostram em consonância com a proposta de Kügler (1978), a respeito da *Constituição coletiva do significado* – quando o leitor percebe e reflete – mesmo que de forma parcial, o objeto textual e seus aspectos físicos. Na pesquisa em questão, a segunda fase do método de Kügler (1978), não se completou totalmente devido às dificuldades de interpretação dos leitores participantes da pesquisa. Portanto, os conceitos de Iser servem para ilustrar a construção de esquemas textuais no interior do texto e a concretização do texto literário através da leitura do leitor real.

A busca de um leitor ideal, que tivesse um grande conhecimento de literatura e dos elementos que a compõem, foi bem definida tanto por Jauss (1994), quanto por Iser (1996). O mesmo pensamento foi compartilhado por Kügler (1978), na última etapa de seu método, *Modos secundários de ler*, que reclama do leitor a formação de uma leitura crítica e permeada pelo engajamento ideológico. Tal etapa não foi contemplada por esta dissertação uma vez que nossa proposta visou à fuga do ambiente escolarizado em prol do aprendizado de novas formas de se ensinar literatura, com o “apreciar ler”, sem a obrigatoriedade legada e imposta quando em ambientes escolares.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-HISTÓRICA

Neste capítulo, explanaremos os pressupostos teóricos que embasaram a pesquisa. Discorreremos inicialmente acerca das Teorias da leitura, suas concepções e funções, caminhando da teoria à prática. A seguir, observaremos a descrição dos princípios norteadores da Estética da Recepção, da Teoria do Efeito e da Sociologia da Leitura, que são bases indispensáveis para a análise das respostas dos leitores aos questionamentos acerca da leitura das duas obras voltadas ao público jovem.

Ainda percorreremos os caminhos que nos fizeram chegar ao atual estado da questão da literatura de subsistema Juvenil no Brasil, com seus principais trabalhos e a diversidade da pesquisa. Levantaremos a questão do “vampirismo” da indústria cultural, percorrendo também os caminhos teóricos da literatura fantástica, onde encontramos o tema do vampiro.

3.1 Concepções de literatura, leitor e leitura

[...] a literatura pode formar; mas formar não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la pedagogicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos, conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice de instrução moral e cívica, ela, age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras. Ela não corrompe nem edifica, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o mal, humaniza no sentido profundo, porque faz viver. (CANDIDO, 1972, p.805).

Uma das tarefas mais difíceis para o campo letrado, desde a difusão das obras escritas, parece ser a de definir o que é Literatura. Muitas foram, ao longo dos Séculos, as tentativas de se equacionar tal problemática, passando pela criação de conceitos e posteriormente pela sua negação total ou parcial.

As controvérsias acerca da literatura têm origens antigas, como na concepção de Platão, que acreditava ser o mundo real uma imitação de um mundo ideal e que situava a poesia como a imitação da imitação, afastando assim o homem do caminho da plena essência, da sabedoria. Na filosofia platônica a poesia realmente boa seria a da louvação dos homens tidos como justos, sendo então que a literatura sem caráter educativo apenas rebaixaria o espírito humano.

Aristóteles, por sua vez, acreditava que através da poesia o homem experimentava a satisfação de uma de suas necessidades básicas: a de ficção. A reflexão

de Aristóteles sobre a poesia, concentrada em suas *Poética* e *Política*, desenvolve uma reflexão sobre o viés ético e o pedagógico, provenientes das discussões de Platão, especialmente na *República*. Neste ínterim, Aristóteles trabalha com os aspectos de noese do mito, estéticos, relativamente ao prazer e patéticos das emoções. Mas, diferentemente do Sócrates, da *República*, que cogita a expulsão dos poetas da *Polis*, Aristóteles elogia o valor ético da obra artística, pois o mito da poesia é mais próximo da verdade pela verossimilhança, o prazer favoreceria a educação e as emoções purificariam a alma.

A questão da forma da “escritura” foi o enfoque de Barthes (1996)⁶, que acredita que ela é de vital importância no processo literário, pois, desencadeia, através do modo de escrever, fruição da linguagem. Ainda afirma que o texto é “atópico [...] pelo menos em sua produção” (BARTHES, 1996, p.41), uma vez que se encontra inserido em um sistema desconjuntado, que está à espera da organização pelo escritor e, posteriormente, pelas inferências do leitor. Por isso ele acredita não existir uma linguagem específica, mas uma linguagem do próprio texto arranjada pelo autor.

Ao escrever sobre os *Conceitos de Literatura e Literariedade*, o Professor da Universidade de Coimbra, Vítor Manuel de Aguiar e Silva, em sua obra *Teoria da Literatura*, faz um resgate histórico do lexema latino *literatura* e constata que, segundo informação de Quintiliano, foi decalcado de um substantivo grego e que possui, em diversas línguas europeias, lexemas derivados. Aguiar e Silva (1982)⁷ relata que “o lexema complexo *literatura*, que é derivado, por sua vez, do radical *littera* – letra, carácter alfabético –, significa saber relativo à arte de escrever e ler, gramática, instrução, erudição.” (1982, p.2). O autor português destaca que com a evolução histórica do termo *literatura* chegamos, na segunda metade do século XVIII, através de “transformações semânticas” aos significados que hoje a literatura apresenta: “uma arte particular, uma específica categoria da criação artística e um conjunto de textos resultantes dessa atividade criadora.” (1982, pp. 9-10).

Sobre as funções da literatura, Candido (1972), em sua obra *A literatura e a formação do homem*, descreve a ação no subconsciente e inconsciente de uma função integradora e transformadora, que operaria “uma espécie de inculcamento que não percebemos” (1972, p. 805). Ele afirma que a literatura age sobre o indivíduo com força semelhante à ação da família e da escola, moldando sua personalidade. Candido ressalta

⁶ A primeira edição da obra de Roland Barthes é de 1937.

⁷ A primeira edição é de 1967.

que tal formação pode não apresentar um caráter pedagógico sobre o indivíduo “como um veículo da tríade famosa, o verdadeiro, o bom e o belo” (p.805). Portanto a formação literária é humanizadora, tanto para o “bem” como para o “mal”.

Esse ato formador que possui a literatura, na visão de Candido, traz a possibilidade de uma nova função, que ele denomina função humanizadora. Tal função permite ao homem encontrar na literatura aspectos de sua própria humanidade, reencontrando o homem com sua consciência humana, desta vez modificada pela leitura da obra literária. De outra forma, Candido descreve a função alienadora, que alimenta no leitor preconceitos que o impedem de ver valores e conceitos no que ele leu.

Três funções da literatura foram apresentadas por Candido, no livro *Literatura e sociedade* (1973)⁸. A função total é a passagem da literatura do individual para o coletivo transcendendo as representações individuais e inscrevendo-as no patrimônio do grupo e adquirindo um caráter universal. A segunda função descrita é a social e diz respeito ao papel desempenhado pela obra no estabelecimento das relações sociais, que atua na promoção da satisfação das necessidades espirituais e materiais de uma determinada sociedade. A terceira é a função ideológica, que atribui determinado caráter pedagógico à obra. Candido considera que é a sociedade que vai decidir o futuro de uma obra. Ao encerrar seu estudo sobre a concepção da literatura, Candido afirma que o que realmente importa para o leitor não é a definição de literatura, mas sim o prazer pela leitura.

O caráter humanizador da literatura ainda é retomado por Candido, em sua obra *O direito à literatura*, de 1989, na qual, de forma magistral, ele relaciona os direitos humanos à literatura. Em seu texto, Candido, lembra-nos que o ensino técnico deveria resolver grande parte dos problemas da humanidade, mas, reflete que o progresso humano, muitas vezes, acaba por provocar a degradação da maioria.

Em uma interessante perspectiva de análise marxista, o autor reflete que os problemas, advindos de tal progresso humano, tem sua origem, em grande parte, pelo fato de não pensarmos adequadamente na distribuição de bens, o que ocasionou a exclusão de diversos de seus direitos básicos e da igualdade, entre os quais, se inclui a literatura.

⁸ A primeira edição é de 1965.

Em sua tentativa de definição do termo Literatura, Eagleton (2006)⁹, ao lembrar a existência da teoria literária, declara parecer óbvia a existência de alguma “coisa” chamada literatura, *coisa* essa “sobre a qual se teoriza”. O autor inglês propõe então o levantamento da questão *o que é literatura?* Algumas de suas ideias iniciais apontam para a escrita “imaginativa”. Uma escrita que não seria verídica em um mundo real, literal. Porém, o autor aponta que, após uma breve reflexão, é possível verificar que tal definição não procede. Ao realizar uma breve busca de distinção entre o literário e o não literário ele lembra-nos que os textos, que em muitas culturas eram considerados literários em outras não o são, o que confunde os fatos históricos verificáveis e os considerados verificáveis. Em sua busca pela solução do entrave ainda nos lança um questionamento acerca do tema “O fato de a literatura ser a escrita *criativa* ou *imaginativa* implicaria serem a história, a filosofia e as ciências naturais não criativas e destituídas de imaginação?” (EAGLETON, 2006, p. 3). E o autor sugere, como resposta, que a abordagem necessária possa ser totalmente diferente, pois é possível que a literatura “seja definível não pelo fato de ser ficcional ou *imaginativa*, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar” (2006, p.3).

Diversas foram as tentativas de se estabelecer a conceituação do termo literatura, tanto no seu viés mais voltado para a teoria, quanto para as práticas literárias. Zilbermann (1990) relata que o termo “literatura”, como o conhecemos hoje, tinha o intuito de distrair a nobreza e era chamado “poesia”, sendo um instrumento de preferência da nobreza, por ser atividade pacífica – contrária à guerra.

Na visão de Compagnon (2001)¹⁰, os pontos de vista textual (linguístico) e contextual (histórico) apresentam a contradição que atrapalha o consenso sobre a literatura. O teórico também discute o conceito do termo literatura e, na mesma linha de Eagleton, observa a difícil tarefa de estabelecer tal concepção, mas propõe a necessidade de relação do texto literário com a intenção, a realidade, a recepção, a língua, a história e o valor. Recorda que o termo literatura é muito recente (remonta ao século XIX) e em muitas línguas é um vocábulo intraduzível.

Compagnon (2001) verifica que, no conceito de literatura, há sempre uma contradição entre dois pontos de igual importância: o ponto de vista histórico, documental, e o linguístico, que diz respeito à arte da linguagem. Ao tentar descrever e

⁹ O texto original de Terry Eagleton, *Literary Theory*, data de 1983 e foi publicado pela primeira vez no Brasil em 1985 pela editora Martins Fontes. Utilizaremos neste trabalho a 6ª edição, que data de 2006.

¹⁰ A primeira edição brasileira é de 1999.

referenciar o termo literatura, o faz sob o viés da extensão, da função, da forma do conteúdo, da forma da expressão, da literariedade, privilegiando, dessa forma, o ponto de vista histórico e o linguístico.

A literariedade é destacada pelo teórico por não poder distinguir um uso literário do não literário, pois não existem elementos linguísticos que sejam puramente literários. Um texto é caracterizado pela visão da sociedade que o cria e o utiliza e é essa mesma sociedade que decide se um texto é ou não literatura.

Da mesma maneira que Eagleton, Compagnon não define, ao menos de maneira elucidativa, o que é literatura, mas faz de outras contribuições sobre o termo, apresentando um conceito amplo e um restrito: amplamente, literatura seria tudo aquilo que é impresso (ou manuscrito); de maneira restrita, seria variável segundo a época e as culturas. A primeira ideia negaria a literatura oral e a segunda deixaria o campo de definições ainda mais amplo. Observando as palavras de Compagnon, literatura é o que “as autoridades” (2001, p. 46) determinam que é literatura. A linha tênue na qual caminha a literatura é alterada paulatinamente “mas é possível passar de sua extensão à sua compreensão, do cânone à essência.” (2001, p. 46).

Conceituando, verificamos que existem relações estreitas entre a ideia de literatura de Candido, Eagleton e Compagnon. Para Candido, a literatura é um tratamento especial de forma e conteúdo, que permite a transformação da realidade em fantasia, fator necessário para a organização social e coletiva. Para Eagleton e Compagnon, o conceito de literatura está relacionado à maneira como é realizada a abordagem do texto literário e, portanto, seu conceito torna-se uma tarefa muito complexa, fazendo com que os pesquisadores proporcionem ao leitor, em contato com o texto, a função de atribuir os valores estéticos necessários para o valor literário.

Com tantas definições, funções e tentativas de se estabelecer os fatores que levariam a compreender um texto como literário ou não, é possível perceber que a literatura vai além dos limites textuais, compondo esferas externas ao texto como a crítica especializada, os grupos de leitores estabelecidos por gosto, o mercado editorial, entre tantos outros que existem atualmente ou surgirão em torno de algum tema, autor ou obra literária específica. Atualmente a opinião crítica assume validade perante aos grupos de leitores formados, ou não, devido ao seu prestígio intelectual perante a sociedade. Sendo assim, não raro encontramos definições de literatura embasadas nas opiniões críticas, que variam, de tempos em tempos e não se fixam como verdades absolutas.

Como em nossa última Constituição Federal, promulgada em 1988¹¹, diversas outras constituições e sociedades pregam que todos têm direito à moradia, alimentação, saúde e educação, mas, segundo Candido (1995), o direito deveria ser extensivo a “ler Dostoievski”, “ouvir Beethoven”, em suma a ser Humano. Candido cita tais direitos apoiando-se nos termos utilizados por Pedro Louis Joseph Le Bret: bens incompressíveis (que não se deve negar a ninguém: moradia, alimentação, vestuário) e bens compressíveis (aqueles dispensáveis: utensílios, cosméticos), ainda que a definição de tais bens seja variável para muitas culturas e sociedades.

Cabe destacar que o direito e a necessidade à ficção fazem-se necessários na Sociedade e seu reconhecimento deveria atingir a todos os Seres Humanos independentemente de sua cultura. Como bem observa Candido (1995, p.42), ao falar sobre a literatura: “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” Tal necessidade se apresenta, segundo conclui Candido, da impossibilidade de equilíbrio psíquico sem o contato com a fantasia. Por sua vez sem o equilíbrio individual não há o equilíbrio social, uma vez que a sociedade é composta pela união de indivíduos. Nesse viés, constitui-se que a literatura configura-se direito universal dada sua importância como bem indispensável à saúde mental humana.

O acesso ao texto literário faz-se indispensável para que ocorra a efetivação da tríade autor-leitor-obra e para que se cumpra a possibilidade de equilíbrio psíquico abordada por Candido. Nesse quesito há muito para se caminhar ainda. A socialização do livro é e será ainda objeto de um grande número de estudos, pois o direito à literatura ainda não está garantido a todos.

¹¹ A Constituição Federal brasileira de 1998 está disponível permanentemente em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

3.2 Sociologia da leitura: o fenômeno da literatura de vampiro

Durante séculos a história da literatura pautou-se nos estudos de autores e de obras literárias perfazendo um estudo biográfico e historiográfico do objeto literário. A partir dos anos 1930, teve início, nos Estados Unidos, uma série de estudos que, enfim, consideravam a leitura como um conjunto de práticas sociais. Os franceses, nos idos de 1950, iniciaram as primeiras pesquisas na área da “Sociologia da Leitura”, uma vertente da “Sociologia da Literatura”. Objetivava-se a partir de tais pesquisas verificar as razões pelas quais se lia e melhorar as condições de acesso às leituras, considerando a atuação dos mediadores, sobre os quais comentaremos nos próximos parágrafos.

Robert Escarpit (1969) observa que os livros são sujeitos às mesmas leis de mercado que outros produtos comerciáveis e que, portanto, devem ser observadas suas esferas de produção, circulação e consumo.

Não é indiferente à compreensão das obras o facto de o livro ser um produto manufacturado, distribuído comercialmente e, portanto sujeito à lei da oferta e da procura. Não é indiferente, em suma, que a literatura seja – entre outras coisas, mas de uma forma incontestável – o ramo da “produção” da indústria do livro, do mesmo modo que a leitura é seu ramo de “consumo”. (ESCARPIT, 1969, pp. 11-12)

A perspectiva pensada por Escarpit e pelos estudiosos da Sociologia da leitura era a diminuição do abismo existente entre a classe baixa e a cultura. Haja vista que a política de distribuição de livros segue a lógica de mercado – como podemos observar na citação do autor francês – verifica-se a dificuldade na realização da fruição da leitura pelas classes citadas. Tal fato justifica o objeto de estudo da Sociologia da leitura como base para a democratização e expansão da leitura literária, como julga importante Candido (1989), em sua obra *O direito à literatura*.

Diversas foram as “evoluções” quanto ao objeto literário que podem ser destacadas como evolução no campo da democratização e difusão do texto. A chegada da família real ao Brasil, em 1808, trazendo a imprensa e a multiplicação do texto no país é um exemplo da referida “evolução”. A ascensão da burguesia como classe economicamente forte, no Século XIX, é outro exemplo da multiplicação dos autores, obras e diversidade de textos. Um grande processo de associação de escritores, editores e a multiplicação dos leitores fechavam esse ciclo de legitimação do texto literário a partir dos primeiros ecos de uma possível profissionalização da atividade do escritor – antes laureado com “presentes” – que passa a lucrar financeiramente com a escrita. O

objeto “livro” se difundia, mas ainda ficava restrito às mãos daqueles que possuíam condições de consumi-lo como produto.

Outro cenário importante a respeito da difusão do texto foi a busca pela manutenção do poder por parte da burguesia. A busca pelo crescimento industrial trouxe a necessidade de se alfabetizar os trabalhadores massivamente. Com essa perspectiva os textos de maior valor estético ficaram legados ao acesso de poucos, dada a “necessidade” da utilização do texto mais acessível culturalmente e que servisse aos objetivos da crescente burguesia.

A produção, a circulação e o consumo das obras constitui interesse de Escarpit (1974). Em seus estudos da Sociologia da leitura o autor considera os fatores que influenciam a atividade do escritor – considerando sua época e contexto social – os processos que influenciam a circulação das obras, a popularização dos livros e as formas de recepção, sejam elas benéficas ou negativas, por parte do leitor. Portanto faz-se necessário observar as relações entre a tríade: público-autor-obra. O presente trabalho, como já exposto, se propõe a estudar um recorte da narrativa juvenil brasileira em seu aspecto estético, concebido por um autor nacional a partir de temática amplamente explorada pelo mercado mundial, na recepção de leitores de *best-seller* e, portanto, é indispensável à utilização da Sociologia da Leitura como ciência que pode muito bem abranger o objeto de estudo para melhor elucidá-lo.

Como processo literário, a literatura caracteriza-se como um projeto, meio e atitude, segundo Escarpit (1974), enlaçando os três termos por meio da linguagem. O projeto é a obra bruta, como concebe, quer e realiza o escritor. O meio é o livro ou o documento produzido pela sua escrita. Finalmente a literatura concebe-se como a atitude do leitor, que por sua vez reproduz o ato de escrever. A atitude do leitor desenlaça-se através de dois planos: o do pensamento e o da imaginação, que revelam, por sua vez a liberdade possuída pelo leitor. A partir desses planos surgem várias leituras possíveis para uma mesma obra, determinadas pelo lugar social e histórico de cada leitor.

As relações entre o público, o autor e as instâncias de mediações literárias – através dos mediadores literários – são observadas por Hauser (1977). Surge então um importante pilar na interação entre autor, obra e público: a função dos mediadores como agentes importantes no processo de desenvolvimento para o futuro das obras literárias na sociedade.

Dada a distância estabelecida entre o autor e seu público, tanto física quanto social e histórica, surge a importância da figura do mediador, que cumpre o papel de aproximação entre a obra e o leitor, proporcionando a realização da recepção.

A figura do mediador surgiu com o Romantismo e teve como instituições mediadoras as cortes e os salões que partilhavam certo interesse comum. Outra instância foi o teatro, com uma interação mais intensiva. Ainda funcionavam como mediadores a biblioteca e o museu.

O comércio das obras de arte também funciona como instância de mediação, porém, de forma mais ambígua, uma vez que acaba por criar clientes cada vez mais comprometidos com os produtos que circulam no mercado em determinado período sócio histórico. No presente trabalho observamos como o mercado editorial se interessa pela literatura fantástica do tema de vampiro ampliando a obra de sucesso para a produção de volumes e sua consequente venda em massa e, ainda, com a multimodalidade cinematográfica que auxilia na fixação do objeto de desejo da juventude: o vampiro. Por sua vez observa-se sua chegada ao Brasil e a consequente produção de uma coleção voltada para o público jovem com nova “roupagem” e exploração da mesma temática de sucesso. Observamos quanto a essas instâncias citadas que quanto maior o contato do indivíduo com elas, maior a possibilidade de que ele se torne um leitor, independentemente da qualidade estética da obra.

Hauser (1977), ainda aponta outras instâncias mediadoras de leitura como a editora, a livraria, a escola, a igreja, a família e até o lugar social ocupado pelo leitor. O teórico aponta ainda que a obra literária passa por muitas mãos antes de chegar efetivamente ao leitor. Tal fato acaba por influenciar o juízo estético do público devido à ação de tais intermediários. Sendo assim, a mediação acaba por influenciar no gosto e nas escolhas, influenciando também o interesse pela leitura e a formação de leitores.

Outras instâncias mediadoras são observadas por Petit (1999), que ampliou a ideia das instâncias mediadoras de leitura observando o papel dos sujeitos mediadores como o professor, o bibliotecário e, até mesmo, o jornalista, um trabalhador, um amigo ou uma pessoa com quem se convive.

O mercado editorial, nos últimos anos, tem aumentado progressivamente o número de edições voltadas, segundo apontam as fichas catalográficas, ao público infanto-juvenil. Notamos, portanto, que, ao estudar a literatura de subsistema juvenil, faz-se necessário considerar a influência do mercado editorial – instância de mediação – e suas interferências no processo de produção e consequentemente os resultados da

recepção literária, apoiando-se nos pressupostos da Sociologia da leitura. O próximo tópico versará sobre a “Estética da Recepção” e a “Teoria do Efeito” que contribuirão para a análise da recepção – atuando com a Sociologia da literatura – dos livros analisados e propostos por essa dissertação.

3.3 Estética da recepção e teoria do efeito

A liberdade do leitor parece historicamente prejudicada pelas primeiras formas de concepção do objeto de leitura e pela importância concedida ao autor, que era tido como detentor de um conhecimento a ser buscado por um leitor vazio.

Conforme afirma Compagnon (2001), a partir dos estudos pioneiros de Proust e das teorias da Fenomenologia e Hermenêutica, surgem diversas teorias, como a que embasa esse trabalho: a Estética da Recepção. Tal teoria interessa-se pela forma como a literatura age sobre o leitor e interage com ele. Há então a convergência dos Estudos Literários centrados no leitor e na recepção literária como importante expoente de compreensão do fenômeno literário.

O texto passou a ser concebido de nova forma a partir da perspectiva da importância dada ao leitor e da dependência da interpretação de quem consome o ato da leitura para conferir validade estética ao texto. A nova perspectiva do leitor e o redimensionamento da leitura consolidam-se como objeto de estudo da Estética da Recepção. Os teóricos mais consultados, no que diz respeito aos estudos da recepção, são Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss.

Jauss apresentou, em 1967, uma conferência intitulada *A história da literatura como provocação à teoria literária*, na Universidade de Constança, na Alemanha. A partir de tal conferência evidenciou-se, como é possível perceber pelo nome, a reação provocativa aos que pregavam um ensino tradicional da história da literatura. Tal exposição configurou-se na manifestação dos estudos da Estética da Recepção. O procedimento proposto por Jauss integrou, então, a história e a teoria da literatura. A proposição de Jauss foi a do deslocamento do entendimento histórico da literatura para uma nova base central: o leitor.

Uma nova concepção foi proposta por Jauss (1975 apud LIMA, 2002), para a experiência estética não mais a limitação da compreensão de uma obra centralizada no significado, como propunham as teorias historicistas anteriores, e, tampouco centralizada na identidade do autor, mas sim a sintonia em um trinômio que

considerasse a “compreensão fruidora e na fruição compreensiva” (JAUSS, 1975 apud LIMA, 2002, p. 69), incluindo à análise da obra e do autor a experiência do leitor.

O postulado platônico, no qual predominava a verdade artística sobre sua experiência, é apontado por Jauss como o grande responsável pela simples apresentação da arte e de sua história como “história da obra e de seus autores” (JAUSS, 1975 apud LIMA, 2002, p. 68). A proposta de Jauss é que a práxis estética da arte deva ser reconsiderada e as questões referentes à atividade produtora, receptora e comunicativa, ainda em sua maioria não resolvidas, sejam recolocadas.

Uma das principais implicações da teoria de Jauss, diz respeito à recepção de leitores. Jauss preconiza como uma boa leitura aquela que proporciona algo ao leitor. Nas palavras de Jauss (1994)¹², a *Katharsis*, é descrita como uma experiência de leitura que liberta o leitor das opressões e dilemas da sua vida prática, levando-o a uma nova percepção das coisas.

A reescrita da história da literatura é fundamentada, pelo autor, por sete teses. Na primeira tese a história da literatura passa a ser abordada a partir do processo de produção e recepção estética, que ocorre quando o texto é atualizado por parte do leitor. O ato de despertar a lembrança do que já foi lido refere-se à sua segunda tese. A evocação, comentada por Jauss (1994), refere-se ao horizonte de expectativas do leitor, que se destrói lentamente ao avançar a leitura. A reconstrução desse horizonte é do que trata a terceira tese. De tal maneira torna-se possível verificar o nível artístico de tal obra a partir do que ela provoca no leitor. Na quarta tese verifica-se então a questão histórica, no que se refere à época em que foi escrito o texto e a história de sua recepção. A partir daí surge a quinta tese, que possibilitará inserir a obra em sua série literária, em uma espécie de história de sua recepção. De tal forma Jauss evidencia que o caráter de uma obra não pode ser percebido rapidamente, pois é necessário um longo tempo de recepção para se revelar o que se pensou e o que se percebeu a respeito do texto. A sexta premissa revela um amplo sistema de relações na literatura de um momento histórico, uma vez que a literatura que surge para um público se decompõe sobre o que era comum em seu gênero. Nesse quesito o leitor percebe as obras de seu tempo e as relaciona com as outras, compondo, a partir da diversidade “um horizonte comum e significativo de expectativas” (JAUSS, 1994, p. 52). A sétima tese discorre sobre a importância da função social da literatura. Na visão de Jauss, a visão social se dá

¹² A primeira edição é de 1967.

no momento em que a experiência literária faz parte de seu horizonte de expectativas, ou seja, no momento em que a literatura cumprir o papel de estabelecer a relação entre outras formas de comportamento social. Sendo assim o momento mais importante é o da “frustração de expectativas” (JAUSS, 1994, p.52), tanto no campo científico, quanto na diversificação das experiências vividas pelo leitor.

A partir das sete teses de Jauss fica clara a nova visão da experiência estética. Para o autor, não reside no ato de compreender e interpretar o significado de uma obra, tampouco desvendar a intenção dada pelo autor como um elemento mágico a ser descoberto a fim de obter a fruição e o prazer estético. Para Jauss “A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva” (JAUSS, 2002, p.69).

São três as atividades simultâneas e complementares introduzidas por Jauss para explicar a concretização do prazer estético: *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katarsis*. A *Poiesis* refere-se à participação do leitor no processo de criação da obra, pois quanto maior a técnica narrativa do autor, maior é a sua expectativa de participação do leitor a partir dos espaços a serem preenchidos por ele. Por sua vez, a *Aisthesis* diz respeito ao prazer estético ante a percepção do imitado, uma visão de mundo através da experiência da arte, por sua vez afirmadora da autônoma ação humana através da história das relações sucessivas de domínio. A partir dessa função que se promove a renovação da percepção de mundo através da obra de arte, que amplia as possibilidades e proporciona novos modelos além dos ora estabelecidos. A *Katarsis* é o processo comunicativo. Conhecida herança de Aristóteles, diz respeito ao processo de alívio causado no leitor a partir da fruição do texto literário. O momento de comunicação da obra com o leitor, ampliando suas expectativas e transformando sua perspectiva psíquica: “aquele prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o espectador tanto à transformação de suas convicções quanto à liberação de sua psique” (JAUSS, 2002, p. 101).

A fenomenologia, que analisa um leitor individual, é a vertente que mais se aproxima da abordada por Iser através da Estética da Recepção e, aliada ao interesse na dimensão coletiva da leitura, descrita acima, compõe a teoria base para se estudar o leitor proposto nessa dissertação.

A análise de Iser a respeito da interpretação da leitura considera que a interpretação do texto deve considerar, em primeiro lugar, o leitor e os efeitos causados

nele pela leitura. Leva-se em conta que a leitura causa efeito particular em cada leitor e que ainda pode causar diferentes efeitos após diferentes leituras em um mesmo leitor.

O autor deixa claro que não se pode entender o texto apenas como um remanso de busca de significados que não são oferecidos por outras instituições como a religião, por exemplo. Deve-se levar em conta, na visão de Iser, que o sentido do texto não pode ser reduzido a uma significação referencial e que o significado não pode ser reduzido a um status de coisa, esboçado por uma estrutura, por assim dizer “interpretável”. Sendo assim, a arte como representação do todo acaba ficando para trás, pois, nas condições atuais, a obra artística perdeu o antigo status de cópia do real, assumindo sua parcialidade. A leitura dos textos torna-se indispensável também, pois, a simples busca de uma significação no texto em nada atua sem a consumação do ato da leitura. A interpretação, portanto, não deve revelar o sentido do texto a quem lê, mas sim escolher como seu objeto as possibilidades da construção desse sentido. Assim, a interpretação, nas palavras de Iser (1996), “deixa de explicar uma obra e, em vez disso, revela as condições de seus possíveis efeitos” (1996, p. 47).

Os dois polos apresentados pela obra literária – o artístico e o estético – sendo que o artístico é o trabalho realizado pelo autor e o estético a plena realização do texto na leitura realizada pelo leitor, estabelecem a convergência descrita por Iser (1996). Tal contribuição do leitor ao texto é observada nas teorias da fenomenologia e na Teoria do Efeito do autor. A partir dessa perspectiva devemos considerar o texto não pela possível pergunta “qual o significado do texto” ou “o que nos diz esse texto”, mas pela pergunta “como esse texto atua ao ser consumido uma ou mais vezes por determinado leitor“, uma vez que os textos existem não apenas para passar conhecimentos e atribuir significados, mas para o leitor e não para elucidar dúvidas, mas para provocar novas dúvidas e ampliar a gama de significados ao leitor de acordo com suas vivências, experiências e até leituras anteriores.

Os chamados “espaços vazios” contidos nos textos podem parecer estruturas vazias e falhas textuais. São justamente essas “falhas” que Iser usa para justificar a presença da estrutura que permite a participação ativa do leitor. Sem tais espaços, a participação do leitor se torna uma atividade de interpretação e busca apenas das mensagens diretas deixadas pelo autor. É importante destacar que, na teoria de Iser, as estruturas textuais tem sua importância e que, aliadas às estruturas “ditas” do texto, compõem a significação. Tal significação pode se ampliar e transcender o tempo nas leituras realizadas por diferentes leitores em diferentes épocas. Tal acontecimento só

vem a enriquecer ainda mais o texto que permite tais aberturas e consolidar a participação chave do leitor no trinômio autor-leitor-obra.

Não podemos, a partir dessa intencionalidade, deixar de lado a compreensão de que o autor orienta, através das estruturas, como será guiada a leitura. Porém, tal orientação é por demais subjetiva e as instruções orientam por diversos caminhos que proporcionam as leitores múltiplas variações de acordo com suas experiências e conhecimento. O chamado “leitor ideal”, de Iser, diferencia de outros tipos de leitor, constituindo-se uma ficção, pois ele deveria ser capaz de realizar, na leitura, todo potencial de sentido do texto de ficção. Tal idealização não se configura como possível, pois representa uma idealização. É possível perceber tal idealização quando observamos a diferença na constituição de sentido que produz uma segunda leitura de um texto. A partir de tal perspectiva Iser prefere tratar do chamado leitor implícito, que, nas palavras do teórico “não tem existência real”, uma vez que “materializa o conjunto das pré-orientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis” (ISER, 1996, p. 73). Sendo assim, o leitor implícito trata-se de uma estrutura textual que, da mesma forma que o que se espera do narrador ou das personagens, acaba por conduzir os leitores empíricos durante o ato da leitura. Tal leitor implícito pressupõe e antecipa, por ser uma estrutura do texto, a presença do receptor.

Iser amplia ainda a ideia de estrutura do texto ao comentar que o texto representa uma perspectiva de mundo, não sendo apenas uma cópia do mundo como sugeria a arte clássica da antiguidade:

Ora, o texto literário não apresenta uma perspectiva do mundo e de seu autor, ele próprio é uma figura de perspectiva que origina tanto a determinação dessa visão, quanto a possibilidade de compreendê-la. O romance é paradigmático na verificação disso. Ele tem uma estrutura perspectivista que compõe-se de algumas perspectivas principais que podem ser claramente diferenciadas e são constituídas pelo narrador, pelos personagens, pelo enredo (*plot*) e pela ficção do leitor. Qualquer que seja a posição dessas perspectivas do texto na hierarquia, nenhuma delas se identifica exclusivamente com o sentido do texto. Ao contrário, elas marcam em princípio diferentes centros de orientação no texto, que devem ser relacionados, para que se concretize o quadro comum de referências. (ISER, 1996, p. 74)

Dessa forma fica claro o caráter de imagem do texto, pois ele só se atualizará na consciência imaginativa do receptor. O papel da leitura agindo sobre o leitor se realiza individual e historicamente, quando são concebidas as vivências individuais e experiências diversas do leitor. O horizonte de expectativas também se faz presente

através da bagagem que os leitores introduzem na leitura, gerando um “episódio” particular a cada leitor.

A interação texto-leitor, na visão de Iser, é promovida pela assimetria. As diferenças entre texto e leitor causam estranhamento e proporcionam do devido efeito. Os estímulos para o prosseguimento da leitura consistem no diálogo estabelecido com o que não está escrito no texto, fazendo com que o leitor constitua o significado. Assim, o efeito se configura na diferença entre o dito e o significado atribuído pelo leitor. A essa abordagem Iser chama: estrutura de tema e horizonte.

As relações existentes nos quesitos tema e horizonte possibilitam ao leitor a compreensão do texto e compõe a estrutura que é central para que se alcance a apreensão. A partir então de uma estrutura principal, que converge para as estruturas textuais, produz-se uma tensão que amplia as interações, finalmente concebendo uma terceira dimensão, que é a produtora do objeto estético, objeto este que vem da imaginação e que só pode ser produzido pelo leitor e através de esquemas inesperados, pois o ato de indeterminação do objeto estético no texto é que torna necessária a sua apreensão por parte do trabalho imaginativo do leitor.

As perspectivas orientam a organização interna de um texto. Em uma narrativa pode-se conceber quatro perspectivas que possibilitam que elementos sejam selecionados para permitir a compreensão do texto. São elas: a perspectiva do narrador, das personagens, da ação narrativa ou enredo e da ficção marcada pelo leitor. Porém, nenhuma delas assume totalmente a responsabilidade pelo objeto intencionado do texto, pois cada uma delas pode apresentar uma visão particular de um determinado objeto. De tal modo, a constituição do objeto estético só pode ocorrer a partir de pontos de vista diferentes e através de um leitor que se oriente por seus pontos de vista.

O tema é aquilo que se fixa perante um determinado horizonte de outras segmentações nas quais outrora se fixava. Assim se constitui o primeiro plano da leitura. O que fica em segundo plano é o horizonte, no qual o tema se sobressalta. O horizonte, por sua vez, não se constitui arbitrário, mas se consolida a partir dos segmentos que foram tema nas fases anteriores da leitura. Tal relação entre tema e horizonte constituem o objeto estético e as alterações de compreensão e ampliação do horizonte são constantes como observa Iser:

[...] o ponto de vista em movimento do leitor não cessa de abrir os dois horizontes interiores do texto, para fundi-los depois. Esse processo é necessário porque, como vimos, somos incapazes de captar um texto num só momento (ISER, 1999, p. 17).

A partir de tal raciocínio fica claro que o texto só pode ser apreendido como objeto estético após fases consequentes de leitura. A perspectiva do leitor é a de um ser que se move constantemente no interior do texto experimentando-o a partir das fases. As informações contidas no texto, portanto, estão sempre em maior número do que a capacidade de apreensão do leitor no ato da leitura. Com a perspectiva de que o texto nunca se realizará completamente para o leitor surge sempre a possibilidade de uma nova leitura, um algo novo a se revelar.

A Teoria do Efeito de Iser (1999) torna-se então essencial para a compreensão da forma como o texto de literatura fantástica de vampiro é recebido pelos jovens leitores e para a verificação de como seus espaços são preenchidos atualizando a leitura.

3.4 Estado da questão: pesquisa em literatura juvenil no Brasil

[...] Se *ler livros* geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura do voo das arribações que indicam a seca – como sabe quem lê *Vidas secas* de Graciliano Ramos – independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros. (LAJOLO, 2002, p. 7)

Em suas obras: *Literatura: arte, conhecimento e vida* (2000) e *Panorama histórico da Literatura Infantil/Juvenil: Das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo* (2010)¹³, a Professora Titular da Universidade de São Paulo e Pesquisadora Crítica Literária Nelly Novaes Coelho, ao analisar as tendências atuais da Literatura Infantil/Juvenil brasileira delinea que não há uma literatura ideal absoluta e que as obras correspondem e se adaptam a um tipo de leitor, situado a uma determinada época:

¹³ A primeira edição é de 1981.

Analisando a natureza dessa literatura, neste limiar de século XXI, conclui-se que hoje *não há um ideal absoluto* de Literatura Infantil/Juvenil (nem de nenhuma outra espécie literária). Será “ideal” aquela que corresponder a uma certa necessidade do tipo de leitor a que ela se destina, em consonância com a época em que ele está vivendo. (COELHO, 2010, p.289)

Tendo em vista tal observação, além do crescente interesse dos jovens da atualidade por diversos gêneros literários, o que se evidencia pelo crescente interesse da Indústria Cultural por esse lucrativo filão, cabe observar que, desde os anos 1970, diversas universidades brasileiras tem se interessado pelo objeto literário destinado ao público jovem.

Através de meios acadêmicos, Congressos, Seminários, Grupos de pesquisas, o tema tem se desenvolvido e atraído o interesse de acadêmicos e pesquisadores em diversas regiões do país. Destacam-se pesquisadores de renome nacional e internacional, como a Professora Dra. Vera Teixeira de Aguiar, da PUC/RS, o Professor Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, da UNESP/SP e a Professora Dra. Maria Zaira Turchi, com uma importante contribuição no campo de estudos a Universidade Estadual de Maringá, motivadora da pesquisa constante nessa dissertação. A UEM possui, em sua graduação, uma disciplina destinada aos gêneros infantil e juvenil. Surgem dessa Universidade trabalhos como os da Professora Dra. Rosa Maria Graciotto Silva e da orientadora desta dissertação, a Professora Dra. Alice Áurea Penteado Martha.

Tal diversidade de pesquisadores e estudiosos do tema, que vem se alastrando e diversificando, se deve especialmente ao fato de que o gênero literário em questão, abandonado por grande parte dos estudiosos em literatura – em detrimento da literatura “dita” adulta –, vem se modernizando desde a década de 1970, quando a qualidade estética passou a ser considerada em detrimento do caráter exclusivamente pedagógico das obras. Em um primeiro momento um importante olhar foi destinado à literatura infantil. Coelho (2010), em um percurso histórico, ressalta a passagem de um “boom da literatura infantil” ocorrida entre os anos 1970-1980, na era pós-extinção do Ato Institucional nº 5 e da abertura do Governo Figueiredo:

A explosão de criatividade, que na década anterior ocorrera na área da Música Popular Brasileira, em meados dos anos 1970 vai-se dar com a Literatura Infantil/Juvenil (e também com o teatro Infantil). O chamado “boom da Literatura infantil” repercute além fronteiras. Foram inúmeras as distinções concedidas no Exterior a essa nossa produção (seja através de prêmios ou de traduções). Em 1983, o Prêmio Internacional Hans Christian Andersen (espécie de Nobel da Literatura Infantil) foi concedido ao Brasil, pelo conjunto da obra de Lygia Bojunga Nunes e, em 2009, à obra de Ana Maria Machado (COELHO, 2010, p.283).

A literatura de subsistema Juvenil, por sua vez, foi objeto de interesse do Grupo de Pesquisa Interstícios, coordenado pela Professora Dra. Vera Teixeira de Aguiar e que integrou docentes de quatro cursos de Pós-graduação (PUC-RS/UEM/UNESP e UFG) sob a temática “Literatura juvenil e leitura”. O grupo visava à produção de pesquisa coletiva original e sistemática sobre o tema e a realização de reflexões acerca da existência de um específico Juvenil dentro do campo mais amplo da literatura. O coordenador da equipe de trabalhos da UNESP – campus de Assis, Dr. João Luís Cardoso Tápías Ceccantini, merece especial atenção por seu trabalho na busca do reconhecimento da existência do subsistema. Sua tese de doutorado *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil premiada (1978/1997)* é um dos estudos de vanguarda a respeito da literatura juvenil brasileira. Nesse importante campo de estudo outras obras merecem destaque como *Literatura Juvenil em questão: aventura e desventura de heróis menores* (Cortez, 2001), da estudiosa Malu Zoega de Souza e *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil* (2010) organizado por Vera Teixeira de Aguiar, João Luís Cardoso Tápías Ceccantini e Alice Áurea Penteadó Martha.

Outros trabalhos, provenientes dos cursos de Pós-graduação, podem ser encontrados nos bancos de dissertações e teses das Universidades pelo país, demonstrando a evolução da pesquisa e o aumento do número de pesquisadores que tem se debruçado sobre o que é produzido para a leitura dos jovens no Brasil. Outro dado importante a se ressaltar é o fato de que diversas Universidades e pesquisadores no Brasil tem se interessado por um campo de pesquisas até então pouco explorado: a literatura de subsistema juvenil.

Há um número considerável de pesquisadores, mesmo que aqui não citados, tem publicado com frequência seus resultados em pesquisas na área e produzem trabalhos de grande relevância para a pesquisa científica e na tentativa de identificação do subgênero.

Como se pode perceber, até então, diversos tem sido os trabalhos acerca da literatura juvenil e infantil. Como se sabe o reconhecimento da literatura infantil vem desde o Século XVIII, com o advento da Burguesia. Nesse período a mesma literatura destinada às crianças era legada aos jovens. A partir desse reconhecimento percebemos que muito há que se pesquisar em literatura juvenil, que, como subgênero, configura-se como objeto novo aos olhos dos estudiosos.

A seguir abordaremos as possibilidades e (in) definições da literatura fantástica e da construção do elemento fantástico, que auxiliará na compreensão das narrativas objeto desta dissertação.

3.5 A literatura fantástica: gênero ou subgênero ?

Desde idos do Século XVIII a definição do gênero fantástico tem sido discutida na literatura. Porém, é a partir do Século XIX que se atinge a “maioridade” em relação à discussão sobre o tema, legando ao Século XX um maior desenvolvimento de sua teoria a partir de estudos de teóricos como Sartre, H.P. Lovecraft, Tzvetan Todorov, Jorge Luís Borges, dentre outros.

A rejeição do pensamento teológico medieval e da metafísica realizada pelo Século das Luzes proporcionou, segundo diversos estudiosos, o surgimento do fantástico.

Em sua obra *O fantástico* (1986), Selma Calazans Rodrigues questiona “mas onde estaria o lugar do fantástico em uma sociedade que rejeita a metafísica?” (RODRIGUES, 1986, p. 27). Uma explicação possível para a indagação de Rodrigues pode derivar do fato de que, em uma sociedade pautada pelo racionalismo e pelo cientificismo, o elemento fantástico cumpre a função de preencher um espaço vazio – perante um fato interpretado como sobrenatural – deixado pelas teses não explicadas pelas leis naturais através do racionalismo e do pensamento crítico.

O fantástico visto de uma perspectiva mais ampla (que considera o Realismo e o Naturalismo, do Século XIX, como realismo estrito), *latu sensu*, é descrito, na visão de Rodrigues, como a mais antiga das formas literárias, uma vez que não tinha compromisso em narrar histórias reais que apresentassem comprometimento com o cotidiano

A partir desse ponto de vista amplo, podemos dizer que a mais antiga forma de narrativa é a fantástica. Frequentemente o autor argentino Jorge Luís Borges, ao ser interrogado sobre sua preferência por essa modalidade de narrativa, afirma que se baseia no fato inelutável de sua antiguidade (...) (RODRIGUES, 1986, p. 14)

Com o intuito de ampliar a discussão acerca do surgimento do gênero fantástico a autora relata que diversos estudiosos concordam que o nascimento do fantástico, como gênero definido – *stricto sensu* nas palavras da autora - localiza-se entre os Séculos XVIII e XIX:

O fantástico, no sentido estrito, se elabora a partir da rejeição que o Século das Luzes faz do pensamento teológico medieval e de toda a metafísica. Nesse sentido ele operou uma laicização sem precedentes do pensamento ocidental. Pensar o mundo sem o auxílio da religião ou de explicações metafísicas, essa é a grande proposta do século XVIII. Para essa orientação do pensamento, muito contribuiu a influência do empirismo inglês, de Locke e de todo o pensamento antimetafísico. A partir daí, como diz Irène Bessière, temos a desconstrução de um verossímil de origem religiosa “pelo jogo de uma racionalidade suposta comum ao sujeito e ao mundo”. (RODRIGUES, 1986, p. 27)

Foi com Tzvetan Todorov que, com sua *Introdução à literatura fantástica* (2007)¹⁴, o tema foi desenvolvido com maior amplitude, na observação de Felipe Furtado: “Trata-se do primeiro trabalho sobre o gênero que o estuda de uma forma global, integrando-o nas categorias mais gerais do discurso literário e atentando exclusivamente nos problemas da estrutura textual em si.” (FURTADO, 1980, p.14)

Em sua tarefa de definir o que representa o elemento fantástico na literatura, Tzvetan Todorov, ao escrever *Introdução à literatura fantástica*, recorre à definição de gêneros literários de Northrop Frye, comentando-a a luz de sua teoria: “A expressão “literatura fantástica” refere-se a uma variedade da literatura ou, como se diz comumente, a um gênero literário” (TODOROV, 2007, p. 7).

Um livro, por sua vez, segundo as palavras do teórico, não pertence mais a um gênero determinado, pois “todo livro depende da literatura” (2007, p.12). Emprestando ainda as palavras de Gerard Genette a respeito de tais problemáticas acerca do gênero literário “O discurso literário se produz e se desenvolve segundo estruturas que só pode realmente transgredir porque as encontra, ainda hoje, no campo de sua linguagem e de sua escrita.” (GENETTE, 1969, p. 15 apud TODOROV, 2007, p. 12)

O fato de que é necessário considerar as estruturas existentes nas obras literárias para, a partir das estruturas conhecidas, transgredi-las e produzir novos objetos estéticos é corroborada pela análise de Todorov que analisa a importância do reconhecimento dos

¹⁴ A primeira edição é de 1970.

gêneros ao lembrar-nos que “De uma maneira mais geral, não reconhecer a existência de gêneros equivale a supor que a obra literária não mantém relações com as obras já existentes” (2007, p. 12). Para avançar na discussão acerca da teoria dos gêneros, necessária ao reconhecimento da narrativa fantástica como variedade literária, Todorov discute a teoria dos gêneros, presente na *Anatomia da crítica* (1967), de Northrop Frye, por considerá-la como uma das mais notáveis na história da crítica até então, e enumera sua teoria a partir de seis traços principais.

O primeiro traço diz respeito ao fato de que os estudos literários devem ser encarados com a mesma seriedade com a qual tratamos as outras ciências. A segunda característica refere-se a uma consequência da anterior: “afastar dos estudos literários qualquer juízo de valor sobre as obras” (2007, p. 13). O sistema literário, formado pelas obras literárias ocupa o terceiro traço. A necessidade de distinguir a sincronia das obras de sua diacronia diz respeito ao quarto traço. Em outra instância não se deve reconhecer o discurso literário como verdadeiro ou falso, pois, ele só faz relações com as premissas próprias do discurso. O fato de a literatura ser criada a partir da literatura e não da realidade diz respeito à literatura ser, na visão do autor, reinvenção de outra literatura já existente, completando assim o sétimo traço.

Os modos de ficção são classificados por Todorov, ainda segundo a linha teórica de Frye. Os modos de ficção são definidos, segundo as observações do formalista russo, a partir da relação existente entre o herói do livro e nós mesmos ou as leis da natureza. São cinco as classificações definidas pelo estudioso: no gênero denominado *mito*, o herói tem uma superioridade (de natureza) sobre o leitor e sobre as próprias leis da natureza. Quando o herói exerce uma superioridade de grau sobre o leitor e sobre as leis da natureza, encontra-se o gênero *lenda* ou *conto de fadas*. Na ocorrência da superioridade de grau do herói sobre o leitor, mas não havendo a superioridade do mesmo herói sobre as leis da natureza, encontramos o gênero chamado *mimético alto*. O gênero *mimético baixo* ocorre então quando o herói apresenta igualdade com o leitor e com as leis da natureza. Para fechar essa categoria Todorov destaca que a *ironia* ocorre enquanto gênero quando o herói é inferior ao leitor.

Outras categorias fundamentais, nas palavras de Todorov, baseando-se na teoria de Frye, são as da *verossimilhança*, que considera o fato de que uma narrativa pode ser verossímil ou pode apresentar-se em uma perspectiva onde tudo é permitido e em uma terceira grande categoria, duas são as tendências principais da literatura: o cômico (herói conciliado com a sociedade) e o trágico (herói isolado da sociedade).

Há pontos que são motivo de discordância para Todorov na teoria de Frye, como o fato de que ele não deixa claro, em suas categorias, seu conceito de obra (2007, p. 20). Outras categorias são expostas no estudo de Frye por parte de Todorov, porém, como a discussão que se faz importante a essa dissertação diz respeito à narrativa fantástica e a seus limites procuraremos nos ater às categorias mais específicas que nos ajudem a analisar as duas narrativas ora analisadas.

No que se refere à Literatura Fantástica, Todorov retrata que “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural” (2007, p.31). No Século XIX, Vladimir Soloviov comenta que a possibilidade de se hesitar entre o natural e o sobrenatural é que cria o efeito fantástico. Furtado (1980), por sua vez, observa que afirmar definitivamente que uma história faz parte do gênero fantástico sem, contudo, analisar suas estruturas internas, uma vez que a literatura extrai as formas de si, pode ser algo perigoso:

Assim, uma primeira característica do gênero vem à superfície: nele se encena o surgimento do sobrenatural, mas este é sempre delimitado, num ambiente cotidiano e familiar, por múltiplos temas comuns à literatura em geral, que em nada contradizem as leis da natureza conhecida. (FURTADO, 1980, p. 19).

Outra observação importante quanto ao gênero é a maneira como a percepção do leitor implícito ocorre no texto. Todorov afirma que ela “está inscrita no texto com a mesma precisão com que o estão os movimentos das personagens” (2007, p. 37). A primeira condição para o fantástico apresenta-se como “hesitação do leitor” diante do objeto. Porém, não implica o fantástico apenas quando ocorre na obra um fato estranho “que provoca hesitação no leitor e no herói”, mas também na forma de leitura adotada pelo leitor.

Três condições são elencadas para definir o fantástico, na visão do autor, primeiramente aparece à necessidade de que o texto “obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados” (2007, p. 39). Em um segundo momento a mesma hesitação experimentada pelo leitor é compartilhada e representada pela personagem, fechando assim um ciclo de união que legitima a hesitação internamente e externamente ao texto. Uma terceira condição refere-se à atitude do leitor para com o texto: “ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação poética.” (2007, p. 39).

Todorov acentua que, para Lovecraft, não está na obra o critério necessário para o fantástico, mas na “experiência particular do leitor; e essa experiência deve ser o medo” (2007, p. 40). A atmosfera criada acaba sendo o critério definitivo para dar a validade requisitada pelo texto fantástico “Um conto é fantástico muito simplesmente se o leitor experimenta profundamente um sentimento de temor e de terror, a presença de mundos e poderes insólitos” (LOVECRAFT, 1945, p. 16 apud TODOROV, 2007, p. 40). Furtado (1980) acrescenta, ao analisar Todorov, que “qualquer narrativa fantástica encena invariavelmente fenômenos ou seres inexplicáveis e, na aparência, sobrenaturais” (FURTADO, 1980, p. 19).

Os fenômenos e seres inexplicáveis rondam a experiência do medo, que, por sua vez representa a angústia da vivência e a esperança de uma salvação tanto para os males visíveis, quanto para os males invisíveis que aterrorizam a humanidade. Nesse sentido Todorov (2007) retoma o conceito de Marcel Schneider: “O fantástico explora o espaço interior; tem uma estreita relação com a imaginação, a angústia de viver e a esperança de salvação” (SCHNEIDER, 1964, p. 149-149 apud TODOROV, 2007, p. 42).

Porém, cabe observar, que o fantástico “puro”, definido por Todorov (2007) é raro, pois poucas narrativas seguiam o princípio considerado ideal pelo teórico: manter no leitor a hesitação entre escolher uma explicação natural ou sobrenatural para os fenômenos ocorridos na narrativa.

Considerando a aplicação da teoria de Todorov nos livros em questão nesta dissertação, não encontramos a possibilidade de hesitação por parte do leitor que as classificasse como fantásticas “puras”, alcançando, os livros, o caráter do fantástico-maravilhoso, no qual, como observa Todorov (2007) ocorrem “narrativas que se apresentam como fantásticas e que terminam por uma aceitação do sobrenatural” (TODOROV, 2007, p. 58).

A “aceitação do sobrenatural” por parte dos leitores pertencentes à faixa etária pertinente a esta pesquisa, é conectada através do deslocamento do ser (adolescente) com o mundo e por meio da busca por uma identidade em época de transformação adolescência-idade adulta, que traz a angústia e o medo em relação ao futuro. Tal perspectiva torna os livros de Meyer (2005) e Jaf (2009) interessantes aos olhos dos leitores, ainda que não proporcionem a hesitação destacada como importante por Todorov (2007).

Ampliando a noção de gênero discutida por Todorov, observamos o terceiro capítulo de sua obra *Introdução à literatura fantástica* (2007), na qual o autor delinea

os limites entre o estranho e o maravilhoso como vizinhos do fantástico. O autor os diferencia afirmando que a hesitação é característica do fantástico, atuando por meio de um leitor implícito e das personagens, transitando entre um mundo real e um mundo “sobrenatural”, causando assim uma dúvida. No momento em que tal dúvida é definida o fantástico perece, abrindo espaço para outros gêneros. A realização do estranho se dá quando o fato literário pode ser explicado através de leis científicas e naturais. Por sua vez o maravilhoso ocorre quando novas leis da natureza devam ser admitidas para a explicação do fenômeno.

O fantástico, como vimos, dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da “realidade”, tal qual existe na opinião comum. No fim da história, o leitor, quando não a personagem, toma contudo uma decisão, opta por uma ou outra solução, saindo desse modo do fantástico. Se ele decide que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra se liga a um outro gênero: o estranho. Se, ao contrário, decide que devem admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso. (TODOROV, 2007, p. 48)

Relacionando os três gêneros descritos, Todorov (2007) explica que o fantástico pode se desfazer a qualquer instante e parece “localizar-se” (2007, p. 48) no limite entre dois “o maravilhoso e o estranho” (2007, p. 48) sem ter autonomia total enquanto gênero.

Todorov considera o fantástico um gênero passageiro, volátil, e que depende do tempo para seu estabelecimento:

A definição clássica do *presente*, por exemplo, descreve-o como um puro limite entre o passado e o futuro. A comparação não é gratuita: o maravilhoso corresponde a um fenômeno desconhecido, jamais visto, por vir: logo, a um futuro; no estranho, em compensação, o inexplicável é reduzido a fatos conhecidos, a uma experiência prévia, e daí ao passado. (TODOROV, 2007, p. 49)

Dessa forma o autor temporaliza o fantástico, legando-o, segundo sua hesitação, ao presente. Por sua vez posiciona o maravilhoso a uma expectativa futura e o estranho, dada sua difícil explicação, a um passado em relação ao fato exposto no texto.

Outro viés importante acerca do fantástico, na visão de Furtado (1980), deve-se ao fato de que o fantástico deve conter determinado nível de coerência interna, pois se devem respeitar os próprios limites impostos pelo gênero fantástico para sua aceitação por parte do público. Furtado (1980) comenta que não pode haver arbitrariedade no que

se refere à manifestação sobrenatural encenada por meio desse gênero. Alguns princípios gerais devem ser respeitados para que haja a consolidação e a aceitação de determinada obra no meio fantástico estabelecido pelas demais obras já existentes no meio e que abordam o gênero.

Há interessados em literatura fantástica que compartilham a ideia de que é importante a crença em um fato fantástico que deva ser acreditado tanto por leitor quanto pelo autor – para que se tenha um objeto fantástico consolidado – e, no caso mais específico de Todorov, o que marca a literatura fantástica – como já dito anteriormente – é a hesitação, ou seja, o fato de se vacilar na certeza entre o natural e o sobrenatural, estabelecendo o gênero a partir da incerteza. Na visão de Furtado (1980) a capacidade de se demonstrar o sobrenatural de uma maneira aceitável e de realizar a manutenção constante, de forma nunca resolvida, entre os dois mundos: natural e sobrenatural, sem permitir que o texto aceite ou refute a possibilidade de certeza quanto ao fato fantástico expresso é que realizam a verdadeira essência do fantástico.

Na ampliação do gênero fantástico, para Todorov, chegando às categorias já comentadas: estranho e maravilhoso, o autor sugere ainda a existência de outros subgêneros, o estranho-puro; o fantástico-estranho; o fantástico-maravilhoso e o maravilhoso-puro. O estranho puro corresponde, como subgênero, à “pura literatura de horror” (2007, p. 53), realizando, como diz Todorov: “uma só das condições do fantástico” (2007, p. 53). Ao definir o fantástico-estranho Todorov (2007) comenta sua representação “Começamos pelo fantástico-estranho. Acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo de toda a história, no fim recebem uma explicação racional.” (TODOROV, 2007, p. 51)

No caso do fantástico-estranho, definido por Todorov, os acontecimentos não poderiam ser classificados como puros, pois seu fator fantástico se dilui ao ocorrer à quebra da hesitação – tão importante para a definição que Todorov já descrevera como fantástica – ao se revelar o fato causador do fenômeno. O fantástico-maravilhoso encontra-se na classe das narrativas nas quais ocorre a aceitação do fato sobrenatural, que ocorrem quando não há uma explicação para o fato sobrenatural, que é aceito pelo leitor. Rodrigues (1986), em sua teoria, define o maravilhoso, em definição da teoria literária, como “a interferência de deuses ou de seres sobrenaturais na poesia ou na prosa (fadas, anjos, etc.)” (RODRIGUES, 1986, p. 54).

No que se refere ao fantástico contemporâneo, podemos destacar, a partir das definições acerca do maravilhoso e do fantástico na literatura, que o acontecimento

sobrenatural ocorre diante de um mundo que, por si só não se apresenta como natural. Tal ocorrência tende a encerrar a hesitação presente no fantástico-puro. A aceitação ou não do fato sobrenatural, por parte do leitor implícito, é que possibilita a hesitação.

Encontramos em Sartre (2005)¹⁵, uma definição diferenciada do ponto de vista da análise alegórica, que ameaça a aceitação do fantástico e a aproxima de uma conceituação tradicional. O autor francês delineia que o fantástico contemporâneo, presente no Século XX, derivaria do fantástico tradicional, do Século XIX e teria em Kafka seu grande representante. O exemplo utilizado por Sartre analisando *Aminadab* (1942), de Blanchot e Franz Kafka:

Ora, Blanchot afirma que não havia lido nada de Kafka quando escreveu *Aminadab*. Isso nos deixa tanto mais à vontade de admirar por qual estranho encontro esse jovem escritor, ainda inseguro de seu estilo achou para expressar algumas ideias banais sobre a vida humano o instrumento que reproduzira sons inauditos sob outros dedos.

Não sei de onde vem essa conjunção. Ela me interessa tão-somente porque permite aventar o “derradeiro estágio” da literatura fantástica. Pois o gênero fantástico, como os outros gêneros literários, tem uma essência e uma história, esta sendo apenas o desenvolvimento daquela. O que deve ser então o fantástico contemporâneo para que um escritor francês e convicto de que é preciso “pensar em francês” possa se encontrar, ao valer-se desse modo de expressão, com um escritor da Europa Central? (SARTRE, 2005, p. 136)

Sartre referenda ainda, de forma muito radical ao analisar o gênero contemporaneamente, que o fantástico “ou não existe, ou estende-se a todo universo”. Tal definição leva em conta que o convencimento do leitor implícito quanto aos acontecimentos naturais encontra-se prejudicada, no avançar do Século XX, e que tal convencimento – que gerava a anteriormente aventada hesitação – não possui mais o efeito desejado.

O convencimento do leitor, no fantástico contemporâneo, também é abordado por Arrigucci (1987), ao comentar que “... quando a técnica não malogra, o leitor, levado pela sua cumplicidade, acentua sua participação, mergulhando no ficcional” (ARRIGUCCI, 1987, p.47).

Neste ponto da discussão fica evidente que o narrador deve cumprir o papel de conduzir os leitores, tanto do fantástico tradicional quanto do contemporâneo, à construção de um mundo sobrenatural. Assim, não representaria o mundo natural criado na obra um mundo artificial ou mascarado. Sartre, portanto, não admitia a possibilidade

¹⁵ A primeira edição é de 1938.

de que um elemento fantástico ocorresse em um mundo de ordem natural transformando-o em um mundo fantástico.

Sartre ainda define que, no fantástico contemporâneo o mundo é habitado por seres humanos e naturais, transcrevendo então a condição humana atual. Tal ordem inverte o fantástico tradicional, no qual o homem é apenas um “objeto” e não o “objetivo”, como o autor observa no fantástico contemporâneo.

Outro perigo apontado por Sartre, no que se refere ao fantástico contemporâneo, refere-se ao fato de que o estabelecimento do mundo sobrenatural pode ser impedido pela propagação, no texto, de ideias filosóficas e morais no transcurso da narrativa.

Tanto as ideias do maravilhoso classificado por Sartre como o real conhecido e estabelecido como mundo natural afastam-se do mundo contemporâneo descrito. O comportamento humano não é meio adequado onde leis não naturais determinem tal conduta. Porém, sob outro prisma, mesmo na ocorrência de uma não normalidade, a contemporaneidade não se apresenta como meio onde as leis não naturais pautem o comportamento de seus seres habitantes. Ainda em um terceiro viés possível podemos concordar que o fantástico contemporâneo explora um mundo improvável face às leis naturais.

Diversos são os teóricos que abordam a literatura fantástica e suas possibilidades e poucos os trabalhos acadêmicos que versam sobre o tema atualmente. A literatura de vampiro cumpre um interessante fascínio por parte dos leitores atualmente e como fenômeno literário merece nosso interesse especial.

3.5.1 Literatura fantástica: a origem do vampiro que chegou ao Brasil

A literatura fantasista apresenta o mundo maravilhoso, criado pela imaginação, e que existe fora dos limites do real e do senso comum.

Nesse universo literário, prevalece a fantasia sobre a razão. (COELHO, 2010. p. 290)

A partir da criação do *Drácula*, de “Bram” Stoker, – romance gótico publicado em 1897 e considerado epígrafe do Século XIX – a figura imaginária do vampiro começa a circundar a mente humana de maneira mais presente, assustadora, aterradora e fascinante. Na busca da fonte das (in) satisfações humanas através da compreensão do elemento fantástico na narrativa contemporânea podemos, em um primeiro momento,

recorrer a Jorge Luís Borges e a seu *O Livro dos seres imaginários* (2011)¹⁶. Na tentativa de localizar o ser sobre-humano *vampiro*, tão presente no imaginário popular, nas 116 entradas da enciclopédia literária de BORGES (2011), percebemos a ausência do famigerado ser. Tal ausência é comentada pelo próprio autor em seu prólogo, escrito em Setembro de 1967:

Um livro dessa índole é necessariamente incompleto; cada nova edição é o núcleo de edições futuras, que podem multiplicar-se ao infinito. Convidamos o eventual leitor da Colômbia ou do Paraguai a enviar-nos os nomes, a fidedigna descrição e os hábitos mais conspícuos dos monstros locais. (BORGES, 2011, p. 9)

É possível notar, ao fazer visitas à enciclopédia de Borges, que, dentre tantas referências a seres que povoam o imaginário e a literatura dos povos, o vampiro é uma das exclusões, assim como tantas outras. Por se tratar de um trabalho em andamento que poderia ter tantas versões quantas fosse necessário, uma vez que é muito rica nossa capacidade em fabricar monstros e fazê-los agir e falar muitas são as possibilidades de exclusão de figuras fantásticas. Ainda pelo fato de se tratar de um trabalho de catalogação de seres que povoam o imaginário humano e que não tem relação com a realidade observável podemos recorrer a diversas outras fontes que tratam com abundância da questão do vampiro.

A figura do vampiro como concebemos atualmente, apresenta-se consolidada e forte em uma época que podemos considerar como recente na história das histórias da humanidade. O Século XIX nos brinda com as metáforas, linhas, performances e subjetividades inerentes ao vampiro.

Uma das curiosas definições acerca da temida personagem vampiro vem do *Diccionario insólito. Condensado, corregido y aumentado: fantasías, leyendas, santos y profetas, fenómenos reales o imaginarios, milagros, lugares y seres prodigiosos* (2007)¹⁷, de Luis Melnik

¹⁶ A primeira edição, publicada em língua espanhola, é de 1967.

¹⁷ A primeira edição é de 2000.

Vampiro: El vampiro ha gozado de larga y sostenida aunque repugnante fama, gracias a su éxito literario. Si bien su tema fue tratado muchas veces, la difusión en este siglo alcanzó ribetes extraordinarios a partir de 1897 con la publicación de la novela gótica *Drácula* del autor inglés Bram Stoker (1847-1912). El conde Drácula vampiro se convirtió en representativo del género, especialmente como personaje de obras de teatro y decenas de filmes, el primero de los cuales es de 1937, con Bela Lugosi como actor principal. Los vampiros reales son mamíferos quirópteros (del griego *Kheir*, mano, *oieron*, ala), carniceros nocturnos que se alimentan de frutos e insectos y chupan la sangre de animales y humanos dormidos. Vampiresa es una vieja expresión machista para definir a un tipo de “mujer fatal”.

Los vampiros son seres fabulosos, supuestamente fantasmas o espíritus de criminales que retornaban de sus tumbas como monstruos para alimentarse.¹⁸ (MELNIK, 2007, p. 440)

As curiosas definições de Melnik (2007) levam em conta a fama que a lenda vampírica assumiu a partir da publicação da obra de Stoker (1897). Outros destaques dados para o dicionário são os filmes famosos que foram produzidos a partir do famoso livro inglês. Ainda há uma referência real à existência dos morcegos que se alimentam de sangue, além de um adjetivo machista dado a mulheres “aproveitadoras”. A definição fecha com a referência ao ser fabuloso que supostamente tem origem nas lendas de que os criminosos, após mortos, retornavam para alimentar-se de sangue humano. Tal definição parece um tanto condensada e representaria um resumo de algumas crenças que rondam o vocábulo nos dias atuais.

Simbolicamente, encontramos no *Dicionário de Símbolos* (2003)¹⁹, de Jean Chevalier e Alan Gheerbrant uma definição do vampiro de uma forma que o aproxima, mais contundentemente com o jovem – público-alvo de grande parte dos romances onde atuam tais tipos de personagens

¹⁸ Tradução: Vampiro: O vampiro ganhou fama longa e constante, ainda que nojento, graças ao seu sucesso literário. Enquanto o assunto foi discutido várias vezes neste século, a difusão alcançou êxito extraordinário a partir de 1897, com a publicação do romance gótico *Drácula*, do autor inglês Bram Stoker (1847-1912). O Conde Drácula tornou-se representante do gênero, especialmente como personagem em peças teatrais e dezenas de filmes, o primeiro dos quais em 1937, com Bela Lugosi como o ator principal. Vampiros reais, os morcegos são mamíferos (grego *Kheir*, mão, *oieron*, asa), carniceiros noturnos que se alimentam de frutas e insetos e sugam o sangue dos animais e seres humanos dormentes. Vampiresa é uma velha expressão machista usada para definir uma espécie de "mulher fatal".

Os vampiros são seres fabulosos, supostamente fantasmas ou espíritos de criminosos que retornam de suas tumbas como monstros para se alimentar. (MELNIK, 2007, p. 440, tradução nossa)

¹⁹ A primeira edição do *Dicionário de símbolos* é de 1982.

Vampiro

Morto que supostamente sai do seu túmulo para vir sugar o sangue dos vivos. (...) aqueles que foram vítimas de vampiros também transformam-se em vampiros: são esvaziados de seu sangue e, ao mesmo tempo, contaminados. O fantasma atormenta os vivos pelo medo, o vampiro os mata tirando a sua substância: só consegue sobreviver graças a sua vítima. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 30)

O desejo de manutenção da vida, mesmo que por meio da morte, em uma manutenção da vida por meio dela e um “não aceitar a morte” em detrimento de obter o prolongamento da vida são representados pela figura do vampiro, que transita entre essas duas possibilidades: vida e morte, e que pode representar alento à nossa possível e derradeira fatalidade, além de brincar com nosso medo ao criar mais um monstro para aterrorizar ainda mais o imaginário humano já perturbado com o destino certo ao que o corpo humano é sabidamente fadado.

Em um interessante ensaio sobre o vampiro, Aidar e Maciel (1986) salientam que o ser sobrenatural conquistou maior fama em nossa sociedade a partir do século XX, através de narrativas fílmicas sobre Drácula, que impressionavam espectadores entre os anos 1930 e 1940. Porém, a figura fantástico-maravilhosa já aparecia na literatura gótica europeia desde o século XIX, e, aos poucos notamos que as descrições sobre vampiros estavam relacionadas a diversos mitos espalhados em diversas culturas.

O termo *vampiro* é considerado recente historicamente, como podemos observar no ensaio de Aidar e Maciel (1986)

O termo vampiro é relativamente novo. Passou a ser utilizado no século XVIII. As autoridades em linguística divergem quanto à origem da palavra. Há, por exemplo, quem reivindique sua ascendência no termo turco *uber* que significa bruxo ou ainda no termo polonês *upire* que designa sanguessuga. Sem dúvida, há ligação com a palavra húngara *vampir*; mas o que importa é o horror ao *bicho*, uma vez que o conceito está associado a criaturas de terrível espectro: mortos que saem misteriosamente de suas sepulturas, à noite, para buscar sangue fresco dos vivos que dormem. (AIDAR; MACIEL, 1986, p. 9)

Desde os tempos de antigas civilizações com as da Assíria e da Babilônia (2000-1000 a.C.) encontramos lendas que dão conta de seres com características muito semelhantes ao vampiro “moderno”. Grande parte das histórias provém de localidades como Boêmia, Morávia, Sérvia, Transilvânia e Hungria. O mito “vampiresco” certamente não apresenta uma única origem. Diversos povos têm – especialmente em suas narrativas orais – histórias que dão conta da presença do ser mítico.

Uma das histórias consideradas mais antigas sobre esse personagem pode ser encontrada em uma fábula judaica. É possível verificar na referida história que antes de

Eva, Adão possuía outra mulher, chamada Lilith, que ao não aceitar a ser submissa ao primeiro homem criado por Deus foi expulsa do Éden e transformada em uma criatura da noite. Como forma de se vingar, ela matava os filhos de Adão e Eva e alimentava-se de sua carne e sangue.

Na Grécia antiga os “queres”, relatados pelo poeta Hesíodo (800 a.C.), podem ser considerados precursores dos vampiros modernos, como podemos observar através de sua mitologia, em Aidar e Maciel (1986)

As queres eram divindades infernais e vorazes, seres negros alados, com dentes brancos e unhas pontiagudas que se apoderavam do mortal designado, insuflando-lhe pavor e debilitando-lhe o corpo e o espírito. Enterravam impiedosamente as garras na carne do escolhido, despedaçavam-no, sugavam-lhe todo o sangue e mandavam sua alma para o fundo da terra, sombrio reino de Hades onde reinava Plutão, o soberano dos infernos, senhor absoluto dos mortos (AIDAR; MACIEL, 1986, p. 21).

Os habitantes do continente africano possuem, da mesma forma, e com características semelhantes o mito de seres sobrenaturais semelhantes ao do vampiro europeu. Seres possuidores de dentes de ferro, que tomavam sangue de recém-nascidos e devoravam a carne de pessoas que atravessassem seu caminho. Naquele continente, eram colocadas placas de chumbo com textos de conjuração nas testas de pessoas mortas por meios violentos ou por suicídio, para, segundo a crença local, exorcizar os vampiros. Ainda encontramos no ensaio de Aidar e Maciel (1986) a descrição de que, na Idade Média, os “sugadores de sangue” eram representados sob a forma de um morcego ou diabo e sempre eram associados à figura dos morcegos devido ao fato de que tais animais se escondem durante o dia e ainda por que algumas espécies se alimentam do sangue de pessoas e de outros animais.

O continente europeu, no período compreendido entre os séculos XVI e XVIII também foi muito produtivo no que se refere à crença e profusão de seres sobrenaturais e de “mortos-vivos”. A historiadora Mary Del Priore destaca em sua obra *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos XVI – XVIII)* (2000) que as grandes transformações ocorridas no continente europeu, como as sociais, políticas e econômicas trouxeram epidemias, guerras, fome e a frequente presença de cadáveres em decomposição nas ruas e estradas, o que aproximava ainda mais o mundo dos vivos ao dos mortos.

Um fato interessante ocorreu com a legitimação, por parte da Igreja, da existência de mortos-vivos, como destaca Priore (2000)

A publicação do tratado de demonologia *Malleus maleficarum*, em 1484, aprovado pelo papa Inocêncio VIII, abriu as portas para o aparecimento de uma coorte de novas e assustadoras criaturas. Nesse texto, a Igreja reconhecia legitimamente a existência de mortos-vivos. Foi o suficiente para que almas do outro mundo, vampiros e lobisomens invadissem os sonhos e as realidades dos homens modernos, tornando-se elementos constitutivos de sua maneira de ser e pensar. (PRIORE, 2000, pp. 102-103)

Posteriormente, com o advento da Reforma protestante e da Contrarreforma passou-se a acreditar e a temer que os mortos de pestes “mastigavam” embaixo da terra e, por meio de artifícios mágicos, distanciavam-se das pessoas vivas sem morrer completamente.

Priore (2000) ainda destaca que regiões do leste europeu tiveram papel capital para a disseminação das crenças vampírescas, devido à sua geografia

Nos Bálcãs, na Grécia, na parte oriental do Império Austro-Húngaro e na Rússia, o século XVII foi um período capital para a propagação de crenças relativas aos vampiros. Manifestações dos mortos-vivos tinham sido anteriormente atestadas em quase toda a Europa ocidental, em países como a Inglaterra, a França, a Espanha e Portugal. Segundo Jean Marigny, os países do Leste europeu, particularmente pobres e possuidores de regiões montanhosas de difícil acesso, tornaram-se, por excelência, “terras de vampiros”. Afastados das conquistas científicas do renascimento, do progresso material resultante do aparecimento da burguesia, possuíam população majoritariamente constituída por camponeses analfabetos. Estes passaram a ser o público-alvo das narrativas e de histórias sobre vampiros contadas por viajantes. (PRIORE, 2000, pp. 103-104)

Outro fator que ajudou a consolidar as crenças de vampiros em direção a estas regiões do leste europeu foi o fato de que tais nações eram consideradas hereges e pregavam ritos de ortodoxia bizantina, que eram condescendentes com crenças sobrenaturais, muitas vezes, inclusive, adotando-as em suas liturgias.

Foi a partir do século XVIII, que o vampirismo mais se difundiu como crença a partir das regiões orientais da Europa. Priore (2000) destaca que, a partir de uma epidemia de peste, ocorrida em 1710, na região da Prússia, fundou-se o que a historiadora chama de “espécie de idade de ouro do sanguessuga” (2000, p. 107). A Peste Negra ocorrida na França entre 1720 e 1730 e a peste bovina na Sérvia (ocorrida na mesma época), devido à carnificina que propiciaram levantavam suspeitas de que, quando fatos insólitos como os citados ocorressem em larga escala e em determinado

vilarejo tratar-se-ia de obra de um morto-vivo. Tais ocorrências suscitavam investigações e verdadeiras caças aos presumidos “causadores” da calamidade.

Alguns casos particulares de acusação de *vampirismo*, levantados por Priore (2000) em sua obra, aumentavam a fama na crença, como no relato de dois possíveis “vampiros”: o húngaro Pedro Plogojowitz, acusado de ter provocado a morte de oito pessoas no vilarejo de Kizilova e no caso de Arnaldo Paole, em 1731, sobre o qual se abriu séria investigação policial, o que gerou relatório policial intitulado *Visum e repertum*, no qual médicos descreviam a situação de cadáveres exumados em túmulos suspeitos. O caso inclusive circulou em revistas europeias chegando a suscitar discussões científicas sobre a questão do vampirismo. A historiadora destaca ainda que o imperador austríaco, Carlos VI e o rei da França, Luís XV, acompanhavam atentamente o caso Plogojowitz, o que fez aumentar ainda mais o medo e o fascínio pela personagem sobrenatural na sociedade europeia do século XVIII.

Muitas lendas e mitos surgiam para tentar explicar situações inóspitas ocorridas entre os séculos XVI e XVIII, como destaca Martín V. Riccardo, na seção “Breve história cultural dos vampiros”, que abre o *Livro dos vampiros (A enciclopédia dos mortos vivos)* (2003)²⁰, de John Gordon Melton

Morrer após ter vivido do mal era uma causa comum; o alho era uma proteção usual; desenterrar um corpo que não estivesse se decompondo normalmente era um método comum de detecção; malhar o corpo com pedaços de pau ou queimá-lo era um método comum de destruição. Doenças e óbitos inexplicáveis numa determinada localidade poderiam desencadear uma histeria sobre o vampirismo e resultar na exumação e destruição de inúmeros corpos. (RICCARDO, 2003 apud MELTON, 2003, p.10)

Tais práticas geraram na sociedade um culto à crença de que o vampiro realmente existia e a tradição de histórias de medo e horror ligadas ao ser passou a se difundir, fomentando o interesse pela escrita de obras literárias ligadas ao tema.

O século XIX trouxe à cena a consolidação do vampiro como personagem de sucesso na literatura ocidental. O jovem escritor e médico John Polidori, companheiro de viagem do famoso escritor Lord Byron e que esteve presente com o poeta inglês e a escritora Mary Shelley – criadora de *Frankstein* (1818) – nas cercanias de Genebra, onde inventavam histórias de fantasmas, criou, a partir de ideias de Byron sobre o motivo vampírico, o Lord Ruthven. A personagem era um aristocrata viajante que atraía e matava mulheres inocentes a fim de alimentar-se de seu sangue. O conto de Polidori

²⁰ A primeira edição é de 1996.

foi publicado, inicialmente, na edição de abril de 1819, na revista *New Monthly Magazine*. A revista, atribuída erroneamente a Lord Byron é considerada a base da ficção moderna sobre vampiros, segundo aponta Riccardo (2003 apud Melton, 2003) em seu percurso histórico sobre o tema vampírico.

A influência do conto de Polidori (1819) inspirou diversas peças de teatro e outras obras na França e na Inglaterra do século XIX, dando enfoque sempre ao caráter vampírico de Lord Ruthven. Riccardo (2003 apud Melton, 2003) observa também que Polidori (1819) inspirou a criação do primeiro romance sobre vampiros em inglês *Varney the vampyre* (1840), de James Malcolm Rymer. A obra traz um personagem vampiro que, ao modo de lord Ruthven procurava mulheres inocentes para desposar e destruir. Uma inovadora imagem vampírica foi conhecida em 1872. Escrita pelo irlandês Sheridan Le Fanu, *Carmilla* (1872) que une o ambiente gótico à imagem vampírica. A narrativa enleia um erotismo romântico entre uma vampira e sua vítima, que pertence ao sexo feminino. Apesar de tais ecos vampíricos no século XIX, os contos, romances, peças e óperas voltadas às temáticas sobrenaturais versavam em sua maioria sobre outros seres sobrenaturais que não o vampiro.

Segundo Riccardo (2003 apud Melton 2003, p. 12), foi com o romance *Drácula* (1897) do escritor inglês “Bram” Stoker que a atual era de ficção vampírica se inicia. É com *Drácula* (1897) que surge o vampiro como “vilão definitivo” (2003, p. 12), utilizando então um pano de fundo gótico através de elementos vampírescos experimentados por Polidori (1819) e Le Fanu (1872).

A personagem Drácula representa também o título do romance de Stoker (1897), que, segundo Melton (2003, p.222) instala a imagem do “vampiro” na cultura popular do século XX. Porém, cabe ressaltar que a construção da personagem Drácula não surge por acaso e é fruto de uma pesquisa profunda realizada por “Bram” Stoker, como apontam os historiadores Raymond T. McNally e Radu Florescu, em seu livro *Em busca de Drácula e outros vampiros* (1995)

Entre os muitos achados ocorridos desde que nosso primeiro livro foi escrito, talvez o mais significativo tenha sido nossa descoberta dos diários e memórias inéditos escritos por Stoker enquanto ele estava fazendo sua obra-prima sobre vampiros. Isso provava que longe de ser um trabalho de ficção, Stoker havia empreendido uma profunda pesquisa sobre o Vlad histórico e a questão do vampirismo na Transilvânia, dando à sua história um definido contorno geográfico e histórico. (MCNALLY; FLORESCU, 1995, p. 8)

O imaginário popular, construído ao longo de séculos de histórias vampíricas, fundou uma base para que os escritores se inspirassem, como o faz Stoker (1897), em pessoas do mundo real a magia e o medo de mitos até então considerados verídicos por instituições que gozavam de grande credibilidade entre a população, como a própria Igreja.

Uma das histórias reais que chamou a atenção de Stoker (1897) para a construção da personagem-título Drácula, foi a figura sombria do conde Vlad, “O Empalador”. Filho de Vlad Dracul (1390?-1447), Vlad foi, segundo aponta Melton (2003, p. 864), a “figura histórica na qual “Bram” Stoker baseou o papel-título de seu romance *Drácula*”. Ainda segundo Melton (2003, p. 864) Vlad não foi, segundo fontes históricas um homem comum, pois conquistou grande fama combatendo os turcos, próximo aos grandes rios que fazem fronteira com aquele país, e era considerado um grande estrategista, proveniente da raça dos Dráculas que eram de “uma grande e nobre raça” (2003, p. 864).

Diante de uma figura de linhagem ligada à valentia e que trazia temor aos seus inimigos e respeito aos que o conheciam. A história da família Drácula (nome proveniente da participação do pai de Vlad na Ordem do Dragão, daí filho de *Dracul*) é repleta de lutas, guerras, traições e, especialmente, o assassinato do pai e do irmão de Vlad por ordem do governador húngaro John Hunyadi, fatos que criaram um grande senso de vingança no futuro imperador do trono da Wallachia (atual Romênia).

A política sangrenta de destruição dos inimigos com práticas assustadoras e intimidadoras fez crescer a fama de Vlad, como nos relata Melton (2003)

A maneira brutal de Vlad aterrorizar seus inimigos e a maneira aparentemente arbitrária pela qual os punia lhe valeram o apelido de “Tepes” ou “o Empalador”, nome pelo qual é conhecido hoje. Não apenas usou a estaca contra os boiardos que estava tentando escravizar, mas também aterrorizou as Igrejas, tanto a ortodoxa como a católica, ambas fortes em seu território. (MELTON, 2003, p. 867)

Com uma figura tão imponente e sanguinária, o imaginário popular rapidamente o associou como um consumidor do sangue humano, chegando a suscitar lendas de que inclusive banhava em sangue o pão com o qual se alimentava.

A fama de Vlad e diversas lendas em torno da crueldade relacionada ao sangue podem ter motivado Stoker (1897) a criar a lendária personagem-vampiro, como podemos supor nas palavras de Melton (2003), ao analisar a fama em torno da figura do

então príncipe da Wallachia “Stoker aqui combinou possíveis referências ao Vlad histórico, uma tradição folclórica que via o vampirismo como enraizado nas ações do diabo, e o termo moderno vampiro.” (2003, p. 864).

A obra-prima de Abraham Stoker – nascida de um sonho vampiresco do autor – conta hoje, segundo observa André Bernardo²¹, com quase 200 adaptações fílmicas e é uma das obras literárias mais vendidas da história. O sucesso *Drácula* (1897) fez surgir uma grande diversidade de livros, peças de teatro e filmes, desde a sua publicação até os dias atuais. Segundo Melton (2003) revisa em sua enciclopédia sobre vampiros, foram catalogados mais de cinquenta livros, filmes e séries que versavam sobre o tema até o ano de 1997 – que marca o centenário da publicação de “Bram” Stoker. Certamente no período compreendido entre o centenário da obra-prima de “Bram” (que fez provocar um verdadeiro surto de atividades comemorativas) e os dias atuais outras dezenas de adaptações e novos livros da temática vampírica surgiram, como é o caso da saga, da qual faz parte *Crepúsculo* (2005), de Stephenie Meyer, lançada a partir de 2005 nos Estados Unidos e a série Memórias de sangue, do brasileiro Ivan Jaf, que explora a temática entre os anos de 1999 e 2011. Tais produtos culturais mostram a força do mito vampiresco na cultura da humanidade e seu fascínio que atravessou gerações e continuam a nos intrigar dada sua força e amplitude simbólicas.

A popularidade dos vampiros continua em nossos dias e transpõe o mito e o mercado artístico impulsionado pelas ávidas mentes juvenis. O fator psicológico se demonstra preponderante para a disseminação entre a nossa geração e as gerações mais jovens, com o aponta em sua enciclopédia o historiador Melton (2003)

A abordagem psicológica do vampiro suplementa a compreensão de sua função social. Os psicoterapeutas do século 20 descobriram que os modernos vampiros pós-Drácula e os relacionamentos vampíricos distorcem ativamente a vida de seus pacientes. Das experiências relatadas a eles, particularmente o clássico pesadelo, muitos psicólogos chamaram a atenção para o papel dos eventos psicológicos comuns dos seres humanos na criação e no reforço contínuo da crença nos vampiros. (MELTON, 2003, p. 24)

Em um mundo tão cheio de símbolos criados e mantidos ao longo de séculos, certamente o vampiro sobrevive não apenas como um mito, mas como uma possibilidade de eterna vivência. A possibilidade da imortalidade e da força é o que parece encantar aos jovens leitores e representa um elemento de força psicológica que

²¹ Artigo extraído de: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/45026>, em 15/10/2013 às 15h48.

pode ajudar a explicar não só uma série de comportamentos, como a gênese da juventude atual, representada no *corpus* desta dissertação.

4. O VAMPIRESCO FENÔMENO DE CONSUMO MUNDIAL E O VAMPIRO BRASILEIRO PARA JOVENS

Caracterizar a literatura como “infantil”, “juvenil” ou “adulta” é um problema corrente no que se refere aos Estudos Literários e acentua-se ainda mais com a produção literária cada vez mais significativa atualmente. Comumente falamos em nome de uma literatura “infantojuvenil” que inclui faixas etárias muito distintas e não reconhece, em sua totalidade, as especificidades da adolescência que é importante fase de transição entre a infância e a vida dita “adulta”. O problema da indefinição é abordado por Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva, na obra *A narrativa xuvenil a debate* (2012):

Tradicionalmente incluído, de uma forma indistinta, nos estudos dedicados genericamente à literatura infanto-juvenil, o *corpus* da literatura destinada aos jovens tem sido descurado na sua especificidade comunicativa e enunciativa. Associada a uma fase que a sociedade actual entende como muito específica, caracterizada por problemas bastante concretos de crescimento, a literatura juvenil envolve uma constelação de referências marcadas pela transição e pela marginalidade, que, em muitos e significativos aspectos, se destacada da literatura infantil. (SILVA, 2012, p. 14)

Diversas obras têm sido produzidas sob a classificação de “infantojuvenis”, como é possível observar nas fichas catalográficas de inúmeras produções contemporâneas. Porém, observamos que as características de algumas obras – como as que trataremos neste capítulo – levam a crer que se encontram no entre-lugar do subsistema juvenil.

A articulação dos sentidos gerados pelo texto literários, através de seus elementos constitutivos, auxilia no conhecimento do método de construção do texto lido. Apesar de um texto ser sido construído e constituído a partir de determinados elementos ele não pode representar um fim em si mesmo. A partir dessa perspectiva devemos considerar o texto a partir de sua leitura, uma vez que é a leitura que dá vida ao texto. Iser (1996)²² aponta a fusão entre o leitor e o texto, nas estruturas textuais

²² A primeira edição foi publicada na Alemanha, em 1976.

Em obras literárias, porém, sucede uma interação na qual o leitor “recebe” o sentido do texto ao constituí-lo. Em lugar de um código previamente constituído, o código surgiria no processo de constituição, em que a recepção da mensagem coincide com o sentido da obra. Se isso é verdade, temos de partir do pressuposto de que as condições elementares de tal interação se fundem nas estruturas do texto. Estas são de natureza complexa: embora estruturas do texto, elas preenchem sua função não no texto, mas sim à medida que afetam o leitor. (ISER, 1996, p. 51)

No caso do livro *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), de Ivan Jaf, observamos, que as estruturas textuais voltam-se para uma maior interação com o leitor desde a constituição de seu projeto gráfico até as referências intertextuais, explicadas através de diversas referências intertextuais. A primeira observação importante que é possível obter, ao analisar o livro de Jaf, é a referência na ficha catalográfica “*Literatura infantojuvenil*”. A obra, por sua temática – destinada ao público interessado nos romances de vampiro – e pelas referências intertextuais direcionadas para a história do Brasil e de Portugal (denotando interesse didático que alavanca a questão comercial da obra) parece ser idealizada para o público escolar, na faixa dos 13 aos 16 anos. Tal público poderia “aproveitar-se” das referências históricas e é bem possível o surgimento de um forte interesse das escolas em sua adoção para as aulas de literatura, dada sua forte ligação intertextual com a história do Brasil e de Portugal. A utilização de personagens que acompanham o percurso histórico do ano de 1807, que precedeu a chegada da família real ao Brasil, até a análise da história do Brasil – desde a colonização até o ano de 2008 – também pode induzir a utilização da obra por parte de jovens em idade escolar, atraídos pelo título que promete uma história de amor vivida por um vampiro.

O *best-seller* mundial *Crepúsculo* (2005)²³ de Stephenie Meyer é outro exemplo de obra voltada para o público juvenil. Podemos classificá-la como literatura de massa, pois apesar de grande parte das obras produzidas em grande número no Brasil destinarem-se ao ambiente escolar, o percurso percorrido pela obra de Meyer segue o caminho das obras de literatura de massa, questão discutida por SODRÉ (1985), no livro *Best-seller: a literatura de mercado*: “A literatura de massa, ao contrário, não tem nenhum suporte escolar ou acadêmico: seus estímulos de produção e consumo partem do jogo econômico da oferta e procura, isto é, do próprio mercado.” (SODRÉ, 1985, p. 6). O percurso da distribuição e vendas de *Crepúsculo* (2005) seguiu um padrão internacional com a publicação em 2005, pela editora Intrínseca, e foi logo acolhido

²³ A edição brasileira é de 2009.

devido ao grande clamor internacional seguindo então um caminho diferente das obras voltadas ao público juvenil brasileiro que, geralmente, são introduzidas a partir do ambiente escolar.

Em sua ficha catalográfica, a segunda referência “*Escolas secundárias*” denota o tipo de personagens que encontraremos e o público a ser atingido: novamente o juvenil. Em uma trama desenhada a partir do elemento da literatura fantástica, através da vertente do maravilhoso: o vampiro, aliado à presença de personagens na faixa etária dos dezessete anos, o livro pretende alcançar um público ávido por acontecimentos sobrenaturais que denotem poder e força, voltados para um forte envolvimento lírico, através de um amor (im) possível. Tais ingredientes, acrescidos de personagens vampiros jovens e atraentes para o público ao qual o romance é destinado compõem uma fórmula infalível para atrair a atenção do leitor em formação.

O mesmo leitor que transita entre a infância e a idade adulta e que hoje consome a literatura de massa – muitas vezes como forma de afirmação em meio a crises de identidade – experimenta liberdades e aflições que se assemelham às dos adolescentes dos anos 1960. Nos tempos pós-segunda guerra mundial, o jovem vivenciou historicamente um importante período de liberdades e desenvolvimento que elevou sua importância histórica e trouxe a euforia aos novos tempos. Em seu artigo *Juventude pé na estrada* (2012), os pesquisadores João Luís Cardoso Tápias Ceccantini e Thiago Alves Valente ressaltam que o período do pós-guerra, mais especificamente a década referente a 1960, tem importante papel ideológico, representando um marco da segunda metade do século XX. Os pesquisadores apoiam-se no texto de Eric John Ernest Hobsbawm, que destaca as liberações pessoal e social pelas quais tais jovens passaram a gozar. Hobsbawm ainda observa, no texto destacado pelos pesquisadores, o encontro entre cultura e mercado, formando uma nova “concepção” de juventude elaborada através dos “ícones da cultura de massa efervescente” (CECCANTINI; THIAGO, 2012, p. 28)

A depressão foi o passo seguinte ao sentirem o peso da responsabilidade a que estavam submetidos. Surgem a partir de então o forte interesse pelas figuras sobrenaturais como a do vampiro. O adolescente sente-se pressionado por sua própria família a abandonar os comportamentos infantis e é inserido no mundo adulto sem gozar do conhecimento e experiência suficiente para enfrentar as dificuldades advindas.

O processo depressivo a que está inserido faz com que ele se aproxime psicologicamente do vampiro, pois, assim como o vampiro simbólico descrito por

Chevalier e Gheerbrant (2003) “sai do túmulo para sugar o sangue dos vivos” (...), o jovem busca extrair a energia que necessita da sociedade e das instituições que o oprimem. Da mesma forma o jovem busca, com práticas e costumes inovadores, “transformar” a sociedade que exige seu posicionamento “adulto” através de ideologias novas (ou repaginadas), que representam quase sempre uma reação ao sistema vigente, transitando sempre entre fronteiras indefinidas, tal qual o vampiro pela noite escura, com a finalidade de atacar aquilo que não se lhe apresenta como peculiar. Pelo fato de só conseguir viver graças a suas vítimas, o vampiro assemelha-se ainda mais ao adolescente, pois, através de sua busca por novas formas de ser, pensar e agir (sempre diferentes do que se lhes apresenta de forma impositiva) o jovem concentra suas energias em criticar o comportamento rotineiro da sociedade e de suas instituições, atacando-a e vitimando-a por se considerar uma vítima do processo civilizatório moderno. Por outro lado o mesmo vampiro inspira o jovem a buscar em outro de sua mesma faixa etária (um igual) a força que ele julga não ter. O processo de vampirização a que o jovem parece estar submetido faz do vampiro da literatura seu espelho, com suas ânsias, angústias e vacilações.

O jovem das décadas mais atuais e mais próximas à idade dos participantes desta pesquisa vive um processo mais peculiar de depressão através do tédio. A geração Y – termo utilizado para referir-se às pessoas nascidas a partir do ano 1982, sucessoras do que Douglas Coupland nomeou de Geração X em seu livro "Contos de uma cultura acelerada" – interessava-se, em grande número, pelos produtos criados pela mídia, encantando-se pela acumulação dos bens naturais.

A jornalista Melissa de Miranda, em seu livro *Inércia: a Geração Y no limite do tédio* (2011) emprestou a voz a diversos jovens nascidos na década de 1990 e através de seus depoimentos levantou um interessante painel acerca da opinião dos próprios jovens sobre os comportamentos de sua geração. Algumas opiniões intrigantes sobre o tema, como a incessante busca por novidades, demonstram o tédio vivido por essas gerações

A estudante Diana, de 26 anos, vai além. Ela afirma que essa necessidade incessante de buscar novidades é um reflexo do capitalismo. A colegial justifica que tanto ela quanto seus amigos cresceram em um momento no qual a obsessão com o mercado e o consumo se tornara tão absurda, que isso afetou a sua maneira — e a de outros jovens — de viver. "Não é só a tecnologia e o bombardeamento de informações. É tudo, é a nossa vida inteira, é como e sob que circunstâncias nós fomos criados. Claro que o capitalismo já existia antes, mas acho que vivenciamos o auge disso tudo, sabe? Porque não temos líderes políticos significativos, não temos movimentos culturais fortes... Aliás, não temos unificação alguma em qualquer área que seja. A tendência é justamente o contrário: segregar cada vez mais e especializar tudo. Vivemos na era do individualismo puro!", lamenta ela. (MIRANDA, 2011, p.11)

A falta de “movimentos culturais fortes”, comentada pela jovem citada no livro de Miranda (2011), reflete a busca dos adolescentes por uma identidade que lhes confira um “lugar” no mundo atual. Tal “carência cultural” abstraída do comentário dessa e de outras entrevistadas por Miranda (2011), somada às perspectivas de consumo do que é legado pelas culturas de massa pode indicar o que gerou forte interesse acerca da literatura de vampiro. Nas palavras da jovem Ana, os jovens de sua geração sofrem com uma excessiva “atenção” dos meios de massa, que os torna dependentes de seus produtos

Apesar de concordar com os outros jovens entrevistados e admitir sentir os mesmos "sintomas" — momentaneidade e tédio —, a universitária Ana, de 21 anos, acredita que essa espécie de hedonismo da Geração Y resulta do fato de que tanto o capitalismo quanto o tipo de informação disponível (ou transmitida através da mídia) tornaram os jovens mimados. "Quem são nossos ídolos? É um povo que gasta muita grana em coisas absolutamente inúteis e depois sai na TV", resume ela. "Não tem nenhum tipo de filtro com essas informações! Vem tudo assim: 'a Lindsay Lohan comprou um carrão'; 'a Britney (Spears) tem uma mansão na Escócia', sabe? Sempre noticiam essas merdas e as pessoas querem ser iguais... Então elas ficam assim, superfúteis e supermimadas. E não estou falando só de quem é rico! Quem é pobre — com o perdão da palavra (risos) — também é mimado. Por exemplo, você é pobre e não tem dinheiro nem para comer, mas vai comprar um [tênis da marca] Nike. Eles têm a mesma falta de visão que a gente! Os jovens são assim, hoje em dia". (MIRANDA, 2011, p.13)

Analisando as palavras da jovem Diana – que refletem o sentimento de grande parte de sua geração – podemos apontar o efeito causado pelo livro *Crepúsculo* (2005) e pelo primeiro filme da série, na amplificação do interesse pelo consumo da narrativa. As características físicas das personagens, supervalorizadas no livro, foram cuidadosamente encaixadas nas atuações dos atores Robert Pattinson – que representa a personagem-vampiro Edward no filme *Crepúsculo* – e Kristen Stewart – atriz que atua no papel de Bella. A beleza física dos jovens representantes dos modelos de beleza perseguidos pela

geração em questão e a caracterização dos ambientes retratados no filme, como no caso da mansão onde reside a personagem Edward representam perfeitamente o “hedonismo” citado pela universitária Ana ao tratar do forte interesse pelo consumo a que a jovem faz referência como símbolo de sua geração.

A ideia do “hedonismo” da geração em questão é compartilhada também no livro de Miranda (2011) pelo jovem Bruno, de 24 anos

"Um hedonismo consciente", classifica Bruno, de 24 anos, ao discursar sobre o comportamento de sua geração. Segundo um texto publicado no site da psicanalista Maria Rita Kehl, escrito por ela, todos os jovens se identificam com o "ideal publicitário" do adolescente hedonista, belo, livre e sensual. Isso, segundo ela, cria tanto o sentimento de liberdade quanto o de desamparo, pois "os jovens parecem viver num mundo cujas regras são feitas por eles e para eles". (MIRANDA, 2011, p. 52)

A ideia da beleza, sensualidade e liberdade, construída através de gerações, ajuda a explicar a construção do vampiro idealizado por Meyer. A geração consumidora de tais características apresenta-se como campo fértil para o consumo e a exploração do tema de vampiro, especialmente quando se trata de um vampiro com características tão próximas às buscadas por essa geração de leitores entediados, ávidos por ingredientes como sensualidade, beleza e mistério, adotados como ícones pela geração de leitores jovens nascidos entre os anos 1990 e 2000.

A seguir analisaremos os elementos das duas narrativas utilizadas nesta pesquisa e os elementos de teoria que compõem os dois romances idealizados para o público jovem.

4.1 Crepúsculo (2005), de Stephenie Meyer: um fenômeno de leitura entre os jovens

A obra literária em questão – *Crepúsculo* (2005), de Stephenie Meyer – contém uma receita própria que vem ao encontro da perspectiva esperada pelo público juvenil. A jovem Isabella Swan – nominada na narrativa como Bella – é uma jovem de dezessete anos, que vive com a mãe, na cidade de Phoenix, nos Estados Unidos, e decide trocar sua vida na cidade de porte médio americano por uma nova experiência indo viver com seu pai, na pequena cidade de Forks. A diferença das duas cidades é evidenciada pela variação climática e pelo porte e culturas. Tais fatores influenciam

diretamente no enredo de forma a determinar os acontecimentos no percurso da narrativa.

O fato de a jovem Bella trocar uma cidade de porte médio por uma de menor população influencia primeiramente seu ânimo, pois, ao chegar à cidade de Forks, Bella percebe que as lembranças das férias passadas na casa de seu pai, aliadas às impressões da mãe, que abandonara a vida na cidade pequena e, conseqüentemente, o pai de Bella influenciariam fortemente trazendo uma sensação de tédio, característico a uma jovem em sua faixa etária, como é possível perceber nas citações dos jovens, comentadas no tópico anterior, extraídas de Miranda (2011). A relação com o pai traz à sua mente lembranças que não são muito agradáveis e os momentos de contato entre os dois são raros e reticentes “Charlie me deu um abraço desajeitado com um só braço quando eu cambaleei para fora do avião.” (MEYER, 2009²⁴, p. 13). É possível notar um espaço vazio na relação de Bella com seu pai Charlie, neste momento é possível que o leitor perceba que há algo de errado no momento do encontro dos dois, que marca a nova fase da vivência entre eles. O leitor pode achar incomum a relação e os momentos de consciência, que funciona como síntese e é com as quais, segundo Iser (1996), transferirmos para nossa consciência dados do texto, fazendo com que tais informações passem a fazer parte dela, mediante a sua sucessão, são construídos com base em uma assimetria entre o mundo real e o mundo apresentado na narrativa, criando representações na mente do leitor. Tais representações constroem-se por meio das imagens criadas. O texto cumpre o papel apenas de informar sobre quais condições o objeto imaginário deve ser construído. Fica a cargo do leitor instituir “a combinação ainda não formulada de dados oferecidos” (ISER, 1999, p. 58). Através dos esquemas textuais, o texto usa as experiências particulares de seus leitores para criar as representações, mas cabe ao leitor proporcionar as condições para que isso ocorra.

O sentimento de rejeição subjetiva de Bella por Charlie pode ainda derivar, possivelmente, dos traumas da infância e da rotina simples do pai na pequena cidade que a jovem abandonou muito cedo e da inconstância juvenil e pela necessidade de uma segurança, proporcionadas pela identidade e aceitação, tão comuns aos jovens em qualquer parte do globo.

O panorama da narrativa muda ao Bella conhecer na escola um jovem de aparência e comportamentos sociais diferentes. Uma família que convive separadamente

²⁴ A primeira edição é de 2005.

dos demais grupos de colegas da escola e que é notada como peculiar pelos demais estudantes pela excentricidade e pouca inserção nos nichos mais comuns aos jovens em idade quase adulta. O jovem Edward Cullen, em especial, provoca em Bella uma estranha atração. Tal atração pode até ser explicada pelo fato de que a personagem sentia-se deslocada naquele novo mundo como aquele estranho jovem que a atraía por sua beleza física e atitudes misteriosas.

A família dos Cullen, que tinha como patriarca o médico *Carlisle* e sua esposa *Esme*, é composta por cinco filhos, adotivos, dos quais fazem parte Edward e os jovens Rosalie e Jasper Hale, além de Alice e Emmett Cullen. Todos os cinco jovens apresentavam comportamento diferenciado dos demais, o que gerava lendas e teorias sobre a estranha família.

A aproximação entre Bella e Edward se dá em uma aula de Biologia quando a personagem forma dupla para análise em microscópio com o filho da família Cullen, que parece não apreciar a presença da jovem, agindo de maneira estranha e pouco receptiva.

A passagem do livro que inicia a revelação de algo sobrenatural se dá quando Bella é vítima de um acidente de trânsito ocorrido no pátio de estacionamento da escola. Um colega da estudante perde o controle de seu veículo, que rodopia sobre a crosta de gelo do estacionamento do colégio e bate contra a picape da jovem. O que evita o esmagamento da garota é a ação de Edward que consegue impedir o veículo de chocar-se com Bella. O acidente com a personagem constitui a prova que confirma os poderes sobrenaturais de Edward para ela, pois, ao vivenciar a aproximação da van, Bella percebe a distância grande percorrida por Edward para salvá-la além da força despendida por ele para segurar o veículo em alta velocidade a uma distância de trinta centímetros do rosto da jovem, o que seria impossível para um ser humano comum.

No decorrer da narrativa a jovem exige uma explicação de Edward e obtém uma promessa de que explicará tudo a tempo oportuno. Enquanto aguarda a oportunidade de obter as respostas da boca do jovem por quem se apaixonara, Bella realiza pesquisas a partir de livros e conversando com algumas pessoas da cidade chega à conclusão de que Edward é um vampiro, pertencente à classe dos *frios* (nomenclatura dada por algumas fontes consultadas pela jovem). A jovem busca a confirmação por meio de uma conversa com Jacob, um personagem filho de um cacique indígena – amigo do pai de Bella.

As suspeitas de Bella se intensificam quando ela vai à cidade de *Port Angeles* com suas amigas para a compra de vestidos de baile. Ao se afastar das colegas para comprar um livro, a jovem se vê em apuros, cercada, em uma área escura, por um grupo de rapazes, que a ameaçam. Nesse momento Edward aparece com seu carro e a salva. O fato de Edward estar em uma cidade distante, justamente para salvá-la, levanta mais suspeitas acerca dos poderes sobrenaturais do vampiro. Após o ato de salvamento o jovem vampiro a leva para jantar e recusar-se a comer.

Durante a volta para casa os jovens conversam e na conversa ele assume-se vampiro e, ao ser perguntado sobre sua idade e revelar ter 17 anos de idade, é questionado sobre a jovem sobre sua idade real. O jovem não revela imediatamente, apenas diz que já tem dezessete anos “há algum tempo” (MEYER, 2009, p. 139). Várias perguntas surgem e diversos mitos – comuns em histórias consagradas de vampiros, a exemplo de *Drácula* (1897)²⁵, de “Bram” Stoker – como os de que um vampiro dorme em caixões, ou que pode ser queimado ao mínimo contato com o sol, são desmitificados por Edward. Ao contrário do romance de “Bram” Stoker – que retoma conteúdos macabros que fizeram sucesso anteriormente em romances góticos – o vampiro Edward e sua família de “mortos-vivos” apresentam-se como vampiros “vegetarianos”, uma vez que não se alimentam, por opção, do sangue humano e o substituem pelo sangue animal adquirido em “caçadas”. Mesmo com o fato de consumirem o sangue de animais silvestres nenhuma cena macabra é relatada no livro para descrever a alimentação da família. Ao falar sobre sua classe de vampiros o jovem conta que não dorme jamais e relata que os de sua classe possuem habilidades diferentes ao serem “congelados” no mundo dos mortos vivos, permanecendo com a mesma idade que tinham quando passaram pelo chamado processo da conversão humano-vampiro.

A trama se intensifica com o relacionamento amoroso entre Bella e Edward. O jovem vampiro toma todos os cuidados possíveis para não morder sua amada e transforma-la em vampira. A família dos Cullen é apresentada à jovem e no momento onde a calma e a paixão dos dois parece se intensificar ocorre o acontecimento que definirá o clímax da narrativa. Em meio a uma partida de Beisebol no mínimo estranha, onde as personagens vampiros da família de Edward jogam de forma mirabolante com saltos e voos fantásticos aparecem três jovens vampiros pertencentes à outra “tribo”. Os vampiros Laurent, Victoria e James aparecem e a família Cullen tenta preservar Bella,

²⁵ A Primeira edição de *Drácula*, de “Bram” Stoker é de 1897. A edição brasileira consultada é de 1983.

porém seu “cheiro” destaca-se fazendo com que James se arme para o ataque. O momento de grande tensão da cena se dá com Edward e James se encarando. Na tentativa de preservar a sua amada Edward a retira rapidamente do local com Bella e inicia um planejamento de retirada da jovem da cidade.

O encaminhamento para o clímax se dá com a inserção na narrativa do vampiro James que entra em cena na parte final do livro e é considerado um vampiro da classe dos “caçadores” e, como de costume, diverte-se ao capturar suas vítimas. Na sequência Bella é retirada da cidade após forjar um descontentamento com seu pai – deixando-o atônito – e é levada pelos irmãos de Edward para outras cidades a fim de tentar despistar James. Porém, o “caçador” localiza a mãe da jovem, simula um sequestro e exige que ela se encontre com ele em uma sala de ballet onde a jovem estudara quando criança. A cena mais impactante e tensa da narrativa se dá quando na sala de espelhos o vampiro James fere violentamente a jovem e começa a sugar seu sangue quase a transformando em uma vampira.

Edward chega com sua família à sala e luta com James. Bella queixa-se de que sua mão queima, depois de mordida por James. A única solução gera mais um dilema grave para a família de vampiros: Edward precisa sugar o “veneno” deixado por James até o ponto exato, sem romper a fronteira que separa o “remédio” da contaminação e do possível congelamento de Bella como vampira. O jovem protagonista teme pela tarefa, pois alega que pode não conseguir realizá-la, porém o faz quando percebe que seu maior medo em relação à Bella pode se concretizar: o fato de que ela se torne vampira.

No capítulo seguinte Bella já acorda em um quarto de hospital onde se recupera de fraturas e hematomas. A explicação dada por Edward a seus pais, para que o segredo dos dois não seja revelado, é a de que ela havia caído da escada e atravessado uma vidraça ferindo-se gravemente. A jovem indaga ao vampiro como ele conseguira executar a cura sem ser tentado a transformá-la em vampiro e a partir daí novamente percebe-se certa idealização apontando para uma ambientação romântica no diálogo protagonizado pelos dois jovens:

(...) – Como você conseguiu ? – perguntei em silêncio. Ele entendeu o que eu quis dizer de imediato.

[...] - Foi impossível...parar – sussurrou ele. – Impossível. Mas consegui. – Ele finalmente me olhou com um meio sorriso. – Eu *devo mesmo* amar você. (MEYER, 2009, p. 328)

No último capítulo da narrativa, Edward leva Bella ao baile que finaliza o ano da escola. Como o movimento cíclico da vida do vampiro, que participa de bailes de fim de ano há décadas, a narrativa se dissipa no momento de finalização do ano. Segue assim o ritmo de vida comum ao jovem de classe média que calcula suas ações e participações na vida cotidiana a partir do início, meio e fim do ciclo escolar. A cena final do par romântico estabelecido na narrativa representa um final diferente ao esperado para um relacionamento atrativo entre uma humana e um morto-vivo. O famigerado *happy end* – que representa o esperado especialmente pelas jovens do sexo feminino – ocorre de uma forma muito semelhante aos romances românticos, com as personagens trocando juras de amor, porém, sem a esperada transformação da humana em vampira.

Na cena final, a recusa, por parte de Edward, em realizar a vontade de Bella de ser transformada em vampira é explicada pelo fato do jovem vampiro considerar sua monstrosidade e revela um desejo semelhante ao das personagens da segunda geração romântica: um amor platônico, idealizado. O fato de manter Bella como uma mortal, sem a “possuir” completamente, é um ideal buscado por ele para viver o romance considerado impossível como é comum em narrativas de ambientação romântica.

Outro fator importante a se destacar é o fato de que o jovem é, na verdade, não tão jovem assim em experiência e tempo de vivência alcançando uma maturidade que é observada por Bella e admirada por ser característica dos jovens do sexo masculino de sua idade. A possível intencionalidade de Meyer pode ser a de arrebanhar um grupo de leitoras do sexo feminino que se inspira no amor idealizado das narrativas de ambientação romântica que costumam fazer sucesso atravessando gerações. Para consolidar a imagem romântica de Edward, a autora não alinha seu vampiro-personagem ao noturno Drácula, de Stoker (1897). A personagem de *Crepúsculo* (2005) parece-se mais com o solar Van Helsing, criado por Stoker (1897), que simboliza o bem na luta contra o mal – representado no primeiro livro da série pelo vampiro James.

Tal enredo refere-se ao primeiro livro de uma série de cinco que obtiveram grande sucesso mundial e ainda arrebatam multidões inclusive às salas de cinema em todo o mundo. *Crepúsculo* (2005) – *Twilight* em inglês – é o primeiro livro de uma série que ainda é composta por *Lua nova* (2006), *Eclipse* (2007) e *Amanhecer* (2008). O livro alcançou, segundo dados de 2010, da revista *Veja*²⁶, a vendagem de aproximadamente 5.200.000 no Brasil e chegando à impressionante marca de 116.000.000 de cópias em

²⁶ Dados extraídos do site: [http://veja.abril.com.br/blog/gps/livros/crepusculo-vendas-dos-livros-no-brasil-dobraram/consultado em 05/06/2013 às 15h49](http://veja.abril.com.br/blog/gps/livros/crepusculo-vendas-dos-livros-no-brasil-dobraram/consultado%20em%2005/06/2013%20às%2015h49).

todo o mundo segundo o site [examiner.com](http://www.examiner.com)²⁷. O enorme sucesso transcendeu as páginas e foi parar nas telas em 2008, com uma produção que consumiu cerca de 37 milhões de dólares e gerou bilheteria de aproximadamente 409.000.000 de dólares, tendo cerca de 40 milhões de espectadores ao redor do globo²⁸. O fenômeno mundial impulsiona, através da multimodalidade, o mercado editorial a produzir um número de séries semelhantes, quanto à temática, aproveitando-se assim do interesse pelo consumo da temática de vampiro e influenciando a mente dos jovens leitores que interessados pelo gênero.

Quanto aos elementos da narrativa literária podemos dizer que a personagem constitui um de seus elementos mais importantes. Candido, em sua obra *A personagem de ficção* (1968), comenta que é o aparecimento da personagem que torna patente a ficção com maior nitidez, pois é a partir da personagem que se concretizarão os elementos imaginários. Uma classificação importante para definir a personagem refere-se à sua construção e é a apresentada por Reis e Lopes, através do *Dicionário de Narratologia* (2011)²⁹: as personagens, segundo a classificação de Forster (1937), são divididas em *plana* “são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade: quando nelas existe mais de um factor, atinge-se o início da curva que leva à uma personagem redonda” (FORSTER, 1937, p. 93 apud REIS; LOPES, 2011, p. 322) e *redonda* (...)”reveste-se da complexidade suficiente para constituir uma personalidade bem vinculada. Trata-se nesse caso, de uma entidade que quase sempre beneficia do relevo que a sua peculiaridade justifica.” (FORSTER, 1937, 106 apud REIS; LOPES, 2011, p. 323).

O caso da personagem Bella é o de uma personagem plana. Suas atitudes e pensamentos refletem os de uma jovem que se sente rejeitada e pouco atraente socialmente. A personagem adota uma postura intelectual demonstrada através das leituras que faz “Mantive os olhos baixos na bibliografia que o professor me dera. Era bem básica: Brontë, Shakespeare, Chaucer, Falkner. Eu já lera tudo.” (MEYER, 2009, p. 20), porém não demonstra na narrativa as reflexões que faz acerca das leituras, nem em seus diálogos e nem em seus posicionamentos diante das dificuldades. Destaca-se

²⁷ Dados do site: <http://www.examiner.com/article/stephenie-meyer-one-of-forbes-most-powerful-women>, consultado em 05/06/2013 às 16h01.

²⁸ Dados extraídos dos sites: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-131377/bilheterias/> e http://omovimento.com.br/pg/detalhe/index.php?id_noticia=88, consultados em 05/06/2013 às 18h20.

²⁹ A primeira edição do Dicionário de Narratologia é de 1987.

ainda o fato de que Bella parece viver o percurso da mulher pouco independente – como a do século XIX – que planeja sua vida a partir de seu par romântico, fato que, apresenta-se incoerente a uma personagem instruída e bem inserida socialmente no final do século XX. O seu par romântico na narrativa, Edward, também não traz novidade estética quanto ao tipo de personagem. Suas atitudes são pautadas em padrões estabelecidos como os do romantismo. O jovem vampiro parece muito consciente de sua responsabilidade no relacionamento com Bella. Apresenta valores morais estranhos a um ser proveniente de um mundo fantástico e que não participa do mundo físico, a não ser como espectador por não possuir um corpo físico vivo. Sua semelhança é grande com a dos “príncipes encantados” extraídos dos romances românticos que fizeram tanto sucesso no século XIX. Quanto aos demais personagens nenhuma novidade estética apresentam-se no romance como personagens planas.

A narradora de *Crepúsculo* é a também protagonista Bella, que introduz o primeiro capítulo com uma epígrafe retirada do livro bíblico de Gênesis. A narradora pode ser definida como autodiegética, (...) “aquela em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história.” (REIS e LOPES, 2011, p. 259)³⁰ e é condicionada pela focalização interna, definida por

“uma certa **imagem** (grifo do autor) privilegiada pelo narrador; privilegiando a **imagem da personagem**, narrador reconstitui artificialmente o tempo da experiência, os ritmos em que ela decorre e as atitudes cognitivas que a regeram, ao mesmo tempo que abdica da prematura revelação de eventos posteriores a esse tempo da experiência em decurso. (grifos do autor) (REIS; LOPES, 2011, pp. 260-261)

O espaço na narrativa de *Crepúsculo* é definido pela ambientação da pequena cidade de Forks, definida pela personagem narradora Bella devido à sua influência climática:

Chove mais nessa cidade insignificante do que em qualquer outro lugar dos Estados Unidos. Foi desse lugar e de suas sombras melancólicas e onipresentes que minha mãe fugiu comigo quando eu tinha apenas alguns meses de idade. Nessa cidade eu fui obrigada a passar um mês a cada verão até ter 14 anos. Foi então que finalmente bati o pé. Nos últimos três verões, meu pai, Charlie, passou duas semanas de férias comigo na Califórnia. Era em Forks que agora eu me exilava – uma atitude que assumi com muito pavor, Eu detestava Forks. (MEYER, 2009, p. 12)

³⁰ A definição dada por Reis e Lopes (2011) foi extraída pelos autores, e publicada no *Dicionário de Narratologia*, a partir da definição de Genette (1972: 251 ss.).

O espaço, pela descrição realizada por Bella, influenciará no fato de que o ambiente chuvoso e nublado favorece a permanência das personagens vampiros. Outra consequência reside no fato de que o clima da cidade de Forks, onde se passa a maior parte da narrativa, reflete a personalidade e o animo da personagem Bella – uma jovem triste e introspectiva que passa por problemas de constituição e relacionamento familiar. A cidade vai ser comparada pela personagem com a ensolarada Phoenix “Eu adorava Phoenix. Adorava o sol e o calor intenso. Adorava a cidade vigorosa e esparramada.” (MEYER, 2009, p. 12). O conceito da personagem sofre a chuvosa cidade de Forks não é alterada no percurso da narrativa, porém deixa de ter importância a partir do momento em que ela se apaixona pela personagem vampiro Edward.

A casa onde Bella irá morar com seu pai é descrita como pequena e simples “Ele ainda morava na casinha de dois quartos que comprara com minha mãe nos primeiros tempos de seu casamento” (MEYER, 2009, p. 15). Outro local descrito – e onde as personagens passam boa parte da narrativa: a escola secundária onde os jovens estudam

Não foi difícil encontrar a escola, embora eu nunca tivesse ido lá. Como a maioria das outras coisas, ficava perto da rodovia. Não parecia uma escola – o que me fez parar foi a placa, que dizia ser a Forks High School. Era um conjunto de casas iguais, construídas com tijolos marrons. Havia tantas árvores e arbustos que no início não consegui calcular seu tamanho. Onde estava o espírito da instituição? Perguntei-me com nostalgia. Onde estavam as cercas de tela, os detectores de metal? (MEYER, 2009, p. 18)

O padrão da escola é apresentado pela personagem com estranheza devido à comparação estabelecida psicologicamente com as escolas das cidades maiores, como a de Phoenix – onde ela morava anteriormente. A casa de Edward é outro importante espaço da narrativa, pois causa admiração da personagem Bella

Não sei o que eu esperava, mas definitivamente não era isso. A casa era atemporal, graciosa, e devia ter uns cem anos. Era pintada de um branco suave e desbotado, tinha três andares, era retangular e proporcional. As janelas e as portas ou faziam parte da estrutura original, ou eram uma restauração perfeita. (MEYER, 2009, p. 234)

A descrição realizada pela personagem demonstra sua admiração – especialmente pelo fato de Edward viver em uma casa projetada para humanos e aumenta quando ela conhece o interior da casa

O interior era ainda mais surpreendente, menos previsível do que o exterior. Era muito iluminado, muito aberto e muito grande. Originalmente devia ter tido muitos cômodos, mas a maioria das paredes fora derrubada, criando um único espaço amplo. A parede de trás, dando para o sul, fora inteiramente substituída por vidro e, para além da sombra dos cedros, o gramado se estendia até o rio largo. Uma enorme escada em curva dominava o lado oeste da sala. As paredes, o teto de vigas altas, o piso de madeira e os tapetes grossos eram de tons variados de branco. (MEYER, 2009, p. 235)

Através da descrição da personagem, que também é narradora percebemos como os apurados detalhes da residência de Edward impressionam pela beleza e por representar o alto poder aquisitivo da família Cullen, o que contrasta com a condição econômica de classe média baixa da família de Bella. A alta exploração proposta por Meyer na narrativa cria uma impressão de poder que atrai a atenção dos jovens atualmente e os fascina, como já comentamos citando as vozes dos próprios jovens, exposta no livro *Inércia: a Geração Y no limite do tédio* (2011). O detalhamento proposto a partir da narrativa é destaque também na mídia fílmica da saga Crepúsculo, o que causa ainda mais impacto por apresentar a imagem visualmente. A exploração do ambiente da casa provoca o encantamento nos jovens trazendo ainda mais interesse no consumo dos próximos produtos propostos para a sequência da saga.

O espaço de Phoenix não aparece na narrativa, a não ser pela cena final na sala de espelhos. O espaço da sala de ballet foi descrito por Bella e revela o pavor que a personagem vivia na angústia de ter sido atraída intencionalmente por James e representa o último elemento espacial importante onde a cena que representa o clímax ocorre

O saguão estava escuro e vazio, frio, o ar-condicionado zunindo. As cadeiras de plástico moldado estavam empilhadas junto às paredes e o carpete tinha cheiro de xampu. O salão de dança a oeste estava escuro, pude ver pela janela de observação aberta. O salão de dança a leste, o maior, estava iluminado. Mas as persianas estavam fechadas nas janelas. (MEYER, 2009, p. 317)

Outros espaços ocorrem nas cenas finais como o quarto de hospital e o salão de baile, mas ambos não merecem especial destaque por parte das personagens da narrativa.

O elemento tempo na narrativa de *Crepúsculo* (2005) aparece em duas dimensões. A primeira dimensão, a cronologia da narrativa, se passa entre a chegada de Bella na cidade Forks e o episódio final do baile de encerramento do ano. Através da análise da narrativa presume-se que o período dos acontecimentos é de cerca de oito meses, pois o ano escolar apresentava-se em seu decorrer não muito avançado e a

narrativa termina no final do ano quando o baile que encerra as atividades escolares – segundo a tradição estadunidense – acontece. A segunda dimensão de tempo ocorre na descrição feita por Edward sobre seu “congelamento” como vampiro. A personagem conta à Bella que fora mordido quando estava à beira da morte, no ano de 1918, pela personagem que viria a ser seu “pai adotivo”, Carlisle:

A esta altura, Carlisle decidiu tentar o Novo Mundo. Sonhava com encontrar outros iguais a ele. Estava muito solitário, como pode entender. Continuou: - Não encontrou ninguém por um longo tempo. Mas, à medida que os monstros tornavam-se tema de contos de fadas, ele descobriu que podia interagir com humanos, que de nada suspeitavam, como se fosse um deles. Começou a praticar a medicina. Mas a companhia pela qual ansiava lhe escapava; ele não podia se arriscar à familiaridade. Quando a epidemia de gripe atacou, ele trabalhava à noite em um hospital de Chicago. Revirava em sua mente uma ideia há muitos anos, e quase decidira agir – uma vez que não conseguia encontrar uma companhia, criara uma. (MEYER, 2009, p. 247)

A partir da referência ao fato histórico da gripe espanhola podemos calcular a idade da personagem vampiro Edward – um dos protagonistas da narrativa - como aproximadamente cem anos.

A linguagem de *Crepúsculo* (2005) não será discutida aqui, uma vez que trabalhamos com a tradução da obra, realizada por Ryta Magalhães Vinagre, o que pode diferir muito na questão das expressões culturais – diferentes nas duas línguas. Percebemos que algumas expressões são cunhadas de uma tradição cultural brasileira como se percebe em “- Está tentando ser *engraçadinho*? – eu o interrompi, girando para ele.” (itálico da tradutora) (MEYER, 2009, p.68). Na passagem percebe-se que uma marca da oralidade e da linguagem comum, a palavra “engraçadinho”, que foi traduzida para a versão brasileira e refere-se à cultura oral do português brasileiro utilizado especialmente entre os jovens que são também o público alvo da obra. O termo destoa do restante da frase onde marcas da linguagem culta estão bem próximas como “Está” (em lugar do usual “tá” entre os jovens), “girando” (onde normalmente os jovens falam “virando”) e “para” (em lugar de sua redução comum “pra”). Ainda assim, mesmo que tais vocábulos possam ser observados, não podem ser objeto de análise profunda por tratar-se de uma tradução da obra, com todas suas dificuldades de adaptação e riscos. A seguir verificaremos a análise da obra do brasileiro Ivan Jaf e realizaremos algumas comparações com os elementos da obra de Stephenie Meyer.

Apesar de contar com um considerável número de vampiros há uma clara separação entre os seres sobrenaturais. Há vampiros bons e o vilão, James, um vampiro essencialmente mau. Tal mudança de estratégia estabelecida por Meyer, no que se refere

a conhecidas narrativas de vampiro, apresenta uma classe de vampiro idealizada, tal qual um herói nos em romances de ambientação romântica.

4.2 *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2010), de Ivan Jaf: um vampiro para jovens brasileiros

A onda mundial capitaneada pela Saga Crepúsculo causou grandes ecos editoriais pelo mundo e no Brasil não foi diferente. Coelho (2010) aponta que, a partir dos anos 1980 a produção de literatura juvenil “explode” (2010, p.287) no mercado editorial, trazendo um crescente número de escritores e de ilustradores que seguem o rastro do pioneirismo. E a explosão editorial citada pela pesquisadora Nelly Novaes Coelho permaneceu focada nos temas de interesse dos jovens pelo mundo. A Editora Ática, provavelmente percebendo o sucesso mundial de vendas e o sucesso nacional da Editora Intrínseca através das obras da Saga Crepúsculo, lançou sua própria série de livros com a temática de vampiro através do escritor carioca Ivan Jaf, que já lançara mais de quarenta livros voltados para o público infantil e juvenil.

Nascido em 1957, o autor carioca iniciou os cursos de jornalismo e filosofia, porém os abandonou e mudou-se para Londres onde se apaixonou por uma máquina de escrever antiga e iniciou sua carreira de escritor. Além de obras de literatura infantil e de subsistema juvenil, Jaf³¹ é roteirista de cinema e histórias em quadrinhos de terror e ficção científica. Desde o início de sua carreira ele já publicou mais de 50 livros, inclusive dos gêneros terror e suspense.

Apesar de pouco conhecido, o primeiro livro de Jaf sobre a temática de vampiros é anterior a *Crepúsculo* (2005) de Stephenie Meyer. Enquanto o livro estadunidense, segundo a autora³², foi idealizado a partir de um sonho que Meyer teve em 2003, o primeiro livro sobre vampiros de Jaf foi lançado em 1999. O vampiro que descobriu o Brasil, que possui cinco edições e várias reimpressões rapidamente foi aceito como livro paradigmático em várias escolas pelo Brasil e foi idealizado visando, segundo relata a própria Editora Ática, a comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil.

³¹ Os dados sobre a vida do autor foram consultados através do endereço: <http://www.atica.com.br/SitePages/autores.aspx?Autor=2267>, consultado em 07/06/2013 às 18h08.

³² Segundo entrevista realizada com a autora e que pode ser consultada em: <http://magazine.byu.edu/?act=view&a=1972>, acessado em 07/06/2013 às 20h09.

A narrativa da primeira obra de Jaf sobre vampiros – *O vampiro que descobriu o Brasil* (1999) - apresenta seu enredo na Lisboa de 1500. A personagem Antônio é mordido no pescoço e se transforma em um vampiro. Ao descobrir que como vampiro ele perderá a faculdade de se alimentar e por não desejar a imortalidade, Antônio busca meios de reverter seu processo de transformação em vampiro. Consultando outros vampiros, Antônio descobre que para voltar à sua condição de humano mortal é necessário que ele encontre quem “transformou” e lhe desfira um golpe de estaca no centro do coração, matando-o e revertendo o processo. Diversas situações cômicas ocorrem, pois Antônio descobre que seu algoz é vaidoso e, como espírito, habita silenciosamente o corpo de diversas personagens da história. Antônio descobre que o vampiro que procura pode estar infiltrado na caravana de Pedro Álvares Cabral e embarca na desconhecida viagem que culminará como o descobrimento do Brasil, em 22 de Abril de 1500. Sem conseguir obter êxito, Antônio participa e vivencia várias transformações que ocorrem no Brasil durante quinhentos anos de sua busca – sempre junto a personagens históricos. Nas idas e vindas da narrativa, Antônio acompanha de perto a vida de personagens históricos como D. Pedro I, D. João VI, Getúlio Vargas, Castelo Branco, Tancredo Neves e entre outros e descobre que a maioria deles foi, assim como ele, vampiro. A obra apresenta um Narrador Autodiegético que é protagonista da narrativa e participa ativamente de fatos históricos. Em um encontro com o vice-presidente do Brasil, cronologicamente no ano de 1999, Antônio descobre que o espírito do vampiro está presente no corpo dele e finca a estaca até matar o espírito de Domingos (personagem vampiro que o mordera), mas não a ponto de assassinar ao vice-presidente: “Apanhou uma vassoura atrás do armário do banheiro e varreu os restos de Domingos para baixo do tapete.” (JAF, 2007³³, p. 111). Após se livrar da maldição de 500 anos o vampiro realiza o ato de “varrer a sujeira para debaixo do tapete” (expressão muito usada no Brasil para tratar da corrupção de uma forma irônica). E a narrativa é encerrada com o toque irônico de Jaf através da cena final que é concluída com o agora liberto da maldição, Antônio, ligando para o melhor restaurante de Brasília para pedir seu prato favorito, que não comia há quinhentos anos: “Lascas de bacalhau frito no azeite e vinho tinto rascante”. (JAF, 2011, p. 111).

A partir do sucesso de *O vampiro que descobriu o Brasil* (1999) o autor Ivan Jaf publicou, em 2006, outro livro voltado ao público juvenil: *A insônia do vampiro* (2006).

³³ A primeira edição de *O vampiro que descobriu o Brasil* é de 1999.

O livro que marca surge como reflexo de mercado do sucesso mundial alcançado pela saga Crepúsculo. O objetivo editorial foi laureado em 2009, quando o livro alcançou o selo de aprovação do PNBE 2009. Em *A insônia do vampiro* (2006) uma nova e inusitada situação ocorre. O vampiro, que é o protagonista da narrativa, sofre de insônia. Um tipo de insônia curiosa, uma vez que – como o vampiro dorme em caixões durante o dia – “O dia dura duas vezes mais do que a noite, por isso a insônia dos vampiros é duas vezes pior do que a dos humanos normais.” (JAF, 2008, p. 7). A saída encontrada pelo vampiro é a procura de um psicanalista, mas não um psicanalista qualquer. A doutora responsável pelo tratamento é também vampira e o divã para a análise é um caixão. O vampiro relata ter quinhentos anos, sendo duzentos deles passados no Brasil. A culpa sentida pelo vampiro é diagnosticada pela psicanalista como um acontecimento do passado. Fatos históricos como o terremoto de Lisboa em 1755 a peste negra e o surgimento do Iluminismo fazem parte das passagens da narrativa lembradas pelo vampiro que faz psicanálise. O protagonista conta que seu amigo Raimundo Pascoal morde um bebê que tem um irmão gêmeo e resolve vigiá-lo para saber se ele se tornará seu filho-vampiro. Entre voltas e reviravoltas o vampiro se sente melhor “Eu me sentia relaxado, em seu caixão-divã de jequitibá maciço forrado de veludo preto (...)” (JAF, 2008, p. 133) e conta toda a saga de tentativa de seu amigo vampiro de encontrar seu filho-vampiro Vicente que chegara ao Brasil.

Visando às receitas sugeridas pelo sucesso editorial obtido pela Editora Intrínseca com o lançamento de Crepúsculo, em 2008, a Editora Ática idealizou a série que, segundo o site da Editora³⁴, pertence ao gênero de Literatura Juvenil. A Editora Ática criou um novo projeto gráfico-editorial e o escritor carioca Ivan Jaf escreveu outros três livros voltados ao público juvenil que comporiam, juntamente com os já publicados *O vampiro que descobriu o Brasil* (1999) e *A insônia do vampiro* (2006), a Série intitulada Memórias de Sangue.

O terceiro livro, que inaugura a série intitulada *Memórias de sangue*, constituindo a continuação, com os outros dois já publicados, é intitulado *As revoltas do vampiro* (2008). A ideia de um vampiro que passa por psicanálise é ampliada para outra crise psicológica que é tratada com muitos tons humorísticos. A personagem Vicente –

³⁴ A descrição da Série Memórias de sangue informa que os livros são do gênero Literatura Juvenil como se pode verificar no site da editora: <http://www.atica.com.br/SitePages/Colecao.aspx?cdColecao=407>, acessado em 10/06/2013 às 18h57.

bebê que fora mordido por Raimundo Pascoal na história contada e vivida pelo protagonista na narrativa *A insônia do vampiro* (2006) – é um adolescente rebelde em Portugal, no século XVIII, e vem para o Brasil onde se envolve com os poetas e intelectuais que idealizaram a Inconfidência mineira. Com eles Vicente participa da Revolta dos alfaiates. Novamente a técnica de uso de um narrador autodiegético é experimentada por Ivan Jaf para contar a história de um vampiro que fora criado em seu livro anterior. Fatos históricos como a peste bubônica são vivenciados pelas personagens do livro, que discute ainda os ideais absolutistas, as revoluções vividas pelo Brasil colônia e a tentativa de uma Independência baseada nos ideais libertários provenientes da revolução francesa.

Claramente, assim como ocorre nos cinco livros da série, há um objetivo pedagógico que visa o alcance do ambiente escolar, tão interessado em narrativas que possam aproveitar temas conhecidos como transversais a outras áreas do conhecimento.

O vampiro Vicente vive uma crise de consciência e passa por momentos comuns ao jovem contemporâneo como a depressão. Sua imagem chega a ficar invisível diante do espelho – fato comum aos vampiros famosos de narrativas literárias e fílmicas – quando ele se deprime “Todas as vezes em que ele ficava deprimido, questionando sua existência, seu reflexo sumia. Hoje, quando escuto que os adolescentes vivem brigando com o espelho, lembro daquela época.” (JAF, 2008, p.51). Fatos curiosos, como a impossibilidade de ereção do vampiro, fazem parte da construção do ser sobre-humano “– Apesar de pouca gente se lembrar disso, sexo existe para procriação – expliquei – Vampiros não podem propagar a vida. Então nada de ereção.” (JAF, 2008, p.56).

Um dos destaques do livro são os embates ideológicos mantidos por Vicente com o grupo dos Inconfidentes. Em uma das passagens ele realiza uma análise que parece elucidar um dos porquês da revoltas de jovens – dos quais Vicente faz parte – “(...) a culpa pelos males do mundo é dos outros, dos que não pertencem à minha galera. Isso vale tanto para *skinheads*, *funkeiros* e *skatistas* como para católicos, protestantes e vegetarianos.” (JAF, 2008, p. 62). A obra chega a fazer referência intertextual ao primeiro livro da série. O protagonista relata que conheceu, na década de 80 do século XX, um vampiro em Copacabana e comenta uma conversa que tivera com a personagem Antônio, de *O vampiro que descobriu o Brasil* (1999). O protagonista ainda assume que pediu autorização para escrever a história que redundou na narrativa do primeiro livro da série. Outra análise é realizada por Jaf, por meio da voz adulta utilizada pelo narrador, a respeito da inconstância juvenil: “ - A delinquência é um

sintoma. Significa que o jovem não está conseguindo se separar dos pais. Quer provar à força, desesperadamente, que é diferente.” (JAF, 2008, p. 105). Nesta inserção fica claro que as posições adotadas pelo narrador não visam o empréstimo da voz ao jovem, que fica refém de uma visão adulta do mundo. O pai-vampiro de Vicente o acompanha tentando o livrar de sua inconstância juvenil e dos riscos de perder sua “eternidade”, mas é abandonado por ele e se resigna admitindo que a separação o fez tornar-se um vampiro “adulto” e “maduro” (JAF, 2008, p. 133).

O livro que fecha a Série Memórias de Sangue é *O mestre das sombras* (2011). Publicado em 2011, apresenta Vicente – a mesma personagem dos livros *As revoltas do vampiro* (2008) e *A insônia do vampiro* (2006) – que participou de uma busca de 40 anos para encontrar um suposto irmão-gêmeo (separado de Vicente durante o terremoto de Lisboa). Cansado de sua morte-vida, Vicente resolve reviver uma de suas ocupações favoritas durante sua vida “normal”, (antes de ser “congelado” no mundo dos mortos-vivos) a arte da pintura. Em uma época em que o Brasil passava pela Revolução Pernambucana de 1817, o jovem vampiro aluga um casarão considerado “mal-assombrado” em Recife e monta seu ateliê de pintura. O destino faz cruzar no caminho de Vicente um traficante de escravos que aluga o mesmo prédio onde dorme e pinta o vampiro Vicente e derruba vários andares causando a irritação do jovem vampiro. Após uma luta com o bruto traficante de escravos Vicente descobre nele o seu irmão gêmeo dele separado durante o terremoto de Lisboa

Dois anos antes da publicação de *O mestre das sombras* (2011), no ano de 2009, Jaf publica o livro que é objeto de análise desta dissertação: *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009).

Um apêndice importante ao abordarmos a produção do livro juvenil de Ivan Jaf que foi ofertado aos leitores participantes da pesquisa originando esta dissertação diz respeito ao quesito motivação. Ao verificarmos a temática vampírica e o momento histórico escolhido pelo autor para inserir seu vampiro na história do Brasil percebemos a influência do mercado editorial novamente em ação nas escolhas que norteiam a literatura juvenil. Dois anos antes da publicação da narrativa de Jaf que conta com um vampiro que viaja no tempo e no espaço da vinda da família real ao Brasil em 1808, o jornalista Laurentino Gomes publicara *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil* (2007). A publicação do livro de Laurentino Gomes representou um fenômeno de vendas tanto no Brasil como em Portugal, alcançando, até o fim de 2008, a

vendagem de 350 mil livros em nosso território e 50 mil em terras lusitanas³⁵. O livro ainda alcançou premiações que conferiram especial atenção à pesquisa de Gomes, como os prêmios de melhor Livro de Ensaio pela Academia Brasileira de Letras e o Prêmio Jabuti de Literatura nas categorias de livro-reportagem e de livro do ano de não-ficção, ambos em 2008 – provável ano de idealização do livro *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), que foi lançado em 2009. O grande sucesso de público e crítica certamente representou uma importante influência para a produção do livro de Ivan Jaf, que aborda a mesma situação histórica e visa um mercado muito interessado na fina crítica de Gomes (2007) a respeito das motivações da chegada da família real ao Brasil.

No quesito caracterização da personagem vampírica, o livro do autor carioca vai contrastar um vampiro muito mais próximo, em características, dos seus pares clássicos como o Drácula e afastar a sombra da idealização de ambientação romântica experimentada por Meyer, através da personagem Edward, em *Crepúsculo* (2005). O “congelamento” de Edward se fizera quando ele ainda tinha 17 anos. Mesmo possuindo mais de cem anos, Edward conserva a beleza – que é supervalorizada na descrição criada por Meyer – ao passo que Clemente sofre por ter sido “congelado” preservando as características físicas e dores de um homem que já passara da juventude. Ainda assim Clemente, personagem principal do quarto livro da série Memórias de Sangue, apaixona-se e percorre o dilema mundialmente conhecido na Saga Crepúsculo: como consumir seu amor por uma mortal sendo um ser que transita entre o mundo dos vivos e dos mortos?

A narrativa de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) é conduzida por um narrador heterodiegético, como podemos perceber a partir da definição de Reis e Lopes (2011) Designa uma particular relação narrativa: aquela em que o narrador relata uma história à qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão. (GENETTE, 1972, p. 215 apud REIS; LOPES, 2011, pp. 262-263). Trata-se do mesmo vampiro que procura análise com uma psicanalista vampira, ao não conseguir dormir à noite, em *A insônia do vampiro* (2008). Seu nome não é revelado, porém no episódio de seu “relato” (designação à história de quando um humano “torna-se” vampiro na narrativa) revela que seu “pai” vampiro é Clemente – personagem protagonista no livro *Um vampiro apaixonado na corte de D.*

³⁵ Dados disponíveis em *Caderno Veja São Paulo*, 17 de dezembro de 2008.

João (2009) – que o transformara em vampiro quando o narrador está enfermo, atingido pela *Peste grande* que assolou Portugal durante o Século XIV.

Acordei do torpor da doença dentro de uma cova ainda aberta, ao ser puxado para fora por uma figura sombria, numa noite gelada de dezembro de 1506, em Lisboa.

Fui erguido no ar sobre aos outros cadáveres, e o homem, muito magro e alto, com uma cabeleira branca imensa, inclinou a cabeça sobre o meu pescoço e mordeu minha jugular. (JAF, 2008, p. 14)

A descrição refere-se ao à transformação do narrador (sem nome revelado em nenhum dos dois livros citados) e é referência que comprova – devido aos atributos físicos e pela própria confirmação do narrador – a identidade de Clemente.

O narrador em terceira pessoa conduz, através de uma voz adulta, a história impondo seu ponto de vista aos jovens, sem emprestar-lhes a voz para que o leitor conheça seus anseios e aspirações. A voz narrativa não sugere ao leitor possibilidades de caminhos a seguir durante a leitura. Zilberman (1987) destaca, que algumas possibilidades podem ser alcançadas pelo narrador para criar efeitos artísticos bastante complexos. É fundamental que o leitor tenha garantido o seu lugar na composição literária, pois, esta está plena de lacunas que devem ser completadas pela interpretação do leitor, de forma individual. Desse modo, no livro de Jaf, a habilidade do narrador não dá grande espaço para a interpretação individual, e apresenta certa posição ditatorial através da introdução de comentários que podem ter características manipuladoras das emoções, sentimentos e possibilidades humanizadoras do leitor.

Ao realizarmos a leitura da narrativa podemos notar que ela é conduzida de uma forma bem humorada e destacando com criticidade os momentos históricos e as ações narrativas ocorridas com Clemente. Apesar do fato de que o narrador não participa da história fica claro que ele não toma para si a centralização dos eventos narrados. Tanto nos momentos em que descreve as ações de seu pai-vampiro e sua saga na busca do amor de Fátima, além das passagens históricas nas quais as personagens estão inseridos.

Além do direcionamento da voz narrativa para uma leitura adulta, que não abre espaço para os sentimentos e pensamentos das personagens juvenis, notamos no livro do autor carioca determinado prejuízo na construção da narrativa com o excessivo uso de fatores históricos que apoiam o desenvolvimento da vida do vampiro. Por diversas vezes o leitor é direcionado a fatos históricos que pouco contribuem com o desenvolvimento da narrativa e deixa clara a intenção do autor em atribuir forte conteúdo pedagógico à obra, o que favorece sua inserção no ambiente escolar. De tal

modo, a narrativa parece apontar para uma tendência de utilização maior como livro de apoio para aprender história do Brasil e de Portugal do que como literatura de considerável valor estético e isenta como objeto artístico.

De tal forma, a sequência narrativa pode sofrer prejuízo no quesito participação do leitor. Iser (1999)³⁶ adverte para o perigo de que, em determinadas obras, o leitor seja induzido pelo autor a entender a história sob apenas uma ótica, quando “o próprio autor conta ao leitor como sua história deve ser entendida” (ISER, 1999, p. 16).

O narrador de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), afirma realizar a escrita de um livro sobre a vida de seu pai-vampiro: Clemente. A narrativa se inicia no mês de Outubro do ano de 1807, na cidade de Lisboa, em Portugal. O vampiro Clemente adentra o quarto de D. Maria I – rainha de Portugal – disposto a chupar seu sangue. A surpresa da personagem principal é a presença de outro vampiro no local com o mesmo intento. Ao duelar com o vampiro, Clemente ouve as reclamações de seu “colega” em inglês, o que evidenciava o fato de que estrangeiros estavam na cidade. O acontecimento causa estranheza e curiosidade a Clemente, deixando-o intrigado. Nenhum dos dois vampiros consegue êxito e abandonam o local deixando D. Maria I aos gritos. O fato é descrito pelo narrador como uma das razões pelas quais a rainha era alcunhada historicamente como “D. Maria I, a Louca”:

Clemente é o protagonista do romance da temática “vampiro” de Ivan Jaf. Trata-se, segundo a descrição do narrador, de um homem de 55 anos – na ocasião em que fora “congelado” como morto-vivo – e que fora “transformado” no ano 1.000 D.C. como descreve o narrador.

Sua trajetória é contada quando o vampiro contava com 807 anos de “transformação”. Uma das características do protagonista é o interesse por festas e ambientes agitados. A fartura de sangue – proveniente das guerras que assolavam a Europa napoleônica do século XIX – é a explicação dada pelo narrador para a presença de Clemente em Lisboa. Outro fato importante, destacado pelo narrador, é a divisão dos vampiros em Congregações. Tais entidades dividem os vampiros e impedem a invasão de espaço alheio ou desrespeito às regras pré-estabelecidas pelos “pleitos” vampirescos. Clemente chefiava a “Congregação” do Porto.

Após o encontro com o vampiro inglês, na suíte de D. Maria I, o protagonista intriga-se e sai à busca de respostas para o fato de haver vampiros de outras

³⁶ A obra original foi publicada na Alemanha, em 1976.

congregações agindo em Portugal. Para desfazer sua curiosidade, Clemente busca respostas com outra classe de seres fantásticos: os lobisomens. De forma satírica o narrador descreve o costume dos portugueses para afastar tais seres além da pouca preocupação desses com as “simpatias” criadas “Os portugueses tinham o costume de erguer uma cruz nas encruzilhadas das estradas, para afastar lobisomens, mas não sabiam que estes não temiam os símbolos católicos, e que, de pirraça, usavam as cruzes como locais de reunião.” (JAF, 2010, p. 13). Após o encontro com Manuel Rodrigues – jornalista e um dos lobisomens – Clemente toma ciência de que vampiros de toda a Europa estão invadindo Portugal e, seguindo os passos de Napoleão, substituindo os chefes das congregações locais. O jornalista Rodrigues alerta ao protagonista que o chefe da congregação de Lisboa, *Du Fleur*, além do chefe da congregação de Madri, *Iglesias*, são alguns dos influentes vampiros que haviam se deslocado a Portugal para tal plano.

Clemente se questiona quanto à tranquilidade dos portugueses em um teatro lotado enquanto a nação vivia às portas com a invasão de Napoleão. Outra crítica deriva do fato de que os costumes franceses já permeavam a sociedade através dos costumes e vestimentas da capital portuguesa.

Azevedo, amigo vampiro de Clemente era o chefe da Congregação de Lisboa após o protagonista haver expulsado a líder anterior: Rosa Loba. O amigo é descrito como uma “personalidade apagada” e “de pouca iniciativa”, porém muito “bem humorado” e que liderara uma campanha de paz entre bruxas e vampiros. A campanha dera pouco resultado, pois, segundo o narrador “as bruxas são histéricas”. A permanência dele no poder da região se dera, ironicamente, pelo fato de que sua semelhança física com D. João era muito grande. Quanto às suas características psicológicas, é descrito como um “vampiro beato” (2010, p. 16). A ironia é ainda maior no caso de tal personagem, pois os símbolos católicos o fortaleciam espiritualmente.

Os dois amigos acordam que Clemente participará de uma reunião de congregações, já combinada, com os vampiros franceses, ingleses e espanhóis que se realizaria em duas semanas, na noite de 26 para 27 de Novembro de 1807.

Outros fatos históricos permeiam a narrativa, como, por exemplo, os destroços ainda existentes do terremoto de Lisboa, ocorrido em 1755. Clemente sente-se perseguido pelas ruas ao sair do encontro com seu amigo vampiro e isola-se em uma tumba aberta durante o terremoto, ocorrido 52 anos antes. Clemente vai ao palácio para

espionar uma reunião secreta que tratava da fuga da família real ao Brasil e toma conhecimento dos planos do rei de Portugal de abandonar o país e fugir para o Brasil.

A ambientação da reunião é descrita pelo narrador como assustadora

Uma reunião geral de chefes de congregação é sempre assustadora. Silêncio pesado, ausência de vida, cheiro de túmulos abertos. Os animais se afastam, cachorros apavorados correm uivando, cavalos presos escoiceiam enlouquecidos até serem soltos, ratos se escondem nos esgotos, corujas e morcegos se aquietam nos galhos. (JAF, 2010, p. 24)

A ambientação prepara a trama para uma reviravolta que ocorrerá na vida de Clemente: em meio a tantos vampiros estrangeiros uma emboscada é armada e Clemente é aprisionado por uma armadilha fantástica denominada *pentagrama mágico*. O narrador descreve o procedimento como uma das formas mais antigas de se tirar os poderes de um vampiro. O poder do pentagrama só é quebrado após a invasão da reunião por lobisomens que atacam – juntamente com outros vampiros portugueses – aos estrangeiros. Clemente é ferido nas costelas por uma punhalada de Iglesias e cai de joelhos. A salvação do protagonista se dá quando Azevedo o retira do local voando e, sabendo da fuga da família real ao Brasil, o leva até o navio do príncipe regente, colocando-o dentro de uma caixa de livros lacrada para que chegue ao Brasil a salvo, pois, fraco como estava poderia ser capturado e morto pelos vampiros estrangeiros que visavam dominar Portugal.

O “armazenamento” de Clemente na caixa de livros é feito em pé, o que aumenta um problema antigo seu: as varizes. O protagonista percebe que precisa de sangue e atrai telepaticamente um funcionário do navio – responsável pela retirada do excesso de água de seus porões – para que abra a caixa onde o vampiro se encontra. Após a abertura Clemente crava-lhe os dentes no pescoço e suga todo seu sangue, sentindo-se assim mais forte. Após dar uma volta pelo navio descreve o ambiente, complicado devido as sete semanas em que o navio rumava ao Brasil com suas parcas condições de higiene.

A chegada ao Brasil se dá, porém Clemente permanece ainda um mês no navio que se encontra atracado em Salvador. A descida do vampiro em solo nacional só ocorre em 07 de Março de 1808, no Rio de Janeiro.

Para se instalar na nova cidade, Clemente busca a estratégia dos vampiros viajantes: hospedar-se no local mais caro da cidade para não ser perturbado durante o dia.

O problema enfrentado pelo protagonista em sua busca foi a falta de hotéis na cidade, além do fato de que as poucas pousadas existentes encontravam-se ocupadas pelos fidalgos vindos da corte. Antes de tomar a iniciativa de enterrar-se para passar o dia livre dos raios de sol, ele se apresenta a um dono de hospedaria como um nobre: Conde de Mirandela, uma cidade de pequena dimensão que dificilmente atrairia a atenção para a falsidade do título de Clemente. Após mais uma negativa da existência de vagas na hospedaria o agora “Conde de Mirandela” recebe a oferta do dono da hospedaria de indicação – a um amigo comerciante – para ocupar uma vaga em sua casa.

A chegada de Clemente na residência do comerciante revela a situação que irá influenciar diretamente seu ânimo e suas ações a partir de tal momento da narrativa: a jovem Fátima. Ao ser recebido na porta pela menina, Clemente se surpreende com sua beleza e apaixona-se pela garota

Ele nunca havia visto beleza igual.

Sentia uma atração tão forte pela jovem que foi como se estivessem puxando sua alma para fora do corpo.

Olhos redondos, negros, vivos, profundos. O susto fazia seu peito arfar, expandindo-se e contraindo-se dentro do corpete apertado. A alça esquerda do vestido sem mangas caíra, revelando as curvas macias de seu ombro e a profundidade suave da clavícula. Seguindo-os com o olhar, Clemente chegou ao mais lindo pescoço que já vira em todos os seus oito séculos, longo, torneado, coberto por uma pele cor de barro seco, liso e macio, com a jugular pulsando. Ele podia ouvir o sangue bombeando forte. Precisou fechar os olhos por alguns segundos para se controlar, impedir seus caninos de crescerem. O impulso de cravar os dentes naquele pescoço era avassalador... (JAF, 2010, p. 50)

A recepção dada ao vampiro se dá em meio a uma festa. O destaque à hospitalidade brasileira é latente e ao fato de que o ato de aproveitar-se do calor para dar festas já era um costume comum àquela época.

O pai de Fátima, Anacleto, é apresentado como um homem português típico da época por seus atributos físicos: “baixo e gordo”. “Talvez por um processo de mimetismo, a maioria dos homens portugueses daquela época, ao envelhecerem, ficavam parecendo com um barril de vinho.” (JAF, 2010, p. 53)

Os atributos psicológicos também são destacados. Anacleto era um comerciante português que possuía dois armazéns atacadistas; uma rede de vendas no varejo com quatro lojas e um depósito de escravos, além de um recente plantio de café que lhe daria lucros na próxima colheita.

Anacleto o integra à sua casa e à sua festa. Ironicamente os convidados percebem que o protagonista está gelado e após diversas conjecturas concluem que ele passara mal devido à longa viagem de navio. Curiosamente, apesar de ser um morto-vivo, sente os efeitos de uma baforada de álcool de Anacleto “Clemente tonteou com o bafo do outro (...)” (2010, p.55). A imagem e o comportamento de Fátima são romantizados pelo narrador ao analisar a condição de apaixonado de seu pai-vampiro “Fátima, olhando para ele, de um canto da esteira, coçando os dois cotovelos ao mesmo tempo, sorrindo...E não foi uma ilusão de apaixonado, pois em seguida uma senhora ao lado dela, certamente a mãe, cutucou a menina! (JAF, 2010, p. 55)”. Clemente é alocado ao sótão, o único aposento disponível e pede para não ser importunado durante o dia seguinte, vindo a sair dali somente durante a noite. Em seu exílio faz reflexões sobre a vida e sobre o que o levara até ali, onde se apaixonara por uma garota que, ironicamente, era 847 anos mais jovem do que ele.

Uma das resoluções tomadas por Clemente é que aquela paixão não tinha uma razão lógica para sua condição. Ele se dirige ao quarto de Fátima – lacrado e sem janelas por ser o quarto de uma jovem donzela – e se transforma em névoa disposto a chupar seu sangue, mas se vê apaixonado e desiste. Diante de tal constatação recua e sai da alcova da jovem com um pensamento que revela a autocrítica da ridícula situação – em sua análise – vivenciada por um homem mais velho que se apaixona por uma mulher mais jovem “Um vampiro velho, sofrendo de varizes, apaixonado por uma garota jovem e mortal” (2010, p.59).

Clemente aloja-se em um porão de um mosteiro afastado. Prepara o ambiente com um caixão colocado entre pedras no sótão e ajeita uma mesa adequada a seus livros, além de um cabide para pendurar-se de cabeça para baixo, aliviando assim seu problema de varizes. Um vizinho acompanhava a Clemente, um “homem nem muito magro, a barba batia-lhe no meio do peito vestido como farrapos, dormindo sobre caco de tijolos. Era o tipo de vizinho que ele gostava. Um beato doido” (2010, p. 64). A presença de tal personagem não lhe traria problemas, pois, nas palavras do narrador, pessoas enclausuradas como o beato “viam o demônio em tudo” e isso não lhe causaria problemas.

Para conseguir o intento de conquistar o coração de Fátima, o vampiro enriquece roubando joias da coroa.

Ao filosofar sobre os sentimentos e intenções para com sua musa, Clemente demonstra desenvolver pela jovem uma espécie de amor platônico que quer conquistar e conservar devido à sua condição de não poder realmente consumir seu amor.

Uma das esperanças da personagem era a de que o clima provocado pela presença da corte portuguesa no Brasil criaria o ambiente romântico ideal para a conquista de Fátima.

Para justificar as saídas noturnas a personagem usa como estratégia uma suposta recomendação médica de que não poderia sair ao sol por ter uma pele frágil e para o hábito de não alimentar-se, uma dieta rigorosa para seu frágil estômago. Na visita noturna, como suposta forma de agradecimento, Clemente presenteia à Fátima com um colar de diamantes. A reação radiante e encantada da menina aumenta ainda mais a sede (paixão) de Clemente pela jovem morena dos trópicos.

Uma passagem irônica ocorre no diálogo entre os dois agora compadres: Anacleto oferece-lhe mulheres para que lhe sirvam de diversões na nova terra. Clemente agradece e justifica-se com os cuidados médicos. Nesse momento usa suas habilidades e lê a mente de seu novo amigo, percebendo que ele começa a duvidar de sua orientação sexual.

Os laços com a família se estreitam e o vampiro convida aos pais de Fátima para a vida noturna. Os quatro desfrutam de bailes, teatros e passeios noturnos às praias. O vampiro dá a Fátima presentes caros e, para não levantar suspeitas de assédio à menina, oferece mimos a Rufina.

Os costumes católicos da época eram todos experimentados pela mãe de Fátima que, inclusive, mandara edificar uma capela quase do tamanho de uma igreja. O padre é convocado a rezar ali missas e as confissões são diárias. De forma a satirizar a situação dos gastos que tais caprichos religiosos custavam a Anacleto ele proferira a frase: “– Quando casei prometi comprar-te o céu (...) Mas não sabia que isso ia me custar tão caro, e não se acabaria de pagar nunca!” (2010, p. 78)

Uma das principais reviravoltas na narrativa ocorre quando – semelhantemente a narrativas de ambientação romântica – aparece um rival na vida do vampiro. Peter é um inglês comerciante que alugara há alguns meses parte de um armazém. Nas palavras do narrador – que transcreve os pensamentos de Clemente sobre a chegada de Peter “O maldito inglês tinha 22 anos, e era o filho-da-mãe mais bonito que o Criador já pôs no mundo!” (2010, p. 79). Ao descrever a personagem, o narrador evidencia aspectos de

beleza física que encantam Fátima e criam um rival muito difícil de ser vencido pelo vampiro Clemente

Alto, magro, corpo atlético. O cabelo louro, liso, comprido, escorria por trás das orelhas até os ombros. Rosto fino e simétrico, dentes perfeitos. O que causava mais impressão eram os olhos azuis tão claros e magnéticos quanto pedras preciosas. Eles irradiavam não só beleza, mas inteligência, vivacidade e bom humor. (JAF, 2010, p. 80)

Além dos atributos físicos que lhe favam grande vantagem em relação a Clemente na corrida pelo coração de Fátima, os aspectos psicológicos – no tocante às atitudes – são bem observados pelo narrador. Ficam evidenciados que seus atributos, de juventude, vão além dos que a natureza lhe deu, transcendendo à responsabilidade e habilidade com o comércio, apesar da pouca idade. Ampliando os comentários e a descrição à precocidade e interesse da juventude do século XIX, Jaf parece criticar diretamente a juventude dos nossos dias pela sua inércia, opondo as personagens de seu texto aos jovens de Crepúsculo que, como personagens planas preocupam-se apenas com festas e relacionamentos, cultivando poucas responsabilidades

A irresponsabilidade adolescente é uma invenção recente. No passado, com 20 anos já se era adulto. Estácio de Sá, aos 17 anos, foi capitão de uma galé. Peter era herdeiro de uma grande firma de importação e exportação na Inglaterra, e corria as grandes capitais da Europa estabelecendo filiais. Viajado, sabia falar francês, espanhol, italiano e aprendera português antes de chegar ao Rio. Tinha amigos na corte, conhecia pessoalmente o almirante sir Sidney Smith e o representante da corte britânica, lorde Strangford. Enfim: poder, dinheiro, amigos influentes, beleza e juventude. (JAF, 2010, p. 80)

O encontro entre os dois personagens se retarda, pois Clemente leva a vida noturna, ao passo que Peter dorme cedo e acorda com o raiar do sol. Os dois personagens – um noturno e outro solar – apenas ouvem falar da presença um do outro pelas vozes de outras personagens. Enciumado por saber dos dotes do rival, Clemente sai à noite para matá-lo, porém desiste por orgulho, pois, nas palavras do narrador “o amor de Fátima era uma questão de honra para Clemente” (2010, p. 83).

O pai de Fátima, deslumbrado com as vantagens que o relacionamento interpessoal com a corte podia trazer e pressionado por esposa e filha, organiza um baile. Clemente o auxilia na organização do baile que se configurou em um verdadeiro sucesso. O fato de que Fátima usava as joias da coroa roubadas por ele o deixou apreensivo.

As suspeitas de Clemente, quanto ao risco que corria ao enfeitar tanto a Fátima com presentes roubados do tesouro real, se acentuaram formando um clima de tensão quando o vampiro foi indagado por uma autoridade policial durante a festa acerca de sua identidade. Nesta cena a intertextualidade é estabelecida por JAF com a personagem da obra de Manuel Antônio de Almeida *Memórias de um Sargento de milícias* (1852). O mesmo Major Vidigal, naquela época ainda Coronel. Ao contrário do que o vampiro imaginava a personagem famosa de Manuel Antônio de Almeida era, naquela cena, também um vampiro e o reconheceu por seus gestos e comportamento. Feitas as devidas apresentações Clemente encontra em Vidigal um importante aliado.

Tal estratégia adotada por Jaf demonstra mais uma vez o interesse na adoção de sua obra como postulante ao uso no âmbito escolar. O fato de inserir um personagem tão importante na literatura brasileira canônica, considerada clássica e extremamente explorada nas escolas demonstra o interesse do autor em produzir um livro com forte conteúdo didático, com vistas a inseri-lo em programas de leitura das escolas, tão interessadas em obras pedagogizantes.

Desiludido ao ver a crescente paixão entre Fátima e Peter, o vampiro filosofa sobre as impossibilidades de concretizar seu amor, tendo que se contentar com um amor platônico. A partir dessas reflexões podemos entender como o vampiro, por ser um morto-vivo na narrativa de Jaf, participa de um entre lugar muito semelhante ao dos jovens – que passam pela fase de transição entre uma infanto-adolescência e a idade adulta. Tal conflito de identidade pode ser um elemento importante para o interesse dos jovens por narrativas de vampiro como as de Jaf e as de Meyer.

Anacleto decide, às portas da falência, que a solução é casar a filha com Peter. Sua esposa apresenta resistência por preconceito religioso: Peter era protestante. Clemente espia a conversa ocorrida em uma noite e percebe que lhe restam poucas chances de se aproximar mais de Fátima, pois, segundo o próprio Anacleto declara na conversa com Rufina, o vampiro português é “esquisitão” e “muito velho para fazê-la feliz”.

A iminente união de Fátima com Peter atormenta ainda mais a Rufina que, ao confessar-se com o Padre Anselmo, revela seus pensamentos lascivos por Clemente e atribui a tal “pecado” o castigo de ver sua filha casada com um protestante.

Clemente procura Vidigal e solicita-lhe ajuda para experimentar, ao menos um pouco, do que é a consumação do amor de um mortal. O narrador comenta que os

vampiros possuem habilidades diferentes que possibilitam transformarem-se em névoa, voar, passar por frestas, etc.

Clemente materializa-se em espírito dentro de Peter para sentir, ao menos uma vez, a emoção de amar fisicamente Fátima. A partir desse momento diversas cenas cômicas ocorrem com o corpo de Peter, dada a inabilidade de Clemente com as ações humanas mais simples. A ansiedade maior de Clemente devia-se ao fato de que era naquela manhã que Peter pediria a mão de Fátima em casamento. Rapidamente ele saiu de casa e foi até a joalheria onde retiraria as alianças de noivado. Os desastres continuaram quando, sem as dimensões do que era aquele corpo humano, Clemente andava de cabeça baixa e levou uma pancada com a porta de um estabelecimento que abria. Ao cambalear pela rua caiu e foi atropelado por uma sege que lhe deixou na perna uma fratura exposta. O alento para Clemente foi a visão que teve de Fátima e as declarações que ouvia dela pensando, em seus delírios, que eram para ele Clemente e não para Peter.

Após o deleite de Clemente, Vidigal faz a troca dos corpos. Um período de depressão se abateu e Clemente, desolado foi para seu esconderijo secreto recuperar-se das fortes emoções. Novamente em si Peter dizia que estava vagando fora do corpo e que não conseguia encontra-lo com sua alma. Foi tachado de louco para as enfermeiras e as demais pessoas que o escutavam contar aquela mirabolante história.

A resolução de Clemente era a de esperar o dia passar e abandonar o país. Partiria de navio assim que possível. Uma noite em claro e a paixão voltara com violência “Pulou para fora do caixão! Era mais forte do que ele! Precisava rever Fátima! Uma última vez!” (2010, p. 118). Neste momento o vampiro vai ao quarto de Fátima e decide provar de seu sangue para ao menos saber seu gosto, suga seu sangue aos poucos e com delicadeza e entra em seus sonhos tropicais.

Apesar da resolução de deixar a cidade após saciar sua sede por Fátima, a paixão foi mais forte. Clemente resolveu permanecer na cidade e experimentar um pouco mais daquele sangue doce de sua amada. Todas as noites tomava um pouco mais do sangue da menina e assim ia saciando sua sede e aproveitando o momento. A resolução do vampiro assemelha-se ao desejo da juventude de obter sempre mais e mais do mesmo para saciar sua eterna vontade. Dessa forma o vampiro vivia sem matar sua musa, mas Fátima definhava aos poucos pela anemia provocada pela falta do sangue que não conseguia recompor de uma noite para outra.

A enfermidade de Peter arruinava até os planos de abrir o tão sonhado negócio de Anacleto. Com a perna quebrada os empréstimos ficariam difíceis e Peter não obteria os recursos necessários para a empreitada.

Enquanto o casamento não ocorria Clemente se viciava cada vez mais no sangue de Fátima e a fazia definhar parecendo-se com um zumbi. A beleza natural da menina ficara prejudicada. Médicos diziam que o mal da menina era a necessidade de casar-se rápido – como dizia Anacleto “Ela tem que casar com o inglês, mesmo sem perna” (2010, p. 123).

Durante a tentativa de busca de respostas por parte da família da jovem diversas possibilidades surgem: a perda da virgindade da moça (levantada de forma metafóricamente estranha pelo padre Anselmo), as manchas no lençol que podiam indicar um ciclo menstrual desregulado, até que foi aventada a possibilidade de um morcego a ter atacado. O quarto foi vasculhado e nada foi encontrado, até que uma cozinheira ventilou a possibilidade de um vampiro a estar atacando.

Diante de todas as conjecturas Anacleto, o padre e alguns escravos armaram-se escravos com facões e pedaços de madeira, além de uma grande marreta e rumaram para o mosteiro de São Bento. No caminho Anacleto resolvera avisar ao Major Vidigal, que pediu uma hora de prazo e voltou para acompanhá-los. O clímax da narrativa se dá quando ao adentrarem as ruínas do mosteiro encontram o caixão

Com a certeza de que havia desvendado o mistério e acertado em sua desconfiança, Anselmo, com a estaca de madeira nas mãos, acompanhado dos dois negros armados com facões abriram o caixão, porém, Vidigal, de posse da informação da descoberta de seu novo amigo vampiro, o Conde de Mirandela, aproveitara a hora que pediu de prazo para salvar o amigo do flagrante e colocar um boneco em seu lugar. O espírito que ocupava o corpo do Coronel Vidigal era o de Domingos, vampiro que já participara de outras aventuras, como a de *O vampiro que descobriu o Brasil* (1999). Domingos salvara seu amigo enrolando-o em um cobertor e o levando a salvo à sua casa até que tudo se acalmasse. O clamor público foi grande, mas o medo das chacotas e da depreciação pública – que arruinaria ainda mais a reputação e as finanças de Anacleto – fizeram com que o caso fosse abafado e nem fosse registrado na delegacia de polícia. A identidade do vampiro estava a salvo e Anacleto alegaria que, como não houve a confirmação do achado de um vampiro, não precisaria pagar pela seção extraordinária de exorcismo.

Em uma das reflexões de Clemente acerca dos fatos ocorridos e de sua impossibilidade de realizar-se como um amante de “carne e osso”, um interessante paralelo pode ser traçado com o livro *Amanhecer*, de Stephenie Meyer, onde Edward e Bella geram um filho, uma vez que a narrativa de Jaf considera a característica canônica do vampiro que tem a impossibilidade de reproduzir-se por não apresentar a vitalidade humana.

Analisando as reflexões de Clemente acerca de sua condição de “morto-vivo” ou “frio” como é denominado o vampiro na narrativa de Meyer é provável que o vampiro Clemente não cause - até pela falta da beleza que tem Peter, seu rival romântico ou Edward, personagem de *Crepúsculo* (2005) – a mesma comoção nos jovens que idolatram a série da autora americana Stephenie Meyer. O vampiro de Jaf sofre, ama, porém é hilário ao ponto de beirar o ridículo causando não a fixação, mas o riso por parecer estar “um degrau abaixo de seu leitor”. O fato de não poder gerar um filho e ter essa consciência aproxima mais a narrativa de Jaf, de acordo com as características de outros vampiros conhecidos da literatura mundial, de coerência com as teorias acerca das características de vampiros retratados, representando um objeto literário que pode ser menos amado do que a série americana, porque mais próximo do vampiro canônico.

O embaraço vivido por Clemente ao ser quase desvendado o aproxima, na visão do narrador da “loucura completa” (2010, p. 132). O vampiro resolve encontrar e se despedir de Fátima uma última vez, mas agora “ao sol”.

A empreitada de Clemente quase acabou em desastre. Após sair de uma sege tapada para evitar os raios de sol, que para ele podem ser mortais, o protagonista é atacado pelo sol na varanda da casa e sofre de violentas erupções em sua pele. A salvação é novamente pelas mãos de Domingos (investido no corpo de Vidigal) que o retira imediatamente do local, enterrando-o para que ele se recupere da morte que certamente sofreria ao se expor mais alguns segundos aos fortes raios solares do Rio de Janeiro.

Como explicação para o ocorrido Vidigal atribui à fragilidade da pele do português e explica aos conhecidos de Clemente que ele apenas queria se despedir em meio a tantas ofensas sofridas por ser atribuída a ele a maldição de ser um vampiro. A informação é a de que ele voltara para a Europa onde encontraria tratamento adequado.

O desfecho das personagens poderia ser comparado a um romance picaresco como *Memórias de um sargento de milícias* (1852), do qual participa a personagem Vidigal: após ouvir grunhidos estranhos vindos do quintal, uma escrava avisa a Vidigal

e Anacleto que flagram o Padre Anselmo e Rufina em posição inconfessável, em meio às bananeiras. O padre ameaçara contar a todos que Rufina nutria desejos por Clemente e exigira, para seu silêncio – a contragosto da mãe de Fátima – favores sexuais. Diante de mais uma vergonha pública, Anacleto encerra a esposa em um convento enquanto o padre é degredado a Angola. O marido traído passou a viver em seu único bem restante: uma fazenda de café, em Santa Cruz, com uma mulata do Catumbí (com quem teve, segundo o narrador “muitos mulatinhos”). As dívidas com a igreja foram as únicas perdoadas (desde que não se exigisse uma reparação pelos abusos do padre). Peter resolvera ir logo embora do país onde lhe “havia roubado até a alma” e levou consigo Fátima que fugira sem nem se despedir do pai. Clemente foi desenterrado por Domingos (Vidigal) seis meses depois e despachado para Lisboa dentro de uma caixa cheia de terra fresca. O narrador relata que Clemente nunca mais voltou ao Rio de Janeiro.

As picarescas reviravoltas de ambientação romântica acabaram e o vigésimo terceiro capítulo do livro do vampiro português, que se apaixonara no Brasil, acaba por meio da metalinguagem. O narrador, que resolvera escrever a história de seu “pai-vampiro” dá a ele os originais de sua autorizada biografia para que sua apreciação seja feita. Clemente gosta do que lê.

Curiosamente o jovem “filho” indigna-se com Clemente declarando que seu pai nunca ficara satisfeito com o que o escritor da história de seu “pai-vampiro” faz e mais uma vez demonstra semelhança entre os desencontros da juventude atual com a idade adulta. Os conflitos de gerações parecem estar presentes no livro de Jaf, de forma que o próprio narrador de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) parece ser ele, com suas inconstâncias e mistérios de escritor, ao tentar criar um vampiro mais coerente com a realidade e menos idealizado, ainda que apaixonado. Se o narrador-escritor vampiro representa o *alter ego* do próprio Jaf não o sabemos e como figura misteriosa que é dificilmente conseguiríamos obter dele essa confissão literária, uma vez que verificamos ser muito difícil contatá-lo.

As reflexões do vampiro de Jaf assemelham-se às das personagens enamorados dos famosos livros de ambientação romântica. Certamente o público a ser atingido com a narrativa é o jovem, que busca nas histórias românticas uma maneira de sentir-se “vivo”, em meio a essa difícil fase de transição e conhecimento das coisas e segredos do mundo. O autor perfaz o caminho sem poupar sua narrativa de alto teor pedagogizante e sem deixar de fazer hilárias considerações acerca da história do país, além de

admoestações irônicas quanto ao comportamento dos homens mais velhos que buscam a vivência de um romance com garotas muito mais jovens.

4.3 Às margens da narrativa: ilustrações e referências intertextuais em um projeto gráfico voltado para jovens

Entender a intencionalidade do livro de Jaf parece ser fundamental para poder comparar o fenômeno de leitura entre jovens leitores de *Crepúsculo* e a recepção que esses leitores podem ter da obra do autor carioca. Dois destaques parecem ser fundamentais para sugerir que a série Memórias de Sangue e, em especial, o livro *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), foram projetados para atingir um público juvenil, com forte mercado e possibilidade de muitas vendas: o projeto gráfico, com ilustrações e cores sugestivas para atrair o olhar juvenil e as referências intertextuais fortemente ligados à história da colonização do Brasil, com destaque à família real e os costumes que mudaram o país. Talvez a melhor fonte para elucidar nossas dúvidas nesse quesito é a própria editora Ática ou até o autor. O segundo jamais foi encontrado devido ao fato de não participar redes sociais e tampouco revelar seus contatos pelos meios conhecidos e de possível acesso ao público. A primeira instância: editora Ática primou por não responder aos e-mails enviados ao longo de um ano e tampouco revelar os caminhos às fontes editoriais para uma entrevista ou consulta de dados. Na única oportunidade na qual uma mensagem de correio eletrônico foi respondida, a editora optou por não informar sequer o número de exemplares do livro em questão nesta dissertação foram impressos, mesmo sabendo tratar-se de uma investigação científica. Aproveitamos para deixar registrada a falta de interesse de tais instituições para com a pesquisa acadêmica.

Dentre os destaques citados no livro podemos verificar a importância dada à ilustração. A grande preocupação dos escritores com o público juvenil tem feito com que o uso de ilustrações ganhe força tanto nas obras infantis, quanto nas idealizadas para o público juvenil, o que faz com que ilustração ganhe corpo em meio aos livros e adquira um caráter narrativo.

A visualidade imagística (através dos desenhos, pinturas, colagens, montagem, fotografia, etc.) ganha igual (ou maior) importância do que o texto. Ou melhor, o texto passa a ser a fusão de palavras e imagens [...] que desafia o olhar e a atenção criativa do leitor para a decodificação da leitura. (COELHO, 2000, p. 134).

Rui de Oliveira (2008), em seu artigo *Breve histórico da ilustração no livro infantil e juvenil* observa que “é impossível ignorar que a imagem narrativa, associada ao audiovisual, adquiriu novos suportes em nossos dias, como a internet, os jogos eletrônicos, os quadrinhos, a animação em série de TV etc.” (OLIVEIRA, In: Oliveira, 2008, p. 13). Dadas as novas mídias e a atratividade delas aos jovens aponta com grande importância para a necessidade de produzir obras com maior apelo visual devido à faixa etária a ser atingida com vistas a chamar atenção à obra. Considerando ainda que o autor carioca não conta com a fama da americana Stephenie Meyer, fica ainda mais evidente a necessidade de se chamar a atenção a partir de uma boa ilustração que se articule de maneira coerente com a narrativa, para compor a imagem narrativa, que pode ajudar a criar a ambientação e o clima de suspense na obra.

O resgate de um passado de histórias fantásticas, que pode reacquecer nas mentes dos jovens histórias que encantaram e amedrontaram suas mentes durante a infância ainda podem constituir motivos para as ilustrações fortes, em preto, branco e vermelho, presentes na obra de Jaf, como podemos supor a partir da observação de Oliveira (2008) “Podemos dizer que a grande presença dos seres fantásticos, tão comuns nas histórias e imagens destinadas a crianças e jovens de nossos dias, em realidade, é uma grande revivescência de um medievalismo que se origina nas noites do tempo”. (OLIVEIRA. In: OLIVEIRA, 2008: p. 18).

As ilustrações presentes no livro de Jaf correspondem àquilo que mais se aproxima da narrativa, sem corresponder ao realismo, como toda imagem intrigante deve ser. Como exemplo, observamos a capa do livro, exposta a seguir, (Imagem 1).

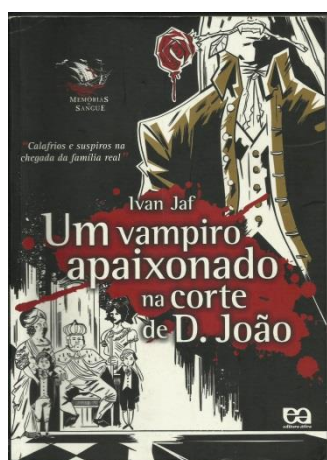


IMAGEM 1

Como podemos perceber, a capa do livro (Imagem 1) usa como referência uma linha cromática voltada para o sombrio (uma espécie de *dark*), que faz referência subjetiva à noite, período preferido para os passeios das personagens vampiros que tendem a fugir da luz solar. Outra cor presentes na ilustração são o vermelho – presente na rosa que parece sangrar e no pano de fundo do nome do livro - fazendo possível referência ao sangue (alimento favorito dos vampiros) e à paixão (representada pela rosa). Além de tais cores há um destaque para relevos do paletó utilizado pela personagem Clemente – em um tom semelhante ao dourado – que parece remontar à riqueza de suas vestimentas (principal atrativo na busca pelo amor de Fátima). Na parte inferior da capa há uma referência intertextual à família real, na figura de D. João, o que pode agregar valor econômico à obra no sentido da possível adoção como paradigmático entre as instituições escolares, o que aumentaria o possível mercado do livro.

Apesar de bem elaboradas, as ilustrações internas da obra parecem não chamar tanto a atenção do leitor como em outros projetos gráficos utilizados atualmente na literatura juvenil. As ilustrações são comuns e seguem a linha de utilização de predominância das cores branca e preta, sendo que a segunda cor representa a sombra e a primeira o plano real de definição das demais coisas do ambiente, como podemos observar a seguir nas imagens 2 e 3.

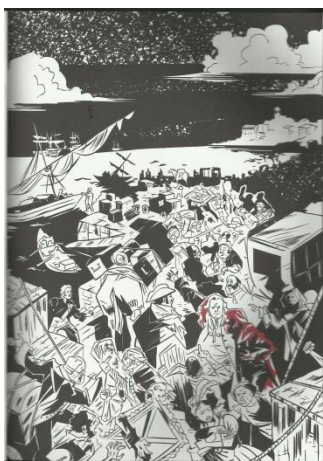


IMAGEM 2

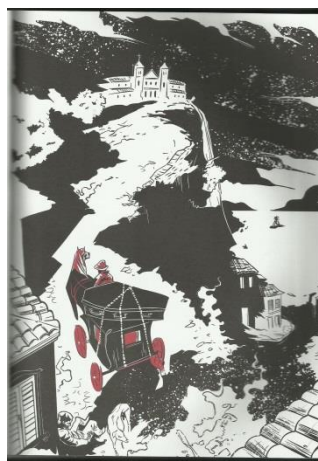


IMAGEM 3

Poucas vezes é utilizada a cor vermelha: na capa do vampiro da Imagem 2, que retrata os preparativos dos navios da fuga da família real para o Brasil e nas rodas, costas do condutor da charrete e crina do cavalo da Imagem 3. A charrete da imagem 3

conduz a personagem Clemente ao mosteiro onde instalará seu caixão para dormir durante o dia. As ocorrências de cores vermelhas possivelmente remontam à presença do vampiro no interior da charrete e de possíveis alvos para sua alimentação: o condutor da sege e o cavalo que a carrega.

Uma das cenas retratadas que ocupa uma página inteira retrata o momento em que Clemente suga o sangue de seu desafeto e concorrente ao coração de Fátima, o inglês Peter. Tal imagem tem como pano de fundo o que se passa nos sonhos do inglês: a beleza de Fátima e os navios que traziam suas mercadorias da Europa para o Brasil, como podemos notar na Imagem 4

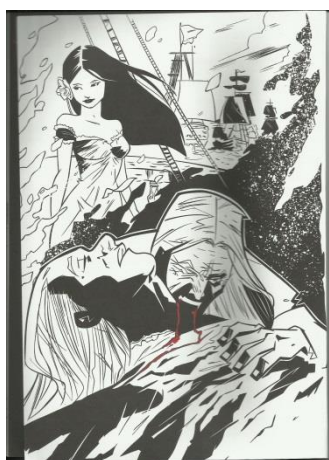


IMAGEM 4

Como nas outras 19 ilustrações, realizadas por Marcelo Campos, o predomínio da cor branca como definição, trabalhando com a cor preta, que representa as sombras dominam a imagem. O vermelho corresponde ao sangue da personagem Peter que se esvai aos poucos escorrendo pelos caninos de Clemente.

Os 23 capítulos do livro são iniciados por uma página de fundo preto, com letras brancas. A cor vermelha – representativa do sangue desejado pelos vampiros – ocorre no título do capítulo e em uma marca estilo *splash*, em vermelho onde se escreve na cor branca o número do capítulo ao centro, como podemos observar na Imagem 5



IMAGEM 5

Observamos ainda que as demais páginas do interior dos capítulos contém fundo de página na cor branca e letras pretas, à exceção das referências intertextuais – em vermelho – que são trabalhadas às laterais das páginas corroborando, através de explicações históricas, o objetivo pedagógico do livro, como é possível notar na Imagem 6 abaixo



IMAGEM 6

As diversas ilustrações presentes no projeto-gráfico do livro representam um investimento que resulta de uma intenção de vendagem, seguindo uma tendência de mercado. Às margens de todas as páginas dos vinte e três capítulos do livro diversas explicações acerca dos termos utilizados pelo autor estão inseridas. Como Jaf optou por inserir seu protagonista e seus personagens secundários em acontecimentos histórico-sociais que permeiam a história do Brasil e de Portugal e o fez com muito detalhamento, criou-se a necessidade de trabalhar com mais especificidade a intertextualidade com a história, formando uma espécie de dicionário à parte da obra, tornando-a mais esclarecedora. Tal técnica possivelmente dotou o livro de uma característica de “livro de história”, podendo assim ser indicado para o ambiente escolar, o que aponta como já comentamos anteriormente, para o interesse em alcançar melhores públicos e maior tiragem, especialmente se adotado pelo PNBE³⁷.

São 29 referências intertextuais à história do Brasil e da Europa que definem, explicando minuciosamente para o leitor, questões como: bloqueio continental; Revolução francesa; queda do absolutismo; iluminismo; fuga da família real; abertura dos portos brasileiros; terremoto de Lisboa; tratados; entre outras definições e explicam ao jovem leitor quem foram, quando viveram e qual a importância de personagens históricos como: D. Maria I, D. João, General Junet, D. Marcos de Noronha e Brito, Napoleão Bonaparte, Sidney Smith, lendas como a de Perséfone e Hades, etc. As referências possivelmente buscam diminuir a incidência da atitude, comum a determinados leitores, de fechar o livro e abandonar a leitura ao se deparar com nomes e situações que fogem à sua bagagem de conhecimento.

Além de tais referências citadas o livro traz uma seção, ao seu final, que conta um resumo sobre as histórias de origem dos vampiros e do ocultismo, além de trazer ao final dos capítulos V e XV, duas páginas com famosos retratos de Napoleão Bonaparte e da chegada da família real ao Brasil.

Um vampiro apaixonado na corte de D. João (2009), portanto, pode ser lido e recebido pelo leitor jovem como literatura fantástico-maravilhosa pautada em aspectos diversos como uma leitura que satisfaça a busca por uma narrativa de ambientação romântica. Há ainda marcantes traços de humor, e um forte conteúdo histórico que encaminha o livro para um objetivo pedagógico, buscando o segredo da valiosa mina de ouro alcançada por diversas obras de literatura de massa, como *Crepúsculo* (2005).

³⁷ PNBE: sigla do Programa Nacional Biblioteca da Escola, do Ministério da Educação do Brasil.

4.4 Edward e Clemente: vampiros idealizados ou símbolos universais?

Ao verificarmos as características dos dois personagens vampiros protagonistas dos livros analisados nesta dissertação percebemos que os dois apresentam algumas semelhanças e algumas diferenças. Uma das primeiras diferenças notadas ao analisar Edward, protagonista de *Crepúsculo* (2005) e Clemente, personagem principal de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) diz respeito a uma das características principais de um vampiro, segundo descreve o *Dicionário de símbolos* (2003) “Vampiro - Morto que supostamente sai do seu túmulo para vir sugar o sangue dos vivos.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 30), enquanto Clemente dorme em um caixão durante o dia para se preservar do sol e alimenta-se do sangue de humanos, Edward não dorme, não frequenta caixões e alimenta-se de sangue de animais, evitando sugar o sangue humano por questões éticas de sua família, denominando-se “vegetariano” por tal razão. Da mesma forma que Clemente, a personagem de *Crepúsculo* (2005) foge ao sol, podendo levar uma vida normal apenas devido ao clima sempre nublado da cidade de Forks, onde se ambienta a narrativa.

Outra diferença substancial dos dois personagens deve-se ao fato de que suas características físicas são completamente diferentes no que se refere à idade e, conseqüentemente, à beleza e vitalidade de ambos. Edward é “congelado” enquanto adolescente (aos dezessete anos) durante o período da gripe espanhola. O fato de o congelamento ocorrer enquanto o vampiro Edward é jovem faz com que ele conserve pelo resto de sua “eternidade” as características físicas de um jovem aparentemente saudável – ainda que seja um morto-vivo – e esteticamente belo fisicamente. Tal característica auxilia na criação, por parte de Meyer, de um personagem idealizado, prática comum aos romances românticos. Clemente, ao contrário do protagonista de *Crepúsculo* (2005), sofre seu congelamento aos 55 anos de idade, conservando características comuns para um homem português de sua idade – os cabelos longos e já grisalhos e, apesar da barba bem aparada, um sério problema de varizes. A beleza física de Clemente não se apresenta como suficiente para encantar uma moça jovem como Fátima – que pertence à mesma faixa etária de Bella – caracterizando, assim, uma diferença considerável entre os dois personagens.

Semelhantemente os dois personagens são descritos como frios, porém Edward é descrito por Bella como alto, de cabelos bronzeados, desgrenhados e, nas palavras da personagem “bonito”, ao passo que Clemente é descrito pelo narrador como um homem

grisalho, bem barbeado e de unhas bem feitas, porém com um problema de varizes que incha suas pernas, especialmente ao sugar muito sangue, o que o obriga a dormir de cabeça para baixo para aliviar os efeitos colaterais. Edward, por sua vez, parece apresentar uma dieta equilibrada quando se “alimenta” do sangue dos animais, uma vez que não surgem, no livro, referências a problemas advindos de seu consumo de sangue durante as “caçadas”.

Ao contrário do que preza o *Dicionário dos Símbolos* (2003) “aqueles que foram vítimas de vampiros também transformam-se em vampiros: são esvaziados de seu sangue e, ao mesmo tempo, contaminados. “(CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 30), ambas as personagens não procuram “transformar” humanos em vítimas e “alimentam-se” de animais em “caçadas” promovidas com sua família, a fim de manter uma postura social que não levante suspeitas e de não afetar aos humanos com sua suposta maldição. Quando precisa sugar o sangue de Bella para salvá-la de um possível congelamento causado por James, a personagem o faz de forma controlada e técnica, segundo é ordenado por Carlisle, para apenas sugar o “veneno” que corre nas veias de Bella, sem, no entanto, transformá-la em vampira, pois Edward já possui o amor de Bella e parece determinando a querer que Bella continue como humana para realizar – através dela – seu desejo de ser um humano normal

O procedimento de Clemente é semelhante ao de Edward, porém, o protagonista de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), ao não conseguir obter o amor de Fátima, decide vivenciar o amor que sente pela jovem sugando-lhe o sangue, porém sem esvaziá-la totalmente transformando-a em vampira.

Tais características denotam que Meyer aparentemente intencionou criar um vampiro com características muito semelhantes às de um personagem de um romance ultrarromântico. O fato de Edward viver em meio a um ambiente frio e nublado, escapando assim de esconder-se do sol, além de vivenciar um romance problemático com uma humana é situação semelhante às encontradas comumente nos romances românticos. Preservar as características físicas – destacando a perfeição estética, comum a um jovem de dezessete anos de idade –, contribui ainda mais para a idealização, ao ressaltar no protagonista um modelo a ser alcançado, como costumam se afeiçoar as jovens leitoras que se espelham em Bella. Diferentemente da autora estadunidense, Jaf pareceu realizar a construção de um personagem que buscasse a identificação do público por assemelhar-se a um herói picaresco, sem uma beleza física que chamasse a atenção e com atributos psicológicos questionáveis que provoquem o sentimento de

compaixão dos leitores, como apaixonar-se por uma garota muito mais jovem (fato questionado pela sociedade em geral, nos dias atuais). O autor deixa evidente, através da sorte de Clemente, que o final da parceria romântica não se direcionará para o esperado *happy end* das obras românticas. Ainda assim o autor demonstra, em seu personagem, que o desequilíbrio psíquico por não obter o objeto de desejo, causará, no protagonista, o desejo de realizar sua história de amor através do sangue de Fátima, sem, no entanto, transformá-la. Desta forma o desequilíbrio de Clemente representa o contraponto do equilíbrio de Edward ao controlar-se sugando o sangue de Bella buscando não transformá-la. O equilíbrio de Edward deriva, possivelmente, do fato de que já conquistara o amor de Bella, situação diferente da de Clemente que não concretizara de fato seu desejo de tornar a sentir-se como um humano.

5. A RECEPÇÃO DOS VAMPIROS ESTADUNIDENSE E BRASILEIRO POR PARTE DO PÚBLICO JUVENIL

Um dos grandes mercados editoriais em expansão no Brasil, na última década, tem sido o voltado à literatura juvenil. É grande o número de autores, ilustradores, livros publicados e é crescente o número de leitores a que se destinam tais textos. Tal crescimento e expansão tem motivado a realização de estudos e pesquisas sobre as diversas temáticas voltadas para o público adolescente. Desta forma, é de vital importância a observação dos efeitos causados pelas narrativas no público leitor.

A Estética da Recepção orienta a reflexão acerca do impacto atualizado de uma obra de arte sobre o leitor, formando o juízo estético através do efeito e da recepção, duas instâncias indissociáveis.

Os horizontes possibilitados pelos livros produzidos para o público juvenil são múltiplos, uma vez que tal público encontra-se em formação e pode, através de sua identificação com as personagens, conhecer novas realidades que operem para seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

Uma importante tarefa é desempenhada pela literatura ao longo dos séculos e os estudos acerca do específico *juvenil* na literatura são necessários para que se compreenda e se difunda a importância da literatura na vida de todo ser humano. Coelho (2000) afirma:

Hoje, mais do que nunca (porque o nosso mundo está em processo de radicais transformações), faz-se urgente que as novas gerações tomem consciência da *tarefa* desempenhada pela literatura, no longo processo de evolução que vem sendo vivido pela humanidade, desde a origem dos tempos (COELHO, 2000, p. 5)

Assim, essa dissertação se propôs a observar o fenômeno de leitura do romance de vampiro irradiado a partir de *Crepúsculo* (2005) e seus ecos no Brasil com a publicação de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), através da análise da recepção por jovens de treze a dezesseis anos, de contextos socioeconômicos e culturais diferentes, verificando os vazios preenchidos e os diversos sentidos construídos a partir das leituras dos dois textos. A análise dos questionários revela como a transformação do ser humano em vampiro – presente nas narrativas – dialoga com o adolescente (ser humano em formação e “mutação”). Acreditamos que tal reflexão auxilie na compreensão das razões que levam adolescentes desinteressados por leituras

de alta qualidade estética (abundantes atualmente nas bibliotecas) a buscar, com tanta avidez, leituras fantásticas de valor estético tão variável.

5.1 Contextos variáveis: dados socioeconômicos e práticas culturais dos jovens sujeitos da pesquisa

A partir da análise dos questionários, buscamos realizar uma reflexão sobre as informações coletadas através do questionário socioeconômico e cultural (Apêndice 2), que fora aplicado aos quinze jovens leitores que participaram da pesquisa. O objetivo dos questionários foi estabelecer um parâmetro para abordagem do leitor, uma vez que os aspectos sociais são de suma importância para análise sob a ótica da Estética da Recepção.

Os elementos externos aos textos são objeto de análise no questionário socioeconômico e cultural, levando em conta o meio em que os leitores vivem e suas experiências pessoais verificáveis, pois, assim, podemos observar como tais experiências podem dar vida ao livro e podem estabelecer diálogo com ele, estabelecendo uma comunicação entre duas vertentes da simbiose entre texto e leitor: o efeito e a recepção.

A partir da teoria de Iser (1996), o efeito – interação que o polo estético (do leitor) estabelece com o polo artístico (do texto) – faz do leitor peça-chave para a consolidação da obra. Enquanto a recepção, na visão de Jauss (2002), mostra uma nova história da literatura. Em se tratando do conjunto de experiências de um grupo de leitores inserido em um determinado contexto histórico, precisamos compor uma ligação entre o efeito e a recepção, para tornar a análise mais completa e sóbria.

Os questionários contidos no Apêndice 2 oportunizam uma abordagem do leitor, além da identificação de dados importantes acerca do contexto social do qual ele participa. Para uma observação mais clara, descreveremos os dados através de tabelas, levando em conta as informações por ora mais substanciais.

TABELA 1 – IDENTIFICAÇÃO DOS LEITORES

NÚMERO	NOME ABREVIADO	IDADE
01	E A F	14
02	M H C S	16
03	P H B	13
04	G F B	14
05	G T	16
06	G D V	16
07	M S L	13
08	G R V	14
09	P T R	13
10	M G C	16
11	C C D	15
12	L M P	13
13	I D	13
14	R F F	16
15	S L X S	14

A Tabela 1 proporciona o conhecimento acerca da identificação dos leitores. Por uma razão de preservação da identidade dos leitores que participaram da pesquisa optamos por omitir seus nomes e identificá-los através das iniciais que os compõem, além dos números, de 1 a 15, para relacioná-los às diversas respostas contidas nas tabelas.

Os leitores participantes da pesquisa totalizam um número de 15 (que concluíram a leitura e entregaram todos os questionários), sendo 5 meninos e 10 meninas. Observamos que, apesar de buscar equilibrar o número de leitores por sexo (masculino e feminino), o principal motivo de recusa à participação masculina na pesquisa derivava do fato de que admitir ser leitor da saga *Crepúsculo* (2005) traz determinado preconceito por parte dos demais colegas, configurando a prática de *bullying* entre seus pares. Obtivemos então aproximadamente 67% de leitoras do sexo feminino e 33% de leitores do sexo masculino.

Com relação à faixa etária dos participantes, aproximadamente 34% tem 13 (treze) anos, 26% tem 14 (quatorze) anos, 6% tem 15 (quinze) anos e 34% tem 16 (dezesesseis) anos. Verificamos a disparidade entre os leitores mais jovens – que estão saindo da infância e dos leitores mais velhos – mais próximos da idade adulta – que concentram quase 70% dos participantes. Tal disparidade influenciou a resposta a algumas das indagações feitas por meio dos questionários, configurando reflexo

importante na verificação do efeito e da recepção dos livros por indivíduos com diferentes perspectivas e contextos.

Todos os participantes da pesquisa, por encontrar-se em idade escolar e devido às leis que determinam a frequência à escola, são estudantes. Apesar do fato de que a pesquisa não ocorreu no ambiente escolar, verificamos por meio do questionário que, quanto à instituição de ensino que frequentam, 14 (quatorze) dos leitores frequentam escolas públicas, enquanto apenas 1 (um) leitor frequenta a rede privada de ensino. Apesar do grande número de leitores pertencerem à rede pública de ensino, verificamos (conforme indica a Tabela 2, a seguir) que há um equilíbrio socioeconômico devido ao fato de que vários leitores residem em bairros residenciais de boa estrutura e pertencentes economicamente à classe média, optando pela escola pública.

TABELA 2 – CONTEXTO SOCIAL DOS PESQUISADOS

NÚMERO	BAIRRO	ESCOLARIDADE
01	Centro	Ensino Fundamental I – 8º ano
02	Centro	Ensino Médio – 3ºano
03	Bairro Alto Alegre	Ensino Fundamental I – 7º ano
04	Bairro Alto Alegre	Ensino Médio – 1ºano
05	Centro	Ensino Médio – 2ºano
06	Jardim Canadá	Ensino Médio – 2ºano
07	Bairro Neva	Ensino Fundamental I – 8º ano
08	Bairro Maria Luiza	Ensino Fundamental I – 8º ano
09	Bairro Neva	Ensino Fundamental I – 7º ano
10	Centro	Ensino Médio – 1ºano
11	Bairro Santo Onofre	Ensino Médio – 2ºano
12	Jardim Itamarati	Ensino Fundamental I – 9º ano
13	Bairro Santa Felicidade	Ensino Fundamental I – 8º ano
14	Bairro Recanto Tropical	Ensino Médio – 3ºano
15	Centro	Ensino Médio – 1ºano

O local de residência dos leitores pesquisados demonstra que, apesar de apenas 1 (um) leitor estudar em instituição privada de ensino, 34% por cento dos leitores residem em localidades de alto poder aquisitivo, como o centro da cidade. Outros 19% residem em bairros de classe média e 47% em bairros periféricos. O grau de escolaridade dos alunos reflete a diferença de maturidade entre os sujeitos da pesquisa devido aos anos de experiência escolar: aproximadamente 14% frequentam o sétimo ano do Ensino fundamental, 29% o oitavo ano, 8% o nono ano, 21% estão matriculados na primeira

série do Ensino médio, 14% a segunda série do Ensino médio e 14% a terceira série do Ensino médio.

TABELA 3 – ESCOLARIDADE E PROFISSÃO DOS PAIS

Nº	ESCOLARIDADE/ PAI	ESCOLARIDADE/ MÃE	PROFISSÃO / PAI	PROFISSÃO / MÃE
01	Ensino Fundamental	Superior completo	Agricultor	Administradora
02	Superior completo	Superior completo	Motorista	Empresária
03	Ensino Fundamental	Mestre	Comerciante	Professora
04	Ensino Fundamental	Superior completo	Comerciante	Professora
05	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Caminhoneiro	Dona de casa
06	Ensino Médio	Ensino Médio	Gerente	Vendedora
07	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Motorista	Dona de casa
08	Superior completo	Superior completo	Arquiteto	Arquiteta
09	Ensino Médio	Ensino Médio	Vendedor	Vendedora
10	Ensino Médio	Ensino Fundamental	Gerente	Vendedora
11	Ensino Médio	Ensino Médio	Técnico	Caixa
12	Ensino Médio	Ensino Médio	Técnico	Manicure
13	Superior completo	Ensino Médio	Vendedor	Vendedora
14	Ensino Fundamental	Superior incompleto	Falecido	Ag. Administrativo
15	Superior completo	Superior completo	Advogado	Advogada

A tabela 3 reflete o grau de escolaridade dos pais, o que representa dado importante para falar da leitura dos pesquisados. Observamos que 30% dos pais possui Ensino Superior completo (incluindo até estudos de pós-graduação), 46% possuem nível médio completo, 24% possuem ensino fundamental. Ainda é possível observar que 13% das mães dos leitores são donas de casa, ao passo que 87% das mães trabalham fora.

TABELA 4 – BENS DE CONSUMO PRESENTES EM CASA

NÚMERO	BENS DE CONSUMO
01	Aparelho de som, rádio, televisão, DVD, computador, notebook e telefone.
02	Aparelho de som, televisão (3), DVD, computador e telefone.
03	Aparelho de som (2), rádio (2), televisão (3), computador, notebook (3) e telefone.
04	Aparelho de som rádio, televisão, computador, notebook e telefone.
05	Aparelho de som rádio, televisão, notebook e telefone.
06	Aparelho de som (3), rádio (2), televisão (5), DVD (3), computador, notebook e telefone.
07	Aparelho de som, rádio, televisão, DVD, computador, notebook e telefone.
08	Aparelho de som (2), rádio, televisão (2), DVD , computador, notebook (2) e telefone
09	Rádio, televisão (2), DVD, computador, notebook e telefone.
10	Aparelho de som rádio, televisão, DVD, notebook e telefone.
11	Aparelho de som, rádio, televisão (2), DVD , computador, notebook e telefone.
12	Aparelho de som, rádio (2), televisão (2), DVD , computador, notebook e telefone.
13	Aparelho de som, rádio, televisão, DVD, computador, notebook e telefone.
14	Aparelho de som, televisão (2), DVD, computador e telefone.
15	Aparelho de som, rádio, televisão (4),DVD, computador, notebook (4) e telefone.

Com relação aos bens de consumo, verificamos que 96% dos leitores possuem algum tipo de aparelho de som em casa, 100% possuem rádio, 100% dos leitores possuem computador ou notebook em casa e todos possuem internet em suas residências. Quando analisamos a associação entre as atividades preferidas pelos jovens e os bens de consumo presentes em casa, verificamos, na Tabela 5, que 80% dos jovens participantes tem como atividade favorita navegar na internet, 87% dos entrevistados declarou como segunda atividade favorita ver Tv. Os bens de consumo televisão e computador (conforme Tabela 4) estão presentes em 100% das residências dos leitores, o que, associado ao fato de que as duas atividades favoritas dos leitores dizem respeito ao uso desses objetos nos levam a crer que a cultura da leitura não está presente como atividade principal desenvolvida no âmbito familiar. A leitura é apontada como atividade principal por apenas 7% dos pesquisados, como segunda atividade principal por 14%, como terceira opção por 27% dos jovens. Os 51% restantes elencaram como

quarta ou quinta atividades favoritas a prática da leitura, como aponta a tabela 5, a seguir.

TABELA 5 – ATIVIDADES FAVORITAS

NÚMERO	QUAL ATIVIDADE VOCÊ MAIS GOSTA DE FAZER (POR ORDEM DE PREFERÊNCIA)
01	Navegar na Internet ³⁸ , ver Tv, ouvir músicas, escrever, ler.
02	Navegar na Internet ³⁹ , ver Tv, ler, escrever, ouvir músicas.
03	Navegar na Internet, ver Tv, ler, escrever, ouvir músicas.
04	Navegar na Internet, ver Tv, ler, escrever, ouvir músicas.
05	Navegar na Internet, ver Tv, ouvir músicas, ler, escrever.
06	Navegar na Internet, ver Tv, ouvir música, escrever, ler.
07	Navegar na Internet, ver Tv, ouvir música, ler, escrever.
08	Navegar na Internet, ver Tv, ouvir músicas, escrever, ler.
09	Ouvir músicas, ver Tv, navegar na Internet, escrever, ler.
10	Navegar na Internet, ver Tv, escrever, ouvir músicas, ler.
11	Ler, ver Tv, navegar na Internet, escrever, ouvir músicas.
12	Navegar na Internet, ver Tv, escrever, ler, ouvir músicas.
13	Ver Tv, ler, ouvir músicas, escrever, ajudar em casa nas tarefas ⁴⁰ .
14	Navegar na Internet, ver Tv, ouvir músicas, ler, escrever
15	Navegar na Internet, ler, ver Tv, ouvir músicas, escrever

Os materiais de leitura presentes nas residências apontam, de acordo com a Tabela 6, os “livros para adultos” (romances, contos, poesias entre outros) e os infantojuvenis, os jornais e as revistas estão presentes em 93% das residências dos leitores. As histórias em quadrinhos foram citadas como presentes por 54% dos entrevistados.

³⁸ A opção “Navegar na internet” foi apontada por grande parte dos leitores na opção *Outros*.

³⁹ Os leitores que apontaram tal opção dissociaram a navegação na internet da leitura, que é uma das atividades de quem navega pela *web*.

⁴⁰ “Ajudar nas tarefas de casa” foi apontado através da opção *Outros*.

TABELA 6 – MATERIAIS DE LEITURA NAS RESIDÊNCIAS

NÚMERO	MATERIAIS DISPONÍVEIS PARA LEITURA EM CASA
01	Livros para adultos ⁴¹ , livros infantojuvenis, revistas, jornais e histórias em quadrinhos.
02	Livros para adultos, livros infantojuvenis, revistas e histórias em quadrinhos.
03	Livros para adultos, livros infantojuvenis, revistas e histórias em quadrinhos.
04	Livros para adultos, livros infantojuvenis e revistas.
05	Livros para adultos e livros infantojuvenis.
06	Livros para adultos, livros infantojuvenis, revistas e histórias em quadrinhos.
07	Revistas e jornais.
08	Livros para adultos, livros infantojuvenis e revistas.
09	Livros para adultos, livros infantojuvenis, revistas e jornais.
10	Livros para adultos, livros infantojuvenis, revistas e jornais.
11	Livros para adultos, livros infantojuvenis, revistas e histórias em quadrinhos.
12	Livros para adultos, livros infantojuvenis, revistas e jornais.
13	Livros para adultos, livros infantojuvenis, revistas, jornais e histórias em quadrinhos.
14	Livros para adultos, livros infantojuvenis, revistas e histórias em quadrinhos.
15	Livros para adultos, livros infantojuvenis, revistas e histórias em quadrinhos.

Ao serem perguntados acerca dos títulos e tipos de materiais de leitura presentes em suas residências, 87% dos leitores citaram, como livros que possuem, títulos de literatura fantástica, o que indica que tal gênero prevalece na preferência dos leitores. Dos leitores que declararam possuir títulos ligados a tal gênero 50% possuem livros de literatura sobre a temática do vampiro e, um leitor relatou possuir o livro *A hospedeira* (2008), de mesma autoria da saga Crepúsculo (Stephenie Meyer).

⁴¹ Definiu-se como “Livros para adultos”: romances, poesias e outros

TABELA 7 – TIPOS DE MATEIRAIS PARA LEITURA PRESENTES EM CASA

NÚMERO	TIPOS DE MATERIAIS (EM ORDEM: LIVRO, REVISTA, JORNAL E H.Q.)
01	Crepúsculo/Veja/ Gazeta do Paraná/ Turma da Mônica
02	Diários do vampiro/Veja
03	A turma da mão preta/Informática/Mônica e sua turma
04	Harry Potter/Veja
05	Harry Potter
06	A Cabana/Veja
07	Amanhecer/Caras
08	Trilogia Millennium/Capricho
09	Crepúsculo/Caras/Gazeta do Paraná
10	Amanhecer/Caras/O Paraná
11	O mundo de Sofia/Superinteressante/Turma da Mônica
12	A lenda dos guardiões/Claudia/O Mercado/Magali
13	Lua nova/Veja/Gazeta do Paraná/Mônica
14	A hospedeira/Elle/Turma da Mônica
15	Eclipse/IstoÉ

Quanto à presença de revistas nas residências dos leitores notamos a presença da revista Veja em 34% das residências. Revistas sobre moda e atualidades foram relatadas como presentes por 40% dos entrevistados. As revistas em quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Souza, foram citadas por 40% dos entrevistados como presentes em suas casas, demonstrando ainda ser o único tipo de histórias em quadrinhos presente nas casas dos pesquisados.

As leituras no ambiente familiar são importante referência para explicar a existência e a amplitude do gosto pela leitura por parte dos pesquisados. A tabela 8, a seguir, faz referência ao número de leitores nas famílias dos pesquisados e aos materiais de leitura preferidos pelos familiares.

TABELA 8 – LEITURAS I

NÚMERO	QUEM LÊ EM SUA FAMÍLIA ?	O QUE LÊ ?
01	Mãe e o pai	Livros de romance e comédia.
02	Ninguém	-----
03	Mãe e irmão	História, romance, aventura e suspense.
04	Mãe e irmão	Autoajuda
05	Ninguém	-----
06	A mãe	Revistas e livros de romance.
07	Ninguém	-----
08	Irmã	Romances e contos.
09	A mãe e a avó	Revistas e livros religiosos.
10	Ninguém	-----
11	Irmão e avó	Revistas em quadrinhos e livros religiosos.
12	Ninguém	-----
13	Mãe, pai e irmão	Livros de suspense e revistas.
14	A mãe, o pai e o avô	Livros e jornais.
15	A mãe	Romances em geral.

Observamos que, entre os leitores pesquisados, a mãe é citada como leitora em 54% dos casos, os irmãos em 34% das citações, o pai e os avós são lembrados como leitores por 20% dos jovens. Outro dado que chama a atenção é o fato de que 34% dos entrevistados afirmou que ninguém lê em sua casa. A influência de leitura de um terço dos lares dos pesquisados é prejudicada pela falta de exemplos de leitura, o que poderia prejudicar a formação do jovem como leitor. A mãe, através de suas leituras de materiais como livros de romance (62% das mães leitoras), pode influenciar a leitura dos filhos nos lares, influenciando-os inclusive à leitura da literatura fantástica. A leitura de revistas aparece em 27% das casas dos entrevistados e os livros religiosos são lidos em 13% das residências, configurando, após a leitura dos livros em geral, os materiais mais citados.

TABELA 9 – LEITURAS II

NÚMERO	QUEM LHE CONTAVA HISTÓRIAS ?	QUAL HISTÓRIA VOCÊ MAIS GOSTAVA?	QUE SENTIMENTOS LHE CAUSAVAM ESSAS HISTÓRIAS?
01	A mãe	Chapeuzinho vermelho	Alegria
02	A mãe	Os três porquinhos	Alegria
03	Pai, mãe e avô	O sapinho na lagoa	Alegria
04	Ninguém	-----	-----
05	Professora	Não se recorda.	-----
06	A mãe	Chapeuzinho vermelho, Cinderela	Alegria
07	Os avós	Cinderela e Branca de neve	Alegria
08	O pai	Os três porquinhos	Alegria
09	A mãe	A branca de neve	Sono
10	A mãe	Chapeuzinho vermelho	Medo e alegria
11	A mãe e a avó	Um olhinho, dois olhinhos, três olhinhos.	Diversos sentimentos
12	Os pais e o avô	João e Maria/Rapunzel.	Medo e alegria
13	Os pais e o avô	O coelhinho pipoca	Alegria
14	O avô	Histórias de vida que o avô contava	Alegria
15	A mãe	Os três porquinhos	Alegria

A principal mediadora da família, entre os jovens pesquisados, é a mãe, que é citada em 67% dos casos. O pai e os avôs são citados em 40% dos casos como importantes mediadores. Em um dos casos foi citada a professora, porém sem lembrança de qual história mais interessante fora contada e em outro caso ninguém foi lembrado como contador de histórias, totalizando duas ocorrências de ausência de mediadores de leitura na família.

As histórias que predominaram nas “contações” familiares foram as fábulas e os contos de fada, destacando-se os famosos *Os três porquinhos* e *Chapeuzinho vermelho*, citados em 19% dos casos cada um. Entre os sentimentos causados através das histórias está a alegria, em 81% dos casos, e o medo entre 12% dos jovens. Um dos jovens citou sentir sono com a história *Branca de neve*, contada pela mãe. Os dados da tabela indicaram que 87% dos adolescentes ouviam histórias contadas em seu ambiente familiar. Tal dado revela a preocupação dos pais e familiares com o consumo de ficção por parte dos futuros leitores.

TABELA 10 – LEITURAS III

NÚMERO	VOCÊ COSTUMA LER... (EM ORDEM DE IMPORTÂNCIA)
01	Por curiosidade em aprender coisas novas, para se divertir, para tarefas escolares, para aprender sobre religião.
02	Para se divertir, por curiosidade em aprender coisas novas, para tarefas escolares, para aprender sobre religião.
03	Por curiosidade em aprender coisas novas, para se divertir, para aprender sobre religião, para tarefas escolares.
04	Para se divertir, por curiosidade em aprender coisas novas, para tarefas escolares, para aprender sobre religião.
05	Por curiosidade em aprender coisas novas, para se divertir, para tarefas escolares, para aprender sobre religião.
06	Para tarefas escolares, para se divertir, para aprender sobre religião, por curiosidade em aprender coisas novas.
07	Para se divertir, para aprender sobre religião, por curiosidade em aprender coisas novas, para tarefas escolares.
08	Para se divertir, por curiosidade em aprender coisas novas, para aprender sobre religião, para tarefas escolares.
09	Por curiosidade em aprender coisas novas, para tarefas escolares, para aprender sobre religião, para se divertir.
10	Para se divertir, por curiosidade em aprender coisas novas, para aprender sobre religião, para tarefas escolares.
11	Por curiosidade em aprender coisas novas, para se divertir, para tarefas escolares, para aprender sobre religião.
12	Por curiosidade em aprender coisas novas, para se divertir, para tarefas escolares, para aprender sobre religião.
13	Para se divertir, por curiosidade em aprender coisas novas, para tarefas escolares, para aprender sobre religião.
14	Para se divertir, por curiosidade em aprender coisas novas, para tarefas escolares, para aprender sobre religião.
15	Para se divertir, por curiosidade em aprender coisas novas, para tarefas escolares, para aprender sobre religião.

Observamos na tabela 10 que 52% dos entrevistados realizam leituras, em primeiro lugar, por diversão, enquanto 41% dos jovens leem para satisfazer a curiosidade em aprender coisas novas. Dos leitores, 7% realizam suas leituras, principalmente para a realização de tarefas escolares e nenhum leitor vinculou uma preferência de leitura exclusiva por materiais religiosos.

TABELA 11 – BIBLIOTECA I

NÚMERO	VOCÊ FREQUENTA A BIBLIOTECA	QUE TIPO DE GÊNERO VOCÊ PROCURA?
01	De vez em quando	Ficção ⁴² , detetive/policial, escolar, comédia, histórias em quadrinhos.
02	De vez em quando	Ficção.
03	Sempre	Ficção, detetive/policial, escolar, aventura.
04	De vez em quando	Ficção, escolar.
05	De vez em quando	Ficção.
06	De vez em quando	Escolar, romances.
07	Sempre	Ficção, aventura.
08	De vez em quando	Ficção, detetive/policial.
09	De vez em quando	Ficção, detetive/policial, crônicas.
10	De vez em quando	Ficção, detetive/policial.
11	Sempre	Detetive/policial, poesia, escolar, clássicos.
12	De vez em quando	Ficção, detetive/policial.
13	Sempre	Ficção, detetive/policial.
14	De vez em quando	Ficção.
15	De vez em quando	Ficção, romances.

Na tabela 11, podemos verificar que 74% relataram frequentar bibliotecas “de vez em quando”, enquanto outros 26% afirmaram ir sempre a tal instância de mediação de leitura. O gênero mais procurado pelos jovens ao visita-la é a ficção, que corresponde a uma procura por parte de 87% dos leitores. O gênero detetive/policial corresponde a 53% dos entrevistados, como já era esperado (juntamente com a ficção) por conter mistérios como os que se apresentam em romances de vampiros – que muitas vezes são investigados como em romances policiais e representam obras que apresentam uma alternativa à realidade observável dos jovens. Outros 20% dos leitores citaram a busca por romances e 13% para a realização de trabalhos escolares. Houve ainda ao menos uma ocorrência de citação para livros de comédia, histórias em quadrinhos, clássicos e crônicas.

As leituras realizadas citadas foram: Turma da Mônica (histórias em quadrinhos), *Harry Potter*, *Crônicas de Nárnia*, *O Senhor dos anéis*, *Feliz ano velho*, *Segredos do coração*, *Dom Casmurro*, *Crepúsculo*, *O pagador de promessas*, *A aurora*

⁴² Por não ter sido especificado a qual tipo de ficção era feita referência percebemos que os leitores entenderam que as narrativas que abordam situações exteriores à realidade observável como ficção.

da minha vida, O santo e a porca, A cabana, A ordem dos arqueiros, A bolsa amarela, O clube das suicidas, Go girl e Marcada. As obras citadas não são complementadas pelos leitores com o nome do autor, dificultando assim a identificação de todas e a catalogação em gêneros. Ainda assim podemos verificar que a leitura por obras do gênero fantástico permeia a maioria das escolhas, o que indica que o gênero é explorado pelos adolescentes em uma busca de satisfação pessoal frente às dificuldades enfrentadas em sua vida cotidiana.

Acerca da leitura de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), de Ivan Jaf, indagamos aos leitores sobre o conhecimento do autor e de seus livros. Verificamos que nenhum dos leitores havia ouvido falar ou se lembrava do autor carioca ou de qualquer livro seu, apesar do fato de que o autor já publicara mais de 50 livros, principalmente para o público juvenil, além de roteiros para filmes premiados internacionalmente.

TABELA 12 – STEPHENIE MEYER

NÚMERO	VOCÊ JÁ CONHECIA STEPHENIE MEYER ANTES DA LEITURA DE CREPÚSCULO?	COMO VOCÊ A CONHECEU ?	PODERIA CITAR OUTROS TEXTOS DE STEPHENIE MEYER?
01	Não	Através de Crepúsculo	Não
02	Não	Através de Crepúsculo	Não
03	Não	Através de Crepúsculo	Não
04	Não	Através de Crepúsculo	A hospedeira
05	Não	Através de Crepúsculo	Não
06	Não	Através de Crepúsculo	Lua Nova e Eclipse
07	Não	Através de Crepúsculo	Não
08	Não	Através de Crepúsculo	Lua Nova e Eclipse
09	Não	Através de Crepúsculo	Não
10	Não	Através de Crepúsculo	Não
11	Não	Através de Crepúsculo	Não
12	Não	Através de Crepúsculo	Não
13	Não	Através de Crepúsculo	Lua, Nova, Eclipse e Amanhecer
14	Não	Através de Crepúsculo	A hospedeira, A breve segunda vida de Bree Tanner,
15	Não	Através de Crepúsculo	Lua Nova, Eclipse e Amanhecer

Sobre a autora estadunidense Stephenie Meyer, os leitores demonstraram tomar conhecimento de sua obra através de *Crepúsculo* (2005), seu primeiro livro publicado e sucesso mundial de vendas. A respeito das demais obras da autora, 60% dos leitores afirmaram não conhecer outros textos da autora. Ainda que a pesquisa tenha sido realizada em 2012 (sete anos após a publicação de *Crepúsculo*), os leitores citados não demonstraram interesse em realizar a leitura de outros textos da autora. Outros 30% dos jovens relataram conhecer os livros *Lua nova* (2006) e *Eclipse* (2007). Ainda, a partir da Tabela 12, podemos verificar que dois leitores citaram os livros *Amanhecer* (2008) e *A hospedeira* (2008). O último livro publicado por Meyer *A breve segunda vida de Bree Tanner* (2010) foi citado por um dos leitores.

Os estudos referentes à Sociologia da Leitura são fundamentais para compreender as relações entre leitor, leitura, mediações familiares, culturais, sociais, políticas e econômicas que envolvem os leitores jovens que participaram da pesquisa. Sabemos que é comum a formação de leitores proficientes nas classes sociais mais favorecidas, que geralmente frequentam escolas privadas. No entanto verificamos que apenas um dos jovens estuda em instituição privada de ensino e, apesar de tal fato indicar uma posição econômica mais favorável, ainda assim podemos verificar que 74% dos jovens frequentam bibliotecas, 52% realizam leituras por diversão, o que atesta que a atividade de leitura é realizada – senão como primeira atividade cultural - em uma frequência maior do que é comum entre jovens pertencentes à faixa etária da pesquisa.

A mediação da leitura, fator fundamental para a formação do gosto pela leitura, pode explicar como secundária a questão econômica como base para a formação do leitor. Como observamos através do questionário socioeconômico e cultural, 54% das mães e 34% dos pais representam a figura de leitura no seio familiar, seguindo como exemplo motivador para os jovens leitores. Ainda cabe destacar que 67% das mães e 40% dos avós realizavam as leituras de histórias durante a infância. Tais histórias contadas no âmbito familiar despertam o sentimento de alegria em 81% dos casos, o que cria na mente dos jovens leitores a sensação de prazer quanto à atividade de leitura literária.

A ação de produção e recepção da obra literária é composta pelas vivências do autor, no momento da produção da obra literária, e pela recepção, acrescida pelas vivências e expectativas do leitor sobre a obra a ser lida. A partir de tal viés verificamos que a atividade de recepção de uma obra é tarefa complexa e que pode ser facilitada e simplificada pela figura do mediador. A aproximação das obras do público apresenta-se

como a função principal das instâncias e dos sujeitos mediadores. Tais mediadores podem se apresentar sob a forma de bibliotecas, familiares, professores e demais meios econômicos e culturais que propiciem o contato e favoreçam o consumo da literatura.

Ao analisarmos os questionários (como podemos verificar por meio das tabelas que extraíram os dados) observamos quão importante se apresentou a família como instância mediadora e atuante para a formação do gosto pela leitura. Entre os leitores que tinham exemplos de leituras em casa e que eram contemplados com a “contação” de histórias por parte de pais, avós, irmãos e até por um professor, ficou evidente que a atividade literária se prolongou ao longo dos anos seguintes e que sua formação como leitores continuou – através da busca pela literatura fantástica – e continua ainda hoje com novas buscas por materiais literários.

Como observa Petit (1999) a atividade mediadora, através de sujeitos mediadores não deve parar, pois, configura-se como importante fator para a formação completa de leitores literários. Segundo seus estudos podemos indicar como mediadores os professores (com foi citado em um caso na pesquisa), os bibliotecários, e quem sabe até outros profissionais como jornalheiros, amigos e demais mediadores que sirvam como bom exemplo condutor até os textos literários.

Esta pesquisa proporcionou aos alunos a leitura de mais um autor que trata do tema da literatura fantástica de vampiro e, com isso, contribuiu em uma pequena parte para o conhecimento dos leitores de outra opção de livro sobre o tema, podendo, inclusive ampliar as perspectivas dos jovens que podem alcançar, enquanto leitores, a humanização por meio do objeto literário. Os resultados a seguir versam sobre a recepção de *Crepúsculo* (2005) e *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) e descrevem o procedimento de leitura, aceitação e/ou recusa da temática abordada entre os leitores entrevistados.

5.2 Mundos distintos: os diferentes sentidos justificados pelo leitor

5.2.1 Caninos brasileiros: a leitura de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), pelo público jovem

Para verificar a recepção do livro *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), de Ivan Jaf, utilizamos o questionário intitulado “Questionário sobre a leitura de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João*, de Ivan Jaf”, (Apêndice 4) aplicado aos leitores em Setembro de 2012.

Analisaremos, no presente tópico, os questionários aplicados aos jovens com a finalidade de verificar de que forma ocorreu a recepção, percorrendo os caminhos pelos quais o texto literário conduziu o leitor⁴³ a preencher seus espaços vazios.

Pelo fato de que disponibilizamos um livro para cada um dos leitores que participaram da pesquisa, a leitura ocorreu em ambientes selecionados pelos próprios jovens sem influência mediadora de nossa parte.

O livro foi bem aceito por parte dos adolescentes: 86% relataram ter gostado da leitura, ao passo que apenas 14% afirmaram não ter apreciado o livro. O interesse dos leitores pela obra foi justificado pelos motivos que revelaram as impressões de leitura legadas a cada sujeito participante da pesquisa. Abaixo alguns comentários de leitores que gostaram do livro:

[...]

Porque o vampiro não é nem um personagem voltado para adultos, nem para crianças e todos os poderes dele fazem sentido (EAF 14 anos)

Porque apresenta muito mais que apenas um romance fictício, conta um pouco da história do Brasil e de Portugal. (MHCS 16 anos)

É um livro que se encaixa e descreve muito bem o tempo da história (GFB 14 anos)

É uma história diferente que envolve a história do Brasil e Portugal e um vampiro (GT 16 anos)

O livro tem uma maneira muito simples de nos transmitir e nos contar. Ele não viaja tanto como no Crepúsculo. E foi incrível misturar vampiro com história. (GDV 16 anos)

⁴³ Por se tratar de um estudo envolvendo o número de 15 leitores, salientamos que não haverá a delimitação de resultados.

Porque misturou verdade e fantasia ao mesmo tempo, mas isso “Crepúsculo” também fez, o que mais gostei é que a “parte verdade” é a do Brasil. (PTR 13 anos)

É uma história divertida e traz conhecimentos importantes de um período marcante em nossa história. (CCD 15 anos)

Podemos observar, através das respostas dos leitores, que o que lhes mais chamou a atenção foi o fato de o autor ter combinado a presença de um vampiro e a narração de fatos históricos verídicos ocorridos no Brasil. Alguns leitores estabeleceram de antemão relação com o livro *Crepúsculo* (2005) deixando clara a visão de que o livro de Jaf lhes pareceu mais completo por aliar História e narrativa fantástico-maravilhosa, inclusive sendo mais coeso com a simbologia de vampiro conhecida pelos jovens leitores.

Notamos ainda, através das repostas dos leitores, que não há um senso crítico por parte dos participantes da pesquisa quanto à estética do livro em questão. O fato de consumirem uma narrativa com alto caráter pedagógico – como apontamos anteriormente ao analisar o interesse editorial na inserção da História do Brasil e de Portugal em um momento de forte vendagem do livro de Laurentino Gomes – não foi percebido pelos jovens leitores, que se animaram com a leitura aceitando a estratégia pedagogizante. Ainda que a ironia permeasse o texto e os aspectos menos valorizados da vinda da família real ao Brasil fossem explorados pelo autor do texto, os leitores acreditaram na importância da leitura dos fatos históricos, sem questionarem as reais motivações, demonstrando acreditar na importância de uma literatura voltada para fins de aprendizado de conteúdo escolar – independentemente de possíveis prejuízos à qualidade estética.

Comentários como “o vampiro não é nem um personagem voltado para adultos, nem para crianças e todos os poderes dele fazem sentido” (EAF 14 anos) e “O livro tem uma maneira muito simples de nos transmitir e nos contar. Ele não viaja tanto como no *Crepúsculo*. E foi incrível misturar vampiro com história.” (GDV 16 anos) demonstram que os vazios do texto foram preenchidos, denotando a constituição de significado do texto. Como demanda Iser (1999), “os lugares vazios regulam a formação de representações do leitor” (Iser, 1999, p.107). A coerência do texto é construída pela concordância entre os esquemas do texto e as experiências do leitor e essas são independentes e ricas em possibilidades de significados.

Entre os 14% dos leitores que não apreciaram o texto encontramos as justificativas: “o livro não teve muito sentido” (PTR 13 anos) e “achei muito cansativo”

(SLXS 14 anos). Podemos relacionar a não apreciação da obra por parte de tais leitores à questão da baixa idade. Aguiar e Bordini (1993), destacam que a “a idade do leitor influencia seus interesses” e que tais interesses “modificam-se à medida que se dá o amadurecimento do indivíduo” (1993, p.19). Assim, verificamos que, entre os leitores pesquisados, as idades de 13 e 14 anos representa a menor faixa etária entre os sujeitos da pesquisa, o que pode ter relação com o baixo interesse pelas questões históricas (muito ligadas à obrigatoriedade das leituras em ambiente escolar) discutidas na obra, que podem atingir maior interesse quando a idade do leitor é maior. Tal observação também pode denotar que os leitores citados perceberam a densidade de fatos históricos como um fator que pode trazer determinado tédio durante a leitura, o que pode demonstrar uma sensibilidade maior quanto ao consumo de obras literárias de maior qualidade estética. Ao fazer vistas à Tabela 3, notamos que os pais dos leitores SLXS e PTR têm graus de escolaridade de Nível Médio a Superior e profissões que demandam alto nível de leitura (Vendedor/vendedora; advogado/advogada), o que pode representar influência mediadora de leitura, ajudando a explicar a criticidade das respostas.

Em relação à compreensão da linguagem do texto percebemos que 80% dos leitores relataram ter compreendido bem a linguagem e não apresentaram dificuldades na compreensão global da obra, dispensando assim a necessidade de recorrer a dicionários e a outras fontes de consulta. Entre os 20% que afirmaram não compreender bem a linguagem utilizada por Jaf, encontramos as seguintes justificativas:

[...]

Às vezes era difícil entender, daí eu relia (GFB 14 anos)

Algumas vezes não entendia muito bem, então lia novamente. (LMP 13 anos)

A linguagem é bem formal, às vezes precisava ler de novo e recorrer ao dicionário. (ID 13 anos)

Apesar do fato de o livro ser direcionado para o público juvenil, percebemos que é necessária determinada maturidade por parte do jovem que realizará sua leitura. Através das respostas acima notamos que os adolescentes entre 13 e 14 anos de idade representaram uma parcela significativa dos leitores que não compreenderam a linguagem com mais facilidade. Observamos também que a formalidade da linguagem – representada pela composição textual preocupada com o uso de palavras dicionarizadas e com alto nível vocabular – compôs um fator de dificuldade aos leitores mais jovens pouco acostumados com as leituras juvenis em tal nível de composição. Apesar dos

relatos citados, verificamos que os jovens PTR (13 anos) – que alegou não ter gostado da leitura por ter julgado que “o livro não teve muito sentido” – e SLXS (14 anos) que relatou não ter apreciado a leitura por tê-la considerado um pouco cansativa não relataram ter tido dificuldades com a linguagem empregada na construção do texto. Tal relação nos indicou que a linguagem não constituiu um fator de desagrado mesmo aos que encontraram determinada dificuldade, pois, ainda que difícil, os jovens buscaram prosseguir com a leitura e procuraram resolver – inclusive através da consulta a dicionários – as dúvidas que se apresentaram para concluir satisfatoriamente a leitura. Além disso, como ressaltamos no parágrafo anterior, as leitoras citadas possuem mediadores de leitura que certamente influenciam na diversidade de leituras, ampliando as possibilidades vocabulares das jovens.

O capítulo final da narrativa, quando o “vampiro-pai” e o “vampiro-filho” se encontram e a narrativa – contada agora em forma de livro – é mostrada a Clemente, foi destaque de predileção entre 20% dos leitores que relataram entender melhor a extensão da narrativa e dos fatos contados, encontrando ali um ponto pacífico para sua curiosidade com o desfecho da obra:

Achei o final (mais interessante) porque me ajudou a entender mais o livro.
(MSL 13 anos)

Pra mim foi o final, com o seu filho, porque eu gosto de finais. E foi muito interessante eles conversando sobre a história do Brasil. Me ajudou a entender. (GDV 16 anos)

A parte com o seu filho. Imagina a emoção com a história. (PHB 13 anos)

Outro momento interessante na narrativa, na visão dos leitores, foi o fato de Clemente se apaixonar por Fátima. Alguns dos participantes da pesquisa demonstraram emoção pelo fato de que, ao menos na ficção, uma história com ambientação romântica possa ocorrer entre um vampiro e uma humana. O relato é de GRV, de 14 anos, ao comentar o que mais teria agradado: “o amor dele pela Fátima”, justificando: “Porque é lindo”. A informação de que a respondente é pertence ao sexo feminino pode explicar o fato de que a beleza de uma possível história de amor seja ressaltada como trecho mais interessante do livro, pois é comum entre as meninas a presença da sensibilidade apurada e, por se tratar de uma idade plena de novidades e de início das descobertas sentimentais, o interesse pela ambientação romântica na narrativa. Ainda encontramos relatos que descrevem uma consciência do leitor jovem com a impossibilidade da

realização do romance entre um vampiro e uma humana pelo fato de que Fátima não estava apaixonada por Clemente e sim por Peter. ID, 13 anos, comentou ter gostado do momento em que Clemente aceita o fato de que Fátima gosta de Peter e não dele, justificando que é “Porque Clemente entende que por mais que ele gostasse dela, ela não gostava tanto dele e sim de Peter.” Ainda, de acordo com a resposta de RFF, de 16 anos, Clemente não deveria ter tentado “subornar os sentimentos de Fátima”, pois “amor não se compra, pelo menos o verdadeiro amor, não”. A resposta da adolescente afirma determinada ética social quanto ao relacionamento amoroso. Clemente é condenado pelas duas leitoras por não apresentar as convenções do amor romântico esperado por elas, como o fato de lutar por uma pessoa que sabidamente está apaixonada por outra, segundo o relato de ID (13 anos), e por tentar conquistar o amor alheio através das compensações financeiras, fato reprovado por RFF (16 anos).

Durante a leitura de uma obra, as vivências das personagens podem compor um processo de identificação com o leitor. Em sua segunda tese, Jauss (1994) denota que as experiências prévias de um determinado público, ou o seu horizonte de expectativas, determinam a recepção. Algo que é apresentado sob nova forma ao leitor estabelece contato com suas experiências e determina sua postura emocional. Sobre a matéria, Iser (1999) acentua que existe determinada norma assimétrica entre texto e leitor. Ainda assim, pontos de encontro – estabelecidos pelo repertório do texto em contato com as vivências do leitor – fazem nascer uma nova realidade surgida da fusão da realidade do livro e do leitor.

Tal processo de aproximação pode, às vezes, levar o leitor à identificação com um das personagens, como PTR, de 13 anos, que se identificou com a personagem Clemente, relatando que ele é “pé-no-chão” não “ligando muito para frescuras”. A personagem ainda foi lembrada como ícone de identificação por EAF, de 14 anos, que viu um contraponto com conflitos que viveu em sua vida, relatando que, assim como Clemente encontrava-se “em uma batalha” na qual “por pouco não morreu” e envolveu-se em “outras fugas em que se apaixonou”. O leitor EAF ainda justificou sua identificação com a obra ao afirmar que se trata de “uma história muito bem elaborada e realmente parece que o leitor participa”. O jovem GRV, de 14 anos, comentou conseguir se imaginar no lugar das personagens: “quando eu leio me imagino no lugar das personagens”; GDV, de 16 anos, respondeu que Clemente é “muito corajoso em viver no mundo dos humanos” demonstrando sua aproximação da personagem por entender as dificuldades em lidar com seus semelhantes em seu convívio social. A

adolescente MSL, de 13 anos, declarou ter se envolvido com a obra ao ponto de sentir-se uma vampira: “eu me senti como uma vampira. Foi emocionante”; CCD, de 15 anos, descreveu que “seria interessante viver aquilo”, mostrando-se envolvido com o contexto da narrativa e com as situações vividas pelo vampiro Clemente. Ainda destacamos o comentário de ID, de 13 anos, que alia suas vivências sociais – nas quais jovens sentem-se incompreendidos – com as vivências do vampiro: “Clemente era muito mal compreendido pelos humanos”. Tal comentário corrobora o sentimento de identificação e a compaixão pela personagem Clemente ao aliar a opressão sofrida pelo vampiro à situação vivida por jovens da faixa etária participante da pesquisa, na qual a incompreensão e, algumas vezes, a opressão da sociedade dita “adulta”. Como observa Candido (1972), a ação no subconsciente e inconsciente de uma função integradora e transformadora opera “uma espécie de inculcamento que não percebemos”. Situações como as comentadas por GDV; MSL; CCD e ID corroboram o que já observara Candido (1972), uma vez que os leitores citados viveram situações em seus contextos de vida e as experimentaram através do texto literário, percebendo que seus anseios, preocupações, desejos e angústias são comuns a outros humanos. As vivências das personagens podem demonstrar amplificações e variações das experiências dos leitores, o que fica claro a partir da identificação não apenas com as características físicas e psicológicas das personagens, mas como os mundos e barreiras enfrentados por eles, atribuindo importante grau de humanização que pode ser conferido ao livro.

Em um universo de personagens fictícios presentes no gênero fantástico-maravilhoso, observamos o processo de afinidade e recusa das características físicas e psicológicas das personagens por parte dos participantes da pesquisa. Como observa Coelho (2000), realidade e imaginação tem igual importância na criação do novo universo literário infantil e juvenil, no qual se cruzam linhas narrativas que diferem entre si e que caminham para a indefinição de fronteiras entre a Realidade e o imaginário. As fronteiras ultrapassadas pelos jovens leitores podem ser verificadas quando observamos a disposição do leitor de entrar no mundo fantástico e querer (ou não) assumir as características sobre-humanas presentes nos vampiros. Nesse quesito, PTR, de 13 anos, demonstra medo de enfrentar as dificuldades advindas de uma vida longa como a dos vampiros: “Eu não gostaria de ter nenhuma (característica sobre-humana) principalmente viver 800 anos”. Cerca de 40% dos pesquisados relatou desejar o poder de invadir corpos – como fizera Clemente ao entrar no corpo de Peter para participar do noivado com Fátima – ou de ler pensamentos:

Ler pensamento. Entrar no corpo dos outros. (GFB 14 anos)

Entrar na consciência e no corpo de qualquer ser humano. (GRV 14 anos)

Gostaria de poder estar no corpo de meus inimigos. (EAF 14 anos)

Ler pensamentos. (PHB 13 anos)

Ler os pensamentos das pessoas. (GDV 16 anos)

Trocar de corpo como o vampiro. (ID 13 anos)

Ter o poder de transformar-se em névoa foi o desejo relatado por aproximadamente 30% dos jovens:

Andar como névoa seria legal. (MHCS 16 anos)

Gostaria de virar névoa e ir para todos os lugares. (CCD 15 anos)

Me transformaria em névoa e passar por frestas. (LMP 13 anos)

Gostaria de tornar-me névoa ou voar. (RFF 16 anos)

Tais desejos revelam que o leitor jovem adentrou na história e se imaginou sob uma nova perspectiva: a dos poderes sobre-humanos dos vampiros. A vontade em ter determinados poderes também foi moldada segundo as diferentes perspectivas dos jovens. LMP, de 13 anos, por exemplo, “não desejaria ver a aura dos seres humanos e dos animais”; CCD, de 15 anos; MHCS, de 16 anos e SLXS, de 14 anos, não desejariam consumir o sangue humano, o que demonstra que os leitores com idade mais madura da pesquisa (dos 14 aos 16 anos) apresentam determinada consciência de compaixão e medo daquilo que se relaciona com o sangue – símbolo da morte e dor humana. GDV, de 16 anos, não gostaria de ficar sem se alimentar e ID, de 13 anos, não gostaria de “virar névoa”.

O sentimento do leitor em relação à obra literária constitui importante viés para a compreensão da obra. Iser (1996) propõe que o leitor concretize a obra literária por meio de diversas interpretações. Sem a participação ativa do consumidor final de um livro, não há obra literária. Os “espaços vazios” a serem preenchidos pelo leitor não precisam, necessariamente, ser complementados, antes, necessitam de uma combinação dos esquemas textuais, uma articulação que mobilize a formação do objeto imaginário e as mudanças de perspectiva. “Os lugares vazios incorporam os ‘relés do texto’, porque articulam as perspectivas de apresentação, possibilitando a conexão dos segmentos textuais” (ISER, 1999, p. 126). A respeito do sentimento do leitor com relação ao texto destacamos que GRV, de 14 anos, relatou um sentimento de compaixão para com a

personagem Clemente “fiquei com dó dele”; MSL, de 13 anos, relatou sentir a aflição sofrida pelo vampiro ao ter de sugar sangue “entendi (a aflição) de ter de sugar o sangue de todos”; MGC, 16 anos, comentou o sentimento de paixão sentido por Clemente, aliando à sua própria vivência “senti como ele estava apaixonado por Fátima sem ao menos ter dado sequer uma palavra com ela, já estava encantado ou até apaixonado”; MHCS, de 16 anos, comentou ter se sentido surpreso com a obra e justificou dizendo “me senti surpreso por Clemente não conseguir morder Fátima por estar apaixonado por ela”; PHB, de 13 anos, alegou ter sentido “emoção e alegria” por ter presenciado a história de amor entre Peter e Fátima; finalmente ID, de 13 anos, ficou surpresa por ter pensado que Clemente morreria “senti uma sensação de surpresa, pois achei que Clemente iria morrer mas não, ele não morreu”. Os comentários dos jovens denotam sua identificação com os sentimentos humanos vivenciados pela juventude, como a compaixão – no caso de Clemente –, a aflição por ferir as pessoas sugando-lhes o sangue e até, na visão egocêntrica comum aos adolescentes, o fato de Clemente não conseguir morder o pescoço de sua amada, já que queria satisfazer seu desejo por sangue – que era a expressão experimentável do amor do vampiro pela humana. A paixão e o sentimento amoroso encantaram a jovens como MGC, 16 anos e MHCS, também de 16 anos, assim como PHB de 13 anos, que, como era esperado, focaram sua atenção aos elementos românticos da história, o que é comum em jovens que experimentam seus primeiros sentimentos amorosos e buscam em obras literárias aprender um pouco mais com os relacionamentos vividos pelas personagens.

O texto literário pode, segundo Barthes (1996)⁴⁴, apresentar prazer e fruição. Enquanto texto de prazer, o autor delinea que proporciona “contentamento” e “euforia”, vindos da cultura e não rompendo com ela, representando uma prática confortável de leitura. No caso do texto de fruição, ocorre um estado de “perda”, desconfortando o leitor e até lhe causando enfado, podendo provocar em quem lê uma crise com a linguagem. O texto de Jaf apresenta as duas possibilidades discutidas por Barthes. Como podemos observar, há textos de prazer, como nas aventuras vividas pelo vampiro Clemente, que participa de batalhas contra outros grupos de vampiros e momentos de paixão, que falam aos jovens a linguagem vivida por eles em seu cotidiano e textos de fruição, como no caso das densas referências históricas que tornam a sequência textual pesada e atrapalham a linearidade da narrativa.

⁴⁴ *O prazer do Texto* foi publicado pela primeira vez em 1973.

Quando perguntado aos jovens acerca do texto que menos agradou, verificamos que MHCS, de 16 anos, relatou que, na sua visão, “vampiro com varizes não tem muito sentido” e CCD, de 15 anos, comentou que “é estranho imaginar um vampiro sofrendo de varizes”. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2003), no *Dicionário de símbolos*, os vampiros – ao serem transformados – “são esvaziados de seu sangue e, ao mesmo tempo contaminados” (2003, p. 30). Tal perspectiva é presente nas diversas obras de vampiro ao longo das décadas e a quebra dessa perspectiva foi observada por esses leitores como um ponto não agradável do livro. Outros jovens declararam sentir angústia e até revolta pelo fato de Clemente ter se apoderado aos poucos do sangue de Fátima, deixando-a debilitada e com aspecto mórbido. GDV, de 16 anos, respondeu que “ele não tinha o direito de fazer mal a ela” e ID, de 13 anos, escreveu “senti uma angústia” ao declararem o trecho do livro que menos lhes agradou. RFF, de 16 anos, não se sentiu feliz ao ter contato com a cena que evidenciava o contraste entre a pobreza do povo brasileiro e os beneficiados pela Corte “se eu estivesse ali eu estaria revoltada. Todos endeusando um homem e sua nobreza enquanto eram roubados de bom grado”. Os comentários de RFF demonstram determinada maturidade por parte do leitor, pois através do texto ocorre a análise do desequilíbrio social ocorrido na Corte carioca do Século XIX e que reflete ainda hoje o abismo social existente entre os beneficiados pelas vantagens políticas do Século XXI, face à pobreza existente em grande parte do país e, provavelmente, evidenciada pelo jovem em seu atual contexto social. Na mesma linha de pensamento GRV, de 14 anos, relatou tristeza ao ler a passagem da obra que descreve o pobre e sujo ambiente da cidade do Rio de Janeiro nos idos de 1808 e faz uma comparação com os dias atuais “até hoje isto é verdade e é triste”; GRV, de 14 anos, entristeceu-se com a situação vivida pela personagem Clemente e, por essa razão, não apreciou o trecho no qual Clemente foi atacado na conferência dos vampiros. O participante da pesquisa acrescentou “fiquei com dó dele” acentuando a expectativa de justiça esperada pelo leitor jovem em relação aos heróis das narrativas.

A reação do leitor face à obra experimentada constitui importante elemento para analisar o efeito da obra sobre seu consumidor final. Iser (1996) comenta que as soluções oferecidas para os conflitos não se encontram estruturados na obra sem a realização verbal por parte do leitor. A experiência deste último reflete a reação ao que foi lido quando o texto entra em contato com sua última instância de realização.

Os participantes da pesquisa foram solicitados a responder sobre qual mudança dariam ao título do livro se tivessem esse poder. Diversas foram as propostas de nova

titulação à obra de Jaf. O leitor RFF, de 16 anos, evidenciou o tom de falta de sorte da personagem que protagoniza a obra e sugeriu “A má sorte de um vampiro na corte de D. João”; já ID, de 13 anos, seguindo a mesma linha de pensamento, titularia o livro como “Um vampiro mal compreendido” e justificou relatando que “eles não entendem sua paixão por Fátima”; GDV, de 16 anos, deu sua versão para o fracasso de Clemente com o título “O fracasso de um amor de vampiro”, acentuando, como o fizeram os outros dois jovens o tom de insucesso do vampiro em sua tentativa de consumir seu relacionamento amoroso com uma mortal. O tom dado por esses três leitores demonstra sua atenção ao fato de que, como não é comum nas narrativas da saga *Crepúsculo*, os jovens sentem-se carentes por ver uma história de amor vampiro contendo o famoso *happy end* – tão comum aos romances de ambientação romântica. Seguindo o tom de análise da pouco peculiar (na visão dos jovens) tentativa de envolvimento amoroso entre um vampiro e uma humana. GRV, de 14 anos, daria o título “Um amor por uma mortal”, evidenciando o ponto de maior tensão encontrado na obra e que tanto chama a atenção aos adolescentes. Outra linha de pensamento que interessou aos jovens no livro do autor carioca foi a do destaque dado aos eventos históricos que envolveram a vinda da família real ao Brasil. A jovem CCD, de 15 anos, daria ao livro o título “A história colonial que não se encontra nos livros”, revelando a tendência à apreciação da crítica levantada por Jaf em relação ao oportunismo da vinda da corte de D. João ao Brasil. O título pensado pela jovem nos leva a crer que, devido à sua maturidade – evidenciada pelo interesse demonstrado pela leitura como primeira atividade (ver Tabela 5) e pelo acesso a diversos materiais de leitura voltados, por exemplo, à filosofia (Ver Tabela 7) – o destaque maior de sua leitura foi pelo percurso histórico levantado pelo livro. A adolescente PTR, de 13 anos, destacou que a frase que tenta chamar a atenção dos leitores (presente na capa do livro) “Calafrios e suspiros na chegada da família real”, deveria servir como título do livro e justifica dizendo “tem tudo a ver com a história”.

Por se tratar de um livro de vampiros que dá destaque a um envolvimento amoroso – assim como ocorre em *Crepúsculo* (2005) – houve leitores que confeririam ao livro títulos que evidenciassem as famigeradas histórias de amor:

Aventuras de um vampiro apaixonado. (MHCS 16 anos)

Um vampiro apaixonado por uma mortal. (PHB 13 anos)

A viagem, um amor e sua despedida. (MGC 16 anos)

O bebedor de sangue apaixonado. (EAF 14 anos)

O título imaginado por esses participantes da pesquisa ratificou o pensamento de Ivan Jaf na composição do título da obra. Percebemos que o autor brasileiro foi sintético na composição do título e procurou destacar os sofrimentos amorosos “Um vampiro apaixonado” aliando-os aos acontecimentos históricos “na corte de D. João”. Tal título busca, aparentemente, atrair tanto os jovens interessados nas histórias de amor, como os possíveis leitores interessados nas questões históricas que estudam nas escolas e que recentemente fizeram sucesso na temática abordada na obra *1808* (2007), de Laurentino Gomes.

Um possível objetivo relativo à segunda parte do título é a adoção por escolas para a inclusão em suas listas de paradidáticos e bibliotecas. Os quatro leitores destacados separaram a narrativa romântica da ambientação histórica e repensaram o título de acordo com seus possíveis interesses adolescentes: as aventuras e as paixões.

Sabemos ser comum a resistência – especialmente por parte de um seletivo público juvenil – à leitura de novas obras literárias. Sobre os desafios que uma nova obra literária enfrenta quanto ao seu horizonte de expectativas destacamos o pensamento de Jauss (1994) “a resistência que a obra nova opõe a expectativa de seu público inicial pode ser tão grande que um longo processo de recepção faz-se necessário para que se alcance aquilo que, no horizonte inicial, revelou-se inesperado e inacessível.” (1994, p.44). Acerca da expectativa do leitor juvenil em relação ao romance de vampiro produzido por Jaf, perguntamos aos participantes da pesquisa o que mais lhe chamou a atenção após a leitura

Ele não contou a história como personagem principal e sim com outra visão.
(GFB 14 anos)

O jeito como ele conta a história, um modo que prende os leitores para continuar lendo. (GT, 16 anos)

Ele escreve como se estivesse contando a história de alguém. (LMP 13 anos)
Gostei de como ele descreve a cena, os detalhes me prenderam na história.
Texto bem escrito. (RFF 16 anos)

Me chamou a atenção o fato de ele ter um pai vampiro. (ID 13 anos)

Ele escreve uma linguagem que nós entendemos perfeitamente, uma maneira que nos prende com o livro e faz a gente não querer para de ler. (GDV 16 anos)

Ele escreve muito bem, mas não gostei do final porque não tinha sentido.
(GRV 14 anos)

Gostei de como ele introduziu de um jeito bem implícito a história real e a união com os fatos fictícios. (CCD 15 anos)

Observamos que 80% dos leitores, apesar de receberem o livro com a desconfiança natural presente em uma obra nova, apreciaram a atenta e detalhada descrição dada aos fatos históricos apesar do objetivo pedagogizante contido na obra e não percebido pelos leitores.

Com relação à transposição das partes do texto – que apresentavam momentos de maior tensão ao final dos marcados capítulos – 40% observaram certo tom semelhante ao folhetinesco de romances como *A moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo, pelo fato de que os capítulos “fecham com um suspense deixando o leitor curioso”, como relatou EAF, de 14 anos, por exemplo. Outro destaque foi dado ao narrador-observador que, diferentemente do narrador protagonista presente em *Crepúsculo* (2005), conta a história e se revela no final em uma conversa esclarecedora com a personagem protagonista Clemente. Ainda destacamos que cerca de 80% dos leitores “prenderam-se à história”, interessando-se cada vez mais a cada capítulo findado.

Desta forma, os participantes da pesquisa marcaram sua atitude perante o livro de Ivan Jaf, participaram, com suas opiniões, do preenchimento dos seus vazios, tanto aceitando-a e complementando-a, como rejeitando-a, e, principalmente participando e compondo o importante papel de recepção que torna um livro escrito verdadeira literatura, nos proporcionando indicativos acerca dos diversos níveis que possibilitaram aos leitores aprofundar o texto literário.

5.2.2 A primeira “mordida” que transforma o leitor: a visão de *Crepúsculo* (2005) por parte do público juvenil

Os leitores que participaram de nossa pesquisa foram selecionados por serem, declaradamente, leitores da obra *Crepúsculo* (2005), de Stephenie Meyer. O romance de vampiro produzido pela autora estadunidense aportou em terras brasileiras trazido e traduzido pela Editora Intrínseca. A estratégia de mercado fez com que a empresa “saísse na frente” das outras concorrentes nacionais na busca por ávidos leitores de literatura fantástica (especialmente os jovens) que apreciam a receita: seres sobrenaturais/aventura/história de amor.

Para entendermos os caminhos que levaram os leitores a uma aproximação tão grande de uma autora jovem e pouco conhecida até então questionamos as adolescentes participantes da pesquisa em relação ao seu conhecimento da autora anteriormente à leitura de *Crepúsculo* (2005). Sobre tal quesito todos os leitores declararam nunca ter ouvido falar sobre a autora antes de ter contato direto com seu livro. O sucesso editorial e a massificação de vendas da obra no Brasil criou um movimento em cadeia que fez com que, nas palavras dos próprios leitores participantes, a obra fosse indicada de um leitor a outro, de modo que sua leitura fosse realizada em um processo de cadeia devido à febre mundial que se espalhava entre os leitores jovens, especialmente as do sexo feminino.

Quando perguntado aos jovens respondentes de nossa pesquisa sobre a leitura de outros livros de Stephenie Meyer, já publicados e procurados pelos leitores após a leitura do famoso romance de vampiro, verificamos que 60% dos leitores não se interessaram em buscar outros títulos da autora. Dos 40% que demonstraram interesse pela continuidade da leitura dos livros da autora, *Lua Nova* (2006) e *Eclipse* (2007) foram os mais procurados (40% dos participantes da pesquisa). A possível explicação foi a continuidade da leitura da saga. Destacamos que, em *Lua Nova* (2006), o clímax da sequência é, segundo a própria autora, “a perda do verdadeiro amor”, como podemos observar no prólogo do livro – presente no posfácio da edição brasileira de *Crepúsculo* (2005) – enquanto em *Eclipse* (2007) o que mais chamou a atenção dos leitores foi o possível triângulo amoroso entre Bella, Edward e Jacob.

Dentre os participantes da pesquisa, apenas 20% concluíram a leitura de toda a saga, fazendo o percurso de um legítimo fã das obras de um autor. Tal perspectiva denota que, mesmo entre leitores em formação, o fenômeno não completa um “ciclo de encantamento”, uma vez que as leituras seguem-se apenas enquanto elementos de ambientação romântica que dialoguem com a vivência dos jovens. Como a estética não é rica o bastante para a manutenção do leitor após as publicações seguintes, verificamos que o leitor abandona a sequência de leituras por não encontrar mais elementos que interessem e vazios suficientes a serem preenchidos. Verificamos ainda que, dentre os leitores, apenas 20% realizaram a leitura de outras publicações de Meyer, com destaque ao livro *A hospedeira* (2008) – que foi procurado por 20% dos participantes da pesquisa – e *A breve segunda vida de Bree Tanner* (2010) que foi consumido por 14% dos jovens.

Sobre a literatura de massa observamos, como afirma Eco (2008)⁴⁵, que os autores são legitimados pelo mercado cultural e passam pelo crivo desconfiado da crítica. Desta forma, ressaltamos que os objetos estéticos literários, canônicos ou não, passam, muitas vezes, despercebidos aos olhos do leitor, que não julga um livro pela sua densidade estética, mesmo que seja atingido pelo direcionamento do mercado

Entre o consumidor de poesia de Pound e o consumidor de um romance policial, de direito, não existe diferença de classe social e de nível intelectual. Cada um de nós pode ser um e outro, em diferentes momentos de um mesmo dia, num caso, buscando uma excitação do tipo altamente especializada, no outro, uma forma de entretenimento capaz de veicular uma categoria de valores específica (ECO, 2008, p.58).

Verificamos, então, os efeitos de uma cultura de massa sobre os jovens ao perguntar o que mais lhes chamou a atenção após a leitura do *best-seller Crepúsculo* (2005):

A forma que Stephenie Meyer descreve como é possível o amor em pessoas diferentes. (SLXS 14 anos)

O romance é claro, um vampiro que é tido como criatura das trevas se apaixonando por uma simples humana e o controle que o personagem vampiro aprende a ter para não matá-la. É como bem e mal se tornando uma coisa só. (RFF 16 anos)

A (personagem) Bella, pois sua história pareceu bem real. (EAF 14 anos)

O fato de que uma humana se apaixonou por um vampiro (MSL 13 anos)

A mistura de dois “mundos diferentes”. (PTR 13 anos)

Ela faz com que nós todos víssemos um novo tipo de vampiro. Um vampiro do bem. (MGC 16 anos)

A inversão de estereótipos que a autora proporcionou. E de como conseguiu prender a atenção de tantos fãs. (CCD 15 anos)

Uma mortal que se apaixonou por um vampiro e é amiga de lobos. (LMP 13 anos)

Ela se apaixonou por um vampiro. (GRV 14 anos)

O modo como Bella se apaixonou por Edward na primeira vez que o vê. (ID 13 anos)

O modo como os vampiros são descritos. Diferente do que eu conhecia. (GFB 14 anos)

⁴⁵ A primeira edição é de 1964.

A resposta dos jovens para o que mais os surpreendeu, após a leitura do *best-seller*, apontou, em primeiro lugar, para a paixão entre um ser sobre-humano e uma mortal. Tal estrutura – *clichê* das obras românticas que se difundiram a partir do século XIX por apresentar uma barreira para realização amorosa – foi citada como maior destaque da obra por cerca de 60% dos leitores.

Outro destaque, de acordo com as respostas dos adolescentes, foi a “mistura de dois mundos diferentes” citada por PTR, de 13 anos, que, assim como relataram os outros 60% dos jovens participantes da pesquisa, vem de encontro com o já explorado tema das paixões entre pessoas de realidades socioeconômicas e culturais diferentes que já encantavam as massas leitoras no Século XIX. Como mais de 60% dos participantes da pesquisa são do sexo feminino e, sabemos que entre as meninas há um encantamento histórico por narrativas que tratam do amor romântico (especialmente os chamados “amores impossíveis”) tal resultado era esperado e ratifica a característica de literatura de massa pela falta de inovação estética no livro de Meyer.

A quebra da expectativa em relação aos esquemas esperados em um texto que trata de vampiros foi observada por GFB, de 14 anos, que comentou que os vampiros apresentados no livro são diferentes dos que ela conhecia (por meio do consumo de livros, filmes e séries), da mesma forma que CCD, de 15 anos, que comentou sobre “A inversão de estereótipos que a autora proporcionou”. Como observamos ao consultar o *Dicionário de símbolos* (2003) o vampiro seria um “[...] morto que supostamente sai do seu túmulo para vir sugar o sangue dos vivos”. Tal perspectiva, assim como a destacada por Aidar e Maciel (1986) “o que importa é o horror ao *bicho*, uma vez que o conceito está associado a criaturas de terrível espectro: mortos que saem misteriosamente de suas sepulturas, à noite, para buscar sangue fresco dos vivos que dormem.” (AIDAR; MACIEL, 1986, p. 9) contrariam a descrição dos ambientes frequentados por Edward (par romântico de Bella), uma vez que Edward sequer dorme e vive em uma residência idêntica à de humanos mortais que se destaca pela beleza e luxuosidade, como percebemos ao ler as descrições feitas pela narradora-personagem. Outro destaque percebido pelos leitores é o fato de que a beleza física e um brilho (quando exposto ao sol) acompanham a descrição da personagem. Grande parte dos leitores foi acostumada ao longo das décadas a verificar em livros, HQ’s e em filmes descrições de personagens vampiros que se destacavam pela imagem física deteriorada, fétida e aterrorizante, como as destacadas acima por Chevalier e Gheerbrant (2003); Aidar e Maciel (1986). Tais figuras apresentam-se em desacordo para os adolescentes, porém, contribuem para

a aceitação da trama romântica entre Bella e Edward, por serem os dois jovens e de destacada beleza física.

As aflições, os encantamentos e as dificuldades vividas pelos leitores – especialmente os da faixa etária pertinente à pesquisa – em seus contextos reais estabelecem elos que ligam o leitor com o texto lido, como observa Jauss (2002), pois possibilitam ao leitor a participação em experiências alheias, o que, devido às nossas realidades cotidianas não nos sentiríamos capazes de realizar. A partir de tal ótica percebemos a identificação do leitor com os momentos da narrativa que foram transpostos a uma possível vivência subjetiva do leitor, ao questionar os participantes sobre o texto lido que preferiram e ao perguntar o que os jovens sentiram ao ler o texto citado.

A jovem SLXS, de 14 anos, destacou como passagem que mais a agradou: “Então o leão se apaixonou pelo cordeiro” e justificou afirmando que “você tem que lutar por coisas impossíveis, que o amor pode ser estranho ou diferente. Me senti feliz pois mostra que o impossível é possível”. A partir das palavras da jovem percebemos que as dificuldades de um amor considerado improvável a emocionaram e que os desafios vividos pelas personagens Bella e Edward representaram algo novo que ainda não foi experimentado na vida da leitora, mas para a qual ela se sente mais preparada em termos de desajuste amoroso.

Outra leitora do sexo feminino, GRV, também de 14 anos de idade, elegeu o mesmo trecho destacado por SLXS “Então o leão se apaixonou pelo cordeiro” e ratificou “achei lindo”. Percebemos que as duas leitoras têm a mesma idade e encantaram-se pela história de amor impossível (ou de difícil aceitação pela sociedade), o que demonstra uma conotação de conflito nas mentes juvenis – especialmente as femininas – em relação aos seus ideais românticos. Tal receita justifica a força apresentada pela obra *Crepúsculo* (2005) entre os adolescentes, por apresentar elementos que completam sua vivência, ou seja, situações de alto grau de emoção, das quais grande parte dos leitores dessa faixa etária gostaria de participar.

A leitora GDV, de 16 anos, destaca o trecho “Nunca pensei muito em como morreria – embora nos últimos meses tivesse motivos suficientes para isso –, mas mesmo que tivesse pensado, não teria imaginado que seria assim” e disse que, em relação ao texto escolhido, “Adoro esta parte, quando temos a sensação que ela está morrendo, mas a história nos surpreende”. O clímax demonstrado no texto citado pela leitora representou maior emoção para a leitora que, devido ao fato de ter uma idade

mais avançada e uma maior maturidade, selecionou a parte por experimentar o medo do desconhecido em relação à morte e identificar-se com a aflição da personagem Bella que passa pela iminência da morte, mas escapa permanecendo viva. A perspectiva experimentada pela jovem demonstra como outras aflições extremas vividas por pessoas de sua faixa etária a comovem, especialmente quando experimentada a solução para os problemas que se apresentam – representada nesse trecho pela permanência da vida.

Outro comentário que demonstra o interesse das jovens do sexo feminino pelas histórias de amor romântico é o da leitora RFF, de 16 anos, que destaca o texto: “Quando Bella sai para Port Angeles com Jéssica e acaba se perdendo e encontra Edward, então eles jantam juntos”, a jovem justifica “Achei fofo! Pra mim foi como o primeiro encontro”. O comentário de RFF demonstra o apego e o interesse às convenções românticas consolidadas a partir das obras românticas do Século XIX e repetidas frequentemente em narrativas de ambientação romântica. Ainda encontramos a aflição, através de “raiva e medo”, nas palavras do leitor PHB, de 13 anos, que ressaltou o texto “Ela é uma meia-mortal, devemos matá-la”. Tal comentário nos demonstra o sentimento de compaixão pela personagem, o que demonstra, no caso específico, a defesa dos menos favorecidos em uma situação que poderia ser vivenciada na vida real. Tal perspectiva refere-se a uma experimentação que demonstra uma possibilidade de humanização com a leitura da obra e ratifica teorias como as de Candido (1972)

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação [...] (CANDIDO, 1972, p.80)

Os comentários dos leitores, destacados até aqui, demonstram a busca pelo amor perfeito através de uma vivência imaginária e subjetiva como podemos observar nas palavras de Candido (1972) e referem-se a uma função psicológica da literatura, desejada pelo homem através do consumo da ficção. Os momentos de fuga da realidade destacados em *Crepúsculo* (2005) através de um mundo fantástico auxiliam o jovem a alcançar a catarse através do texto literário, seja ele mais elaborado ou mais simples. A fantasia, no caso do livro em questão, projeta os devaneios românticos dos jovens –

especialmente as do sexo feminino – e sua busca pelo amor perfeito (produto explorado à exaustão pela Indústria Cultural).

Quando observamos o relato a respeito do texto que menos agradou aos jovens percebemos que 40% dos leitores relataram não haver capítulos que os desagradassem na leitura do livro. Um fato interessante é que os 60% que declararam não haver gostado de uma determinada seção da narrativa relataram como exemplificação o momento em que Bella passa a ser perseguida por James, como é o caso do relato da jovem RFF, de 16 anos, “A parte que Bella abandona seu pai e vai ao encontro do vampiro James”. Ao justificar o porquê de não ter se agradado do texto a leitora observou “Porque ela foi obrigada a deixar Forks e magoou seu pai, Charlie”. Notamos que os outros relatos davam conta sempre de que, apesar das dificuldades de relacionamento entre Charlie e sua filha Bella, os jovens conseguiram se solidarizar com os esforços do Pai, que se apresenta como um genitor responsável e esforçado para a manutenção do bem de sua filha, pois os jovens sentiram-se tristes ao ver que a personagem idealizada como heroína da narrativa cometeria o erro de ofender a seu pai por não poder lhe contar o porquê de estar indo embora tão precipitadamente.

Um dos relatos que destoou do tom de solidariedade, entre os que relataram não gostar de algum trecho da obra, foi o de CCD, de 15 anos, que observou falta de profundidade quanto ao clímax da obra. A leitora notou que “Por ser o clímax do livro, em minha opinião, faltou emoção e conflito. Faltou algo”. Como observamos através da Tabela 11, a jovem leitora costuma frequentar sempre as bibliotecas e, conforme indicam as tabelas 6,7,8, e 9, possui em sua residência um arsenal variado de leituras à disposição, além de ter importantes mediadores de leitura em seu âmbito familiar. Tal fato demonstra uma maturidade que fez com que, por meio de sua experiência de leitura, a adolescente esperasse mais ação e inovação no momento chave da obra, demonstrando uma avaliação mais madura e técnica do efeito que a obra deveria causar no leitor.

No quesito de avaliação acerca da dificuldade de leitura da obra destacamos que 94% relataram não apresentar dificuldades ao ler a obra. A leitora GRV, de 14 anos, comentou que achou dificuldade na leitura porque “O livro é muito grande, mas é lindo! Valeu a pena”. Um dos motivos para a dificuldade apontada pode ser explicado pelas tabelas 6, 7, 8 e 9 que demonstram a baixa frequência a bibliotecas e a outras instâncias mediadoras de leituras, além da baixa diversidade de materiais de leitura às quais a jovem tem acesso.

A avaliação geral positiva após a leitura do livro de Meyer, por parte dos jovens participantes da pesquisa, foi de 70%, como justificaram através de suas respostas:

Por causa do romance proibido e verdadeiro. (RFF 16 anos)

Porque o livro mostra o lado diferente dos vampiros e é bem interessante.

(ID 13 anos)

É uma história maravilhosa e encantadora que nos faz entrar na história de tanta emoção. (GDV 16 anos)

Nos mostra uma outra forma de pensar num vampiro e muda o pensamento popular, mostra dificuldades, contém romance e ao mesmo tempo muita aventura e ficção. (SLXS 14 anos)

Porque eu me imaginei na história. (MSL 13 anos)

(Gostei) Da linguagem, da mistura de dois mundos e de poder viajar no tempo. (PTR 13 anos)

Não gostava de vampiros e amei ler, assistir e sempre que posso estou lendo novamente essa história. (MGC 16 anos)

Observamos, nos comentários destacados, a necessidade de ficção, corroborada nas palavras de Candido (1972), por parte do leitor jovem. Outro destaque refere-se à idealização romântica e da busca pelo amor “verdadeiro” que coloca os jovens em posição de “experimentar” por meio da leitura seus anseios e desejos. O fato de que a figura “canônica” do vampiro foi alterada em razão da nova “embalagem” dada por Meyer a Edward e aos demais personagens sobre-humanos da obra também agradou à maioria dos jovens, pois inseriu, na caracterização da personagem vampiro, um arsenal de possibilidades que apontam para a ambientação romântica e que miram a estética do belo, adaptando o ser vampírico à história romântica.

Dentre os leitores participantes da pesquisa, 30% relataram não ter se agradado da obra. Destacamos que 75% dos jovens que não a apreciaram são do sexo masculino, o que corrobora a ideia de que o excesso de características de ambientação romântica e a caracterização diversa dos aspectos físicos e psicológicos do vampiro fogem à apreciação dos meninos. Dentre as justificativas elencadas pelos adolescentes estão:

Tem muita ficção. (GFB 14 anos)

Embora seja consideravelmente envolvente, é uma leitura muito fraca e com o tempo enjoativa. (CCD 15 anos)

Porque não faz sentido um vampiro que brilha. (EAF 14 anos)

É chato e engraçado (de um sentido ruim). (PHB 13 anos)

Destacamos que CCD, de 15 anos, (do sexo feminino) qualificou a leitura como “fraca”, o que nos levou a crer, a partir da análise das Tabelas 5, 6, 7, 8 e 9, que a jovem avaliou a leitura com tal adjetivo por julgar o livro com pouca novidade estética e com excessiva repetição de características já exploradas em outras obras literárias no decorrer da história.

Os outros jovens destacaram determinado excesso de ficção – que entendemos, refere-se à quebra de expectativa ao misturar elementos ficcionais sem apuro estético –, à quebra das expectativas da caracterização do vampiro, como as elencadas após uma análise histórico-artística por Chevalier e Gheerbrant (2003); Aidar e Maciel (1986), pelo fato de o leitor questionar “um vampiro que brilha” (CCD 15 anos), além de uma rejeição – por parte de PHB, de 13 anos – que julgou o livro como “chato e engraçado (de um sentido ruim)” – provavelmente motivada pelo apelo comercial alavancado possivelmente pela indústria cultural, ao misturar características de ambientação romântica já há muito exploradas e uma série de vampiros mais parecidos a “jovens burgueses” em sua caracterização.

Ao comentar a teoria de Wolfgang Iser, a Estética da Recepção, Eagleton (2006) destaca

[...] O leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições – e tudo isso significa o uso de um conhecimento tácito do mundo em geral e das convenções literárias em particular. O texto, em si, realmente não passa de uma série de “dicas” para o leitor, convites para que ele dê sentido a um trecho de linguagem. Na terminologia da teoria da recepção, o leitor “concretiza” a obra literária, que em si mesma não passa de uma cadeia de marcas negras organizadas numa página. (EAGLETON, 2006, p. 116)

Como podemos perceber nas palavras do excerto acima, a concretização da linguagem do texto não ocorrerá sem as inferências do leitor. Os “convites” para que o leitor dê sentido a determinado trecho devem levar o leitor a analisar cada parte do livro como um todo, um corpo dinâmico que adquira novos significados a cada leitura e a cada página lida. Uma das partes componentes de uma obra e que assume importância significativa é o título. Como a obra literária não pode ser considerada completa sem a inferência do leitor, a passagem do crivo acerca do título de uma obra passa a ser fundamental. Cada leitor tem o papel de aliar o título à obra e de concordar ou discordar dele, de acordo com suas próprias vivências e experiências.

Questionamos os participantes da pesquisa com a finalidade de saber se eles imaginariam dar um novo título ao livro *Crepúsculo* (2005) e percebemos aceitação e

recusa diante do título original. Observamos que 60% dos leitores se agradaram do título original e declararam que não fariam alterações, em sua grande maioria, por pensar que o título original corresponde bem ao que a obra expõe. Dentre os 40% que rejeitaram o título encontramos as seguintes sugestões:

Um humano amando a um vampiro. (ID 13 anos)

Um amor sem limites. (GDV 16 anos)

Um novo amor. (SLXS 14 anos)

Além dos limites. (PTR 13 anos)

Amor, água doce. (CCD 15 anos)

Vampiro doidos. (PHB 13 anos)

Percebemos, ao analisar as propostas de mudança de título, uma forte tendência ao uso de clichês já explorados pela indústria cultural. Os títulos propostos, em sua maioria, correspondem a temas que ressaltam o amor romântico diante de sua impossibilidade. Quando analisamos as justificativas para tais títulos verificamos, de forma ainda mais latente, tal tendência ao romantismo – tão desejado pelos jovens em início de descobertas amorosas. ID, de 13 anos, justifica sua escolha relatando que “é o que realmente acontece na história”, ou seja, percebe como destaque da obra o relacionamento amoroso entre Bella e Edward e sua barreira principal. CCD, de 15 anos, justificou sua escolha “pelo fato de o drama que é proposto ser tão vazio e enjoativo”. A análise crítica da leitora em questão demonstra que sua escolha por um título subjetivo e aparentemente romântico surge como uma reação – demonstrada por meio de sua justificativa – ao fato de a narrativa se apresentar sem novidades estéticas que tragam encantamento à leitora citada.

Em uma linha de pensamento semelhante, PTR, de 13 anos, destaca que, em sua visão, “90% das personagens tem sentido com o título que criei (Além dos limites)”. O comentário citado dá a entender que os limites do mundo físico e da própria possibilidade de relacionamento amoroso chamaram a atenção de PTR ao livro. Considerando que a leitora afirmou ter gostado da leitura do livro de Meyer, entendemos que os “limites” ultrapassados pelas personagens correspondem ao desejo de transpor os limites que a própria leitora deve possuir em seus ideais.

A leitora SLXS, 14 anos, justificou sua escolha – “Pois mostra um novo tipo de amor e em nossa época” –, relacionando a obra aos envolvimento amorosos e sua gênese comum em nossos dias, segundo a análise das experiências subjetivas da própria

adolescente. Tal tom de análise ambientada no amor romântico parece ser a tônica principal do interesse das jovens leitoras pela obra *Crepúsculo* (2005) e, quando transmitida oralmente de leitora a leitora, ou até através das mídias em geral, parece causar grande interesse por unir os “dois mundos” como assim o chamam os leitores à trama romântica entre Bella e Edward.

Quando perguntado aos participantes da pesquisa acerca da personagem favorita percebemos uma predileção especial dos leitores por Alice Cullen (irmã de Edward). O fato de a personagem gostar de moda, apresentar temperamento forte e poder ver o futuro chamou a atenção dos leitores:

Gosta de prever o futuro. Eu gosto da personalidade dela. (CCD 15 anos)

A minha preferida é a Alice porque não deixa ninguém tirar casca com ela.
(GDV 16 anos)

Ela é diferente e tem visões do futuro e eu gostei do jeito dela desde o início do livro. (ID 13 anos)

Por Alice gostar de moda e ser forte como eu. (RFF 16 anos)

A minha curiosidade com o futuro é igual a dela. (GRV 14 anos)

Pelo fato de serem as respondentes acima leitoras, acreditamos ser normal o fato de que a identificação com uma personagem também do sexo feminino ocorresse. Consideramos aceitável a escolha também pelo fato de que, por serem adolescentes e viverem em uma fase de suas vidas onde o posicionamento histórico de uma mulher forte e decidida é intensamente valorizado pela sociedade, características essas muito latentes na personagem Alice.

Apesar de serem respostas muito homogêneas, correspondem às virtudes de Alice presentes no texto. Trata-se de uma personagem peculiar em relação aos demais por não aceitar Bella em um primeiro momento; possuir virtudes muito valorizadas pelos demais vampiros, como a premonição e por, no momento de maior tensão da narrativa, apresentar-se como uma das personagens mais fortes e dispostas a proteger a vida de Bella. Tais características denotam perfeitamente a busca por um reconhecimento da força feminina em contraste com determinada fragilidade da segunda escolha preferida pelos adolescentes: a personagem Bella

Bella, pois muda algumas opiniões com o tempo e demora para aceitar certas coisas. (PTR 13 anos)

Bella, pois ela é tímida e insegura. (SLXS 14 anos)

Bella, porque ela é humana e se apaixona por um vampiro. (MSL 13 anos)

Neste ponto notamos novamente que a escolha da personagem feminina ocorreu por parte de leitoras de igual gênero, ao passo que os leitores do sexo masculino não elegeram personagens por relatar não terem encontrado identificação com nenhum deles.

Como podemos observar na Tabela 9, as leitoras que escolheram Bella tinham como narrativas favoritas na infância os contos de fadas como *Cinderela*, *Branca de Neve* e fábulas como *Os três porquinhos*, o que demonstra a preferência por histórias pautadas, muitas vezes, por situações românticas. As jovens sentiram identificação com a personagem por notarem sua instabilidade, fragilidade, timidez e insegurança, provavelmente porque, enquanto meninas sentem-se iguais a ela em seu convívio social e escolar – principal ambiente de ação de Bella na narrativa. Por se tratarem de jovens respondentes em idade escolar (onde passam boa parte de seu dia) os desafios enfrentados por Bella entram em consonância e são observados como sobrevivência heroica estabelecendo forte elo com as adolescentes.

Grande parte dos meninos, ao responderem à referida questão, eximiram-se de responder por alegarem não possuir identificação com as personagens. O fato de a narrativa apresentar alto teor de romantismo e personagens femininas em evidência, aliado à característica pouco tradicional dos vampiros personagens – como Edward que, na caracterização de Meyer, brilha ao sol – os afastam de suas predileções por imaginar tal elemento como uma barreira quanto ao reconhecimento da virilidade masculina, tão valorizada entre os adolescentes. A única exceção, que também pode servir como regra, à análise anterior foi a resposta do leitor PHB, de 13 anos, que relatou ter se identificado, ao menos parcialmente, com James e justificou “ele sim é vampiro de verdade”. A personagem em questão é um vampiro caçador que ameaça a Bella e cria uma armadilha para beber seu sangue na cena que representa o clímax da narrativa. O fato de James ter postura violenta e determinação na busca por sua “caça” atrai a atenção do leitor, que não vê risco em se identificar com a personagem devido à força física e violência que apresenta em sua breve passagem pela narrativa.

Ao questionarmos os leitores acerca da passagem mais interessante da história verificamos que cerca de 30% dos leitores escolheram o momento em que Bella descobre que Edward é um vampiro.

Quando Bella descobre que ele é um vampiro e que seus novos amigos são lobos. Ela não teve medo. (LMP 13 anos)

Quando ela descobre que Edward era vampiro. Porque ela não se importa. (GRV 14 anos)

Quando ela descobre que ele é um vampiro. (MHCS 16 anos)

Quando ela descobre que Edward é um vampiro e diz não se importar. (RFF 16 anos)

Ao analisar essa questão percebemos que havia uma grande expectativa, por parte do público leitor, com relação ao momento em que Bella descobrisse que Edward era de fato um vampiro. Grande parte dos jovens esperava pela atitude repulsiva ou amedrontada por parte de Bella e se surpreenderam positivamente com o fato de que a jovem o aceita e diz não se importar com o fato. A expectativa confirmada parece ajudar a fortalecer a ligação dos leitores com a situação vivida na obra e pelo fato do amor de Bella, a personagem principal, corresponder à expectativa de um amor romântico que supera as “barreiras impostas”, mesmo que tais barreiras sejam tão grandes quanto a diferença física existente entre um humano vivo e um “morto-vivo”. Os demais leitores que citaram outros momentos parecem não se surpreender com tal aceitação, talvez por já esperarem tal clichê em uma obra de massa, como é o caso de *Crepúsculo* (2005)

Capítulo5 (Tipo sanguíneo). Porque foi o momento, na minha opinião, que antes de ficarem juntos (eles) ficaram mais próximos (Edward e Bella). (PTR 13 anos)

O primeiro beijo. Tudo que tem a sua primeira vez é muito marcante. (MGC 16 anos)

A parte final, onde Bella e Edward estão na formatura. É uma bela cena; um bom final para o livro. (CCD 15 anos)

(A cena) Na qual Bella conheceu Edward. Achei muito lindo e gostei bastante. (MSL 13 anos)

Comprovamos aqui que os leitores já esperavam que o vampiro fosse aceito pela personagem ao observar que os jovens focalizam os momentos românticos a dois na obra como os que mais lhes agradou. PTR, de 13 anos, por exemplo, cita a cena onde

Bella e Edward se aproximam fisicamente pela primeira vez. É possível deduzir que a jovem, pela sua idade, vive a fase de descobertas amorosas e timidez devido à expectativa pelo momento de aproximação física a outro jovem e por essa razão pode ter escolhido esse momento que significaria mais para sua vivência atual. MGC, de 16 anos, cita o momento do primeiro beijo e relata que as primeiras experiências são muito marcantes. É possível pressupor que a jovem tenha vivenciado tais experiências e que as recorda com expectativa – o que a aproxima ainda mais da identificação com a personagem Bella. CCD, de 15 anos, cita a cena final, onde ocorre a formatura no colégio de Bella e que encaminha o desfecho do livro e relata que é um bom final para o livro. Observamos que a jovem é estudante da segunda série Ensino Médio e, portanto, vive a expectativa da formatura que poderá ocorrer após concluir a terceira série. Tal expectativa pode ter levado a jovem a focalizar o momento como um bom desfecho para a fase de descobertas que vive, aliando a vivência de Bella com suas possibilidades e sonhos. Ainda, a adolescente MSL, de 13 anos, comenta ter gostado da cena na qual os protagonistas se conhecem, e diz ter achado o momento da narrativa “lindo”. Do ponto de vista das idades e situações descritas por essas leitoras, verificamos que *Crepúsculo* (2005) parece ter a receita certa para atrair a atenção de meninas dos 13 aos 16 anos, oferecendo momentos de identificação para todas através da personagem Bella que vive um grande número de experiências que ainda não havia experimentado.

Algumas leitoras relacionaram passagens de aventura como as mais interessantes. ID, de 13 anos, citou a cena onde os Cullen batalham e matam o vampiro James, deixando alguns vampiros escaparem. A Tabela 11 mostra que a preferência da jovem localiza-se nas obras de ficção detetive/policial, o que auxilia na explicação da escolha da jovem pela cena de aventura, que se aproxima mais do gênero favorito da leitora.

No caso da leitora SLXS, de 14 anos, o interesse pela aventura, aliada ao romance tornaram o livro interessante. A jovem declara ter gostado da cena “Quando o vampiro James, um rastreador, está atrás de Bella. Porque aparece Romance, aventura e ação juntos. Além de ser um momento mais tenso e você querer saber cada vez mais o que irá acontecer”. Na tabela 11, a jovem declara gosto pela ficção e pelo romance, indicando que a ficção voltada para a aventura parece ser seu gênero de eleição, ainda mais quando aliada ao romance. GDV, de 16 anos, ainda citou a cena da luta na sala de espelhos e justificou “Mostra que existe o lado do bem e do mal”, fazendo uma referência ao fato de que há na narrativa, vampiros com características psicológicas e

ações consideradas “do bem” e vampiros com características “do mal”. Como podemos verificar, na Tabela 9, a leitora GDV declarou interesse pelas fábulas e contos de fadas enquanto crianças, o que pode explicar sua preferência pela cena que destaca que mesmo entre uma classe de seres sobrenaturais tidos como “maus por natureza” pode haver “bons sujeitos”, assim como nas histórias comumente lidas na infância pela jovem.

O adolescente EAF, de 14 anos, relatou ser interessante a cena em que Bella chega a sua cidade natal “Porque ela fala de toda a sua infância e eu gostei dessa parte”. Como podemos observar em Iser (1996), um texto literário é constituído a partir do ponto de partida da comunicação. Sendo assim, o texto literário proporciona com que ocorram as intervenções no mundo, nas estruturas sociais dominantes e na literatura existente. As intervenções tem sua manifestação como forma de reorganização dos citados sistemas de referência que, por sua vez, são evocados pelo texto. Corroborando o que apontou Iser (1996) observamos que, por tratar-se o respondente de um leitor do sexo masculino, e ainda pelo fato de que os meninos tem menos tendência a identificar-se com as cenas românticas notamos que o saudosismo com a infância e com a terra natal foram as principais motivações para a escolha desse jovem.

O jovem, assim como o adulto ou a criança, faz referências entre aquilo que é de seu conhecimento empírico ou subjetivo e reorganiza seus conhecimentos a partir das referências novas que são proporcionadas pelo texto. Da mesma forma existe a possibilidade de que o leitor não reconheça a referência evocada pelo texto e faça a busca por ela. Podemos, a partir de tal situação, inferir que o livro *Crepúsculo* (2005) funciona como um objeto de organização que suscite no leitor uma evocação a textos pertencentes ao cânone literário. Quando tais obras são comuns ao leitor ele realiza a conexão com o texto lido e, assim, reorganiza seu conhecimento a partir da nova perspectiva. Porém, quando tais obras não lhe são comuns, ele pode consumi-las, ampliando seu repertório de leituras e perfazer o percurso que o leve a conhecer tal sistema de referências. Desta forma, *Crepúsculo* (2005) apresenta uma série de livros canônicos que servem de referência aos leitores que buscam conhecer um pouco mais do repertório da personagem Bella e, assim, aproximar-se dela por identificação. A leitora SLXS, de 14 anos, realizou a leitura de *Morro dos ventos uivantes* (1847), de Emily Brontë. A obra é lida pela personagem Bella durante os primeiros capítulos do livro *Crepúsculo* (2005). Outros leitores declararam que, por influência das leituras de Bella, buscaram ampliar seu repertório de leituras

Li o livro O morro dos ventos uivantes e Razão e sensibilidade e queria ler Orgulho e preconceito, mas ainda não achei. (EAF 14 anos)

Li O morro dos ventos uivantes, da Emily Brontë antes e Orgulho e preconceito, da Jane Austin, depois e achei bem interessante o que entendi. (CCD 15 anos)

Vou ler O morro dos ventos uivantes quando achar. (RFF 16 anos)

O morro dos ventos uivantes, eu tenho esse livro mas não cheguei a ler. (MHCS 16 anos)

Li Romeu e Julieta, (li) antes de Crepúsculo e gostei muito, é emocionante. (GRV 14 anos)

A partir dos comentários dos jovens podemos perceber que mais de 30% dos participantes da pesquisa declararam ter lido obras de literatura consideradas canônicas. Dois leitores afirmaram que realizaram as leituras antes de *Crepúsculo* (2005), tendo aporte para, como afirmou Iser (1996), fazer as relações no momento da leitura do livro. A jovem EAF, de 14 anos, declarou ter lido *O morro dos ventos uivantes* (1847) por influência da saga de Meyer, além de *Razão e sensibilidade* (1811) e comenta que pretende ler *Orgulho e preconceito* (1813) motivada pelas leituras de Bella, quando encontrar o livro. CCD, de 15 anos, que declarou ter lido *O morro dos ventos uivantes* (1847) antes, declarou que leu *Orgulho e preconceito* (1813) depois, e o achou interessante, ao menos aquilo que “entendeu”. RFF, de 16 anos, pretende ler *O morro dos ventos uivantes* (1847) “quando achar” e MHCS, de 16 anos, comentou ter em sua residência a obra, mas declara não ter lido ainda. O comentário de MHCS sobre a posse do livro não foi confirmado pela Tabela 7, na qual cita possuir, em sua residência apenas o livro *Diários de vampiro* (1991). Ainda GRV, de 14 anos, citou ter realizado a leitura de *Romeu e Julieta* (1591/1595?), obra de teatro, antes da leitura da saga e declara que achou “emocionante”, relatando “gostei muito”.

Leituras de obras de literatura de gênero fantástico-maravilhosa, como as de *Crepúsculo* (2005) e *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) apontam uma relação de dependência do leitor quanto à continuidade da leitura de livros contendo narrativas de vampiros ou de outros seres fantásticos. Quando perguntamos aos leitores a respeito de suas leituras de obras de vampiros anteriores a *Crepúsculo* (2005), percebemos que 93% dos leitores ainda não conheciam obras que tratassem do tema relativo à personagem vampiro. A partir de tal indicativo, quando questionado sobre o interesse e a busca por outras leituras do mesmo tema, notamos que 67% do número

total de participantes da pesquisa buscaram outras leituras de livros relacionadas ao tema do vampiro. Verificamos, a partir de questionamentos sobre o que levou os jovens a buscar novos livros sobre o tema, determinada angústia em relação ao desfecho das narrativas e a vontade de ler outras obras para experimentar novas sensações provenientes desse mundo fantástico apresentado aos jovens. Notamos que a leitura de obras de vampiro irradia a vontade de ler em busca de novos acontecimentos e mistérios

Li o Drácula uma vez e me interessei muito. Comprei outros 4 livros de vampiro depois. Queria ver do que ele é capaz. (MHCS 16 anos)

Sim, me fez buscar outros livros de vampiros e também mais livros de ficção infantojuvenis. (SLXS 14 anos)

Nunca tinha lido livros sobre vampiros, mas despertou meu lado pela leitura. Tinha que conhecer melhor os vampiros. (GDV 16 anos)

Procurei ler todos os livros da saga Crepúsculo. Pensei que teria mais mistério. (RFF 16 anos)

Logo que saiu o outro livro Eclipse corri pegar emprestado par ler. (MSL 13 anos)

Li a continuação de Crepúsculo. O final fica faltando alguma coisa. (GT 16 anos)

Sim. A continuação da saga: Lua nova, Eclipse, e Amanhecer. Procurei saber mais sobre Edward e os Cullen. (ID 13 anos)

Um dos comentários que chama a atenção é o de MHCS, de 16 anos, que declarou ter lido *Drácula* (1897) e adquirido quatro outros livros sobre vampiros depois da leitura da obra de Bram Stoker. Analisando a resposta do leitor, na Tabela 7, podemos concluir que os quatro livros adquiridos são da série *Diários de vampiro* (1991), de Lisa Jane Smith. Além das citadas leituras o jovem buscou ler *Crepúsculo* (2005) e declarou sobre a personagem vampiro querer saber “do que ele é capaz”. Tal perspectiva, assim como a apontada por GDV, de 16 anos, que declarou que “Tinha que conhecer melhor os vampiros”, aponta para um desejo, por parte dos adolescentes de conhecer mais e desvendar os mistérios que permeiam o mundo – especialmente o mundo fantástico – que se lhes apresenta tão inconstante e de difícil compreensão. Na mesma linha podemos citar a leitora RFF, de 16 anos, que declarou pensar “ter mais mistério” nas obras que apresentam as vivências do vampiro. A declaração demonstra uma quebra de expectativas, que parece ser comum na obra de Meyer, por apresentar

um vampiro descritivamente particular e diferente das características canônicas apresentadas em obras ao longo dos últimos séculos.

Para verificar a visão juvenil do vampiro e sua expectativa anterior à leitura da obra de Meyer, solicitamos que os leitores relatassem qual a verdadeira descrição da personagem sobrenatural era imaginada por eles anteriormente à leitura da obra em questão neste tópico

Imaginava um vampiro bem branco com uma capa grande, unhas pintadas de vermelho e que se transformava em morcego. (ID 13 anos)

Que eles viviam no escuro e não brilhavam. (GT 16 anos)

Com dentes pontiagudos. (MSL 13 anos)

Seres mitológicos, imortais, que se alimentam de sangue humano e vivem nas trevas. Imaginava algo mais sombrio. (CCD 15 anos)

Feio, mortífero, uma visão totalmente diferente. (MGC 16 anos)

Um ser sombrio, do mal, criatura das trevas. (RFF 16 anos)

Chupadores de sangue. (GRV 14 anos)

Um homem morto, que vagava por aí mordendo qualquer pessoa, com medo de alho, morando em caixão e esses tipos de coisas. (GDV 16 anos)

Com garras enormes. (SLXS 14 anos)

Pálido, olhos escuros, todo vestido de preto e assustador. (LMP 13 anos)

Uma pessoa “menos humana”, com braços sobrenaturais e mais intenso. (PTR 13 anos)

Pele branca, capa preta, poucos cabelos, alto e com 4 caninos bem afiados e dormindo durante o dia em um caixão pois o sol os queima. (EAF 14 anos)

A partir das descrições feitas pelos leitores notamos que a expectativa em relação às características físicas da personagem fantástica segue a mesma linha descrita por Chevalier e Gheerbrant, no *Dicionário de Símbolos* (2003)

Vampiro

Morto que supostamente sai do seu túmulo para vir sugar o sangue dos vivos. (...) aqueles que foram vítimas de vampiros também transformam-se em vampiros: são esvaziados de seu sangue e, ao mesmo tempo, contaminados. O fantasma atormenta os vivos pelo medo, o vampiro os mata tirando a sua substância: só consegue sobreviver graças a sua vítima. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 30)

À descrição de Chevalier e Gheerbrant, acrescentamos ainda o vampiro eternizado por Bram Stoker, na obra *Drácula* (1897), que “fixou” a imagem do ser sobrenatural na literatura moderna e o descreve como vigoroso, pulsante, cruel, monstruoso e de

aparência horrenda. Tais perspectivas são quebradas com uma espécie de “humanização” feita por Meyer que atribuiu a docilidade e o equilíbrio à personagem vampiro de sua saga. Um dos sinais de percepção da diferença é apontado por GT, de 16 anos, que nota que os vampiros (ao menos os de conhecimento do leitor) “viviam no escuro e não brilhavam”. O comentário do adolescente denota o estranhamento quanto ao fato de que Edward e seus familiares apresentavam uma constante “vida diurna” – fato estranho a um ser que se deteriora quando entra em contato com a luz – e também relativamente ao fato de que o vampiro “brilha” o que aproxima sua similaridade física a algum elemento que se destaca pela beleza e não pela esperada aparência repulsiva. Um ser “mais sombrio” era o esperado por CCD, de 15 anos, que encontrou em Edward um exemplar pouco parecido ao presente em outras narrativas onde um ser amedrontador persegue aos humanos.

Ainda destacamos a expectativa de um personagem “feio, mortífero, uma visão totalmente diferente”, como percebemos nas palavras de MGC, de 16 anos. Uma “criatura das trevas” era a visão de vampiro de RFF, de 16 anos. Tais visões corroboram a ideia de que a quebra de expectativa causada por Meyer, acrescida de uma dose de beleza física e uma “roupagem romântica” desapontou uma parcela dos leitores, mas, ao mesmo tempo, atraiu a atenção de milhões à leitura de seu livro e das sequências narrativas de vampiros, seja em busca de algo novo ou da confirmação de presenças sombrias ou apaixonadas dos “novos vampiros”. Assim se constitui um fenômeno com todos os ingredientes favoritos dos jovens do Século XXI: suspense, aventura, medo, amor e uma boa dose de romantismo.

6. EM BUSCA DO SANGUE JUVENIL BRASILEIRO: UM FENÔMENO DE LEITURA QUE SE PERPETUA?

Após o percurso de análise dos livros consumidos pelos adolescentes participantes da pesquisa, chegamos ao ponto principal estabelecido como o último objeto de investigação desta dissertação: verificar se o livro de Ivan Jaf *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) pode representar um fenômeno de recepção como ocorreu com o livro *Crepúsculo* (2005), entre os jovens. A partir do pressuposto de que o público pesquisado representa um *corpus* pequeno de leitores, consideramos a possibilidade de um fenômeno recepcional possível a partir de uma maior difusão da obra de Ivan Jaf, que ainda não ocorreu e não sabemos se ocorrerá.

Para chegarmos às conclusões acerca do fenômeno analisaremos as respostas às questões do Questionário 5 (apêndice 6), que proporciona uma comparação entre as duas obras, a fim de verificar se o jovem leitor de Meyer interessou-se significativamente pela obra do autor brasileiro Ivan Jaf.

Como observa Jauss (1994), a literatura é diferente de suas referências históricas porque não impõe consequências materiais para as pessoas e futuras gerações. Ela tem sua existência garantida enquanto houver leitores que se apropriem das obras, autores querendo imitá-las, refutá-las ou superá-las e críticos que se ocupem delas na reflexão. Contrariamente a isso, não há história da literatura porque não se concretiza a recepção, nem a produção estética, isto é, o literário só existirá se houver uma ressonância de seus efeitos sobre as gerações futuras.

O percurso das obras de vampiro, especialmente a partir do famoso *Drácula* (1897), de Bram Stoker, chegando ao fenômeno da saga *Crepúsculo* se configura como interessante objeto de análise e reflexão – especialmente a partir da quebra e/ou confirmação de expectativas – culminando em uma profusão de leitores a partir de um personagem-vampiro mais “histórico” e “engraçado”, como no caso do ser fantástico imaginado por Ivan Jaf. Para avaliar a profundidade da narrativa do carioca – quando relacionada com o texto de Meyer – em sua possibilidade de efeito e recepção questionamos os leitores sobre qual dos dois livros chamou mais a atenção e ampliamos o debate solicitando que o jovem se colocasse no lugar das personagens Edward e Clemente, relatando-nos em qual “corpo” se sentiria mais à vontade, se tivesse tal poder. Ao avaliar qual das obras mais prendeu a atenção dos leitores, verificamos que 57% dos leitores sentiram-se mais impressionados pelo livro *Crepúsculo* (2005), ao

passo que 43% dos jovens se interessaram mais por *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009). A partir desses dados percebemos que, apesar de haver uma diferença de 14% de preferência em relação ao livro que representou fenômeno mundial de vendas – o da saga *Crepúsculo* – um número considerável de leitores – pertencentes ao sexo masculino e feminino – preferiu a narrativa brasileira, de Ivan Jaf. Por se tratar de um livro voltado ao público juvenil; produzido por um autor nacional e sem a massiva divulgação e transposição para a narrativa fílmica – como no caso estadunidense – consideramos importante a parcela de leitores que se interessaram mais por essa segunda leitura do que pela narrativa da saga. O mesmo indicativo refere-se à preferência juvenil pelas personagens de ambas narrativas: o par romântico Edward e Bella representou a preferência de 57% dos adolescentes, ao passo que 43% identificaram-se com as personagens Clemente e Fátima. Por tratar-se no primeiro caso de uma narrativa nos moldes da ambientação romântica, com todas as características favoritas dos jovens a diferença não representou um desequilíbrio considerável, uma vez que Clemente e Fátima não consumaram uma narrativa romântica nos moldes tradicionais e, devido à trajetória cômica de Clemente em sua tentativa de conquistar o coração de sua musa, o interesse pelas personagens de Jaf foi considerável, como podemos verificar nas justificativas dos leitores:

Eu gostei mais de Clemente, pois ele parece mais um vampiro de verdade, é muito mais inteligente e tem muito mais poderes.

[...]

Fátima me chamou mais a atenção, pois seu psicológico não é afetado pelo surgimento do vampiro em sua vida. (EAF 14 anos)

(Eu gostei de) Clemente, ele sim é homem de verdade. (PHB 13 anos)

Clemente, pois ele tem hábitos de vampiro, já Edward não muito. (GFB 14 anos)

Gostaria de ser o Clemente, pelas características físicas e psicológicas mais fortes. (PTR 13 anos)

Clemente, pelo seu ar sombrio e sério que acaba se transformando interessante.

[...]

A Fátima porque ela tem mais vida e personalidade do que Bella. (CCD 15 anos)

Fátima, porque ela toma suas próprias decisões e ela tem bastante expressão própria. (ID 13 anos)

Notamos, a partir das respostas dos leitores, que a personagem Clemente corresponde mais fielmente às características aguardadas pelos leitores, especialmente os do sexo masculino, como EAF, de 14 anos; PHB, de 13 anos e GFB, de 14 anos. Tal fato deve-se à questão da recusa, por parte dos meninos, à “embalagem romântica” na qual foi inserida a personagem Edward em *Crepúsculo* (2005). O fato de Clemente ser um vampiro que apresenta características que preservam os moldes físicos e psicológicos de vampiros famosos como o Conde Drácula e as apontadas no *Dicionário de Símbolos* (2003) e em outras teorias simbólicas apontadas anteriormente produz o efeito de agrado nos jovens por confirmar a expectativa de virilidade buscada pelos garotos.

Entre as meninas, há quase que uma divisão de preferência entre as personagens Bella e Fátima. Esperávamos que a personagem Bella, devido à sua trajetória romântica e misteriosa arrebanhasse maior preferência entre as jovens, porém notamos que Fátima dividiu as opiniões, confirmando uma nova possibilidade de identificação entre leitor e personagem, por apresentar “mais vida e personalidade”, como afirma CCD, de 15 anos; por tomar suas próprias decisões e por ter “bastante expressão própria”, como relata ID, de 13 anos.

Podemos apontar que o fato de Fátima apresentar-se como uma personagem mais “radiante” do ponto de vista do vigor físico e da beleza – tão desejada pelas leitoras – e por ser uma garota com determinado “brilho próprio”, apresentando considerável autoestima, representa a razão para o maior interesse por parte das respondentes. Em comparação com Bella, os leitores notaram que Fátima se diferencia por não se encaixar em um estereótipo previsível (uma garota entediada e de baixa estima). A jovem SLXS, de 14 anos, relatou que as duas personagens são interessantes, Bella por se parecer muito com ela em suas dificuldades pessoais – coma a aceitação por parte dos outros jovens – e pelo percurso romântico: “Bella parece comigo porque tem problemas de ser aceita e se apaixona fácil” e Fátima por “ser linda e forte sem ficar triste por pouca coisa”.

Verificamos que uma parte dos leitores apreciou as duas obras preferindo *Crepúsculo* (2005) enquanto outra parcela apreciou a apresentação da temática de vampiro em *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) por propor um vampiro “mais original” e cômico em suas aventuras amorosas. Tal verificação aponta para o fato de que o público jovem, fortemente influenciado pelo mercado editorial consumiu a obra estadunidense – através de sua tradução para a língua portuguesa – e

consumiria o livro de Jaf com grande avidez se o autor brasileiro gozasse da mesma projeção editorial.

Por ser uma obra voltada ao público juvenil, o livro de Jaf apresenta um projeto gráfico mais elaborado, visando atrair a atenção do público juvenil que deseja atingir e consequentemente a mira de pais, escolas e do próprio PNBE, que são valiosas instituições mediadoras que alavancariam a possibilidade de maiores vendas. O livro apresenta páginas combinadas em cores alternadas, sendo a primeira do capítulo com fundo escuro, letras brancas e detalhes vermelhos, ao passo que as outras páginas apresentam fundo branco e letras negritadas, como podemos observar nas imagens 1,2,3,4,5 e 6 (presentes entre as páginas 106 a 110 desta dissertação). Os inícios dos 23 capítulos trazem frases enigmáticas ligadas aos eixos histórico e fantástico da obra. Os títulos dos capítulos, alternados a epígrafes que remontam inclusive a críticas quanto à forma da implantação do sistema colonial no Brasil, como “Um príncipe no mato, sem cachorro” (Cap. I); “O sistema atual deste governo é não ter sistema algum, e ir vivendo” (Cap. II); “A mais linda paisagem entregue aos porcos” (Cap. XII) e “Nas tetas do tesouro” (Cap. XVI) antecipam e resumem situações que serão apresentadas ao longo da narrativa. Tal estratégia visa tornar o livro um percurso crítico da história do Brasil, demonstrando o interesse pedagogizante da obra. Diferentemente dos títulos de seções voltados para a História do Brasil e de Portugal, a narrativa de Meyer apresenta inícios de capítulos mais lacônicos e voltados para certa aura de mistério, que apresentam como título palavras e/ou frases, como “À primeira vista” (Cap. I); “Fenômeno” (Cap. III); “Port Angeles” (Cap. VIII) e “Carlisle” (Cap. XVI) que sugiram os fatos ao invés de apontá-los.

Acerca da estratégia de fruição comentada anteriormente – ao atribuir títulos mais “filosóficos” e que levam o leitor a relacionar a intertextualidade com o texto literário – observamos que Barthes (1996), acredita que a forma da “escritura” se apresenta como de vital importância no processo literário, pois, desencadeia, através do modo de escrever, fruição da linguagem. Tal fruição pode levar o leitor a um processo de aceitação e até de aprendizado maior da obra fechando um ciclo de experiências sentidas a partir do proposto pela obra literária. Sendo assim podemos verificar uma estratégia pedagógica na obra de Jaf, que aproveita a narrativa para inserir uma grande quantidade de conteúdos históricos conhecidos pelos jovens através do ambiente escolar. Apesar de ser valorizado por instituições escolares, que visam à inserção de livros semelhantes ao do autor brasileiro como objeto de “tema transversal”, podemos

verificar determinado prejuízo em tal direcionamento que abandona a preocupação estética em prol de uma possível estratégia de mercado. Ainda assim, entre os leitores, os títulos de capítulo chamaram atenção dos leitores para o texto lido posteriormente à obra de Meyer, que, apesar de títulos de capítulos mais curtos já causara impressionante fenômeno de leitura, apontando para uma avaliação positiva por parte dos jovens, já acostumados a aceitar as estratégias de mercado e ratificá-las em suas práticas de leitura.

A voz dos leitores foi solicitada para que os leitores se manifestassem quanto a sua preferência pelos dois estilos de titulação dos capítulos, a fim de verificar se o estilo mais “histórico” de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) causava efeito diferenciado no leitor em relação a *Crepúsculo* (2005). Observamos que cerca de 70% dos leitores gostaram mais da forma com que Ivan Jaf introduz seus capítulos e apontaram suas razões

Gostei dos títulos de Um vampiro apaixonado na corte de D. João porque é algo que eu nunca tinha visto antes, diferente para mim. (MHCS 16 anos)

Um vampiro apaixonado é melhor. Tem títulos mais engraçados que fazem a gente pensar. (PHB 13 anos)

Gostei mais de como os títulos de Um vampiro apaixonado (...) não tem tanta enrolação e é interessante. (GDV 16 anos)

Preferi os capítulos do livro de Jaf, justamente porque não eram tão tradicionais, eram diferentes. (PTR 13 anos)

Um vampiro apaixonado pelo fato de ser totalmente diferente (quanto aos títulos) dos outros livros de vampiro. (MGC 16 anos)

Prefiro as iniciais de Um vampiro apaixonado na corte de D. João, porque ela capta os leitores de um jeito mais incisivo que os de Crepúsculo. (CCD 15 anos)

Prefiro o começo de Um vampiro apaixonado na corte de D. João, porque é um jeito diferente de se começar um capítulo de uma história. (LMP 13 anos)

Como podemos constatar, os jovens perceberam a diferença nas introduções dos capítulos da obra de Jaf e, como relata PHB, de 13 anos, fazem “pensar”, são “diferentes”, como apontam outros adolescentes e captam os leitores “de um jeito mais incisivo”, como define CCD, de 15 anos. Percebemos que os leitores valorizaram a escolha de Jaf por títulos que “levem a pensar” e, ao declarar tal estratégia como “diferente”, relacionam tal inovação como positiva em relação aos títulos curtos e pouco

intertextuais como os de *Crepúsculo* (2005). Essa análise por parte dos leitores demonstra a fixação da estratégia pedagogizante de Jaf e demonstra a pacificação da ideia, pregada entre os adolescentes por instituições mediadoras como importante, de que as obras literárias devem “ensinar algo”, o que contraria em sua plenitude a importante função humanizadora da leitura, delineada por Candido (1972).

Outro destaque da obra do autor carioca é a forte presença de ilustrações que contribuem para a atratividade, proposta pelo projeto gráfico. Quando Iser (1996) comenta que o “sentido tem o caráter de imagem” e que “ela não descreve algo existente de antemão, mas sim concretiza uma representação daquilo que não existe e que não se manifesta verbalmente nas páginas impressas do romance” (ISER, 1996, p. 32) imaginamos o caminho percorrido também pela representação pictórica das imagens propostas, que representam cenas da narrativa de Jaf, em forma de desenhos caricaturais, por parte do ilustrador Marcelo Campos. O diálogo do leitor com a obra, apurando o efeito estético e a construção mental dos ambientes nos quais a narrativa ocorre podem ser significativamente alterados e até ampliados pela presença das imagens na obra.

A vivência dos jovens leitores em sua tenra infância pode ser resgatada através das ilustrações das histórias fantásticas, reaquecendo nas mentes dos jovens, histórias que causaram encantamento ou até amedrontamento em suas mentes durante a infância. Como percebemos em Oliveira (2008) “Podemos dizer que a grande presença dos seres fantásticos, tão comuns nas histórias e imagens destinadas a crianças e jovens de nossos dias, em realidade, é uma grande revivescência de um medievalismo que se origina nas noites do tempo”. (OLIVEIRA. In: OLIVEIRA, 2008, p. 18). Tal “medievalismo” revive através do resgate das histórias de vampiro e causa interesse nos jovens como verificamos através das respostas dos sujeitos da pesquisa à pergunta que fizemos acerca de sua opinião sobre o fato do livro de Jaf conter diversas ilustrações, ao passo que *Crepúsculo* (2005) não as contém.

Observamos que 80% dos jovens julgaram ser positiva e interessante a presença das ilustrações no decorrer da narrativa de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), um número considerável de leitores se imaginamos o fenômeno causado pelo livro *Crepúsculo* (2005), que não conta com ilustrações complementares

Achei muito interessante a presença de gravuras, fizeram o livro ficar muito mais bacana. (RFF 16 anos)

Bem legais, ajuda a montar a imagem do lugar e como são as pessoas da história. (LMP 13 anos)

Apesar de ser melhor usar a imaginação, as ilustrações são muito interessantes e bem feitas. (CCD 15 anos)

Gostei demais, ajuda pra você ter uma imagem para entender melhor o que acontece na história. Deixou o livro muito mais legal. (MGC 16 anos)

As ilustrações complementaram e fizeram a diferença pra mim. (PTR 13 anos)

Adorei as ilustrações, elas nos interte (sic) um pouquinho e nos faz descansar para voltarmos. Se tivesse em Crepúsculo eu iria amar. (GDV 16 anos)

Quanto mais ilustrações melhor. (PHB 13)

As ilustrações me fizeram ver a cena do livro com mais facilidade e me prenderam na história. (EAF 14 anos)

É interessante ter ilustrações, não deixa que o leitor se canse de ler páginas escritas só. (GT 16 anos)

As ilustrações fazem com que possamos imaginar melhor a história. Achei muito legal e quero ler outros livros dele. (ID 13 anos)

Verificamos, a partir dos relatos dos leitores, que a presença de ilustrações empolgou e os fez imaginar as cenas que compõem a narrativa com apuro maior da imaginação. Tal estratégia do texto pode causar nos leitores a confirmação das características do vampiro Clemente e de outros vampiros que participam como personagens da narrativa ao demonstrarem suas características físicas e os ambientes sombrios pelos quais as personagens passam. Além disso, como descreve o leitor GDV, de 16 anos, podemos concluir que persiste um tom de entretenimento que torna o livro menos denso quanto ao texto escrito e mais atraente no percurso da leitura, anverso da leitura de *Crepúsculo* (2005), que não apresenta imagens e tem uma densidade de texto escrito muito maior, o que pode acabar tornando entediante a leitura. Uma ressalva que devemos fazer em relação às ilustrações presentes no livro do autor carioca refere-se ao fato de que pouco sugerem para o leitor trabalhando com sua imaginação. Percebemos, por exemplo, ao verificar ilustrações como as imagens 2 e 3 (página 103) desta dissertação), que as cenas e os ambientes são descritos quase que fielmente a uma cena real, deixando de aproveitar-se do mistério contido em situações sobrenaturais para aguçar a imaginação do leitor.

O projeto gráfico consegue alcançar em parte seus objetivos editoriais para criar a fidelidade do leitor à série. Como podemos observar, no comentário de ID, de 13 anos, que relatou o interesse de procurar outros livros de Jaf por ter gostado do texto e do projeto gráfico criado pela editora. Tal indicativo, somado às respostas de preferência pela obra do autor brasileiro, sugere uma forte tendência à possibilidade da repetição do fenômeno de leitura a partir da sequência da “saga” de Ivan Jaf entre os leitores jovens.

Outro destaque, entre os leitores, do livro de Jaf é a participação dos vampiros na história de Portugal e do Brasil. A vinda da família real ao Brasil, em 1808, é temática utilizada por Jaf para, no percurso da narrativa, expor, através sua visão crítica, fatos históricos ocorridos desde o planejamento até o momento no qual a monarquia pôs seus pés em solo tupiniquim.

Notamos um caráter possivelmente didático-pedagógico na estratégia do autor carioca ao utilizar fatos que fazem alusão à história do Brasil – através de referências intertextuais, presentes nas laterais das páginas em um esquema semelhante ao *hiperlink* da internet – através da intertextualidade e de explicações necessárias para dar maior aporte ao texto. Segundo Koch (2000), “a intertextualidade diz respeito aos modos como a produção e recepção de um texto dependem do conhecimento que se tenha de outros textos com os quais ele, de alguma forma, se relaciona” (2000, p. 46). No caso do livro *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), percebemos que a intertextualidade ocorre no sentido amplo (o que o leitor guarda em sua memória) e no sentido restrito (a relação de um texto com outros textos). Em seu processo de criação da narrativa, Jaf procura levar em conta o que o leitor reconhece enquanto história do Brasil e aquilo que o jovem desconhece e/ou não se recorda. Para o último caso a referência é “explicada” através do processo de descrição à lateral da página: nomes próprios, expressões e/ou frases que tem sua letra destacada em cores diferenciadas, chamando a atenção às referências intertextuais presente à margem da página. Através de um destaque cromático (cores vermelhas para os termos a serem explicados) o projeto gráfico tenta criar um ambiente que lembre a simbologia do vampiro para possivelmente “disfarçar” a inserção pedagógica à história do Brasil que vai permear a narrativa tornando densas as referências que auxiliarão no “ensino da História” que poderá ser aproveitado em ambientes pedagógicos.

Com o intuito de verificar o efeito da estratégia intertextual do autor sobre o leitor, perguntamos aos adolescentes o que eles pensaram acerca da inclusão de tais referências intertextuais no livro. Verificamos que aproximadamente 93% dos leitores

aprovaram a estratégia, destacando-a como válida e “interessante” para uma “compreensão” da obra. O leitor GRV, de 14 anos, respondeu: “Não gostei. Me deixou com tédio (sic)”. Verificamos, ao ler a Tabela 11, que a jovem tem como gênero favorito, em suas frequências à biblioteca, a ficção e o gênero detetive/policial. Tais leituras indicam que a jovem, aliado ao fato de cursar o 8º ano do Ensino fundamental II (conforme Tabela 2), não tem contato frequente com as leituras sobre a História do Brasil, além de não possuir estudos suficientes que subsidiem seu interesse por tal período histórico, o que faz com que não aprecie a mistura do gênero com o compromisso de estudo da história – muitas vezes ligado ao contexto escolar. A resposta de GRV aponta para o fato de que a literatura, como objeto estético e prática prazerosa deve estar isenta de objetivos pedagógicos que afetem a qualidade estética da obra, como ocorre na narrativa de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009).

Ainda sobre as referências intertextuais GFB, de 14 anos, relatou que as explicações contidas às margens das páginas são “Boas, mas são difíceis de entender”. Ao verificarmos a Tabela 4, onde o leitor declara que em sua infância ninguém lhe contava histórias, podemos depreender que a compreensão dos textos, aliada aos conteúdos de história podem sofrer prejuízo pela falta dessa experiência com a leitura. O fato de que o leitor declara frequentar a bibliotecas apenas “de vez em quando” (Tabela 11), não aprofundando seu vínculo com a atividade de leitura, pode constituir indicativo para a dificuldade de compreensão por parte do adolescente, apesar de ter declarado frequentar a 1ª série do Ensino Médio (conforme Tabela 2).

Dentre os jovens que declararam ter gostado da inclusão dos fatos históricos no texto encontramos as justificativas

Achei interessante, além de ajudar a entender o texto, também nos ensina sobre fatos históricos. (RFF 16 anos)

Eu gostei, porque dá para entender melhor alguns acontecimentos. (LMP 13 anos)

Eu achei muito interessante e útil, pois a história tem muita importância sobre nossa vida. E nem todo mundo se interessa ou busca tais conhecimentos, e o livro acaba tratando disso. CCD 15 anos)

Muito bom. Ajuda muito pra entender melhor o que acontecia naquela época. (MGC 16 anos)

Gostei. Pois me permitiu duas sensações. Abriu a minha imaginação e com o tempo “colocava meus pés no chão” por ser verdade. Além disso, me fez ter mais conhecimento. (PTR 13 anos)

A-D-O-R-E-I, não gosto muito da História e da maneira como estava escrito era muito mais fácil aprender, prestar atenção, e se interessar com jeito que estava. (GDV 16 anos)

Achei interessante, porque nos ajuda a entender a história um pouco mais. (MHCS 16 anos)

Achei muito interessante, pois explica melhor a história. (GT 16 anos)

Achei legal porque eu estou estudando sobre isso. (MSL 13 anos)

Interessante, me ajudou a entender melhor a História do Brasil. (ID 13 anos)

Percebemos que os leitores citados apreciaram muito a inserção de fatos históricos na narrativa, pois tal fato proporcionou uma ponte com os saberes com os quais entraram em contato através de leituras e do currículo escolar. Tais comentários demonstram uma preocupação dos jovens com o aprendizado acadêmico. A tendência de pensamento dos leitores demonstra que entre os jovens é ventilada fortemente a ideia da prática de leitura como forma de aprendizado escolar, o que desconsidera o fator estético e o diálogo que uma obra literária pode estabelecer com o leitor. Outros comentários que apontam para tal tendência podem ser verificados nas palavras de RFF, de 16 anos, que declarou ter obtido uma melhor compreensão do enredo e sentir-se instruída academicamente por meio dos fatos históricos contados. Ainda destacamos comentários como os de CCD, de 15 anos, que, apesar de sua pouca idade refletiu acerca da importância da história na vida do ser humano, experimentando, em parte, a função humanizadora da leitura delineada por Candido (1972). A jovem reconhece que o conhecimento a respeito da história do Brasil não é buscado por um grande número de adolescentes, mas faz diferença em nossa vida para nos tornar mais conscientes de nossos rumos e processos sócio históricos. Ainda que de forma superficial – e direcionada por objetivos pedagogizantes e pelo sucesso alcançado por Laurentino Gomes através de *1808* (2007) – podemos entender, através das palavras de CCD, que a leitura da narrativa com os tons críticos legados por Jaf trouxe novas perspectivas ao relacionar o Brasil de 1808 com a sociedade nacional do século XXI.

A maneira como a descrição da chegada da família real no Brasil foi narrada, misturando fatos históricos com a ficção de vampiro, representou encantamento em GDV, de 16 anos, que respondeu empolgadamente “A-D-O-R-E-I”, justificando que, apesar de não gostar de história (ou da maneira como a história é ensinada) achou fácil “aprender” – como define o ato de ler a história aliada à narrativa – “prestar atenção” à narrativa e se “interessar” pela estratégia adotada pelo autor. Tal comentário nos sugere

que grande parte dos leitores consumiu a narrativa imaginando os fatos históricos com fidedignidade ao que realmente ocorreu, separando da ficção a existência do ser fantástico, o vampiro. O caráter do livro para a maioria dos leitores pareceu ser o de um relato da história do Brasil contado de uma maneira diferente da dos livros didáticos. Como observamos, a partir de Iser (1996)

o texto literário é uma reação do autor ao mundo e ganha caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida. Mesmo quando um texto literário não faz senão copiar o mundo presente, sua repetição no texto já o altera, pois repetir a realidade a partir de um ponto de vista já é excedê-la (ISER, 1996, p.11).

O destaque dado à história do Brasil por Jaf, quando comparado com fontes históricas, apresenta alto grau de veracidade, porém o autor insere seus tons críticos à hipocrisia e aos picarescos enganos do povo português e brasileiro desde o descobrimento, como o fez anteriormente com muito sucesso o historiador Laurentino Gomes, fato pouco observado pelos leitores provavelmente pela pouca maturidade e conhecimento acadêmico.

Segundo Escarpit (1974), várias leituras possíveis podem surgir a partir de uma mesma obra literária – determinadas pelo lugar social e histórico de cada leitor. Neste ínterim, os participantes da pesquisa entraram em contato – a partir de seu ponto de vista histórico – com situações e ambientações pertencentes ao Século XIX. A maneira como a história do período foi contada pelo autor causou boas impressões nos leitores que conseguiram assim “mergulhar” no universo da narrativa de uma maneira muito mais proficiente, na visão dos participantes da pesquisa. Comparando com a aceitação dos jovens pela ambientação e período histórico com o qual eles tiveram contato através de Jaf, perguntamos acerca da aceitação da forma e da ambientação no livro *Crepúsculo* (2005) e verificamos que, enquanto 93% apreciaram as inserções históricas e a ambientação propostas em *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), aproximadamente 73% apreciaram a ambientação e maneira como a narrativa foi desenvolvida em *Crepúsculo* (2005). Apesar do fato de que a narrativa de Meyer é ambientada em um espaço-tempo mais atual historicamente e a partir de locais conhecidos pelos adolescentes através de filmes e seriados de televisão – reconhecidamente consumidos por todos os participantes da pesquisa (conforme Tabela 5) – notamos um número menor de leitores que apreciaram as estratégias da autora estadunidense em comparação com a mesma pergunta feita após a leitura da narrativa

juvenil brasileira. Dentre os jovens que desaprovaram a ambientação e a condução do enredo de Meyer encontramos como justificativas

Às vezes eu achava um pouco cansativo por descrever demais os detalhes de lugares que eu já conhecia. (GDV 16 anos)

O jeito é um pouco entediante, mesmo os ambientes se ajustando na história.

É um pouco batida a história. (CCD 15 anos)

Não gostei do jeito da história. Os lugares não tem muito a ver. (GFB 14 anos)

Observamos que a estrutura proposta no livro insere ambientes muito explorados pela mídia televisiva, em especial – como um típico colégio secundarista americano; residências familiares da pequena cidade de Forks e a luxuosa mansão dos *Cullen* – e que se configuram como de fácil compreensão às mentes ávidas de jovens que consomem em larga escala as narrativas midiáticas. A referida estratégia de mercado não apresentou inovação estética aos leitores em destaque, mas confirmou as expectativas de grande parte dos leitores que veem a confirmação de suas expectativas quanto ao enredo e a ambientação com alegria, pois não causa grandes dificuldades reflexivas apresentando poucas propostas de trabalho cognitivo para a mente humana. Neste ponto a narrativa de Jaf foi recebida com maior aceitação por apresentar, ainda que com objetivos mercadológicos, um vampiro nos fatos históricos mais importantes do período colonial brasileiro, fato percebido pelo fato que 93% dos leitores a acolheram.

Para efeito de comparação no campo literário solicitamos aos jovens a informação a respeito da leitura de outros livros sobre vampiros e perguntamos sua opinião sobre tais livros (quando lidos). Notamos que apenas dois leitores haviam consumido obras de literatura com a temática do vampiro – diferentes das que estão em questão nesta Dissertação.

A leitora MHCS, de 16 anos, mesmo sem ter relatado na Tabela 2, na qual afirma possuir *Diários do Vampiro* (1991), relata ter lido um livro sobre “o Drácula” e descreve “achei legal”. Já ID, de 13 anos, que não declarou possuir *Diários de vampiro* (1991) afirmou ter consumido o livro da autora Lisa Jane Smith. A leitora comentou que achou o livro bem interessante e destaca “mas a história não se parece com Crepúsculo ou Um vampiro apaixonado na corte de D. João, ele é diferente e legal”. Tendo em vista que a jovem já conhecia a literatura de vampiro observamos que, em

resposta anterior, a leitora relatou que tem o interesse em buscar novos livros de Jaf por ter gostado do projeto gráfico do livro brasileiro. Em relação ao fato de que a jovem afirmou ter “achado diferente” a leitura de *Diários de vampiro* (1991) e o projeto gráfico de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), concluímos que o desejo por obras diferentes e com novos atributos é o grande interesse de ID no que se refere a novas leituras. Em suas outras respostas percebemos que o interesse pela estrutura tradicionalista de romances de ambientação romântica não é o principal interesse dessa leitora, que prefere as histórias de aventura e suspense – fato confirmado por suas escolhas e por sua resposta ao buscar novos textos literários e projetos gráficos nas obras. O interesse da adolescente pode estar aliado ao fato de que a jovem apreciou a obra de Jaf e notou determinado tradicionalismo nos tons românticos dados por Meyer.

Consideramos o fato de que poucos leitores conheciam narrativas de vampiro anteriormente a *Crepúsculo* (2005) e, para efeito de verificação do fenômeno causado pelo *best-seller*, solicitamos que os jovens confirmassem a procura de outras obras da mesma temática após sua leitura. Sabemos como afirma Venuti (2002), que

uma crescente tendência desde 1980 no sentido de investir na tradução de trabalhos estrangeiros envolvidos em produtos derivados [...], pois adaptações fílmicas e dramáticas prometem um reconhecimento maior por parte dos leitores e maiores vendas (VENUTI, 2002, p.96).

Acreditamos, conforme aponta o teórico, que a produção fílmica a partir da saga *Crepúsculo* alavancou não só as vendas dos livros publicados posteriormente no Brasil, como o consumo do livro *Crepúsculo* (2005), por parte de nossos leitores. Considerando o fato de que apenas quatro dos leitores participantes da pesquisa afirmaram ter procurado outras histórias de vampiro para ler, confirmamos o fato de que o livro de Meyer sozinho não se sustenta como um fenômeno para a continuidade de leituras do mesmo estilo de texto entre nossos jovens. A adaptação para o cinema, aliado a outras mídias – como os seriados de televisão – e novas séries fílmicas e literárias tem auxiliado a manutenção do interesse pelos livros da autora estadunidense, fato não experimentado pela “saga” de Jaf, que conta apenas com seus cinco livros pertencentes à Série *Memórias de sangue*. Ainda considerando o fato de que 86% dos leitores apreciaram a leitura de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) – contra 70% do primeiro livro da saga de Meyer – notamos que a obra de Jaf poderia

representar fenômeno literário entre os jovens caso houvesse o interesse na potencialização pelo mercado editorial e midiático.

As obras literárias representam importante elemento de conexão com as vivências do leitor. No caso do leitor jovem, existem passagens das narrativas que suscitam a lembrança de vivências que se completam e/ou alteram a partir do encontro entre as estruturas do texto e as experiências do leitor, como podemos observar em Jauss (2004)

A relação entre literatura e leitor pode atualizar-se tanto na esfera sensorial, como pressão para a percepção estética, quanto também na esfera ética, como desafio à reflexão moral. A nova obra literária é recebida e julgada tanto em seu contraste com o pano de fundo oferecido por outras formas artísticas, quanto contra o pano de fundo da experiência cotidiana de vida (JAUSS, 1994, p.53).

Neste quesito, quando solicitamos aos leitores se houve alguma passagem, dos dois livros em questão nesta dissertação, que os fizesse recordar de algum acontecimento marcante em suas vidas, encontramos a atualização da “esfera sensorial”, que compõe a “percepção estética” comentada por Jauss (1994). Os leitores EAF e RFF responderam:

*Não me lembro muito bem em quais partes do livro “Um vampiro apaixonado na corte de D. João” me recordou bastante meu pai, brigas, diversões e uma menina que gostei quando tinha uns 10 anos. (EAF 14 anos)
Talvez quando Clemente luta pelo amor de Fátima. Não comparando exatamente com o que aconteceu, mas está na categoria “lutas por um amor”. (RFF 16 anos)*

O leitor EAF, de 14 anos, conectou seu mundo ao contido através do enredo do livro de Jaf comentando que se lembrou de suas relações familiares (desavenças e alegrias) e até um envolvimento amoroso que teve quatro anos antes da leitura da obra. Apesar de não se recordar qual a passagem o fez “viajar” no tempo, o adolescente teceu um comentário esperado por jovens de sua idade, pois, no livro, o narrador comenta conflitos que teve com seu pai-vampiro, além de apresentar um relacionamento amoroso como fio central que conduz o enredo. Tais situações fazem com que o jovem sinta o que a personagem sentiu, a partir de suas próprias vivências, consolidando assim a atualização da esfera sensorial.

A “luta por um amor” foi o destaque dado por RFF, de 16 anos, que, certamente viveu algum episódio de desilusão amorosa que a fez experimentar determinado movimento catártico ao deparar-se com a paixão de Clemente por Fátima.

As obras literárias apresentam um caráter de antecipação do futuro ou até de retrocesso mental para determinada situação vivida pelo leitor, como denota Jauss (1994)

A obra de arte pode também transmitir um conhecimento que não se encaixa no esquema platônico; ela o faz quando antecipa caminhos da experiência futura; imagina modelos de pensamento e comportamento ainda não experimentados ou contém uma resposta a novas perguntas (JAUSS, 1994, p. 39).

No caso dos jovens é comum, devido à sua pouca maturidade e à experimentação de novos desafios que se apresentam frequentemente, a apreciação e a melhor compreensão de conflitos vivenciados anteriormente ou até posteriormente às leituras realizadas. Perguntamos aos sujeitos da pesquisa acerca do poder de resolução de conflitos e/ou sobre o entendimento proporcionado através da leitura dos dois livros em questão nesta dissertação. Aproximadamente 54% dos jovens relataram não ter experimentado tal situação através das leituras. Tal fato era esperado e se justifica pelas próprias respostas dos adolescentes que relataram, em grande número, que as soluções apresentadas não “cabem nesse mundo” (PTR, 13 anos); “porque não é verdade” (GRV, 14 anos); “a minha vida é diferente da dela” (MSL, 13 anos); e “não tem muito a ver com a realidade” (GFB, 14 anos). Tais respostas demonstram que os jovens separaram a ficção presente na obra literária que trata do mundo fantástico da realidade vivenciada em seus mundos. Não se configurou a capacidade, entre os jovens listados, de apropriar-se totalmente da ficção como representação em seu mundo.

Dentre os respondentes da pesquisa encontramos comentários que corroboram a teoria de Jauss (1994) “modelos de pensamento e comportamento ainda não experimentados ou contém uma resposta a novas perguntas” (1994, p. 39)

Em alguns momentos sim. Os dois falam sobre uma história de amor como a que quase vivi. (MGC, 16 anos)

Percebi que nem sempre as pessoas são quem pensamos. Já passei por coisas assim. (ID, 13 anos)

Sim, o amor é algo muito bom, mas que pode ser ruim. (EAF, 14 anos)

Uma história conta um romance que apesar dos contras, dá certo. E a outra um que não dá. Ajuda a perceber que não vale a pena mudar para que

alguém goste de você, nem “subornar” os sentimentos. Pra ser amor tem que ser verdadeiro. (RFF 16 anos)

A tônica principal observada pelos adolescentes corresponde às histórias de amor. As vivências amorosas dos adolescentes, representadas na obra literária, os fazem verificar situações por eles vividas e a observar que outros passam por dificuldades semelhantes, apontando caminhos para a compreensão das dificuldades enfrentadas. Notamos também comentários como o de ID, de 13 anos, que apesar da pouca experiência de vida notou que a honestidade humana pode falhar – como provavelmente falhou em suas vivências.

Ainda destacamos as palavras de RFF, de 16 anos, que observou características importantes, em sua opinião, para um “amor verdadeiro”: “Ajuda a perceber que não vale a pena mudar para que alguém goste de você, nem subornar os sentimentos”. Tal relato demonstra que, como observa Jauss (1994) a obra literária pode conter respostas a novas perguntas que se apresentam na mente do leitor.

Ao ler uma obra é comum ao leitor realizar associações das características psicológicas e até físicas com pessoas de seu convívio ou conhecimento. Para Iser (1996), “A expectativa básica de constantes sentidos forma o pressuposto para que se possa compreender o caráter de acontecimento do texto literário” (1996, p.12) assim, dentre os adolescentes respondentes, apenas dois relataram ter relacionado personagens com qualquer sujeito em seu meio social, devido a uma quebra no processo imaginativo que não teve efetiva estruturação no decorrer da leitura, uma vez que as prefigurações apresentadas no texto, pelo leitor implícito, não surtiram o efeito estético em sua totalidade nesses leitores. Nesse caso, como aborda Iser (1996) no ato da leitura “A imagem se furta à essa referencialidade, pois ela não descreve algo existente de antemão, mas sim concretiza” (1996, p.32).

Dentre os jovens que responderam à questão fazendo as relações com seu mundo social, destacamos:

Tenho alguns conhecidos que me trazem algumas recordações, mas a que mais se destaca é uma colega de teatro que tem um estereótipo bem caricaturesco, sombrio, que parece com o Clemente. (CCD 15 anos)

Eu = Bella. Porque se eu descobrisse que o cara que eu gosto é um vampiro também não desistiria dele. (GRV 14 anos)

Percebemos que CCD, de 15 anos, possui conhecimento do mundo teatral e das expressões artísticas que facilitam sua compreensão do efeito estético que uma obra pode causar no leitor. Por tal razão, a leitora conseguiu aliar seu conhecimento artístico com a comparação de uma colega que, segundo ela, se parece com a personagem Clemente devido a seu comportamento e suas características físicas e psicológicas. Tal conhecimento do mundo teatral, aliado com a sensibilidade da leitora possibilitou que o mundo ficcional fosse de alguma forma, transposto ao mundo real de forma a atribuir a característica a alguém de seu meio social, cumprindo o efeito estético em sua vivência.

A jovem GRV, por sua vez, ao invés de atribuir a alguém a característica, apenas notou em si a semelhança com Bella devido à sua persistência quanto ao item “luta por um amor”, tão citada por diversos participantes da pesquisa. A resposta acentua mais o tom romântico do livro *Crepúsculo* (2005) e o encantamento que causou em milhões de jovens ao redor do mundo que com certeza declarariam nunca “desistir de um amor”.

É comum entre os jovens a relação das “coisas do mundo real” com o encontrado nas obras literárias. Jauss (1994) comenta que “a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de maneira bastante definida” (1994, p.28). Os traços encontrados pelos adolescentes se referem, em sua grande maioria, à semelhança com os aspectos do mundo observável. Como tratamos da literatura fantástica, a mistura entre o mundo real e o mundo fantástico faz com que os leitores relacionem suas experiências observáveis ao mundo sobrenatural, criando espaços de diálogo que traduzam suas expectativas, anseios e medos. Iser (1996) comenta, acerca das associações existentes, pelo leitor implícito que “A concepção do leitor implícito descreve, portanto, um processo de transferência pelo qual as estruturas do texto se traduzem nas experiências do leitor através dos atos de imaginação” (Iser, 1996, p.79).

Sobre as associações, desenhadas por Iser (1996), perguntamos aos jovens se eles conheciam algo do mundo real que se assemelhasse à figura de um vampiro. Observamos que aproximadamente 47% responderam à questão com algum tipo de associação

Conheço pessoas frias, muito pálidas, rápidas como morcegos (GRV 14 anos)

Conheço pessoas que até parecem que brilham e que tem varizes e até se parecem com Clemente. (CCD 15 anos)

Já ouvi falar de pessoas que vivem como vampiros, reportagens que mostram pessoas se alimentando de sangue e que dizem ter aversão ao sol. Tipo um estilo de vida. (RFF 16 anos)

As descrições do livro foram bem reais, faziam sentido as do livro Um vampiro apaixonado na corte de D. João, que parecem com pessoas folgadas de hoje em dia, alguns muito sombrios, mas não faziam sentido em Crepúsculo. (EAF 14 anos)

Sim, tem pessoas que fingem ser alguém mas no final só estão tentando roubar alguém ou alguma coisa. Já vi pessoas assim. ID 13 anos)

Tudo que parece ser mentira tem um fundo de verdade. Tem pessoas que sugam muito a gente como o vampiro com o sangue. (MGC 16 anos)

Bom, eu consigo entender a diferença entre verdade e mentira. Apesar de ler eu si “filtrar” o que é verdade. Assim, apesar de ler, eu continuo com a minha concepção de que mundo real é real e imaginário é imaginário. Por isso não acredito que alguma coisa no mundo real se assemelhe a um “vampiro”. Só as pessoas que querem se aproveitar das outras em nosso país, mas não são vampiros de verdade. (PTR 13 anos)

Por meio das respostas dos participantes da pesquisa às semelhanças encontradas no mundo real com a figura de vampiro verificamos que PTR, de 13 anos; MGC, de 16 anos; ID, de 13 anos e EAF, de 14 anos relacionaram a figura do vampiro, de forma direta ou indireta a pessoas ou instituições que – na visão dos leitores – intencionam “aproveitar-se” de alguma forma das pessoas em atitude semelhante ao “sugar” o sangue dos vampiros. Nas palavras de PTR, notamos tendência a não relacionar a ficção com o mundo real. No relato de MGC notamos que as “mentiras” acabam “tendo um fundo de verdade”, demonstrando uma relação entre o mundo sobrenatural e da ficção com as coisas do mundo real, ainda que de forma indireta.

As características físicas também foram notadas pelos adolescentes. Observamos o comentário de GRV, de 14 anos, que relata conhecer pessoas com características físicas muito semelhantes às encontradas no ser fictício em questão. Como podemos observar em Melton (2003)

A abordagem psicológica do vampiro suplementa a compreensão de sua função social. Os psicoterapeutas do século 20 descobriram que os modernos vampiros pós-Drácula e os relacionamentos vampíricos distorcem ativamente a vida de seus pacientes. Das experiências relatadas a eles, particularmente o clássico pesadelo, muitos psicólogos chamaram a atenção para o papel dos eventos psicológicos comuns dos seres humanos na criação e no reforço contínuo da crença nos vampiros. (MELTON, 2003, p. 24)

O “reforço da crença” ainda traz medo e fascínio para a mente humana e, como comenta Melton (2003), foi notado por leitores, como RFF, de 16 anos, que relacionou o conhecimento, através de reportagens televisivas, acerca da existência de pessoas que tem costumes similares aos do vampiro, como alimentar-se de sangue, não sair ao sol e compartilhar de hábitos noturnos. A observação de que as descrições de *Crepúsculo* (2005) “não fazem sentido” é o item destacado por EAF, de 14 anos, que viu uma homogeneidade entre as características do vampiro descrito por Chevalier e Gheerbrant (2003) e com personagens vampiros de obras canônicas como *Drácula* (1897), reconhecendo nas personagens de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) tais características. O destaque foi a identificação de características em pessoas do convívio social da jovem, em pleno Século XXI, similares às presentes nas personagens “sombrios” e “folgados” da narrativa ambientada no Século XIX. A adolescente faz ainda uma comparação com a narrativa de *Crepúsculo* (2005), relatando que os caracteres dos vampiros da obra de Ivan Jaf “não faziam sentido em *Crepúsculo*”.

Relatos como os da jovem EAF, de 14 anos, nos levaram a crer que, assim como nas observações de outros jovens participantes da pesquisa, o livro que mais se aproximou da criação de um “vampiro canônico” foi o do brasileiro e que, apesar do grande destaque romântico dado ao par Edward e Bella (revestidos de uma roupagem semelhante à utilizada nos romances de ambientação romântica) fixou-se pela grande aceitação por parte do público abordado por amostragem.

Os respondentes, de um modo geral, demonstraram que conheceram a narrativa da saga de Meyer por meio dos livros, filmes e outros produtos da indústria cultural e, quando apresentadas ao livro de Jaf, realizaram a leitura de uma maneira consciente e questionadora em relação à comparação das narrativas. Observamos que a literatura de massa, apesar de questionada pela crítica, é amplamente explorada pelas mídias e pelo mercado editorial, legando aos leitores obras de qualidade estética variável. Mesmo verificando o fato de que os dois livros analisados nesta dissertação tiveram forte influência do mercado editorial na fase de sua concepção, configuraram, aos leitores participantes da pesquisa, importante influência na assimilação do gosto pela leitura que

poderá, adiante, proporcionar aos jovens contatos com obras literárias de apuro estético e ampliação do senso crítico literário. Além disso, os jovens demonstraram estar em formação de sua identidade leitora a partir de livros de literatura de massa, ampliando suas possibilidades de leitura e seus interesses por outros textos literários. A literatura de prazer demonstra ser entre os jovens um passo importante para a formação de uma classe leitora, o que justifica um olhar diferenciado, através da Sociologia da Literatura, para obras diversas, ainda que influenciadas pelo mercado editorial, mesmo sem o reconhecimento das influências por parte do leitor jovem.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso. O sonho assegura durante a noite o sono e a presença indispensável deste universo, independentemente de nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito –, como anedota, causo, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (CANDIDO, 2004, pp. 16-17)

Em seu ensaio *O direito à literatura* (1989), o mestre da literatura brasileira, Antonio Candido expõe a necessidade do homem – pertencente a qualquer tipo de sociedade ou cultura – de consumir alguma espécie de fabulação. A literatura é, portanto, um dos bens aos quais todos os seres humanos têm direito e, mesmo assim, um dos mais negligenciados mesmo quando todos os outros estão presentes.

Ao abordar a função humanizadora da literatura Candido (1972), em *A literatura e a formação do homem*, delinea que não há limites existentes entre ficção e realidade. O mestre afirma que a literatura é capaz de atender e satisfazer as necessidades de ficção e fantasia do homem, sendo ele o produtor ou o receptor dela. Assim o homem pode por meio da literatura ter sua personalidade influenciada pelo contato com a ficção. Dessa forma, a literatura pode representar diversas transformações, não somente de forma educacional, pois “a literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la como um veículo da tríade famosa, – o verdadeiro, o bom e o belo” (1972, p.805). A literatura, então, forma, mas nem sempre para o conhecido como “bem”, o “correto”, pelo contrário pode formar para o “mal”, para a transgressão.

Tal formação por meio da literatura permite ao homem encontrar nela aspectos de sua própria humanidade. Através da pesquisa com leitores de *Crepúsculo* (2005) que foram apresentados a *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009) – livros pertencentes à classe dos “renegados” pela crítica e por diversas instituições mediadoras – notamos como diversas funções da literatura, destacadas por teóricos como Antonio Candido, atuam sobre os leitores, pois a adolescência – período de grandes transformações pelas quais passam os jovens pertencentes à faixa etária da pesquisa – encontra, por meio de narrativas fantástico-maravilhosas, como as destacadas nos livros

em questão nesta dissertação, a identificação fabulosa com personagens que vivem as situações-limite vividas e sonhadas pelos jovens que – da mesma maneira que os lendários vampiros – encontram-se em uma lacuna incompreendida entre a infância e a idade adulta.

Acerca da construção literária das narrativas em questão, podemos observar que Stephenie Meyer, por meio de seu grande sucesso de vendagem *Crepúsculo* (2005), retoma a lenda do ser sobre-humano vampiro que completara o centenário por meio de uma das obras literárias de maior sucesso mundial, *Drácula* (1897), de “Bram” Stoker, inserindo a temida personagem em um conceito adolescente permeado por situações escolares juvenis e investido em uma roupagem de ambientação romântica que, potencializado pelo mercado atingiu os cinemas, por meio de narrativas fílmicas, com grande alcance e sucesso mundial entre os jovens. Apesar de ter estética questionável entre a crítica e a academia, o livro da autora estadunidense representa um fenômeno que não pode passar despercebido aos olhos da Sociologia da literatura, uma vez que, em tempos de grandes questionamentos sobre as estratégias de formação de leitores, o livro representa um sucesso que desmitifica o conceito de que o jovem em geral não aprecia a leitura.

O fazer literário de Ivan Jaf, autor da outra narrativa em questão nesta dissertação, deixa clara a estratégia do mercado editorial de aproveitar-se de um filão interessante e lucrativo em tempos de crise no consumo de livros no país. Um autor habilidoso e altamente produtivo, que constitui figura não menos curiosa entre os autores nacionais que voltam suas penas à literatura de público juvenil, e que já escrevera em 1999 um livro que se aproveitava de um momento histórico onde o Brasil comemorava 500 anos de seu descobrimento, representava escritor ideal para uma saga que se incluísse como opção aos ávidos “novos consumidores” de narrativas vampíricas. O livro *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), que representa o quarto de uma série que segue a linha – a partir do sucesso obtido pela saga *Crepúsculo* – de um crescente interesse pelos enredos que visam o sobrenatural impulsionado pela série de Meyer visa também atender a leitores e a instituições mediadoras como os pais, professores, escolas, livrarias e bibliotecas, impressionados pelo sucesso de vendas de outro escritor brasileiro, Laurentino Gomes, que, com *1808*(2007) discute a conturbada e icônica fuga da família real ao Brasil, demonstrando que o mercado editorial age em todas as esferas possíveis visando interessantes lucros, independente do puro fazer artístico.

Ao inserirmos o livro do autor brasileiro Ivan Jaf, *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), como mais uma possibilidade de leitura sobre o tema vampírico entre um grupo de quinze jovens consumidores de *Crepúsculo* (2005), residentes à cidade de Cascavel, no oeste do estado do Paraná, observamos que a temática fantástico-maravilhosa, aliada às histórias de ambientação romântica, perfaz um caminho da fascinação e do interesse entre os jovens – apesar da estética variável e da falta de empréstimo de voz aos jovens – constituindo um interessante objeto de formação de leitores interessados no gênero e demonstrando ser um promissor objeto literário a ser consumido pelos jovens, ainda que não tenha gozado de todas as estratégias de mercado que impulsionaram a saga estadunidense mundialmente.

A Sociologia da Leitura foi, portanto, a porta de entrada para esta pesquisa que envolveu leitor, leitura e as mediações familiares, culturais, sociais, políticas e econômicas que permearam essa relação. Apesar da crença de que classes privilegiadas economicamente produzem maior número de leitores proficientes ao passo que as classes menos favorecidas raramente formariam indivíduos leitores, encontramos casos em que a mediação de leitura em casa contribuiu para um senso crítico que apontava para algumas das falhas existentes nas duas narrativas e outros em que leitores pertencentes a classes socioeconômicas desprivilegiadas que demonstraram envolvimento com os textos consumidos e avidéz na busca por outras leituras, demonstrando que o gosto pela leitura constitui interessante ciência estudada pela Sociologia da Leitura.

Sabemos que a construção do sujeito leitor, envolve diversos fatores e, que a Sociologia da Leitura, aponta como um fator primordial a mediação, que pode incluir atualmente as instituições mediadoras secularmente reconhecidas, como novas instituições de mediação, com a televisão, o cinema e, ainda, os meios de comunicação de massa que globalizam não só o conhecimento, como as formas de expressão cultural, além da crítica do jovem a respeito de seu interesse a ser compartilhado e copiado pelos seus semelhantes. Sendo assim, consideramos que a leitura de obras com a temática de vampiro, independentemente da qualidade estética, constitui fenômeno de leitura que não pode ser desconsiderado, nem tampouco desacreditado pelos interessados na formação de nossos jovens como leitores que podem, e devem, percorrer o caminho da formação e da humanização pela leitura.

Por meio dos questionários foi possível observar a importância da família como

mediadora na formação de leitores. Apesar de doze dos quinze leitores descreverem a atividade “Navegar na internet” (Tabela 5) como atividade favorita – sem considerar que a navegação envolve atividade de leitura ainda que muitas vezes não-literária – podemos perceber que a influência de leitores familiares, como pais, avós, primos, irmãos e ainda professores influenciaram significativamente para o que nos aponta a Tabela 9: o fato de que a leitura trouxe na infância desses jovens o sentimento de alegria e que, nesta nova fase de dificuldades e busca de uma identidade, que combina as descobertas físicas, hormonais e sentimentais a literatura representa o meio de busca pelas respostas que o mundo observável não apresenta, e que, através da simbologia do vampiro, corresponde ao prazer experimentado através do texto, como observa Barthes (1937), e à auto identificação com personagens que representam, no mundo da ficção, os anseios de um jovem que se sente deslocado em um mundo cada vez mais agitado e globalizado, onde o capitalismo avança (inclusive por meio do mercado editorial) como um vampiro sobre sua vítima, transformando-o em mais um vitimador em busca frenética pelo sangue alheio (representado pelos bens materiais).

O instrumento para verificar os cruzamentos de dados sobre as leituras das duas narrativas de vampiros exploradas nesta Dissertação foi o Questionário comparativo de leituras: Ivan Jaf e Stephenie Meyer (Apêndice 6), aplicado nos meses de agosto e setembro de 2011. Com a aplicação desse questionário verificamos como ocorreu a recepção e o preenchimento de espaços de acordo com a vivência da classe de leitores jovens, mediante o processo de leitura. Assim, podemos agora responder à pergunta principal de nossa pesquisa proposta nas considerações iniciais desta dissertação: o livro *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2010) agrada ao leitor e pode representar um fenômeno de recepção como foi *Crepúsculo* (2005) para o público jovem?

A resposta ao questionamento principal pode ser extraída dos comentários dos próprios leitores, na qual verificamos que 86% dos leitores aprovaram o livro de Jaf em seus aspectos gerais, ao passo que 70% avaliaram positivamente o primeiro livro da saga de Meyer. Levando em conta um alto índice de apreciação de *Crepúsculo* (2005) e um percentual ainda maior de aprovação por parte dos leitores de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* (2009), podemos concluir que o livro de Jaf, com suas qualidades e falhas pode representar um importante instrumento recepcional – guardadas as devidas proporções de inserção e investimento pelo mercado editorial – e influenciar na criação do gosto pela leitura dos jovens consumidores da narrativa de massa.

Enfim, acreditamos que muito há que se pesquisar a respeito do fenômeno de consumo mundial das narrativas de vampiros, representando esta dissertação uma pequena contribuição no rol de pesquisas literárias da promissora Sociologia da Literatura, mas nos sentimos realizados com os caminhos percorridos por este trabalho e acreditamos que a maioria dos leitores que participaram conosco desta empreitada puderam conhecer um pouco mais das narrativas de vampiro, logo, um pouco mais da literatura que, seja de massa ou não, pode ser a porta de entrada para novas e significativas experiências estéticas que decorrerão de sua formação como leitores literários. Assim, acreditamos que a literatura pode significar uma experiência única que enriquecerá as vivências, a cultura e trará novas possibilidades de compreensão e até de resolução para os conflitos que ora se apresentam aos adolescentes e que se apresentarão de novas e diversas formas em seus contextos de vida adulta.

Quando idealizamos a tão buscada formação de leitores críticos, capazes de atuar livremente nos meios onde a literatura circula, devemos pensar então na valorização dessas literaturas, sendo elas clássicas ou de entretenimento, valorizando o gosto dos leitores consumidores das literaturas que se lhes apresentam. Imaginar um leitor mais completo compreende aceitar, sem preconceitos, que ele pode e deve ler literatura de massa e canônica sem influências negativas de instituições legitimadoras de ensino e/ou mediação. Portanto devemos considerar que, por um ou outro meio, cedo ou tarde, ele formará sua identidade leitora por meio da escolha de livros com os quais ele tenha prazer em desvendar seus significados e preencher seus vazios.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno. **Indústria Cultural e Sociedade**. Seleção de textos de Jorge Mattos Brito de Almeida. Tradução de Julia Elisabeth Levy (et al.). São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (Org.). **Narrativas juvenis: geração 2000**. São Paulo: Cultura Acadêmica Assis, SP: ANEP, 2012.

AGUIAR E SILVA. **Teoria da literatura**. 4ª ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

AIDAR, José Luiz; MACIEL, Márcia. **O que é vampiro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

ARRIGUCCI, Davi Jr. **Enigma e comentário: ensaios sobre a literatura e experiência**. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 147.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburg. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BERNARDO, André. **Os 100 anos de morte de Bram Stoker, o "pai" do Conde Drácula**. Em:< <http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/45026>>. Acesso em: 10 de Outubro de 2012.

BORGES, Jorge Luís. **O livro dos seres imaginários**. Tradução: Heloisa Jhan. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Edusp, 1972.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2002.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: **Ciência e cultura**. São Paulo, v. 24, n. 9, set. 1972, p. 803-809.

CANDIDO, Antonio. et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura e outros ensaios**. Coimbra: Angelus Novus, 2004.

CECCANTINI, João Luis C. T (org.). 2004. **Leitura e literatura infanto-juvenil: memórias de Gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alan. **Dicionário de Símbolos**. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peiropólis, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. 5ª ed. Barueri: Manole, 2010.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice P. B. Mourão, e Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ESCARPIT, Robert. **Sociologia da literatura**. Lisboa: Arcádia, 1969.

ESCARPIT, Robert. **Hacia una sociologia del hecho literário**. Madrid: Edicusa, 1974.

FANTINATI, **O professor e o escritor: estudos sobre literatura brasileira e leitura**. ANEP (Associação Núcleo Editorial Proleitura), Assis: Cultura Acadêmica. 2011. p. 269-270.

FURTADO, Felipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

GUARACY, Thales. **"Revista Veja", Caderno Veja São Paulo**, 17 de dezembro de 2008.

HAUSER, Arnold. **Sociologia del arte**. Barcelona: Labor, 1977.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ISER, W. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Tradução Maria Ângela Aguiar. **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**: série traduções, Porto Alegre, v. 3, n.2, mar. 1999a.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético, volume I. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético, volume II. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994.

JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. In: _____. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2. ed. rev. amp. Tradução, seleção e coordenação Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JAF, Ivan. **As revoltas do vampiro**. Ilustrações de Jefferson Costa. São Paulo: Ática, 2008. – (Memórias de sangue)

JAF, Ivan. **A insônia do vampiro**. Ilustrações de Marcelo Campos. São Paulo: Ática, 2011. – (Memórias de sangue)

JAF, Ivan. **O vampiro que descobriu o Brasil**. Ilustrações de Marcelo Campos. São Paulo: Ática, 2008 – (Memórias de sangue)

JAF, Ivan. **Um vampiro apaixonado na corte de D. João**. Ilustrações de Marcelo Campos. São Paulo: Ática, 2010. – (Memórias de sangue)

JAF, Ivan. **O mestre das sombras**. Ilustrações de Jefferson Costa. São Paulo: Ática, 2011 – (Memórias de sangue)

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2000.

KÜGLER, Hans. **Lernen – Kommunizieren – Verstehen**. In: FANTINATI, **O professor e o escrivão: estudos sobre literatura brasileira e leitura**. ANEP (Associação Núcleo Editorial Proleitura), Assis: Cultura Acadêmica. 2011. p. 269-270.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MCNALLY, Raymond T. e FLORESCU, Radu. **Em busca de Drácula e outros vampiros**. São Paulo: Mercuryo, 1995.

MELTON, John Gordon. **O livro dos vampiros: a enciclopédia dos mortos-vivos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2003.

MEYER, Stephenie. **Crepúsculo** (tradução de Ryta Magalhães Vinagre) 3. ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

MIRANDA, Melissa de. **Inércia: a Geração Y no limite do tédio**. Aparecida: Idéias & Letras, 2011.

MURY, Gilbert. Sociologia de público literário. *In*: ESCARPIT, Robert. **Hacia una sociologia del hecho literario**. Madrid: Edicusa, 1974. p. 203 – 218.

OLIVEIRA, Ieda. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008.

PETIT, M. **Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura**. Traducción Rafael Segovia y Diana Luz Sánchez. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

PRIORE, Mary Del. **Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos XVI – XVIII)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de narratologia**. Coimbra: Livraria Almedina, 1998.

RODRIGUES, Selma Calazans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1986.

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. Tradução: Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005. pp. 135-194.

STOKER, Abraham. **Drácula**. Trad. Theobaldo de Souza. Porto Alegre: L&PM, 1983.

SILVA, Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva. “Uma escrita de transição, contributos para uma reflexão sobre literatura juvenil”. *In*: RECHOU, Blanca-Ana Roig; LÓPEZ, Isabel Soto; RODRIGUEZ, Marta Neira. **A narrativa xuvenil a debate (2000-2011)**. Mos: Obradoiro gráfico, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença**. Tradução de Laureano Pelegrin et. al. Bauru: EDUSC, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

ZILBERMANN, Regina. **Sim, a literatura educa**. *In*: _____. *Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 12 – 20.

Apêndice (1)

CARTA-CONVITE PARA PROJETO DE PESQUISA
MESTRADO EM LETRAS/UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

Título do Projeto: O vampiro português chega ao Brasil: a recepção de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* por leitores de Crepúsculo.

Pesquisador: Marcos Douglas Pereira

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

Convidamos a participar de nosso projeto que tem o objetivo de investigar como ocorre a recepção da leitura da obra Juvenil brasileira *Um vampiro apaixonado na corte de D. João por jovens* do autor carioca Ivan Jaf leitores da faixa etária dos 13 aos 16 anos que tenham realizado a leitura do *best-seller* mundial Crepúsculo de Stephenie Meyer.

Durante a execução do projeto, os participantes receberão, sem nenhum custo ou ônus, um exemplar da obra *Um vampiro apaixonado na corte de D. João*, livro que ficará em posse definitiva do participante do projeto de pesquisa como forma de agradecimento e incentivo à leitura literária. Ainda serão aplicados 4 (quatro) questionários que versam sobre aspectos socioeconômicos e bens culturais (livros lidos e acesso a matérias de leitura), aspectos sobre a leitura dos livros *Crepúsculo* e *Um vampiro apaixonado na Corte de D. João* e perguntas a respeito das preferências de leitura dos dois livros por parte dos leitores pesquisados.

Todos os participantes do projeto terão sua privacidade respeitada, visto que suas identidades serão mantidas em sigilo e os dados coletados serão usados apenas para fins científicos. A realização deste projeto pretende auxiliar a comunidade científica na divulgação de resultados sobre o importante ato de ler além de sensibilizar a todos os jovens e adultos para que voltem seus “olhares” ao processo de formação de leitores e à importância da leitura. Após o término da pesquisa, serão divulgados os dados da pesquisa e resultados do estudo de recepção literária em meios científicos, congressos e outras publicações e aos demais interessados participantes da pesquisa ou não.

Salientamos ainda que o projeto em questão não conta com nenhuma subvenção pública e que os custos com todos os materiais utilizados, livros e questionários é de única responsabilidade e financiamento do próprio pesquisador.

Este termo é redigido em duas vias, sendo uma dos sujeitos da pesquisa e a outra do pesquisador responsável.

Declaro estar ciente do exposto e autorizo _____ a participar da pesquisa.

Cascavel,

____/____/____.

Nome do responsável:

Assinatura:

Eu, Marcos Douglas Pereira, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto ao participante e/ ou responsável.

_____ Data: ____/____/____.

Telefone para contato: (45) 9912-0831 – Marcos Douglas Pereira / PLE/UEM: (44) 3011-4830

Apêndice (2)

Programa de Pós-graduação em Letras/Universidade Estadual de Maringá

Projeto de pesquisa: Vampiros no Brasil: a recepção de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João*, de Ivan Jaf, por leitores de *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer.

Pesquisador: Marcos Douglas Pereira

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

1 QUESTIONÁRIO SÓCIOECONÔMICO E CULTURAL

Nome do

leitor: _____ idade _____

1.1 - Sexo: Feminino () Masculino ()

1.2 - Anote o nome da cidade onde reside

_____ Bairro _____

1.3 - Em qual série você estuda atualmente?

1.4 - Você estuda na rede pública ou privada? Qual o nome de seu Colégio?

1.5 - Qual a profissão de seus pais?

Pai:

Mãe:

1.6 - Seus pais têm formação escolar? Se a resposta for SIM, qual é a formação deles?

() o pai.

Qual: _____

() a mãe.

Qual: _____

() nenhum deles

1.7 - Quais itens da lista abaixo há em sua casa ? **Indique** a quantidade.

Equipamentos de som () televisão () rádio () dvd () computador ()
notebook () telefone ()

1.8 - Tem internet em casa ?

() sim () não

1.9 - Em sua casa há:

- () livros para adultos (romances, poesias e outros)
- () livros infantojuvenis
- () revistas
- () jornais
- () histórias em quadrinhos

1.10 - Cite títulos de alguns desses objetos de leitura existentes em sua casa:

Livros-----

Revistas-----

Jornais-----

HQs_____

Apêndice (3)

Programa de Pós-graduação em Letras/Universidade Estadual de Maringá

Projeto de pesquisa: Vampiros no Brasil: a recepção de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João*, de Ivan Jaf, por leitores de *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer.

Pesquisador: Marcos Douglas Pereira

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

2 QUESTIONÁRIO SOBRE OS HÁBITOS DE LEITURA

2.1 - O que você lê? Numere em ordem de acordo com sua preferência. **1** para o que você mais gosta e **6** para o que menos gosta

- () revistas
- () jornais
- () quadrinhos
- () obras literárias
- () livros didáticos
- () obras literárias infantojuvenis
- () outros

2.2 - O que você acha mais interessante na sua escolha número 1 ?

2.3 - O que você não gosta na sua escolha número 6?

2.4 - Como seleciona suas leituras? Numere as opções de acordo com a maior frequência

- () indicação de terceiros
- () busca na biblioteca
- () indicação de professores ou amigos
- () outros _____

2.5 - Com que frequência você lê ?

- () uma vez na semana
 () duas vezes na semana
 () três vezes na semana
 () quatro vezes na semana
 () cinco vezes na semana
 () lê esporadicamente

2.6 - Você considera importante a leitura? Por quê?

2.7 - Você costuma indicar leituras aos seus colegas ? Quando sente vontade de fazer isso?

2.8 - Você costuma frequentar bibliotecas ?

() sim. Qual (is) e com que frequência ?

() não.

2.9 - Que tipo de leituras procura na biblioteca ?

2.10 - Qual o título da última obra/texto que você leu ?

2.11 - Você lê na internet ? O que lê?

2.12 - Você vê televisão?

() sim () não

Telenovela(s) qual(is)

Telejornal(is)

qual(is)

Programa(s) de entrevista(s),

qual(is) _____

Outros _____

Hábitos familiares de leitura

2.13 - Na sua família quem lê mais? O que lê ?

2.14 - Quem costuma ler em sua família ?

() o pai. O que lê ?

() a mãe. O que lê ?

() irmão ou irmã ?

() o avô ?

() a avó ?

() ninguém

2.15 - Em sua casa há materiais para leitura ?

() bíblia

() revistas religiosas

() livros de poesia

() romances

() revistas de atualidades

() jornais

() histórias em quadrinhos

() almanaques

() outros:

Leitura na infância:

2.16 - O que mais você gostava de fazer em sua infância ? Numere de acordo com sua ordem de preferência (1 para o que mais gostava e assim por diante)

() jogar ou brincar

() ver tv

() ouvir música

() ouvir histórias

() ler

() escrever

() outro:

2.17 - Quem lhe contava histórias ?

- () o pai
- () a mãe
- () a avó
- () o avô
- () ninguém
- () outros:

2.18 - Cite uma história ouvida na infância da qual você mais gostava:

2.19 - Que sentimento essa história causava em você ?

- () medo
- () alegria
- () tristeza
- () outros

2.20 - Cite uma história que você leu na infância:

2.21 - Esse livro que você leu:

- () era de alguém de sua casa
- () você emprestou da biblioteca da escola
- () algum amigo lhe emprestou
- () você emprestou na biblioteca da cidade
- () você ganhou de presente de alguém.

2.22 - Você costuma ler (numere por ordem de importância):

- () somente para trabalhos e tarefas escolares
- () para se divertir
- () para aprender sobre religião

por curiosidade em aprender coisas novas

2.23 - Você frequenta bibliotecas:

- sempre
- de vez em quando
- nunca

2.24 - Quais gêneros literários você procura nas bibliotecas:

- ficção
 - detetive/policial
 - poesia
 - religiosa
 - escolar
 - autoajuda
 - outro:
-

2.25 - Cite uma ou mais leituras que você fez em bibliotecas.

2.26 - Por que você fez essa leitura ?

- trabalho escolar
- indicação de amigos
- indicação do professor
- escolha pessoal

Apêndice (4)

Programa de Pós-graduação em Letras/Universidade Estadual de Maringá

Projeto de pesquisa: Vampiros no Brasil: a recepção de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João*, de Ivan Jaf, por leitores de *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer.

Pesquisador: Marcos Douglas Pereira

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

3 QUESTIONÁRIO SOBRE A LEITURA DE “UM VAMPIRO APAIXONADO NA CORTE DE D. JOÃO”, DE IVAN JAF

3.1 - Você já conhecia Ivan Jaf ? () SIM () NÃO

3.2 - Caso tenha assinalado **SIM**, como o conheceu ?

3.3 - Lembra-se de outros textos que leu de Ivan Jaf ? Pode citá-los?

Em relação ao livro *Um vampiro apaixonado na corte de D. João*

3.4 - Se não o conhecia, o que mais chamou sua atenção no modo como Jaf escreve após ler *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* ?

3.5 - Copie o texto que mais agradou a você.

3.6 - O que sentiu ao ler esse texto ?

3.7 - Copie o texto que menos agradou a você.

3.8 - O que sentiu ao ler esse texto?

3.9 - Quais as maiores dificuldades ao ler a obra ?

3.10 - Se pedissem a você para dar um novo título/nome ao livro, qual seria? Por quê?

3.11 - Após a leitura de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* , você pode dizer que:

() não gostou. Por quê ?

() gostou. Por quê ?

3.12 - O que você mais gostou (ou não gostou) na trajetória de Clemente ?

3.13 - Qual a passagem mais interessante da história ?

Por quê?

3.14 - Você se identificou com algum personagem ? Qual? e em quê você se vê parecido com ele ?

3.15 - Você se identificou com essa história de vampiro? Você se imaginou participando dela no lugar de Clemente ? Por quê?

3.16 - Os vampiros das histórias possuem características sobre-humanas. Se você pudesse escolher, qual delas você gostaria de ter? E qual não desejaria ter de forma alguma?

Apêndice (5)

Programa de Pós-graduação em Letras/Universidade Estadual de Maringá

Projeto de pesquisa: Vampiros no Brasil: a recepção de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João*, de Ivan Jaf, por leitores de *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer.

Pesquisador: Marcos Douglas Pereira

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

4 QUESTIONÁRIO SOBRE A LEITURA DE “CREPÚSCULO”, DE STEPHENIE MEYER

4.1 - Você já conhecia Stephenie Meyer, através de seus livros, antes da leitura de *Crepúsculo* ?

() SIM () NÃO

4.2 - Caso sua resposta tenha sido **SIM**, como a conheceu ?

4.3 - Lembra-se de outros livros que leu de Stephenie Meyer ? Pode citá-los?

Em relação ao livro “Crepúsculo”

4.4 - O que mais te chamou a atenção na leitura do livro *Crepúsculo* ?

4.5 - Copie o trecho que mais agradou a você

4.6 - O que sentiu ao ler esse texto ?

4.7 - Copie o texto que menos agradou a você.

4.8 - O que sentiu ao ler esse texto ?

4.9 - Você sentiu dificuldades ao ler a obra ? Se sim, escreva quais.

() Sim () Não

4.10 - Se pedissem a você para dar um novo título/nome ao livro, qual seria? Por quê?

4.11 - Após a leitura de *Crepúsculo* , você pode dizer que:

() não gostou. Por quê ?

() gostou. Por quê ?

4.12 - Com qual personagem você mais se identificou? Por quê?

4.13 - Qual a passagem mais interessante da história ?

Por quê ?

4.14 - Quais os livros citados pela personagem Bella em *Crepúsculo*? Você já leu algum deles? Gostaria de ler? Qual (ais)?

4.15 - Você já havia lido algum outro livro sobre vampiros ? Qual?

4.16 - A leitura do livro de **Crepúsculo** fez você procurar outras histórias do mesmo tema para ler ? Quais?

4.17 - Antes de ler **Crepúsculo** como você imaginava a descrição de um vampiro ?

Apêndice (6)

Programa de Pós-graduação em Letras/Universidade Estadual de Maringá

Projeto de pesquisa: Vampiros no Brasil: a recepção de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João*, de Ivan Jaf, por leitores de *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer.

Pesquisador: Marcos Douglas Pereira

Orientadora: Dra. Alice Áurea Penteado Martha

5 QUESTIONÁRIO COMPARATIVO DE LEITURAS: IVAN JAF E STEPHENIE MEYER

5.1 - Qual dos dois livros: **Crepúsculo** ou **Um vampiro apaixonado na corte de D. João** chamou mais a sua atenção ? Se você pudesse participar de uma das duas histórias, qual seria? Qual personagem você incorporaria? Por quê?

5.2 - Você gostou das páginas iniciais dos capítulos de *Um vampiro apaixonado na corte de D. João* ou prefere inícios tradicionais como os de *Crepúsculo* ? Por quê ?

5.3 - Qual dos vampiros mais chamou sua atenção **Edward** ou **Clemente** ? Por quê ?

5.4 - Qual das duas personagens pareceu mais interessante a você, considerando seus aspectos psicológicos **Bella** ou **Fátima** ? Qual (is) característica(s) mais chamou sua atenção?

5.5 - Alguma das personagens da história viveu algo que lembrou algum acontecimento pelo qual você tenha passado ? Conte o acontecimento e a relação de proximidade com o acontecido na narrativa que você leu.

5.6 - Você acha que os conflitos existentes em **Crepúsculo** ou **Um vampiro apaixonado na corte de D. João** podem ajuda-lo (a) a compreender situações ou acontecimentos de sua vida ? Quais? Por quê?

5.7 - Você encontrou nas duas obras algum personagem-vampiro que se pareça com algum (s) jovem (s) que você conhece, quanto às características psicológicas ? Qual personagem ? Compare as características da pessoa que você conhece com as da personagem.

5.8 - O que você achou das ilustrações do livro **Um vampiro apaixonado na corte de D. João** ? A falta de ilustrações no livro **Crepúsculo** fez alguma diferença para você ?

5.9 - O que você achou das explicações sobre a história do Brasil e de Portugal nas laterais das páginas de **Um vampiro apaixonado na corte de D. João**? Por quê?

5.10 - Você gostou da maneira como a história foi contada em **Crepúsculo** ? Os ambientes nos quais acontecia a história mantiveram sua atenção ou deixaram-no (a) entediado (a) ?

5.11 - Você já havia lido algum outro livro sobre *vampiros*? Qual? O que achou dele?

5.12 - A leitura do livro **Crepúsculo** fez você procurar outras histórias do mesmo tema para ler? Quais?

5.13 - Antes de ler **Crepúsculo** como você imaginava a descrição de um *vampiro*?

5.14 - Houve alguma passagem do livro **Um vampiro apaixonado na corte de D. João** ou no livro **Crepúsculo** que fez você recordar um acontecimento marcante de sua vida? Qual passagem? Qual Livro? Qual acontecimento?

5.15 - Após ler as duas obras, para você, alguma coisa no mundo real se assemelha a um *vampiro* ?
